

Da mesma autora de *O inverno das fadas*

C A R O L I N A M U N H Ó Z

Feérica



Toda realidade de uma fada é um show


Fantasy
Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2013 Carolina Munhóz

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecília Impellizieri Martins

Coordenador do selo Fantasy

Raphael Draccon

Editora

Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente

Beatriz Sarlo

Copidesque

Mariana Oliveira

Revisão

Tiago Ramos

Projeto gráfico de miolo e capa

Rico Bacellar

Ilustração de capa

Felipe Kimio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M932

Munhóz, Carolina, 1988Feérica / Carolina Munhóz. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

ISBN 9788577343966

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.

13-01469. CDD: 028.5

CDU: 087.5

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, sala 1.001, Centro

Rio de Janeiro RJ 20030-070

21.2222-3167 21.2224-7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Dizem que o universo tem um grande senso de humor, que às vezes ter os nossos sonhos realizados pode ser como um pesadelo. Porque ter o que você quer sempre vem com amarras. E, mesmo quando você pensa que está finalmente em liberdade, você nunca se livra de casa.

Gossip Girl

Prólogo

Once upon a time

Era uma vez

A PRÓXIMA KIM KARDASHIAN?

Essa era a sentença mais repetida. Também a com maior destaque.

Na tela excessivamente brilhante do MacBook que acabara de ganhar, o nome "Violet" aparecia em destaque nos diversos sites de busca. Às vezes em frases criativas, outras, em simples menções, mas a palavra surgia com tanta frequência que chegava a assustá-la, fazendo o coração apertar. Nas imagens clicadas às pressas, o cabelo roxo parecia ser o centro das atenções, por mais que odiasse isso.

Aquela era a primeira vez em que a garota usava o aparelho que diziam "acessar a internet". Já tinha ouvido falar desses aparelhos tecnológicos, mas nunca chegara a usar um. Ainda estava se familiarizando com o mundo virtual. Volta e meia se espantava com a quantidade de informação a que agora tinha acesso e se deliciava com as mensagens e alertas do Google que mostravam a nova sensação da blogosfera, um lugar onde inúmeras pessoas se envolviam virtualmente. O novo fenômeno virtual envolvia um ser de outra dimensão chamado pelos humanos de *fada*, que recentemente havia aparecido em um famoso programa musical de televisão e chocado os telespectadores, habituados à mesmice da programação. A nova sensação era uma garota feérica perdida na dimensão que os humanos chamavam de lar.

PROGRAMA DE TELEVISÃO RECEBE VISITANTE VIOLETA DE OUTRA DIMENSÃO.

FAKE OU REAL? INTERNAUTAS DISCUTEM PERFORMANCE BOMBÁSTICA EM REALITY SHOW POPULAR.

VEJA A ENTREVISTA FEITA COM A SUPOSTA FADA FENÔMENO DA TELEVISÃO.

ESTILO DE CANTO NOMEADO PELOS INTERNAUTAS COMO FE³/₄RICAN ³/₄ O MAIS INTERPRETADO EM VÍDEOS NO YOUTUBE.

Essas eram algumas das chamadas para os diversos virais e matérias estourando por toda a web. Ainda na tela do computador, ela procurava mais informações relevantes e parou em um site com fundo acinzentado, um grande banner de divulgação e diversos quadrinhos indicando links de vídeos. Havia uma tela maior no centro, mostrando uma garota de longos cabelos chamativos que parecia estar assustada, com pupilas anormalmente dilatadas e boca avermelhada em formato de coração. Violet se reconheceu naquela imagem, que aparecia ao ritmo de uma música esquisita, parecendo ser tocada em apenas uma nota de um piano velho. Logo vieram os dizeres: APRESENTAÇÃO DA FADA MUSICAL.

Enquanto assistia ao vídeo, o choque aumentou: o número de visualizações havia batido a marca de 1 *bilhão* em menos de uma semana. Sabrina lhe explicou que aquilo era algo considerado até então impossível na tal da internet. Antes dela, o único que havia conseguido atingir esse número havia precisado de tempo, edição, coreografia, carisma, música cativante e aparições em programas de TV pelo mundo.

Seguido do vídeo, entrava uma montagem feita por alguém com bastante tempo livre, contendo trechos bem editados de gravações do reality show musical, líder de audiência da TV americana, do qual ela havia participado por impulso. Pelo menos os trechos da primeira etapa, quando ainda não havia sido desclassificada nem matado de susto dezenas de cidadãos.

– Diga seu nome, idade e por que quer ser o nosso próximo ídolo americano – pediu o charmoso apresentador do programa.

No vídeo, a fada podia ver a gravação de si mesma responder:

– Meu nome é Violet Lashian. Acho que para vocês eu teria uns 17 anos e quero ser o próximo ídolo americano porque vocês estão acostumados a verem fadas realizarem os seus sonhos, e acho justo pela primeira vez na vida realizarem o sonho de uma fada.

Os candidatos na sala de espera riram. Alguns por ironia, outros por simpatia.

– Então você se considera uma fada?

– Tanto quanto você se considera humano.

Todos voltaram a rir.

– É... Violet, correto? Você acha que pode se tornar uma nova popstar?

– De onde eu venho, nós temos um termo pra isso: *pic-pop*.

Naquele momento, a quantidade de buscas na internet pelo termo *pic-pop* chegara a tal ponto que se poderia até estudar a possibilidade de incluí-lo em futuras atualizações do dicionário de Oxford.

– E de onde você é mesmo, Violet?

– Eu sou de Ablach!

– É uma cidade do interior?

– Não – ela sorriu. – Fadas não moram no interior...

As pessoas riram mais uma vez. No vídeo era evidente o desconforto do apresentador, e ao mesmo tempo o seu fascínio.

– Ok, Violet! Uma coisa que não se pode negar é que você é uma pessoa *original!* Agora nos mostre o que você sabe fazer...

Em clima de suspense, a garota se virou para a câmera e fixou os olhos verdes em um ponto imaginário. A voz permanecia estável, quase não demonstrava nervosismo. No vídeo, a imagem foi cortada e emendada na cena de uma audição. Violet já sabia o que havia acontecido ali.

Na verdade, agora o mundo todo sabia.

O show começava.



Depois de um apito curto, a produção do programa liberou a entrada no palco. Os aplausos e pequenos gritos de animação seguiram por algum momento, enquanto ela entrava nervosa, com medo de cair e passar mais um vexame em rede nacional. Era sua segunda vez no programa de entrevistas de maior audiência dos EUA e telespectadores do mundo inteiro não haviam conseguido esquecer as revelações bombásticas da primeira vez em que estivera lá.

A feérica usava uma calça legging de couro com aplicações douradas na barra, uma blusa preta básica, um comprido cardigã dourado para dar o ânimo necessário ao look e uma pequena bota. Preferiu um visual mais comportado para a entrevista em que abriria seu coração pela primeira vez sobre o que havia acontecido na sua vida nos últimos cinco tumultuados meses, que já pareciam longos anos para os que a acompanhavam.

A primeira vez em que contaria *tudo*.

Ela cumprimentou o apresentador grisalho Dennis Papperman e sentou na poltrona de convidados. Fez questão de dar um grande gole na água da caneca à sua frente e encarou o auditório que se mantinha fixo e fascinado nela.

O cenário era o mesmo: o palco com a mesa de madeira do apresentador, as poltronas para os entrevistados, a banda, o cenário de cidade grande ao fundo e a plateia de uma centena de pessoas representando milhões fora dali. Mas algo seria diferente agora.

– Bem, Violet! Seja bem-vinda de volta! Nós achávamos que já conhecíamos um bocado sobre você, principalmente depois da sua passagem inesquecível por esse programa – começou o apresentador sempre carismático fazendo a plateia rir. – Mas a

pergunta é: como era o lugar de onde você veio? E quem é Violet Lashian de verdade?

A fada respirou fundo.

E começou a contar.

1

Either you're in or you're out

Ou você está dentro ou fora

Aquela não era a primeira vez que riam de Violet.

Era um saco, mas esta era sua vida e já perdera as contas das vezes em que teve de abaixar a cabeça, respirar fundo e passar por corredores infestados de deboches e zombarias, como se já fossem parte da decoração local.

– Eu ainda não acredito que você teve coragem *mesmo* de vir para cá desse jeito – sussurrou Vicky, uma de suas irmãs mais velhas, em meio ao burburinho.

A cena lembrava um filme adolescente da década de 1980, em que risinhos e olhares de desprezo eram lançados a garotas renegadas, que nada podiam fazer diante daquelas pessoas tão superiores a elas (neste caso, essas pessoas eram grupos de fadas teoricamente mais evoluídas).

– Só estava tentando criar um novo look – explicou.

A irmã mal conseguiu ouvir, em meio ao burburinho ao redor que apontava para Violet.

– Você falou alguma coisa? – questionou a mais velha, quase esbarrando em um druida arqueiro, que parecia assustado com a aglomeração de fadas e jovens elfos naquele canto do Centro de Estudos Mágicos.

– Eu disse que só estava tentando criar uma nova tendência! – gritou a caçula, atraindo ainda mais olhares indesejados. – Sei lá, desenvolver uma nova moda para essa dimensão. Está sexy, não tá?

Sexy. Vicky se perguntava *de onde* ela tirava aquele vocabulário.
– Claro! – comentou. – E por que não criaria, certo? Está *super... sexy*.

No fundo, ela sabia. Violet era viciada no mundo humano. Na semana anterior, Vicky a pegara com mercadoria contrabandeada por pixies, usando um suposto batom verde limão em um tom berrante e fluorescente. Dizia que se chamava *maquiagem* e queria transformar a ideia em uma tendência entre as feéricas da dimensão de Ablach.

Apesar de não parecer, isso tudo era um problema.

A verdade era que o mundo humano jamais poderia imaginar, mas nada mais era que uma xerox mal impressa de outros planos superiores como aquele. Se eles possuíam *batom*, lá, elas tinham *brilho vivo*. Se eles criavam joias, lá, elas usavam *amuletos*. Se eles tocavam *guitarra*, lá, havia bandas de harpas energizadas.

Em outras palavras, não havia nada que um ser humano pudesse fazer que o mundo das fadas já não houvesse criado, e melhor.

“Eles deveriam venerar você, Violet, não o contrário”, a mãe disse uma vez.

Mas Violet sempre foi uma fada ignorada. A única feérica que não era deslumbrante, maravilhosa, que não transbordava vitalidade em um caminhar que irradiasse luz. Ela não se sentia parte daquela dimensão. O desejo de evolução da raça feérica existia dentro dela, a necessidade de ser maior, mais poderosa, mais venerada. O que não havia era apenas o desejo disso ser feito *ali*. Possuía a noção, bem lá no fundo, como se enterrada a sete palmos no coração, que aquele pensamento a prejudicava e um dia aquela energia se voltaria contra ela. Mas não naquele momento.

De fato, Violet era a fada mais humana que já haviam visto.

– Eu não entendo – ela esbravejou para a irmã Victória. – Bree é a mais sem graça dessa instituição e, quando resolve fazer *qualquer* coisa diferente naquela droga de cachinhos dourados, todos

começam a copiá-la. Quando *eu* decido fazer algo diferente no meu, viro motivo de piada. O que acontece com este lugar?

Violet possuía um rosto delicado, com olhos arredondados, cílios longos e escuros e uma boca corada. A mãe a comparava com as bonecas de porcelana dos humanos, e a filha só conseguia imaginar *como* ela poderia saber disso. Não estava acima do peso, as asas prateadas se estendiam por quase toda a sua altura, e sabia mesmo praticar magia da forma correta, enquanto existiam fadas atrapalhadas que mal realizam um feitiço de cura. Era um pouco mais baixa do que as colegas, e até o seu cabelo liso tinha um brilho especial. Um brilho que a impedia de passar despercebida em toda Ablach. Mas o problema não era *o quê* fazia no seu cabelo.

Na verdade era a cor.

Violet tinha cabelo *roxo*.

No mundo humano, por séculos, o púrpura se tornara um dos mais caros pigmentos naturais da Antiguidade, obtido através da tinta de moluscos do mar Mediterrâneo que acabaram extintos. Na Roma antiga, apenas o imperador possuía o direito de utilizá-lo e livros esquecidos na biblioteca submersa contam que um deles determinara pena de morte para seu uso. Para chegar até aquela tonalidade, era preciso unir duas cores primárias e chegar a um consenso espremido entre o vermelho e o azul.

Traduzindo: era uma coisa *bem difícil* de se conseguir.

E o cabelo dela era roxo.

– Violet, não fique assim! Acalme-se, vamos!

– EU NÃO ESTOU NERVOSA!

Outras fadas adolescentes saíram às pressas de dentro do banheiro, antes que o tom raivoso espatifasse os vidros do ambiente. Fadas descontroladas tinham o poder de destruir coisas.

– Olha aqui, eu estou tentando ajudar você! – Vicky esbravejou.

– Mas, se você quiser ficar com essa rampa de esqui druida no topo da cabeça, o problema é seu!

Violet jogou a bolsa cor-de-rosa no chão com raiva e virou-se para a irmã, que lavava as mãos.

– Fácil pra você falar, né?

- E por que seria fácil *pra mim*? – Vicky retrucou.
- Você é a meiga da família! A fada das asas pequenas, do cabelo curto lembrando areia!
- O meu cabelo não parece areia! – ela reclamou tocando os fios, preocupada. – Parece?
- A *cor dele*, Vicky! A cor clara parece areia...

A irmã suspirou em alívio, enchendo as bochechas coradas e gordinhas, cheias de sardas.

- Ah, tá! Mas e daí? Você tem cabelo roxo...
 - Não me lembre disso! – Violet disse, abrindo os braços. – Você tem olhos verdes!
 - Você TAMBÉM tem olhos verdes!
 - Mas eu tenho CABELO ROXO!
 - Pelo colar de Titânia! – foi a vez de Vicky gritar. – Você quer, afinal, que eu lembre ou que faça você se esquecer disso?
- Violet abaixou os braços e um dos vidros *rachou*.
- Eu quero que me deixem em paz...

As duas ficaram frente a frente, e o reflexo do espelho já mostrava tudo. Vicky usava um lindo vestido branco de comprimento acima do joelho com uma faixa prateada realçando a cintura fina, além de uma tiara no cabelo, logo atrás das orelhas pontudas. Do outro lado, o visual pink de Violet, com todas as peças de roupas um número menor do que deveriam ser, vindas de uma carga roubada de roupas humanas que chegava pelas pixies do sul.

Vicky revirou os olhos. Aquilo deixou Violet nervosa. Aquela era a *sua* marca registrada. A irmã sabia *muito* bem disso. Era um insulto ver a ousadia dela ao roubar sua expressão de tédio.

- Não revire os olhos pra mim! – ordenou a fada.
 - Revirar os olhos é exclusividade sua por acaso?
 - *Dessa maneira*, sim!
- Bem, sobre aquilo ela tinha a razão. *Ninguém* revirava os olhos da mesma maneira que Violet.
- Está certo, senhorita do olho virado! Mas como você não percebeu que tirariam sarro de você? – questionou incrédula. – Sério, se você não percebeu nada de estranho, acho que precisa

realmente falar com uma fada-conselheira. Provavelmente deveria ter feito isso na primeira vez em que nossa mestra indicou um tratamento ou no incidente da gosma verde da semana passada.

A raiva de Violet aumentou.

– Aquele era um batom caríssimo, tá legal? – exaltou-se. – A Betssy que conseguiu!

– *Quem é Betssy?* É ela quem faz o contrabando dessas coisas pra você?

– É a fada da beleza da turma dos veteranos! E você quer falar baixo? Se alguém descobrir isso eu juro que transformo você em um sapo!

– Claro que vai ser em um sapo! Em uma princesa é que não seria!

Violet trincou os dentes e fez um sinal de estrangulamento.

– No mundo humano, as irmãs mais novas são paparicadas pelas mais velhas, sabia?

– Há-há-há...

– E não são debochadas pelas irmãs quando precisam de ajuda...

Vicky não conseguia entender a necessidade da irmã de usar produtos humanos. Eles eram inferiores aos delas. Em casa tinham todo tipo de brilho vivo. Cor de supernova, de amanhecer, de lava de vulcão... Vicky naquele dia usava um brilho vivo de meteoro. Se se concentrasse, era possível ver uma espécie de espaço sideral nos lábios dela, por onde um cometa vez ou outra cruzava o lábio inferior.

– Eu não sei por que você prefere trocar brilho vivo para usar um... um... como é mesmo o nome disso?

– Batom!

– Um atom... verde fluorescente! De verdade: o que passa na cabeça de uma raça que cria um negócio desses?

– É batom, com "b"! E não é um batom comum! A Betssy deixou claro que não era qualquer pessoa que poderia experimentar essa cor. Ficou famoso depois que Billy B aplicou o tom nos lábios da...

– "Billy B"? – a irmã questionou em uma careta. – Quem demônios é esse agora, o inventor do batom com "B"?

– Não, sua lerda! Foi por causa dele que essa cor de batom virou moda, porque ele fez a Milady Gagá usar!

– Milady Gagá? – Vicky gargalhou. – Essa história fica cada vez melhor...

– Victória Lashian! – disse com toda a firmeza. – Você quer levar a sério o que eu digo?

Violet explicou que depois daquilo todo mundo em Hollywood tentou comprar um igual. Mas o batom custava 900 dólares. Uma fortuna! A fada se sentia sortuda por ganhá-lo. A irmã engasgou com a situação.

– Isso deveria estar é enalhado por lá e eles acharam uma doida que nem você pra querer um negócio desses! Além do mais, se esse Billy com “B” achou uma boa lançar uma cor dessa, ele não pode ser tão bom assim!

– Ah, desisto! – disse, apanhando a bolsa do chão e se dirigindo para a saída do cômodo. – Você simplesmente não se importa...

– A questão não é essa, Violet! – a irmã disse, indo atrás dela. – A questão é: por que cavalos-marinhos você se importa!?

Violet parou na porta, voltou e então a olhou nos olhos. Tentou explicar que se importava com um batom humano porque ele virou um símbolo feminino na sociedade deles. Um homem não usava batom. Pelo menos ela entendeu que não. E achava aquilo tão incrível quanto os humanos deviam achar suas varinhas de condão ou os gênios morando em lâmpadas. Ela queria mostrar sua ideologia para as outras fadas. Era uma feérica diferente, mais ousada que uma sereia, e seu verde brilhante representava isso.

– Além disso, Billy B e a incrível Milady Gagá são divos, entendeu? Criaturas celestiais jogadas na terra para brilhar em pó de pirlimpimpim! – complementou a fada com cabelo violeta.

– Igual à Sininho?

Violet revirou os olhos.

– Eu já disse que não gosto dessa daí...

– Por que ela é famosa de verdade?

– Ela NÃO é famosa! – invocou-se Violet. – Peter Pan é famoso! Essa outra é só uma sirigaita que se aproveitou da fama dele...

Uma sirigaita. De fato, onde ela andava aprendendo aquilo? A irmã fez um sinal de paz.

– Está bem! Está bem! Esqueça a Sininho! Nós arrumamos uma justificativa pro seu batom! Agora... que tal arrumarmos uma explicação pro seu PENTEADO?

Oh, boy. Hora do segundo round.

– Já não basta a cor, e agora você vai tirar sarro do meu penteado?

– Isso não é um penteado! – Vicky afirmou, apontando para o tufo no topo da cabeça de Violet. – Isso é uma cobra do Deserto de Pedra aguardando pra dar o bote!

Os tufos na cabeça de Violet formavam um monte oval que lembrava um turbante, enquanto o restante dos fios descia pela lateral do rosto.

– Eu me inspirei no penteado da Snooki, ora essa!

– Ei, esse eu conheço! Uma vez em uma prova prática eu troquei o dente de uma criança terrestre que usava um travesseiro desse aí! É um cachorro, né? Baixinho e narigudo, que eles gostam por lá, não é? Mas engraçado que não lembro de nenhum cabelo esquisito nele!

– Eu disse Snooki, sua avoadada! Não Snoopy!

Vicky teve de rir.

– Ah, que pena que você não se inspirou no penteado do cachorro então! – disse Vicky, numa lamentação cheia de ironia. – E pelo visto você vai mesmo me fazer perguntar, certo? Está bem, eu pergunto: quem é Snooki?

– Ela é uma pessoa MUITO famosa. Tão famosa que os humanos querem saber tudo o que ela faz o tempo inteiro!

– Verdade? – perguntou, realmente curiosa. – E o que ela faz?

– Ah, ela... vive – completou Violet. – E é famosa!

– Igual à Sininho?

– Ela não tem nada a ver com a Sininho!

Victória cansou daquilo tudo. Era incrível como a irmã não ouvia nada do que sua mãe dizia para elas. A família Lashian achava que os humanos deveriam estar copiando os penteados das fadas

e não o contrário. Aproveitou para questionar se a mãe talvez não tivesse razão.

– Eu não vou deixar a mãe me dizer sempre o que eu devo fazer – respondeu Violet.

– Curioso, pensei que os mais velhos deveriam paparicar os mais novos! Mamãe só está fazendo isso.

A fada continuava *realmente* pensando na ideia de transformar a outra em um sapo. Vicky então virou a irmã para o espelho.

– Violet, OLHA ISSO! – e Violet voltou a ver o próprio visual. – O problema da porcaria do seu cabelo hoje é que você montou um ninho de coruja no topo da cabeça. Está ridículo! *Ri-dí-cu-lo!* Até para os padrões humanos! E olha que isso é um comentário digno de nota!

Na imagem embaçada refletida no espelho o que mais se destacava era a cor escalafobética. Naquela manhã, Violet tomou a tal decisão de prender metade do cabelo em um alto pufe no topo da cabeça, como se formasse uma vivenda de passarinho no couro cabeludo. Na hora aquele penteado pareceu ser uma boa escolha, porque ela sentia necessidade de dar volume às madeixas, contudo, mais uma vez não foi compreendida.

Os artistas nunca são, refletiu.

Não aguentando encarar a própria face depressiva, abaixou o olhar e o fixou nas sapatilhas também cor-de-rosa.

– Não estou falando isso por mal... – a irmã tentou justificar. – Eu sei que às vezes parece, mas eu não estou. Só quero que não se machuque. Também não desejo nos deixar na categoria “excluídas” para sempre, e você sabe que as fadas como eu costumam terminar sozinhas guardando bibliotecas esquecidas. Isso incomoda, sabe?

Vicky viu a irmã ignorar o comentário e notou que ela continuava com o olhar fixo nas sapatilhas. Sentia-se impotente e triste. Violet não se importava com o desconforto que a situação trazia a ambas: estavam no fundo do poço. Esse nunca foi o melhor lugar para levar alguém.

– Você está legal? – tentou ainda puxar assunto.

Sem resposta.

Cinco longos minutos depois, Violet levantou a cabeça esbanjando um sorriso branco de dentes completamente alinhados. Por alguns instantes, arrumou com os dedos finos o aglomerado de cabelos para ajeitar a quase juba, deu uma piscadela simpática para o reflexo da irmã no espelho e disse:

– Nunca me senti melhor!

Em questão de segundos deixou o banheiro que servia de esconderijo e seguiu para a coordenação da instituição. A fada sabia que precisava trocar umas palavrinhas nada educadas com a diretora local, a Medusa Sem Dentes, a Generala Orc, o Dragão Que Não Dormia.

A mulher por trás daquela máfia de fadas insensíveis e padronizadas.

A máfia que ela queria derrotar.

A fada violeta tomou seu rumo com passos firmes e olhar decidido. Desfilava pelos corredores como uma *top model* em uma passarela (até mesmo porque conseguir se equilibrar em um sapato Christian Louboutin 18 cm era um feito digno de registro). Mas, como tudo o que é bom dura pouco, a autoestima quebrou quando Verônica, outra das quatro irmãs, apareceu e a barrou exatamente a dez passos da porta do objetivo principal.

A maldita porta do calabouço da diretora Lyrial.

– Oh! Por Merlin! Os rumores estavam certos – a garota disse com repulsa, ao travar o caminhar da irmã. – Deve ter sido por causa desse novelo de lã fluorescente que resolveu sair antes que todo mundo de casa, né? Mamãe ficou preocupada. Quase veio à escola te procurar para saber se tinha alguma coisa errada.

Mais uma para me encher, pensou a fada, já menos agitada pela adrenalina.

Violet tentou cortar a irmã pela lateral, mas Verônica acompanhou cada movimento, lembrando uma sombra. De todas as irmãs, era a mais durona, sempre com os pés no chão e o pensamento no que era melhor para a família, quase aceitando o lugar vazio deixado pelo pai, morto nas Guerras Mágicas quinze anos atrás.

Morto no dia em que Violet nasceu. Com o cabelo da cor entre o rubro e o violáceo.

Como um sinal de uma maldição.

A guerra havia afetado quase todas as dimensões do universo, e, em Ablach, elfos foram convocados para a batalha contra os manticores. Muitos tombaram, e em meio à batalha, Elfist não resistiu a um veneno liberado pelas garras de uma das criaturas, deixando a mulher, Valquíria, viúva, e as cinco filhas. Esse fato ainda ditava muito dos rumos da família.

Já na aparência Verônica lembrava o pai. O rosto de expressão dura com largas bochechas ossudas que a diferenciava das irmãs, aliado ao cabelo liso e escorrido de brilho extremo típico da família. Com exceção de Violet, todas eram loiras de nascença, cada uma com seu tom. De certa maneira, aos olhos da mãe todas lembravam algo do marido.

Violet a lembrava de sua morte.

Quase todos da família tinham o corpo magro, já Violet tinha mais curvas, e Verônica chegava a ser robusta. Alguns a chamavam de *gorda*, uma palavra que a mãe abominava a tal ponto que chegava a estremecer toda vez que a escutava. Uma filha dela não podia ser gorda, certo? Uma fada *robusta*? Era um pensamento estranho para todos. Entretanto, mesmo sendo durona, quase num sentido masculino, Verônica sabia se vestir. Naquele momento usava um vestido branco com gola arredondada e volume certo nos quadris. E julgava a roupa cor-de-rosa ridiculamente justa da pessoa com o novelo de lã na cabeça.

– Minha irmã... – começou, ainda barrando a entrada da irmã na diretoria. – Nós queremos o seu bem. Realmente gostaríamos que se transformasse na fada da moda que tanto deseja.

– Eu percebo isso todos os dias...

– É claro que queremos! – ela insistiu, ignorando a ironia. – Vicky ficaria feliz em não ter mais o título de perdedora, eu teria mais calma no coração e Vivien e Valentina... bem, não contam. Elas estão enfurnadas no curso especial de defesa e honram a morte do pai.

Violet finalmente pôde revirar os olhos.

– Somos todas bem realistas, irmã – Verônica insistiu. – Sonhamos com um mundo de evolução e benefícios. Mamãe nos criou para sermos líderes de controle de natalidades espirituais, mestras de cerimônias sagradas ou fadas influentes na sociedade mágica.

– Devo *mesmo* decepcionar muito a mamãe.

Verônica lançou um sorriso simpático e segurou a mão de Violet, tentando consolá-la.

– A única pessoa que você tem decepcionado é a si própria. Se estivesse feliz, nós também estaríamos por você.

– Vocês têm uma maneira peculiar de demonstrar isso.

– É verdade, Violet! Ande, diga-me: me dê um exemplo de algo que lhe faria feliz nesse momento!

– Hum... – ela revirou os olhos em ironia. – O abdômen de dez gomos de Tyrin!

Tyrin. Claro, por que não *Tyrin*? O feérico mais inatingível do Centro de Estudos Mágicos.

– Você é mesmo *diferente*! Por que uma fada gostaria de ter em sua aparência um abdômen de dez gomos?

– Você deveria frequentar menos as aulas de natalidade espiritual e dar mais chances à de reprodução biológica...

– O que você quer dizer com... ah, tá... claro... – percebeu, sentindo-se estúpida. – Os dez gomos *dele*...

Por um instante, Violet se perguntou se seria de fato aquela a irmã mais esperta.

– Está certo, agora vamos retomar, Violet! – Verônica disse. – Voltemos para as aulas, mesmo que sejam as de reprodução biológica. Esqueça tudo isso e venha sentar-se comigo na classe de poções. Talvez já tenham parado de falar do emaranhado.

A garota mais uma vez revirou os olhos, respirou fundo, porém dessa vez não precisou abaixar a cabeça.

– Se sou um estorvo por aqui, sei de um lugar em que não seria.

E partiu, deixando Verônica surpresa e preocupada. Tudo envolvendo Violet sempre podia piorar.



O apresentador suspirou, enquanto a plateia ainda se mantinha em silêncio.

– Não deve ter sido fácil para você se sentir excluída até na própria família – comentou com uma expressão curiosa.

– Bem, realmente não foi fácil. Amo minha família, mas não sabia mais lidar com tanta negatividade. Uma coisa eram as recriminações que eu tinha que ouvir do pessoal no Centro de Estudos, outra era ter que ouvi-las dentro da minha própria casa.

Mais uma vez o suspiro do senhor ao seu lado, mas a expressão facial mudou no último segundo.

– Agora, mudando um pouco de assunto... *dez gomos*, minha filha?

A plateia toda riu.

– Se não estou enganado, por aqui encontramos abdomens até de oito! – Papperman acrescentou.

– Alguma vantagem Ablach tinha de ter, não é?

A gargalhada geral retornou. Todos entraram no clima do apresentador, mas sabiam que a conversa precisava voltar a ficar séria. Ele esperou o momento passar. Então, compenetrado, olhou para ela, e perguntou:

– Agora nos conte: como nasceu a ideia de fugir para esse mundo?

2

Let's hug it out

Vamos nos abraçar

Aquela atitude já era esperada.

Todos tinham receio das ações inesperadas de Violet, mas aquela não era a primeira fada revoltada da história e não seria a última. A diferença era que todos pressentiam algo ruim se aproximando rasteiramente, como uma cobra prestes a dar o bote, mas ninguém impediu. Na verdade, ninguém nem ligou. Poderiam ser picados e só perceberiam na porta da curandeira, quanto estivessem prestes a morrer. Por isso aquela criatura estava parada, naquele momento em um ponto-chave da dimensão, na borda do tecido mágico que separava as raças.

Por diversas vezes havia pensado em formas de ultrapassar as brumas que escondiam a região das fadas, e mais tantas outras, revisado planos malucos feitos por ela mesma para destacar-se entre os mortais. Contudo, sentir o embaraço das irmãs parecia ter sido a última gota para transbordar o tanque de lágrimas que existia em seu interior. Sentia-se drenada, sozinha e desvalorizada. Muita energia negativa em um ponto só. Ela era motivo de chacota, e ainda por cima não tinha o apoio da família, então parecia óbvio procurar uma escapatória. Algo para aliviar a dor. Não precisava de muito, apenas de coragem e da típica confiança inabalada que já a havia salvado tantas vezes. Por isso teve a reação mais comum entre as fadas:

Ela *acreditou*.

Acreditou que poderia ser uma estrela em outro lugar. Que brilharia entre os demais e seria considerada finalmente uma fada relevante. Um ser mágico. Não o fantoche oco que usava roupas apertadas demais para tentar chamar atenção. Acreditou na possibilidade com tanta força que sentiu o peito expandir e uma paz lhe invadir o corpo, preenchendo o espaço vago pelo abandono. As fadas existiam porque humanos ainda acreditavam em sua existência. Violet decidiu que já era hora de mostrar que eles tinham motivo para isso.

Mesmo com a atual felicidade vinda da esperança, ela não conseguia deixar de olhar para trás. Estava na beirada, quase a um passo de uma vida nova, diferente de tudo que já presenciou. Porém, se tomasse tal rumo, seria para sempre, e não sabia se já estava preparada. Estaria alguém pronto para tal mudança?

Com o passar dos minutos, ela deixou de acreditar nessa possível transmutação, percebendo que aquele não era o dia para isso. Talvez ele nunca chegasse. Muito fácil ter medo do novo, do desconhecido, afinal não existe situação pior do que aquela em que não se sabe a consequência de um ato. A jovem fada olhou mais uma vez para as brumas à frente e deixou-se ser invadida pela pequenina esperança, para apenas sentir mais um toque de felicidade. Esticou a mão delicada, notando as gotículas mágicas escorregarem pelos dedos, mas percebeu que definitivamente ainda não era a hora. O clima, o ar e o universo pareciam não cooperar com a mudança.

Não adiantava pensar em como seria a vida entre os humanos. Então partiu da posição mágica em que se encontrava e voltou para casa antes do horário do fim das aulas. A mãe ficaria desapontada mais uma vez, mas Violet já havia se acostumado com a sensação. Precisava deitar na cama, fechar os olhos e tentar sonhar com uma realidade melhor.

Violet vivia com a família na parte central de Ablach, onde as grandes decisões reais aconteciam e a maior parte do Conselho das Fadas residia. O aglomerado de branco e amarelo da região

lhe dava náuseas, porém, gostava da vibração agitada do local: a única parte em que lembrava um pouco o planeta Terra.

Como se encontrava longe do centro, resolveu voar baixo até a margem da cidade fervilhante. Os membros posteriores ajudavam na locomoção, mas a rainha Morgana, governante de toda a dimensão, proibira o uso das asas nos locais de muita circulação. A fada destrambelhada praticava muitas ações consideradas transgressoras, mas tentava ao máximo não fugir à lei da rainha. Sua admiração pela comandante de Ablach era diametralmente oposta a da que mantinha pela diretora superficial do Centro de Estudos Mágicos, que direcionava as fadas como seres de beleza padronizada. Imaginava o que a rainha pensaria se descobrisse seus planos de fuga.

Será que conseguiria atravessar o véu das brumas de volta para Ablach?, questionava-se sempre.

Enquanto sobrevoava o reino, notava o extenso rio turquesa quase tão brilhante quanto a própria asa, que acompanhava o voo em movimentos serpentinos. Peixes dourados brilhavam em meio à água, e a grama molhada ao redor proporcionava o crescimento de cogumelos multicoloridos. A maioria os considerava deliciosos. Violet, como sempre, era uma exceção. O canteiro formado ao longo de todo o rio lembrava um arco-íris na primavera. Este tipo de fenômeno podia ser frequente para os humanos, já que os leprechauns não tinham grande interesse em esconder potes de ouro no território das fadas. Elas identificavam magia a quilômetros de distância, uma tarefa muito mais complicada para seres humanos. Além disso, não gostavam de deixar fortuna parada em apenas um lugar por considerarem má sorte.

O dinheiro precisa estar sempre em circulação. Dinheiro gera dinheiro, repetiu a garota.

A beleza do local nunca a afetou. As árvores magras de troncos escuros e folhas arroxeadas pareciam uma homenagem sem graça. Em alguns dias, o castelo feito de pedras raras parecia infantil demais e já não aguentava mais morar em um lugar tão luminoso. Tudo era limpo demais, esbranquiçado demais, sem

cores mais fortes. Muitas cores claras, muito colorido luminoso ao redor.

Ao chegar ao limite da cidade pensou que caminhar seria demorado e voar não era uma opção. Decidiu tomar o transporte público que estivesse mais próximo. Não demorou para que um quilópode passasse. As longas centopeias lembravam as da Terra, mas o transporte público tinha características peculiares em Ablach: quilópodes eram os mais utilizados pelos feéricos, mariposas gigantes levavam casos especiais individualmente e os grifos eram para casos de emergência. De início o quilópode podia ser intimidador, começando pelas antenas curvadas similares a chifres. Os três metros de comprimento eram preenchidos por diversos gomos de sessenta centímetros de largura, prontos para receberem uma pessoa sentada. Tais centípedes eram treinados por elfos para servirem de locomoção e eram oriundos dos vales de Rapduski, cercados de colinas e cavernas úmidas. Escalavam tipos diferentes de terreno com os 151 pares de pernas e se escondiam na terra quando queriam se camuflar. Após treiná-los, centauros domadores instalavam mecanismos para que acomodassem um feérico sentado por gomo de forma confortável. Apenas o da cabeça não era utilizado, mantendo-se como os da mesma espécie da Terra, recoberta por um escudo cefálico rígido. Orientados por vibrações, aprenderam a decorar uma rota específica, andarem de forma assustadoramente rápida e a fazerem paradas para deixar passageiros. Tudo em troca de baldes de larvas e besouros redondos.

Sentada ereta em seu gomo, Violet segurou a trava de segurança e emitiu a vibração referente à sua parada. Em breve estaria em casa. E isso não era bom.

– A diretora ligou há horas! – A expressão de trasgo feroz no rosto da mãe lhe desfigurava a beleza. A boca parecia espumar de raiva e os olhos estavam tão arregalados que pareciam poder saltar das órbitas a qualquer momento.

Tentando esgueirar-se da situação, Violet preferiu calar-se, mas a expressão de ódio da mãe era tão bisonha, que sentia vontade de dar risada. E não aguentou.

– Acha que é engraçado ser avisada que minha filha aprontou mais uma vez no colégio? – esbravejou a mãe. – Eu não gerei problemas, criei herdeiras para se tornarem seres evoluídos de respeito. Você faz as pessoas pensarem que na verdade eduquei *bruxas*.

O riso foi contido.

– Mãe, você pariu uma filha com um tufo de cabelo violeta. Foi piada pronta.

– Eu já falei que é para parar de culpar a porcaria do seu cabelo por tudo o que acontece na sua vida!

– Por que eu deveria, se você faz isso?

– Eu *não* acredito que estou ouvindo isso...

Valquíria sempre foi um exemplo de fada. Aprendeu a voar com poucos dias de vida, já sabia recompensar crianças banguelas com moedas no primeiro ano de treinamento e casou-se com um elfo guerreiro ao finalizar o curso de magia avançada. Mas hoje vivia para cuidar das filhas e da casa, havia se tornado uma fada doméstica, um tipo raramente convocado pelos humanos. Quem pediria por uma fada na hora de lavar a louça ou estender a roupa? Ainda mais depois de uma mortal popularizar elfos com função doméstica no imaginário infantil do orbe terrestre.

Depois que o patriarca morreu, a esposa redobrou a paranoia por beleza e perfeição. Tentou transformar as cinco filhas em exemplos da sociedade mágica e terminou com duas excluídas, duas enfurnadas em um convento sacerdotal isolado e, por fim, uma cópia do patriarca. Nenhuma com qualquer pretendente à vista.

– Você tem noção das coisas que fala? – Valquíria perguntou.

– Mãe, hoje no Centro de Estudos fui atacada pelo bando de cabeças de Wendigo novamente. *Isso* você soube?

– Se não fosse *isso*, seria outra coisa! E melhore esse tom! Você esquece que sua família também seria considerada uma família de...

– *Desgraçadas?*

Houve um silêncio constrangedor. A tensão era tão pesada, que poderia derrubar uma pessoa.

– Você realmente não tem noção das coisas que fala... – a mãe sussurrou, em tom de lamento.

– Eu sei que você não gosta de conversar sobre essas coisas comigo... mas eu já escutei minhas irmãs conversando... e escuto os cochichos nos corredores todos os dias...

– Violet...

– Eu sou um ímã de má sorte, não sou? – ela perguntou, em tom sincero. – Eu nasci com a marca do infortúnio, como uma desventura. É isso o que eu sou, não é? O fruto vivo da nossa desgraça?

– Jamais repita isso – a mãe exigiu. – Você me ouviu? *Jamais* diga isso novamente...

– Eu não sou mais uma criança, mãe! Eu já sei que existem as *magias de sangue*. As magias em que uma vida... é *trocada* por outra... – Lágrimas começaram a surgir dos olhos esverdeados.

– Magias proibidas por decreto da nossa rainha – a mãe retrucou, entre dentes cerrados e um rosto fechado.

– Nossa rainha proibiu a realização dessas magias. Não uma conversa sobre elas...

– Sim – Valquíria confirmou. – Quem proibiu isso nessa casa fui eu.

Violet sentiu algo angustiante crescer dentro de si, estressando-a. A sensação era a mesma da irritação adolescente humana, só que potencializada.

– Você nos proíbe de falar disso não porque gostaria de me poupar, mas porque nenhum dos nossos vizinhos pode sequer escutar *um trecho* de uma conversa como essa, não é?

Valquíria permaneceu quieta, observando-a com a expressão sisuda.

– Sabe o que as pessoas lá na escola dizem, mãe? Sabe por que elas me atacam, por que elas adoram zombar de mim, me humilhar, me diminuir? Não é apenas porque elas acham que nasci *marcada*. É também porque elas acham que a rainha fez vista grossa para uma magia de sangue em Ablach, em troca de um débito com essa família...

O rosto de Valquíria, que já estava tenso, foi se comprimindo centímetro a centímetro, como se a pele estivesse sendo dobrada e os ossos prestes a furá-la.

– E sabe qual a teoria mais famosa que corre por toda Ablach para ela ter feito isso, mãe?

Os olhos verdes de Violet eram dois pontos brilhantes, prestes a derreterem sobre sua face.

– Elas dizem que ele e a rainha... se encontravam escondidos...
– as palavras eram duramente encaixadas, feito pregos em uma parede. –... e que você os descobriu... e que em troca do seu silêncio...

Um silêncio que ainda estava ali.

– Foi isso o que aconteceu, mãe? É por isso que o governo não nos tirou tudo? Existia de fato um débito entre você e a rainha?

– Um dia você será julgada pelos outros da mesma maneira como está fazendo comigo agora... – a mãe voltou a falar.

– Eu já sou todos os dias.

– Não, você não é! – ela insistiu, de maneira dura. – Como você disse, as pessoas julgam sua aparência, e o que acreditam que sejam os motivos da sua aparência. Elas julgam as coisas excêntricas e megalomaniacas que você faz numa busca desesperada por atenção, para enfrentar o que fazem com a sua autoestima. Mas você não é julgada por escolhas do seu passado, como elas sempre fizeram comigo, e você está fazendo agora.

Violet não sabia o que dizer.

– Se em algum momento da sua existência você perder seu respeito pelo meu nome, *nunca* faça isso com o nome do seu pai. Eu vou repetir: *nunca*. Você não sabe o que nós já passamos, e não sabe, principalmente, o que *ele* teve de passar para que Ablach hoje viva em paz. O que ele teve de carregar, para que você hoje esteja aqui saudável, vivendo em um mundo sem guerra...

– O mundo pode estar em paz, mas essa família parece estar sempre em guerra!

– Essa família ou *você*?

Violet deveria repensar o que estava lhe sendo dito. Mas ainda havia *aquilo* dentro dela, berrando e enclausurado em seus pulmões.

– Quer saber? Eu posso estar sendo injusta, mas ainda acredito que você preferiria que eu tivesse morrido no meu nascimento e o meu pai estivesse aqui...

Valquíria fez um movimento brusco de giro com a mão. Alguns passos à frente, Violet sentiu o rosto torcer para o lado, como se tivesse sido estapeada. As lágrimas antes retidas agora corriam livremente pelo rosto da fada.

– Você tem muitas coisas para repensar hoje e muitas desculpas para pedir aos deuses.

Em choque, Violet mais uma vez viu ao redor de si um mundo de decepção e vergonha em diferentes direções. O arrependimento bateu no coração e desejou ter tido a coragem de atravessar o véu. Se aquela sensação que lhe espremia continuasse, em pouco tempo teria uma crise nervosa e isso era perigoso. Quando fadas não detinham controle de suas almas, podiam perder completamente a natureza mágica de serem aladas.

Aquilo seria um desastre para ela. Provavelmente a ruína para a família. Na verdade, nada que lhes fosse uma novidade...

– Os deuses estavam de folga quando eu nasci...



A plateia continuava conectada com a fada. Eles gostavam da franqueza que manifestava durante a entrevista. Era o que mais lhe conectava a eles.

O que mais a tornava humana.

– Adolescentes... – comentou o apresentador.

– É, eu sei – ela comentou, sem jeito. – Até alguns meses atrás eu não sabia muito sobre a vida, como achava que sabia.

– Como eu disse... adolescentes...

Todos riram. Inclusive a feérica.

– Mas, sabem, eu hoje sei que o fato de ser uma fada não me faz melhor do que ser humana, e em parte isso é bom.

– Pela possibilidade de cometer os mesmos erros?

– Ou de aprender pelos mesmos erros.

O auditório aplaudiu. O apresentador gostou. Novamente esperou o momento passar e perguntou em tom mais sério:

– E, além do comportamento da sua família, o que mais você odiava em Ablach, a ponto de você deixar tudo para trás?

3

Will you accept this rose?

Você aceita essa rosa?

Depois da briga com a mãe, a autoestima de Violet não quis mais voltar, e uma depressão começou a despontar.

Ela sentia um misto de sensações e conflitos internos difíceis de lidar, mas mesmo assim conseguiu segurar o temperamento, não se meteu em problemas ou teve qualquer comportamento bizarro. As irmãs, entretanto, percebiam a falta de brilho no olhar que antes possuía tanta vitalidade. E sem aquele brilho da fada a casa estava sendo tomada por um clima fúnebre e, mesmo todas desejando ser uma família normal, sabiam que no fundo nunca seriam.

– Algum plano para hoje? – perguntou Verônica, ao ver Violet deixar um pergaminho na mesa com um gesto desanimado.

– Não, não pretendo fazer nada. Estou cansada...

A irmã colocou as mãos na cintura e franziu as sobrancelhas.

– Só fomos para o treinamento hoje, então não tem por que estar *cansada*! Sem contar que anda dormindo que nem pedra, quase toda hora. Desse jeito nunca vai realizar desejos humanos ou ser madrinha de um deles.

– Agora regulam o meu sono?

– Como você está dramática! Só estou perguntando. Queria levá-la para passear pelas colinas, sua chata!

– A dramatização ficou por sua conta. Se quiser me tirar daqui basta falar. Você sabe que não tenho saído – o tom da voz da fada

era triste. – Mas por que pelas colinas? Lá é tão parado. Não tem nada para fazer e ainda por cima tem vários bichos por ali...

Verônica suspirou. A irmã parecia ser a única feérica que não suportava animais. Mal sabia como ela aceitava usar o transporte público do lugar onde moravam.

– Eu fiz um convite. Se não quiser aceitar não tem problema.

Violet revirou os olhos e, curiosamente, fez a irmã deixar a expressão brava de lado e sorrir. A personalidade da púrpura reapareceu mesmo que momentaneamente.

– Ótimo! – disse. – Troque de roupa e me encontre no jardim. Vamos ao menos *tentar* ter um dia divertido.

Violet decidiu agradar a irmã. Procurou por sua melhor roupa de passeio, algo que combinasse com as colinas, e optou por uma bota marrom com cano médio que prendia a batata da perna. Cobriu o corpo com um vestido azulado apertado na cintura, com uma saia rodada. Agasalhou-se com um suéter branco de lã pura com gola arredondada e largos botões de madeira polida. Os pontos da peça tinham sido feitos pelas irmãs que estavam em treinamento, já os tecidos trocados com gnomos andarilhos. Para se proteger do sol que reinava na dimensão e dos olhares curiosos das pessoas que não gostavam dela, optou por usar um chapéu marrom de abas largas com furos para as orelhas pontudas. As asas davam um toque especial no branco, marrom e azul, através da fenda em suas costas. O cabelo era domado em uma longa trança espinha de peixe.

O look *perfeito*.

– Uau! Acho que Tyrin vai gostar – comentou a irmã mais velha.

– “Tyrin”? O que você quer dizer com isso? Você o viu pela redondeza? Não quero que ele me veja! Pelos deuses! Por que esse comentário?

Violet surtava, disparando uma frase atrás da outra. Tyrin, o feérico de beleza divina, que chegava a lembrar Leanan Sídhes por tamanha sedução. Excelente preparador de poções e realizador de

feitiços. O som de sua voz induzia seres humanos a um sono relaxante.

– Verônica, estou falando com você: *por que* você citou o nome de Tyrin?

– Porque ele está aqui.

Ela queria ter tido tempo de absorver aquilo. Mas, em seguida, escutou:

– Não sei se entendi direito, mas não está feliz em me ver, Violet?

Dizer que aquilo foi um choque é pouco. Demorou para que a fada se lembrasse de como era respirar. Verônica parecia se divertir com a situação, pois apenas estampava um sorriso brincalhão no canto da boca e observava o clima desconfortável.

– Não sabia que ia nos acompanhar... – balbuciou a fada, tentando não focar nos próprios pés.

O jovem aproximou-se das duas e ficou a dois passos de Violet. No rosto, sobrancelhas arqueadas destacavam olhos azuis-piscina, enquanto um maxilar quadrado sustentava dentes aperolados. O cabelo da cor de algodão era tão extenso que batia na cintura, que ele usava repartido e preso em um rabo de cavalo. No momento em que apareceu no jardim da família Lashian, vestia uma túnica branca com calça marrom e uma tira de couro entrelaçada no braço esquerdo. Violet *tremia*. Tyrin não era seu amigo e, até então, nem da irmã. Na verdade, essa devia ter sido a conversa mais longa que eles já tiveram, ao menos que não fora das simuladas nos longos diálogos que tinha em seu imaginário enquanto se banhava.

Notando o silêncio importuno, Tyrin deu mais um passo e descansou a mão pesada nos ombros de Violet, brincando com um fio solto do cabelo arroxeadado.

– Se eu estiver atrapalhando, posso me retirar, mas entreouvi sua irmã dizer na escola para Vicky que a levaria para passear nas colinas e me convidei. Notei que está sumida. Só a vejo no fundo da classe e esse nunca foi seu estilo. Achei que talvez pudesse ajudar...

Verônica ainda sorria, Violet ainda estava em pânico. *Tyrin me... notou?*, se perguntou. Claro que não! Tyrin, preocupado com ela? Nunca! Ele era a porcaria de um *pic-pop* e andava para cima e para baixo com Bree, a fada mais *fada* possível.

Só pode ser uma piada. Aos poucos a feérica voltou a relaxar. Até a asa já estava enrijecida com aquela tensão.

– Se formos para as colinas acho melhor levar sua varinha. Ovi dizer que a atmosfera lá está perfeita para feitiços. Adoraria praticá-los com você.

De novo: só podia ser brincadeira.

– Está certo, Tyrin! Não sei quem mandou você aqui. Aliás, até sei, mas pode mudar a estratégia. Sei que não está aqui por minha causa, então não continue...

Verônica parecia assustada.

– Violet, esses são modos de falar com um convidado?

– Ele não é um convidado – retrucou Violet. – Ele se convidou. Provavelmente a pedido de Bree. Você já sabia disso?

Verônica sorriu nervosa, quase implorando por alguma intervenção divina.

– Que paranoia é essa agora? Achei que a presença dele lhe animaria um pouco...

Enquanto as duas discutiam, Tyrin esperou calmamente de braços cruzados.

– Terminaram? – questionou, aproveitando uma brecha nas trocas de insultos.

As duas olharam para ele enrubescidas. Era normal brigarem, era quase uma especialidade da família.

– Eu não planejo nada contra você, Violet! – defendeu-se o jovem com um tom calmo. – Entendo a desconfiança, afinal nunca fomos próximos, mas, como pode ver, Bree não está aqui e eu só gostaria de dar uma volta. Por que não com duas belas fadas?

– Você quer *mesmo* ir com a gente?

Ele concordou com a cabeça.

– Está certo. Vamos ao menos *tentar* ter um dia divertido...

* * *

Durante todo o percurso feito pelo quilópode, eles não se falaram. Violet notou olhares intrigantes de Tyrin, mas acreditou que tudo acontecia em sua mente fértil. Todos que viam a cena, não entendiam por que aquele feérico estava ao lado das irmãs Lashians.

Após algum tempo, o animal de transporte freou bruscamente no limite da área central, a partir de onde voos eram permitidos.

– Eu detesto esse mundo... – resmungou Violet.

Os três desembarcaram e caminharam ainda em silêncio constrangedor, antes que Violet tomasse a dianteira e desse impulso para voar. A paixonite por Tyrin era verdadeira, mas não tinha coragem de se deixar levar pela emoção. Contos de fadas aconteciam apenas fora do mundo das fadas.

Quando chegaram à base do elevador, descansaram os pés no chão acobreado cheirando a terra molhada. Um rio escorria na redondeza e a água violenta era ouvida de longe, em um som ao mesmo tempo temeroso e convidativo. A colina era coberta por árvores de um colorido anormal, em um emaranhado de roxo, rosa e marrom, e flores das mais diferentes espécies serviam de moradia para salamandras de pele amarela.

– Sabe o que mais impressiona por aqui? As pétalas... – Tyrin comentou, de uma maneira que deveria soar *cafona*, mas vindo dele parecia *sensível* ou qualquer desses adjetivos que as meninas gostam em um garoto *sexy*.

Violet sabia o que ele queria dizer. Algumas espécies de flores daquele lugar eram delicadas, com pétalas finas e escorregadias parecendo de seda, já outras fofas com muitas camadas e cheiros exóticos. Um tapete alaranjado de uma espécie que lembrava uma estrela-do-mar cobria uma parte do cenário, e diversas rosas turquesas enfeitavam outro ponto. Borboletas com dois pares de asas douradas sobrevoavam a região com uma rapidez característica, enquanto vaga-lumes diurnos abrilhantavam o céu em piscos avermelhados, lembrando os pontos mágicos do véu de separação das dimensões.

– Eu prefiro os coelhos – Verônica comentou.

– Pensei que eram variações de lebres – acrescentou Tyrin.

– Você pensa coisas que jamais imaginaríamos realmente – finalizou Violet. Verônica a olhou de lado.

Coelhos felpudos de rabos quilométricos davam as boas-vindas aos visitantes, ainda parados na beira da colina. Os grandes mamíferos passavam por entre as pernas e a pelagem esbranquiçada quase se perdia no mar de cores.

– AAAH! – gritou Violet, dando pulos histéricos.

– Algum problema? – questionou Tyrin.

– Essas estúpidas bolas de pelos – resmungou, chutando o traseiro da criatura que cismava em continuar lhe roçando as canelas finas como um gato.

– Ela tem sérios problemas com animais – complementou a irmã.

– Assim como tenho com você.

Tyrin quase soltou um riso, mas conteve no último segundo. Verônica não riu.

– Por que está tão calada? – questionou Tyrin após um tempo, sentando-se em uma pedra do tamanho de uma poltrona.

– Não estou calada...

Era verdade. Apenas desde que Verônica *curiosamente* os havia deixado a sós, indo colher cogumelos, ela não havia dito nada.

– E por que não escuto sua voz?

– É que ela está matracando dentro da minha cabeça.

O rapaz finalmente soltou um sorriso. Violet era engraçada de uma forma peculiar.

– Vamos fazer uma troca? – ele sugeriu. – Você me conta algo que não sei e não imaginaria que você soubesse, e eu faço o mesmo depois.

– Como o quê, por exemplo?

– Uma curiosidade, uma confissão, uma história – ele sugeriu, abrindo os braços.

Violet observou os arredores. Próximo deles criaturas pequeninas com longas narinas curvadas e pele avermelhada sobrevoavam. As asas tinham o mesmo formato da de abelhas, mas o ruído que emitiam era muito mais intenso.

– Certo – ela aceitou. – Vamos ver... você sabe por que esses zombos fazem esse som?

– Pensei que era para anunciar estarem prontos para o acasalamento e convocarem as melhores fêmeas.

– Eles estão *sempre* fazendo esse ruído!

– Bem, em um caso desses, se eu fosse um deles também estaria.

Violet riu e voltou a observá-los.

– Esse som sempre foi considerado sagrado, senhor pervertido! As fadas superiores acreditavam que era a forma dos deuses maiores de se comunicarem com elas. O som fala com a alma imortal dos feéricos e tranquiliza os espíritos inquietos. Se zombos apareceram nessa colina, então provavelmente existe algo com que se preocupar...

– Haveria algo com que você se preocupar apenas se o zumbido deles fosse pelo outro motivo.

Violet tinha que admitir que só lhe restavam duas opções: entregar-se àquele papo ou fugir dele. O feérico era firme e sedutor demais para ser ignorado.

– O trato não era você me contar de volta algo que eu não imaginasse que você soubesse?

Ele concordou, em meio a um riso cafajeste.

– Você sabe por que essa colina se chama Bride?

Violet respondeu que não com a cabeça.

– É uma história muito bonita. Bride era uma fada de voz celestial, que costumava serenar para os filhos dos deuses. Um dia, durante a sua serenata começou, repentinamente, a cantar sobre um mundo caótico e aterrorizante. Descreveu uma terra extensa envolta em águas escuras e repleta de monstros que se devoravam. A música era tão intensa, que os que ouviram ficaram assustados e pediram para que ela parasse de cantar sobre aquele lugar sombrio. Mas Bride era uma fada que também cantava para os humanos e acompanhava seus dilemas, então percebeu que havia cantado sobre o futuro deles. E, ao cantar para os humanos, eles não pediram para que parasse e começaram a sonhar com

uma Terra ainda mais bela, em vez de pensar naquele lugar sombrio. Foi assim que Bride decidiu cobri-los com um manto.

– Ela virou protetora da Terra? – questionou Violet.

– Basicamente isso – complementou o jovem. – Quando Bride chegou à Terra, levou consigo a Espada da Luz, a Lança da Vitória, o Caldeirão da Plenitude e a Pedra do Destino com o objetivo de colocar poder, sabedoria, beleza e generosidade no coração dos humanos. O mundo deles encontrava-se em um abismo, onde a vida torturada nascia, crescia e devorava a si mesma sem misericórdia. Ela utilizou seus recursos para reverter isso. Com o espaço limpo, Bride deitou seu manto sobre a Terra, espalhando-o como uma camada prateada, fazendo recuar tudo que estava podre. Todos os humanos ouviram uma suave música elevar-se naquele instante, criando riachos plenos de águas cristalinas, como este dessa colina.

– É uma história de rara beleza...

– Assim como a sua – concluiu o feérico.

Violet não conseguiu esconder a vermelhidão das bochechas.

– É verdade, a sua história também era bonita... – ele complementou, exibindo novamente seu sorriso malicioso.

Ela suspirou, sem entender de onde vinha aquela atração. Quantas vezes tinha sonhado estar sozinha com ele? Lembrava-se de fitá-lo durante as aulas e imaginar qual seria o cheiro do cabelo dele. Apostava sempre em aloe vera. *Ele tem cara de quem passa poção de aloe vera nas madeixas*, disse a Verônica uma vez no Centro de Estudos, em uma passagem da qual já se arrependia. Resolveu confessar tudo a ele, então escutou esta pergunta sair da própria boca:

– Por que está sendo tão amável comigo?

O feérico soltou uma risada sem graça e coçou o coro cabeludo lentamente.

– Sei que parece estranho...

– Pensei que o jogo era você me dizer algo que eu não soubesse que você sabia – ela interrompeu. – É por causa da minha irmã, não é? Ela lhe *pediu* isso?

– Eu compreendo sua reação, Violet! E sim, sua irmã me contou, mas não como um pedido, seria mais uma *consulta*. Ela realmente gostaria de lhe ajudar. E, não sei bem o motivo, mas eu fiquei tocado por saber um pouco mais de você. Então sugeri esse passeio.

– Foi *você* quem sugeriu isso? – ela perguntou, chocada.

– Não deveria?

– É que nós nunca nem nos falamos direito. Você costuma fazer parte de um grupo que me despreza. Eu não sei qual poderia ter sido sua motivação pra...

– Eu sei, e peço desculpas pelo meu comportamento e o do meu grupo, está bem? A questão, Violet, é que você sabe como as fadas “normais” não costumam ter uma mente muito aberta, digamos assim. E você é uma fada *diferente*.

– É um termo para “amaldiçoada”?

– É um termo para *original*.

Violet não engoliu aquilo.

– Você nunca me pareceu ligado em coisas diferentes. Você é quase o cúmulo da perfeição buscada pelos seres mágicos.

O jovem voltou a rir. Ele havia notado o elogio feito por ela.

– Já praticou o rito das colinas? – ele perguntou, cortando o assunto.

– Li em um livro sobre esse ritual, mas nunca tentei. Você já percebeu que não sou muito fã da natureza. Na verdade só vim até aqui por causa da minha irmã...

– E de mim.

Violet voltou a corar e olhou para o lado tentando não mostrar que estava derretida por aquele ser.

– Por que você acha que eu viria aqui por *sua* causa?

– Porque eu sou o único ser de Ablach com um abdômen de dez gomos.

Então Violet ficou quase roxa de vergonha e decidiu com profunda consciência artística que iria esquartejar sua irmã e espalhar os membros por todos os cantos do universo.

– Alguma voz ainda matracando na sua cabeça?

Violet queria dizer que sim, mas a voz que produzia sons incoerentes permaneceu somente na cabeça dela. De súbito, Tyrin girou a varinha de condão para os lados e itens voaram pelo cenário, quase acertando a cabeça da fada. Ela ouviu uma mistura interessante de palavras em latim com a língua natal feérica ecoando pelos ares.

– Eu acredito que temos um grande dever com o universo. Devemos respeitar toda identidade cósmica e as consequências dessa geração extraplanar. E, se temos que aprender a respeitar tudo isso, acredito que os outros alunos precisam aprender a respeitar você.

Havia um nó na garganta dela e uma vontade intensa – *realmente* intensa – de agarrar aquele ser pelo pescoço e avançar nos lábios dele.

– Você está sendo especial – ela finalmente conseguiu botar a frase para fora de sua mente.

Enquanto olhava para os olhos atraentes dele, Violet levantou a própria varinha e fez os objetos pararem no ar. Flores, folhas, pedras, bichos pequenos, frutas e gotas pairaram em uma cena angelical demonstrando do que aquela colina fazia parte. Tudo que era saudável crescia ali. Tudo que era bom habitava ali. E, enquanto ambos olhavam para os itens congelados ao redor, existia uma magia sagrada e velada no local. Talvez fosse aquilo o que humanos sentissem ao descreverem presenças de deuses que não compreendiam. Violet só sabia que por um momento se sentiu abençoada, e mesmo perdoada por todas as encrencas por que já havia passado ou promovido.

Foi assim que andou em passos leves, olhando para ele. Notou gotas de orvalho e partículas de magia ao redor de sua aura e ficou feliz por finalmente ser vista. Ser entendida. Ser respeitada. Parou exatamente a um passo do feérico. Agora era a vez dela mostrar seu poder, os seus encantos.

Quando fechou os olhos para concluir o momento perfeito, ouviu a gargalhada.



- Você está de brincadeira que...
- Não, sem brincadeiras aqui.
- Então tudo havia sido mesmo uma arapuca?

Violet se calou, pensando em como ia contar o resto daquilo.

4

It's bananas!

É demais!

A risada estridente era tão característica, que Violet se arrepiou. Um som de deboche nem tão alto, nem tão baixo. O suficiente para invadir a mente da garota e martelar no cérebro, mostrando o quanto era burra.

Aquele termo parecia ser o mais perfeito para descrevê-la: *burra*.

B
U
R
R
A

Havia *mesmo* se deixado levar por Tyrin? Como ela havia acreditado nisso depois de *anos* sendo humilhada pelas outras fadas da região? Estava aí um bom decreto para a rainha assinar. Fadas eram para serem exclusivamente *boas*! Criaturas do bem, não vingativas e detestáveis como aquela.

Como Bree.

– Então realmente acreditou que o *meu* namorado me trocaria por você?

Violet viu a loira aparecer por entre as árvores, cercada de amigas, levando Verônica presa pelo braço. A irmã fazia um grande esforço para tentar se soltar, pulava e se jogava praticamente como um animal selvagem sendo domado a qualquer custo.

– Isso exigiria uma sensibilidade que pelo visto ele ainda não possui – Violet comentou.

Tyrin a ignorou e moveu a varinha para que os itens flutuantes voltassem aos seus devidos lugares. A expressão dele estava grave e os lábios não passavam de uma linha reta. Violet não conseguia perceber qualquer sinal de arrependimento com a cena.

Não demorou muito para que o jovem guardasse a varinha na presilha do cinto e passasse pela gangue da fada loira sem olhar para trás. Em pouco tempo estava no ar em direção ao centro da comunidade mágica, abandonando Violet e Verônica sozinhas com aquele grupo de desmioladas. Que tipo de feérico era aquele? Violet cuspiu em um sinal contra a má sorte, o que era irônico no caso dela.

– Será que já temos sensibilidade suficiente para você agora? – perguntou Bree encurralando Violet em uma parede de pedra, próxima à colina. A frieza da superfície conseguia gelar ainda mais as entranhas da garota.

A irmã mais velha ainda tentava soltar as mãos, sem sucesso.

– Você está bem? – Violet perguntou para a irmã.

– Não se preocupe comigo – Verônica respondeu. – E desculpe por tudo isso. Eu não imaginava. Juro que eu só tentei ajudar...

Violet sentiu uma grande tristeza lhe invadir ao constatar que, mesmo naquela posição, Verônica ainda lhe entregava toda a paciência, compaixão e compreensão que ela não devolvia como deveria.

– Sabe, Violet, você é uma espécie de *aberração* de Ablach – retomou a fada. – Dizem que apenas a sua presença já atrai infortúnios.

– É o preço de ser popular...

Bree abriu um sorriso irônico.

– Você entende que nós temos de fazer isso, não é? – continuou.
– Nós vivemos em uma sociedade que busca a perfeição e a evolução da beleza. Você causa transtornos ao nosso ciclo de progressão por ser uma anormalidade com que a rainha não teve coragem de lidar.

Violet deu a clássica revirada de olhos.

– E o que vocês pretendem? Me pulverizar?
– Na verdade, ficaríamos satisfeitas em lhe *bani*.
Tanto Violet quanto Verônica arregalaram os olhos.
– Mas isso é um absurdo! – Verônica gritou. – Eu vou...
– Fique quieta! – disse Bree, movimentando a varinha e tirando a voz da fada.
– Ei! – protestou Violet, ao ver a irmã silenciada. – A sua briga é comigo, cara de estátua! Deixe-a fora disso!
– Você quer brigar? – Bree perguntou, apontando a varinha.
Lutas entre fadas portando varinhas também eram proibidas. Continuar aquilo seria dar a elas mais motivos para tentar bani-la. Exatamente o que elas esperavam.
– Está bem, Bree! Eu me rendo – disse, abaixando sua própria varinha. – Você tem razão, eu não tenho como competir com você...
Bree caminhou, alisando sua arma. Violet começou a rir.
– Do que você está rindo?
– Você *realmente* acredita no que está dizendo, não é? Que ter alguma coisa de diferente é um grande transtorno para a ordem geral... e que de fato existe uma ordem das fadas que está sendo perturbada e blábláblá...
– Mas é verdade. Nossa sociedade se baseia em crenças e é capaz de influenciar a existência de outros povos. Somos ligados à perfeição e à boa moral.
– Eu gosto de pensar que a perfeição estragaria tudo – filosofou Violet. – Aprendemos muito com os nossos erros.
– Você deve estar aprendendo muita coisa ultimamente.
– Nem faz ideia... – Violet comentou, observando Verônica.
A fada, ainda amarrada e silenciada, expressou muito em um olhar complacente.
– A perfeição é o objetivo – insistiu Bree. – Primeiro um feérico irá reparar no quanto uma fada segue a energia do comportamento. Depois na harmonia de suas proporções. Depois no poder expandido na direção de sua função na sociedade. Só então ele irá reparar no quanto a personalidade dela é única e singular.

– É quando se decepcionam com você.

A varinha de Bree foi apontada para ela.

– Ao menos não se decepcionam logo de cara, como no seu caso, não é?

– Pode ser, mas quer saber? O resto pode ter sido teatro, mas eu acredito que Tyrin falou sério quando comentou que me admirava por ser original.

Da varinha de Bree um jato flamejante saiu descontrolado, passando muito perto de Violet. *Ela realmente enlouqueceu!* Ameaçar outra irmã de natureza em plena Ablach, agravado com um elemento atípico como fogo, era pena digna de *prisão*.

– Olha aqui, cara de goblin, eu não quero confusão, está certo? Eu posso parar de frequentar os mesmos locais que vocês no Centro de Estudos e nunca mais passo perto de Tyrin (o que, pelo visto, não me faria perder grande coisa). Mas deixa minha irmã ir, por favor.

Bree não parecia tocada.

– “Cara de goblin”? – repetiu, em uma careta.

– Você *só* prestou atenção nisso? – resmungou Violet. – Olha só, ser fada é um *saco*! Sério, nada de emocionante acontece com a gente! Outro dia tive minha primeira experiência como fada do dente e fui obrigada a coletar um dente podre de um menino russo, que sangrava mais do que... mais do que alguma coisa que sangue *muito*. E lá estava eu, tendo de fazer curativo em um garoto, e ele ainda acordou e começou a espernear num idioma que mais parecia maldição do além, acordando a casa toda! Aí eu pergunto: é pra isso que tenho estudado tanto?

Nada disso faz o menor sentido, mas ao menos as chamas estão longe de Verônica, concluiu.

– É verdade! Eu passei por algo assim também – comentou uma das coadjuvantes de Bree, ao fundo, que vigiava Verônica.

– Ei, elas *falam*?

Bree se virou para elas, em uma expressão horrenda.

– Só quando não deveriam!

– Então vocês devem ter bastante coisa em comum...

O lado psicótico de Bree entrou em êxtase no momento em que lançou mais um jato de fogo em direção a Violet. A fada se jogou no chão, gritando. Quando olhou para Verônica, a irmã corria ainda com os braços amarrados, aproveitando a surpresa das amigas de cera de Bree.

Violet correu, antes que outro jato flamejante lhe torrasse. A varinha girou na direção de Verônica e o feitiço de silêncio foi cancelado.

– Violet, por aqui! – gritou a irmã, já correndo por entre a mata. Sair voando seria muito arriscado no momento.

O cabelo púrpuro quase foi incendiado. Um escudo de água foi mentalizado e por pouco conseguiu escapar ilesa quando os elementos se chocaram. Violet correu no encalço da irmã, arfando.

E foi aí que aconteceu.



- Eu posso pedir um copo d’água gelada? – ela perguntou.
- Claro! – ele disse, fazendo um sinal à produção. – Está se sentindo mal?
- Não é bem isso... – ela explicou, recebendo uma nova caneca de água com gelo.

É que a parte mais difícil de lhe contar vem agora...

5

And start getting real

E começa a se tornar real

Árvores. Apenas árvores e mais árvores eram deixadas para trás. Algumas vezes parecia ser possível enxergar vultos brancos, provavelmente animais assustados com a atmosfera diferente do lugar sagrado. A fada não conseguia entender como zombos não a rodeavam, porque estresse e medo tomaram conta de seu ser. Consegui ver o corpo robusto da irmã correndo passos à frente. A varinha nas mãos acendeu a ponta e a corda que prendia Verônica começou a chamuscar. Violet, mesmo sendo mais magra, era uma completa sedentária e preferia mil vezes voar à opção ofegante de correr. Entretanto voar ali não seria a melhor escolha.

Atrás delas, a fada perturbada continuava gritando e rindo pela floresta, caçando-as e queimando a vegetação.

– Ela não se cansa? – gritou a irmã, com a respiração entrecortada. Ela rosou de dor quando a corda lhe queimou os punhos, mas conseguiu se soltar.

– Não sei! Ela parece mais a porcaria de um golem!

O som de passos e gravetos quebrados se misturava aos cochichos vindos do grupo atrás delas. *Será que planejam mais algum tipo de ataque?*, pensou, tomada de pavor. Quando uma bola de fogo lhe jogou no chão, voltou a desejar ter tido coragem de atravessar o véu das dimensões. Tinha certeza de que lá deveria ser um lugar mais pacífico do que aquela dimensão.

– Quer saber? Dane-se o decreto da rainha! Eu não aguento mais... – resmungou.

Foi assim que Violet cometeu uma burrice maior do que ter acreditado em Tyrin. Alcançou a irmã, lhe segurou a mão com uma força inesperada e deu impulso. E então elas voaram, revelando a todos seu paradeiro. *Burra*, ela já havia se chamado, certo? Só pra confirmar.

Fogo! Jatos e mais jatos de combustão tomaram o topo da floresta. Alguns chegaram a atingir a copa das árvores rosadas, alastrando as chamas para outras ao redor em um efeito dominó trágico. O cenário parecia uma festa de fim de ano druida, com muitas cores e *muitas* chamas.

As coadjuvantes de Bree, que nem nomes pareciam possuir direito, também as atacavam, em flamas coloridas que combinavam com a cor de seus vestidos. As irmãs continuaram a voar, tentando chegar a alguma parte povoada. Precisavam chamar a atenção de alguém, fazer com que um único feérico visse aquela situação caótica. Mas onde se encontrava um mísero habitante naquelas terras quando se precisava? Parecia não haver um único ser à vista num raio de quilômetros.

– Sua maluca! Estamos muito expostas agora! – reclamou Verônica. – Estou sentindo o calor do fogo nos meus dedos! Ela vai acabar nos acertando!

– Eu não aguentava mais correr! – Violet retrucou. – Se caísse seria pior, não seria? E maluca é *você* de acreditar que Tyrin poderia se interessar por mim!

Mesmo em plena fuga, voando descontroladas pelo céu alaranjado de Ablach, Verônica conseguiu arranjar energia para sorrir de toda aquela loucura.

– Você não percebeu que tudo isso só aconteceu por ciúmes do quanto *você* anda atraindo atenções?

– Acho que não estou na mesma viagem psicodélica que você!

– Bree está tentando convencer os habitantes da região de que ela seria uma boa candidata à rainha no futuro, e você a tem ofuscado!

Mais uma chama passou perto das duas.

– Que loucura é essa? Está falando de *conspiração* e coisas desse tipo?

– Não, sua tapada! A rainha não possui herdeiros! Pelas leis das fadas, quando for o momento de mudança, outra deve assumir!

Violet teve de voar em zigue-zagues, enquanto a ponta de seus pés queimava cada vez que as pernas balançavam.

– Eu posso me lixar pra política, mas me lembro bem que Ablach em um caso desses escolheria sua rainha pelo poder de *adoração* dela nos outros planos!

– *Exatamente!* E nós somos treinadas para que os humanos nos adorem como figuras distantes! E você *quebra* e ignora esse conceito, se aproximando cada vez mais deles de uma maneira própria! A rainha já a notou e Lyrial odeia você por isso!

– Por *isso* você não me deixou falar com ela? Sério, você definitivamente foi atingida por algum feitiço estranho e começou a deli...

Violet gritou, quando sentiu uma parte do braço que segurava a irmã queimar! Soltá-la, porém, não era uma opção, e mordeu os lábios, aguentando a dor.

– Solte-me, solte-me! – Verônica gritou. – Eu já estou melhor!

– Tem certeza disso?

– SOLTE-ME!

Verônica soltou a mão da irmã com violência e continuou ao seu lado, voando em outro zigue-zague descoordenado. O grupo que as perseguia de repente abandonou o voo e desceu ao solo.

– O que elas estão fazendo? – explodiu Violet.

– Impedindo de serem vistas transgredindo uma lei da rainha, como *nós* estamos fazendo!

Droga, ela tem razão, Violet raciocinou.

– Talvez seja melhor aterrissarmos também! – sugeriu Verônica.

Um jato flamejante saiu do meio de copas, fazendo uma se chocar na outra quando, instintivamente, desviaram.

– Claro! Descer e correr a pé seria uma *excelente* ideia! – disse Violet.

– O pior é que não consigo avistar alguém e estou ficando exausta até de voar!

Violet sentia-se do mesmo modo. Fazia um enorme esforço para continuar batendo as asas, apesar do cansaço, a mente latejava como se agulhas perfurassem a testa por dentro e os músculos trincavam pelo excesso de exercício.

– Me dê a sua varinha! – exigiu Verônica.

– Ah, claro, eu também *te amo*, minha irmã!

– Não é isso! Elas ficaram com a minha! – insistiu.

– Ainda estou achando *adorável* esse momento solidário!

– Eu vou *lhe dar cobertura*, cabeça de vento! Desça, que eu faço isso!

Violet estava realmente chocada com o plano mais egoísta que já vira na vida.

– Certo! Eu lhe entrego minha varinha e devo descer pra enfrentar a pé e *sozinha* aquelas Bruxas de Eastwick?

Verônica não fazia a menor ideia do que ela estava falando, mas resolveu deixar para lá. Abaixo, o grupo continuava perseguindo-as a pé, buscando um bom ângulo para um novo tiro.

– Você pode fazer magia corporal!

– E você pode ir para o...

– Olha o respeito com os mais velhos! – resmungou Verônica. – Você é a melhor praticante de feitiços corporais que eu conheço. Suas notas são mais altas até mesmo do que as de Bree ou Tyrin! Por que não conseguiria agora?

Violet se perguntou a mesma coisa. *Por que não agora?* Aquela era a chance de extravasar uma frustração acumulada durante anos. Mas daria conta de mais de uma adversária de uma vez? Começou a pensar em formas de quebrá-las como um grupo. Magia negra? Sem chances, isso seria baixo até para se utilizar contra Bree. Logo uma ideia surgiu. *E se as envolvesse em um escudo?* Se fosse capaz de imobilizar Bree até que autoridades vissem seu estado psicológico, ao menos aquela perseguição acabaria.

– Minha irmã, tive uma intuição! Preciso que segure novamente minha mão e preciso que confie em mim. Você me ajudaria?

Não foi necessária uma resposta. A segurança transmitida no aperto de mão dizia tudo e a fada sabia que no final do dia só

existiria sua família ao redor. Então, mesmo com o caos, a ardência do fogo esporadicamente lhe machucando a pele e o suor lhe escorrendo pela espinha, ela fechou os olhos e ficou tranquila.

Nada.

Não se ouvia mais um único ruído. O fogo parecia um elemento amigo. O corpo gelou. Tudo se tornou um vazio. Um nada.

E nada era perfeito.

Quando uma fada esvazia a mente e foca em apenas coisas boas, reações benéficas acontecem e desejos são realizados. Violet mentalizou uma barreira grande o suficiente para protegê-las.

– Um escudo é o que eu peço. Um escudo é o que eu quero. Se me despeço, viro cinzas, e, se espero, viro inquieto. De silêncio eu vivo e é assim que sorrio. Deuses me deem a benção. Deuses me deem a compreensão.

Um momento de espera.

E *nada* aconteceu. Chocadas, ambas constataram que a magia simplesmente não funcionou para o desespero de ambas, e Bree começava a melhorar a mira.

– Estamos perdidas! Estamos perdidas!

O desespero de Verônica aumentou o de Violet, decepcionada pela falha. Sempre foi boa em magia corporal e havia recitado tudo direitinho. *Por que não funcionou? Por quê?* Será que Bree já tinha se precavido e bloqueado qualquer tipo de proteção? Mas esperança ainda existia. A paisagem mudava e agora eram visíveis os topos das casas brancas, uma boa parte do castelo da rainha e todas as árvores mágicas do centro de Ablach. Poderiam estar salvas.

– Não sei se ainda vai querer me ouvir, mas tive outro plano – disse. – Bree vai começar a ficar desesperada. Ela perceberá que o limite do centro está próximo. Precisamos usar isso a nosso favor.

– Mas como? Nem adianta me pedir para usar feitiço de magia corporal. Se fosse para criar uma poção do sono eu faria sem o

menor problema, mas outros tipos de feitiço passam longe da minha zona de conforto!

– Sem feitiços! Precisamos apenas nos separar. Cada uma ir para uma ponta da cidade o mais rápido possível. Isso vai dividir o grupo. Podemos ter uma vantagem nessa hora.

– Não sei se é uma boa ideia...

Violet revirou os olhos.

– Já vi você montando em grifos, dominando poções e enfrentando psicóticas que já mexeram comigo. Eu *sei* que vamos conseguir!

Verônica apertou os lábios e voou de súbito em alta velocidade para o lado esquerdo. Violet jogou todo o equilíbrio do corpo para o lado direito, rezando para todos os deuses para que Bree se confundisse o suficiente e *a escolhesse*.

O que ela pretendia? Assustá-la? Isso a fada perturbada havia conseguido. Mas e daí? Se o objetivo fosse realmente machucá-la, temia as consequências em Ablach. Existiam muitas que bajulavam sua descendência, mas o importante era manter-se viva para explicar tudo aquilo.

– Foquem na violeta maluca – esbravejou Bree tão alto que Violet pode ouvir.

Pelo menos isso, pensou.

Poucos quilômetros até chegar ao limite e cruzar a barreira invisível que soaria um alarme escandaloso, quando o transpassasse em um voo proibido. Seria outra encenação, outra das *grandes*, mas valeria à pena. É melhor do que morrer, não?

– Você acha *mesmo* que vou lhe deixar escapar? – perguntou Bree aos berros, já descabelada com toda a correria. As outras fadas já haviam ficado para trás, sem o mesmo fôlego e a obsessão da líder.

– Me deixe em paz, por Morgana!

Alguns metros antes de romper a barreira, alguns habitantes visualizaram sua figura em alta velocidade. Teve a sensação de que a irmã já teria entendido sua *trapaça* naquele plano um tanto

arriscado. *Bree vai desistir, ela vai desistir, ela tem de desistir!*
Perto, tão perto.

Mas Bree não desistiu.

A última coisa que Violet viu foi fogo. A última coisa que sentiu foi dor. Depois tudo se tornou vazio.

E mergulhou na escuridão.

– Eu gostaria de entender o que aconteceu nessa região – anunciou a diretora do Centro de Estudos Mágicos, responsável pelos atos de alunos ainda sob sua tutela.

Violet ouviu esta frase em um eco distante no fundo da mente, com um som de choro ao fundo. Sentiu um toque de carinho na mão esquerda. Percebeu a presença de muitas pessoas, inclusive de conexões mais fortes como a da mãe e das irmãs. Já sabia que a diretora estava presente, mas ainda existiam duas energias diferentes. Ambas sábias, contudo, completamente distintas.

Saco! Acho que chamaram a rainha!

– A transgressora precisa acordar para se explicar sobre *como* se atreveu a atravessar em alta velocidade os limites da barreira de proteção e *como* teve a ousadia de usar fogo em um feitiço!

Um suspiro foi sentido no coração, tentando rebobinar os últimos acontecimentos. Dor. Finalmente o cérebro terminou de processar tudo que acontecia no seu interior e ao redor do corpo. Sentia uma dor absurda em um ponto da asa aberta encostada no colchão de penas. Assimilou que no final Bree conseguiu atingi-la com o feitiço. Tinha medo se aquilo significava algo pior. Será que voltaria a voar? Por que tanta dor se já estava na Ala das Bênçãos, lugar reservado para feéricos doentes?

Mesmo desejando reclamar, preferiu ficar quieta ainda no estágio de sonolência. Diante do medo de abrir as pálpebras e dar de cara com a fúria da generala, preferiu esperá-la sair do local, antes de mostrar que estava consciente. Ainda não acreditava que havia sido atacada em plena luz do dia em uma dimensão como

Ablach. Ali não era o planeta Terra ou a dimensão dos gnomos. O que tinha passado na cabeça de Bree?

Fadas não se metem em embarços, repetiu mentalmente o lema da mãe antes de entrar em um sono profundo.

Teve um sonho estranho. Nos poucos instantes em que conseguiu cochilar sentiu a presença sábia da rainha ao seu lado. Antes de acordar ouviu um sussurro.

“Siga o seu coração.”

Junto com a mensagem, veio a imagem de sua mãe deixando um medalhão prateado na mesa ao seu lado. Coisas muito confusas para a mente ainda cansada da feérica. Tinha quase certeza de que a rainha Morgana a havia direcionado para algum lugar.

Só não sabia ainda para qual.

Decidiu abrir os olhos, encarar os indivíduos e lidar com aquela dor incessante.

– Realmente é uma surpresa a cada semana – disse Victória, ao perceber a desordem.

– Eu já disse que não foi culpa da Violet! Quantas vezes preciso repetir? – gritava Verônica, quase chorando.

– Quantas vezes forem necessárias para você parar de acreditar nisso...

De repente a mãe se deu conta de que Violet havia despertado, e imediatamente perguntou:

– Filha, você está bem?

Violet demorou a conseguir mover a boca. Num primeiro momento, não conseguiu mover os músculos, como se tivesse engolido concreto. Depois sentiu o gosto amargo de sucos ácidos do estômago, deixando-a enjoada.

– Por que minha asa dói?

O silêncio tomou conta do lugar depois desta pergunta. Verônica parecia ter sido a única a não ter dúvidas.

– Porque ao alcançar a barreira foi atingida por um último golpe da Bree e a infeliz conseguiu lhe acertar.

– Verônica, nós ainda não sabemos se...

– Estou falando a verdade! Violet foi atingida por outra fada com um feitiço ilegal e ninguém está preocupado com isso. Na verdade, não veem a hora dela acordar para culpá-la de tudo. Não é mais uma tentativa de chamar atenção como pensam. Eu estava lá!

– E viu dois dos feéricos mais respeitados da juventude mágica se rebelarem contra ela sem motivo lógico... – acrescentou Vicky.

Aquilo preocupava a fada violeta. Se Vicky, que era uma irmã tão chegada, estava agindo daquele jeito, a diretora teria uma reação ainda pior, e talvez não houvesse salvação perante a rainha. Seria presa nas Masmorras dos Sussurros, privada dos poderes e viveria até o fim dos dias sozinha na escuridão.

– Vou conseguir voar? – questionou Violet, preocupada.

– Nossas asas são tecidas de fios de energia cósmica – explicou Valquíria. – Cada tipo de energia emite uma coloração de acordo com sua função e característica. O fogo do suposto feitiço deu uma espécie de curto circuito nos fios da ponta de sua asa. O elfo curandeiro fez tudo que pôde, mas infelizmente esse tipo de restauração é impossível. Você conseguirá voar, mas não tão alto como antes. Também não terá mais coloração nesse ponto.

– Vou ter um *rombo* na minha asa? – perguntou desesperada.

– Na verdade, uma área mais transparente – intrometeu-se Verônica, segurando a mão da irmã e a olhando profundamente nos olhos. – Minha irmã, temos coisas piores com que nos preocupar. Lyrial não está gostando do que estou falando.

Violet entendeu. Pediu licença para a família, na tentativa de encontrar uma solução para todo aquele dilema. Outra vez sentia-se injustiçada nesta dimensão. Talvez fosse *mesmo* a hora de desaparecer. Colocaria a irmã em encrenca se continuasse acusando Bree de tê-las atacado. Ninguém acreditaria nela e isso seria mais um motivo para zombarias. Mesmo Vicky já não acreditava. A mãe estava aflita, mas logo iria entrar no modo mandona e descontrolada. Agora que havia acordado,

provavelmente seria julgada pela rainha. Qual era o sentido de tudo aquilo?

Bree havia conquistado o que queria. A raiva foi tomando conta de Violet e se tornando mais intensa. Não, não traria mais problemas. Não apodreceria nas Masmorras do Sussurro. Iria encontrar um lugar para brilhar. Esperaria a meia-noite. Iria novamente ao Véu das Dimensões e juntaria toda a coragem que conseguisse.

Quando o horário chegou, aguardou o elfo curandeiro ir descansar e pegou as mochilas cheias de itens preciosos que, por sorte, as irmãs haviam trazido para ela. Tinham levado roupas e pertences para agradá-la e também para se trocar durante os dias de recuperação.

Só que não iria esperar se recuperar.

Precisou agir.

Antes de deixar a ala, viu algo brilhante na mesa de cabeceira e reparou que se tratava do mesmo medalhão que havia visto a mãe colocar naquele ponto no sonho. Como uma forma de recordação de um mundo que queria deixar para trás, colocou-o na mochila. Então voou com toda a energia que restava, chegando ao local no tempo planejado. O véu transpareceu quando o tocou, e já não tendo mais medo, sentiu-se *chamada* para o outro plano.

Se sou um estorvo por aqui, sei de um lugar em que não seria, ela se lembrava de ter dito uma vez.

Minutos depois tudo brilhava.



Mesmo com toda a tensão do momento, o programa foi interrompido pelo intervalo comercial. Existiam patrocinadores malucos pela audiência que Violet proporcionava, eles pagavam o minuto mais caro da história da televisão mundial até ali.

Ao voltarem com a entrevista, Dennis Papperman comentou:

– Essa Bree parece uma pessoa muito interessante. Acho que ela seria uma boa comentarista de televisão.

A plateia riu. Violet também.

– Só se falássemos de sensacionalismo.

– Tem razão. Não haveria lugar na televisão para ela...

O público voltou a rir.

– Se Bree puder nos assistir em sua bola de cristal, balde de água ou seja lá o meio utilizado em Ablach para assistir a alguma coisa, como você se referiria a ela? Eu pergunto isso porque aqui nós temos o termo *troll* para pessoas como ela, embora troll para você deva ser literalmente o monstro grande, verde, com orelhas gigantes, não é?

– Claro que não! – ela riu. – Trolls não são verdes... – acrescentou em tom de piada, mantendo os risos da plateia.

– Mas, se ela estivesse vendo, o que você diria pra ela? *Violeta maluca é a mãe?*

– Não, vocês têm por aqui uma expressão melhor para isso.

– Sinta-se à vontade...

Violet olhou para a câmera.

– Bree, ei, Bree! Sério *mesmo*? – e sorriu. – *Bitch, please!*

A plateia gargalhou e as mulheres aplaudiram com vigor.

Violet enfim se sentia em casa.

6

It's going to be legendary!

Será legendário!

Viu apenas pontos apagarem e acenderem lentamente, lembrando partículas de feitiços flutuando. O resto era um esfumaçado esquisito que ainda não conseguia identificar. Depois vieram as vozes vindas de todos os lados, de diferentes dialetos. Chegou a acreditar que havia mentalizado o lugar errado, mas aos poucos o cérebro voltava a funcionar e lembrava que aquela raça possuía diversos idiomas. Então foi deixando as orelhas pontudas acostumarem-se com o burburinho engraçado de tons graves e agudos em diversas alternâncias em espaço tão curto de tempo. A grande variedade de cheiros também chegara às narinas, invadindo os pulmões, muitos nunca sentidos antes. Identificava cheiro de gordura, fumaça, perfume, lixo e flores. Tudo em uma única respiração, em um único momento que provavelmente lembraria para o resto da longa vida. Para finalizar, foi atingida por empurrões. A forma como o corpo era levado pelos outros que passavam ao redor e não se importavam com a garota de aparência exótica, teletransportada para o meio da Calçada da Fama, sem que ninguém houvesse notado. Ninguém exceto um pedinte com barba tão longa quanto aquela calçada, encostado em um dos cantos do Teatro Chinês, esfregando os olhos imundos múltiplas vezes.

– Posso fare una foto con te? – perguntou uma jovem, em um idioma que Violet jamais havia escutado.

Diante da falta de reação, a menina se aproximou dela, enquanto um rapaz piscou um flash de um aparelho quadrangular.

O piscos irritou os olhos de Violet e a fez ver pontos brilhantes.

– Grazie! – agradeceu, deixando nas mãos de Violet uma nota de cinco dólares.

O curioso era que, por mais que Violet fosse um ser considerado sobrenatural naquele plano, a aparência singular não era algo extravagante em uma cidade como aquela. Seus olhos percorreram a reta no chão a sua frente, e depararam-se com a calçada de quase seis quilômetros de mármore terrazo. Aquele era o brilhoso céu de estrelas do coração pulsante da cidade de Los Angeles.

A vontade era de abrir os braços e movimentar-se em círculos até ficar zozza e ver uma mistura de cores do cenário ao redor. Sonhou que ainda teria um espaço naquela constelação, mas faria igual a Muhammad Ali e não permitiria que alguém pisasse em seu nome. Seria ovacionada no Kodak Theatre e viveria eternamente no local onde o Oscar era celebrado.

Los Angeles era conhecida como a Cidade dos Anjos.

Em breve, seria também a cidade das fadas.

A zozzeira foi passando, e o ambiente não se encontrava tão tumultuado como poucos minutos atrás, então ela podia respirar com mais calma. Deu sorte de ter pensado em recolher as asas antes de atravessar o véu. Ela havia treinado muito para executar aquele tipo de magia, mas olhando ao redor percebeu que não teria feito tanta diferença. Via humanos fantasiados de seres estranhos por todos os lados, de homens magros com collants apertados e antenas a mulheres com perucas maiores do que as cabeças. O que seriam asas no meio *daquilo*? Ninguém ficaria assustado? Uma fada havia acabado de pousar na Terra, na rua mais artística do mundo, e todos apenas passavam reto. Aquela não era as boas-vindas que esperava.

Um frio no estômago começou a incomodá-la. O medo e a insegurança finalmente chegavam ao seu estado de espírito.

Tentava lembrar os milhares de planos criados nos últimos anos, mas nada vinha à cabeça, e o desespero começou a tomar conta. Depois de levar mais alguns empurrões, decidiu que tinha que sair dali. A magia da Calçada da Fama parecia ser mais encantadora no papel ou na TV. Estando lá ela percebeu que existiam mais turistas desligados e moradores de rua mal cheirosos do que propriamente estrelas de cinema. Aquilo acabava com qualquer glamour. Como iria fantasiar que era uma celebridade reconhecida entre as galáxias com cheiro de peixe e pessoas tentando levar suas malas?

– *Ok, eu estou pronta para o meu close up...* – disse para si mesma, como se a frase fosse um lamento.

Percebeu que usava roupas muito claras para a ocasião, mas pelo menos estava de casaco. Vestia uma saia creme de pregas dois palmos acima do joelho, uma blusa bege de seda mágica com cinto em uma tonalidade um pouco mais escura e um casaco quase marrom do tamanho do comprimento da saia, com lapelas compridas e um tecido grosso vindo das terras dos gigantes. Numa tentativa de esconder o cabelo, havia colocado um chapéu vinho combinando com o sapato alto no estilo boneca, que não era o ideal para a ocasião.

Os braços doíam por carregar a bolsa e duas malas, e precisava achar um lugar para se hospedar. Por sorte, as irmãs haviam levado seu baú para a Sala de Bênçãos, e nele havia uma boa quantidade de moedas estrangeiras que ganhava de presente das fadas que frequentavam a dimensão dos humanos. As adultas gostavam do estilo irreverente de Violet, então lhe davam presentinhos como roupas, acessórios ou algum dinheiro. No final, descobriu que as fadas tinham muito acesso ao dinheiro humano. As do dente então faturavam horrores e praticamente não tinham com o que gastar. A fada violeta ficou feliz ao ver que existia utilidade para as notas verdinhas e moedas metálicas.

No meio do turbilhão de sentimentos, notou um ronco tão alto que teve vergonha de olhar para a pessoa que estava ao seu lado. O estômago tanto urrava pela fome, que cogitou perguntar para as pessoas onde encontraria mel de zombos ou raízes de plantas

aquáticas. Queria algo que a sustentasse como um batido de canela, mas aos poucos foi se acostumando com a ideia de que tais alimentos seriam difíceis de encontrar na Terra. Essa era uma parte em que não havia pensado bem. Como iria sobreviver se não havia ovos de grifos e pétalas fritas para comer? Sabia identificar algumas comidas humanas, entretanto, nunca as havia experimentado.

Certas pessoas ao redor começaram a lhe dar medo. Alguns olhares começaram a cair sobre ela e, principalmente, sobre seus pertences.

Logo um cheiro, enfim convidativo, fez o peito e o estômago explodirem de felicidade. Algo parecia bom. Existia comida apetitosa que poderia lhe agradar. O cheiro vinha do outro lado da rua e era tão gostoso que Violet quase esqueceu seus pertences ao seguir a onda de sabor.

Deparou-se com um local envidraçado com muitos homens na entrada e um grande logo laranja com a palavra “Hooters”.

Estou no lugar certo, pensou, ao ver a figura de uma coruja no símbolo do estabelecimento. Toda atrapalhada, carregando um grande peso nas mãos, Violet foi se espremendo entre os rapazes parados na porta. Em pouco tempo, uma mulher loira de roupa curta e sorriso exemplar foi recebê-la, confundindo-a com mais uma mochileira estrangeira de férias em Los Angeles.

– Bem-vinda ao Hooters! Venha comigo, querida! Não vou deixá-la sozinha nessa fila – comentou a funcionária, que lembrava uma versão animada da boneca Barbie que eles tanto amavam.

A fada resolveu simplesmente segui-la.

– Está assustada? A América parece muito mais calma na TV, não é? Bem, meu nome é Cindy e hoje vou atendê-la!

Violet ainda estava em choque com tudo aquilo. Agora se encontrava em um local movimentado, de paredes e móveis de madeira clara e uma decoração alaranjada, cheio de pôsteres. Tudo a assustava ali, desde o uniforme das atendentes ao cheiro gostoso da comida. O vestuário era atípico para uma fada acostumada com trajes longos e esvoaçantes. Tudo bem que ela

gostava de quebrar regras em Ablach e vestir roupas apertadas para chamar a atenção, mas não *daquele* jeito...

Além disso, *todas* as atendentes eram perfeitas. Per-fei-tas!

Os cabelos eram escovados de uma forma que as deixavam parecendo princesas encantadas. Os corpos eram curvilíneos, de coxas grossas e comissão de frente gigantesca. Falando nelas, aliás, a região peitoral das meninas era destacada por regatas brancas com o nome do estabelecimento em destaque. O efeito dos dois "os" da palavra era primordial. Simplesmente não parecia ser possível olhar para outro lugar. Também vestiam microshorts laranja do estilo "sim-cheguei-e-daí", que chamavam a atenção da legião masculina de clientes.

Elas eram lindas. Violet, porém, sabia que em Ablach seriam discriminadas e pediriam para aumentar o comprimento dos shorts e cobrir a região dos seios. Mas *aquela* é que era a graça. Para que tampar se o objetivo era exhibir? E a comida? Que cheiro divino era aquele? Em Ablach não havia odores daquele tipo. Parecia ser de gordura, porém, era um tipo de gordura atraente. Agora percebia que os humanos realmente se divertiam.

Pegou o papel duro que havia sido entregue por Cindy e começou a observar as diversas imagens chamativas de pratos prontos. Era a primeira vez que pedia uma comida específica. Em seu mundo existiam alguns itens necessários para a alimentação, que deveriam ser consumidos com o objetivo de nutrir o corpo. Simples assim. A rainha possuía uma equipe que selecionava a alimentação de toda a comunidade mágica, mas era *muito* mais legal escolher o jantar por fotos bonitas. Ainda mais quando o ambiente mostrava-se tão amigável. Tão *laranja*. Tudo parecia suculento. Existiam pratos verdes como os de Ablach denominados "saladas", que tinham partes coloridas e líquidos pastosos por cima. Perguntava se era leite vindo de algum animal ou seiva de árvore jogados sobre a alface nas fotos. Todas as tais *saladas* pareciam apetitosas, contudo, reparou que quando as pessoas as pediam não olhavam tão empolgadas como os clientes que tinham coisas estranhas no prato. Também percebeu que o cheiro não era o mesmo. Queria algo como o que os rapazes ao redor pediam. Só

que não pareciam tão empolgados com a comida quanto com as partes não cobertas das atendentes.

Ainda viu uma área de aperitivos como porções de minicoisas de todos os tipos. Era sério! Havia miniporção de coisas redondas, compridas, achatadas, gordas, claras, escuras e parecia que cada uma delas era feita de algum tipo de planta ou animal diferente. Procurou pela tal da batata frita, tão comentada nas revistas de dietas como o pecado da gula. Acabou se decepcionando ao ver que *não* constava no cardápio. Qual o problema do Hooters? Violet sempre leu que se existiam duas coisas que *sempre* se encontrava nos Estados Unidos: batatas fritas e hambúrgueres.

– Hum! Hambúrger!

Havia toda uma parte do cardápio reservada para hambúrgueres e outros sanduíches. *Seja lá qual for a diferença entre eles*, pensou. Mas ainda não sentia o cheiro especial que a havia levado até aquele lugar. Não descansaria até descobrir de onde vinha o rastro tão convidativo. Foi nesse momento que a fada notou as asas de frango no cardápio e como eram idênticas aos pratos servidos ao redor. Aquele aroma de gordura boa só podia ser de frango frito, e como estava sendo servido em abundância, era impossível não se sentir tentada a dar uma mordida naquela pele dourada, mergulhada num molho que o cardápio dizia ser de parmesão com alho. Sabia que parmesão era um tipo de queijo e também queria muito experimentar o sabor. No cardápio havia o desenho de pequenas chamas indicando a quantidade de pimenta que poderia ser escolhida. Precisava implorar para Cindy não colocar aquilo em seu prato. Já estava cansada de fogo. Ainda mais em asas. Teve sua cota para a vida toda.

– Pronta para o pedido? – questionou a atendente, ainda com a simpatia característica. Violet estava, só que havia apenas um problema. Ela era uma fada, um ser de vibração superior em relação ao plano físico. E estava prestes a comer *carne* de um animal. Aquilo iria contra qualquer princípio de Ablach. Chegou a pensar em desistir de experimentar aquilo tudo.

Mas aquele cheiro a invadiu de novo.

– Esse aroma divino é *mesmo* dessas asas de frango? Estou enlouquecendo tentando descobrir!

A loira gargalhou mostrando dentes brancos impecáveis.

– É, sim! Somos famosos por esse prato. Poderia lhe indicar as asinhas sem ossos? Acho que irá gostar mais.

A garçonete até se assustou com a careta feita por Violet. O choque da informação foi muito intenso para a fada violeta.

– A galinha não tinha OSSOS? *Como* ela conseguiu andar? Tipo uma geleia, fazendo splash, splash, splash? – perguntou, fazendo uma simulação bisonha com os braços do que seria... bem... uma galinha sem ossos andando.

Cindy engasgou em uma mistura de gargalhada com susto. *Só pode ser de algum país de terceiro mundo*, pensou a atendente.

– Na verdade, não são bem *asas*. São pedaços de frango no formato de asas. Nesse caso ajuda na hora de comer.

– Então por que não chamam de *pedaços de frango*? É tão menos horripilante...

– Porque os clientes gostam de asinhas desossadas. Moça, não sou eu que crio o cardápio, mas se quiser posso chamar meu gerente para você. Estou aqui para ajudá-la.

Violet ainda não conseguia entender o raciocínio dos humanos. Se ela fritasse sua asa resultaria em asas de fada frita. Se ela tirasse os fios de energia dela, não existiria asa, então não teria asa de fada frita. Não fazia sentido.

– Pode me trazer essa asa que não é asa e... bem, o que é isso?

Cindy olhou de esguelha para ela, achando se tratar de uma piada. Quando percebeu a expressão séria, questionou:

– Você não sabe mesmo o que é uma Coca-Cola?

– Desculpe, não é algo popular de onde eu vim...

– Nossa, você deve ter vindo de outro planeta então.

Ela teve de rir.

– Mais ou menos isso.

Ah, Los Angeles, a garçonete pensou.

– Ok, querida, eu vou lhe trazer uma. Tenho certeza de que hoje sua vida vai mudar...

Uma hora depois já estava com todos os dedos e lábios engordurados, como dotados de uma camada de gloss saliente. O estômago não roncava mais, só que agora doía. Violet havia comido como se não existisse um amanhã. O gosto do frango, mas, principalmente, da pele tostada e dourada, era mais saboroso do que imaginava. Decidiu que poderia viver daquilo *para sempre*. Já não se arrependia de ter cruzado a barreira das dimensões.

Os humanos são MUITO mais felizes e mal sabem disso, concluiu.

E a tal da Coca-Cola? A fada quase teve um ataque com a *sensação* que aquela água preta transmitia. As bolas de gás faziam cócegas no céu da boca enquanto sentia o frescor descendo pela garganta viscosa pelas asinhas. Dormiria feliz com aquela festança.

Só que existia mais esse empecilho: onde dormiria? A decisão tinha sido tão inesperada, mesmo que preparada por anos. O problema era que ela não sabia realmente que um dia teria coragem de ir para Terra. Sabia que com sua inteligência conseguiria se formar sem problemas e acabaria sendo algum tipo de fada útil. Ao contrário da mãe, iria tentar visitar os humanos o máximo possível, mas não tinha a certeza de que moraria nos Estados Unidos, muito menos que seria uma habitante da mágica cidade de Los Angeles.

Viu pela janela que a noite ficava mais intensa. Um breu tão grande tomava a cidade, que chegava a ser assustador, enquanto pontos luminosos se acendiam pelos quadrados nos prédios de concreto. Os homens ao relento na calçada não a deixariam em paz se não achasse um local para dormir e guardar suas relíquias. Também não sabia do paradeiro de nenhuma fada em atividade, mesmo as suas conhecidas fadas dos dentes que deviam estar circulando pelo mundo dos humanos realizando seu trabalho com as crianças desdentadas. Estava realmente sozinha em uma cidade gigantesca.

– Vejo que gostou das asinhas! – comentou satisfeita a garçonete.

– Muito! Aliás, eu posso *mesmo* comer isso todos os dias por aqui?

– Bem, pela lei você pode... – a menina brincou. – Mas isso depende se você quer entrar nessa roupa que estou. Se for esse caso, provavelmente não.

Cindy riu, mas a fada não entendeu a piada.

– Já trago a conta para você. Vai ser em dinheiro ou cartão?

Cartão? Como pagaria qualquer coisa com um cartão? Nunca tinha lido algo sobre isso. Aliás, o que diabos era um *cartão*? Para ela um cartão era um pedaço de papel, assim como dinheiro. Qual seria a diferença?

– Dinheiro mesmo.

Aquela parecia ser a resposta lógica.

Violet separou as notas um pouco amassadas e pagou a conta. Percebeu que havia exagerado e, se não descobrisse um modo de conseguir mais dinheiro, logo as notas que havia colecionado ao longo desse tempo acabariam. Se fadas atraíam moedas brilhantes, então tinha chegado a chance de provar isso o mais rápido.

– Espero que tenha gostado de sua experiência.

– Posso perguntar uma coisa? – questionou Violet.

A garçonete a encarou curiosa. Aquela havia sido a cliente mais divertida e ao mesmo tempo *diferente* que servira naquela noite. Provavelmente não ouviria uma pergunta muito normal.

Violet voltava a encarar os seios da mulher, ainda abismada com o tamanho daquela comissão de frente. *Por Morgana, qual será o peso disso?* Só que Cindy percebeu e ficou constrangida com a situação, sussurrando um “claro”.

– Se eu lhe der mais algumas dessas notas, posso dormir com você?

Na mente da fada a pergunta fazia todo o sentido, contudo, pela reação da garçonete, na da mulher nem tanto.

– Olha, menina, isso aqui é um lugar de diversão, mas é um lugar de respeito!

Todos os clientes olharam para Violet, abismados com a reação da atendente. A fada, sem compreender, continuou sentada olhando para o rosto da atendente, que espumava de raiva. Os outros já imaginavam o motivo.

Só havia uma coisa capaz de tirar uma Hooter do sério.

– Vou chamar o meu gerente *agora!* Eu estou trabalhando, ouviu? Trabalhando! Que absurdo!

Ainda constrangida com a situação, Violet percebeu que dois homens se aproximavam dela. A melhor coisa seria sair do local. Havia ofendido de alguma forma a atendente, que estava sendo tão simpática, e todos a olhavam como em suas aulas de magia. Encaravam-na como um ser desprezível, enquanto mais uma vez ela se perguntava o que havia feito.

– Senhorita, por gentileza queira me acompanhar... – disse um dos homens, com a cara fechada.

– Claro – disse Violet, ainda inocentemente. E, virando-se para a garçonete pela última vez, concluiu: – Desculpe se a ofendi de alguma forma! Não era minha intenção! Eu realmente gostei do seu Hooters!

– Senhorita! – o homem voltou a engrossar a voz, enquanto a garçonete saiu balançando a cabeça com uma das mãos na cabeça, como se dissesse “eu mereço...”.

Toda a alegria sentida por comer as deliciosas asinhas havia desaparecido. Voltava a tristeza sentida quando atravessou o véu. Forçada a sair do estabelecimento, Violet resolveu andar até encontrar algum tipo de lugar para dormir pelo menos aquela noite. Sentia-se exausta e o estômago ainda doía, em parte pelo excesso de comida, em parte pela reação inusitada da garçonete diante da simples pergunta. Questionava-se se todos os humanos eram daquele jeito.

Pisar na Calçada da Fama acabou sendo, no final, uma forma de aprendizado: pelo caminho, lendo os nomes dos homenageados e suas áreas de atuação, notava quantos tipos de estrelas existiam somente na área artística terrestre. Em Ablach ou você era um *pic-pop* ou não. Simples e chato assim. Você não podia só se destacar em um talento específico. Deveria vir com o pacote completo;

então, não se podia ser somente carismática, por exemplo, também precisava ser habilidosa, bonita, carinhosa etc. Violet não tinha chance em um sistema como aquele, mas no humano ela possuía grandes chances. Poderia desfilas, cantar e atuar. Pensar em todas essas possibilidades faziam o humor melhorar um pouco.

Continuou andando pelas ruas pouco iluminadas pelos postes e painéis luminosos de estabelecimentos, como o Hard Rock Café. Passou pelo teatro Kodak e segurou-se para não entrar. O momento em que entrasse no teatro pela primeira vez precisava ser histórico. Não o perderia por uma visita a um local escuro e fechado.

Por fim, acabou encontrando em um lugar vagabundo com uma placa que dizia ALBERGUE. ALUGA-SE QUARTO. Sentia medo do desconhecido. Não estava sendo tratada como uma princesa. Mas não perderia as forças.

Sem problemas, Violet, é sempre assim, sussurrou encolhida em um cobertor. Os contos de fadas na Terra sempre começam com histórias assim...



Dennis Papperman estava vermelho de tanto rir.

– Você perguntou *mesmo* para uma Hooter se ela a deixaria dormir com ela em troca de algumas notas?

O público se animou.

– Eu era um ser inocente, poxa! Vocês, humanos, que são maldosos! Eu não queria fazer nada de errado!

– Mas você não fez absolutamente nada de errado! Eu acho que seria justíssimo, aliás, se você pudesse dormir com uma Hooter! – o público voltou a rir. – Inclusive, eu mesmo pagaria para ver isso!

O público gargalhou.

– Dinheiro por aqui é sempre um problema, não é? – ela perguntou, aceitando as piadas.

– Só para quem não tem... – Papperman respondeu, mantendo a graça. Depois emendou, mais sério: – Mas, na verdade, em nossa sociedade a falta de dinheiro traz alguns problemas. A presença de muito dinheiro traz novos problemas.

Violet concordou.

– E você aprendeu a lidar bem com dinheiro? – Papperman perguntou.

– Você quer *mesmo* saber sobre isso, é?

7

Welcome to the dark side

Bem-vindo ao lado negro

O dinheiro estava quase acabando, e ela só se deu conta quando pegou o antigo bolinho de notas percebendo que não havia mais tantas das *verdinhas*. Havia pago antecipadamente por uma semana de hospedagem e precisava descobrir uma forma de sobreviver no mundo humano. Contudo, não saía do quarto há dois dias. Aquilo começava a preocupá-la e não só a ela. Violet notou que os donos do local rondavam a porta para saber se estava viva. Não era para menos. Uma jovem revoltada de cabelos violeta havia alugado um quarto duplo e não havia aparecido mais na recepção. Ela havia de concordar que aquilo era muito estranho. Provavelmente já cogitavam uma série de possibilidades trágicas, comum em locais e circunstâncias como aquela. Em Ablach todos também deveriam estar em pânico. Mas a fada não se importava. Não tinha forças para sair daquela cama e ponto.

O quarto do albergue se resumia a um minúsculo banheiro, uma pia encardida, uma cama pequena demais para um casal, paredes beges rachadas e com infiltrações quase que de ponta a ponta e um televisor de mais de 50 anos com enormes botões do tamanho de uvas. O banheiro era descrito como pequeno no painel do albergue, e quando Violet o bisbilhotou entendeu, pois o vaso sanitário e a ducha fria compartilhavam o mesmo metro quadrado. Era possível esbarrar na porcelana enquanto se enxaguava. Só que nem disso Violet havia usufruído durante a estadia. Fadas não

tinham o sistema urinário como o dos humanos, aliás, todos os órgãos funcionavam de forma diferente. Ela ia ao banheiro uma vez por semana, algo muito mais prático.

Violet havia realmente ficado jogada em estado vegetal em um colchão duro que faria qualquer humano chorar de tristeza. Aparentemente, toda a energia fora gasta ao atravessar as dimensões. Além disso, manteve as asas recolhidas por um tempo. Ainda sofria as consequências de não ter pensado mais no "grande plano". Não sabia nem como se comunicar com a família e tinha medo de estar sendo procurada pelos guardas da rainha. O melhor a fazer era ficar mofando naquele colchão, tentando fazer o sonho se materializar em verdade.

Só que havia um maldito *tic tac* que estava perturbando-a, a ponto de fazê-la acumular almofadas em cima da cabeça. Um som infernal e contínuo que parecia pesar na consciência, lembrando-a de todos os últimos acontecimentos. Se as forças ainda eram escassas, precisava se mover se quisesse descobrir a fonte daquela dor de cabeça.

Revirou o quarto atrás de algum objeto ou inseto barulhento. Depois de vasculhar tudo, notou algo redondo com fundo branco e bordas pretas preso na parede. Nunca tinha visto nada como aquilo. Foi chegando mais perto, notando que o som se aproximava, e sentiu os pelos se arrepiarem ao perceber que o troço estranho fazia barulho.

Instrumento de magia?, questionou-se.

Teve medo de tocar na geringonça, mesmo notando que haviam números desenhados nela. E o *tic tac* continuava.

Já havia se arrastado pelo quarto, deixando-o ainda mais bagunçado, e agora precisaria se arrastar para fora dele e perguntar a alguém se aquele som poderia parar. Mesmo não podendo esconder as asas por muito tempo, fez mais um esforço e saiu.

O dono do albergue Friends & Smiles estava na recepção, e ao olhar para Violet uma verruga pareceu lhe rolar pelo nariz quando

torceu o rosto numa expressão de profundo choque diante da aparência dela. Estava feliz por vê-la *viva*, embora a aparência da menina fosse péssima. Era dono de um estabelecimento simples, mas muito frequentado por jovens turistas de boa índole que achavam uma boa ideia se hospedar ao lado da Calçada da Fama, um grande mal de quem só conhecia Los Angeles pelos filmes. Entretanto, em alguns casos, infelizmente, apareciam garotas como aquela que o deixavam assustado com a juventude mundial. O cabelo de Violet era um nó, a maquiagem espalhada por todo o rosto amassado lembrava uma *junkie*. As roupas amarrotadas eram as mesmas de quando ela havia feito o check-in, contudo, não possuíam mais o glamour. Mas o problema maior estava na reclamação da garota, que cismava que havia algo querendo deixá-la louca dentro do quarto e que precisava de ajuda para identificar.

– A senhorita tem certeza de que *realmente* existe algo lá? – questionou o proprietário, levando a sério a tal aparência *junkie* dela.

– Existe um ser estranho no meu quarto! Já disse para o senhor!
– exaltou-se a fada. – Não acho que é um animal e nunca vi foto desse negócio em revistas. Preciso parar o som que ele faz. Não consigo pensar!

– Eu não tenho ninguém para ficar na recepção agora.

– E eu tenho uma semana paga nesse local.

Violet revirou os olhos. Os humanos pareciam tão simpáticos nos filmes e nas revistas, sempre sorridentes. Pessoalmente deixavam a desejar.

– OK! Eu vou com você descobrir o que está acontecendo no seu quarto. Só que antes preciso perguntar: a senhorita anda se alimentando?

– Eu não preciso comer – comentou.

– É claro que precisa comer! – gargalhou o dono mostrando um espaço vago na arcada dentária. – Não quero defunto jogado em meu quarto.

– Mas eu comi *muito* dois dias atrás. *Muito* mais do que estou acostumada.

O sonho americano criando mais uma anoréxica, pensou o homem.

– Enquanto estiver vivendo em meu albergue, gostaria que se alimentasse e não utilizasse substâncias ilícitas. Aconselho-a a fazer pelo menos duas refeições por dia. Não guie sua saúde pelas revistas, menina.

– Pelos deuses! Existem substâncias *ilícitas*? – Violet questionou em choque. – Eu não sabia disso! Será que já comi alguma? Mas elas seriam... tipo coisas venenosas? Como cogumelos?

Louquinha de pedra, o senhor notou. A semana com aquela garota por perto seria absurdamente longa.

– Sim, alguns cogumelos podem ser um bom exemplo! Principalmente em chá. Mas calma! Vamos passar nas máquinas de venda para você comprar alguns salgadinhos e um refrigerante. Depois vamos ver o que diabos aprontou no seu quarto. E aconselho-a a tomar um banho também. Talvez depois buscar uma refeição melhor. Seria interessante também fazer um passeio turístico para distrair sua mente! Se precisar, tenho ótimos pacotes para turistas na recepção.

A mente da fada encontrava-se longe demais para notar que o senhor barrigudo tentava tirar mais dinheiro de seu já pequeno bolo. Existem *substâncias proibidas* na Terra. Para ela aquele sempre foi um local de liberdade, onde se poderia fazer o que quisesse. Mas elas existiam, assim como o som que não a deixava descansar, e parecia uma punição divina.

Os dois foram até o salão comunitário do local, onde o dono deixava duas máquinas de venda um micro-ondas e uma cafeteira para os hóspedes. Havia poltronas marrons que afrontavam qualquer noção de estética, e uma grande mesa de madeira no meio da sala. Alguns livros largados se acumulavam em uma estante torta. Turistas tinham a mania de deixar livros nos albergues onde se hospedavam, muitas vezes para se livrar do peso na bagagem, o maior inimigo de um mochileiro.

Encontrou a suposta máquina que iria servir a comida e esperou para ver se alguma coisa aconteceria. O proprietário apenas a olhava abismado. Não tinha preenchido o formulário da garota de forma correta quando a conheceu e agora morria de curiosidade de saber de onde viera. Talvez devesse perguntar de que planeta havia fugido. E por que não?

– Pode escolher qual salgadinho quer levar para seu quarto.

– Eu tenho que escolher só um? – perguntou inocentemente a fada.

– Raios! Faça o que você quiser! Só quero que escolha qualquer coisa que possa entrar no seu organismo. Então encontre algo que conheça, digite o número e pegue logo essa comida.

Violet ficava maravilhada com a tecnologia e, principalmente, com a culinária humana. Agora ela tinha autorização para comer *duas* vezes ao dia. Seu dia tinha melhorado muito.

– Vou querer aquela caixinha azul e um negócio compridinho daquele ali.

– Eu ajudo! Estou vendo que desse jeito não vai conseguir nem pegar a comida.

Então presenciara um ato de bondade finalmente. O senhor resolveu apertar o número 155 para conseguir a caixinha azul que ela havia escolhido. Ela era de um tom de azul chamativo. Na embalagem lia-se o nome “Pop Tarts”, envolto a vários morangos flutuantes, e no meio havia a forma de um grande biscoito bege com uma superfície branca cheia de pontos coloridos. Violet o havia escolhido pelas cores. O item comprido já consistia em uma barra de cereal de chocolate e amêndoas.

– Quero também a Coca-Cola! Estou apaixonada por essa água preta.

Água preta? Quem fala desse jeito?, questionava-se o senhor, prometendo guardar as perguntas para si.

– Ok! Agora que já tem um pouco de comida para esse estômago vazio, vamos nos preocupar com o som que está lhe perturbando.

Os dois saíram da sala e passaram por um extenso corredor chegando à escada para o primeiro andar. No caminho, o senhor

notava a alegria com que ela degustava o refrigerante e ficou com vontade de tomar um. Ele conseguia ouvi-la sugar o líquido e o engolir com uma vontade gigantesca, sorvendo o final da lata. Duvidava que estivesse muito gelada pela falta de manutenção do equipamento, mas parece que do mundo que a menina viera Coca-Cola era algo mais raro do que ouro.

Quando entraram no quarto ele se deparou com uma bagunça que não poderia ser descrita. Para uma pessoa em estado quase vegetativo, ela havia sido capaz de causar um bom estrago no visual do quarto.

– Parece que um furacão passou por aqui...

A menina não reagiu.

– Onde se encontra o objeto não identificado? – perguntou, em tom de zombaria.

A fada apontou para o círculo pendurado na parede, perto de uma mancha estranha também não identificada.

Um minuto. Dois. Três. Só depois de cinco longos e exaltantes minutos ele resolveu abrir a boca. O senhor até tentou responder de primeira, mas a fala lhe falhou e permaneceu mais alguns segundos calado, apenas observando o objeto redondo. O barulho ritmado ainda deixava Violet próxima a explodir de raiva, então resolveu quebrar o silêncio estabelecido no quarto:

– Conseguiu descobrir o que é esse negócio com esse som horrendo?

A expressão cansada e indecisa no rosto dele não alegrava o coração da garota. O que ele faria com aquela situação? Arriscaria dizer alguma coisa? Encaminharia a menina para algum hospital ou consulado? A jovem parecia ser boa pessoa, afinal, o havia procurado com seu dilema. Contudo, não podia negar que ela não comia, que possuía uma aparência mais do que esquisita e que lhe mostrava um simples relógio como se fosse um E.T.

– Quando deu entrada em meu estabelecimento estava muito tarde e você parecia cansada, por isso a deixei se hospedar sem preencher toda a ficha necessária. Mas agora preciso lhe perguntar de que país você veio.

Violet não entendia a relação entre parar aquele som e a especificação de seu país. Até porque lá sabia se Ablach tinha algum país? Ablach era Ablach. Nada mais do que isso. Tentou explicar isso ao senhor, e obviamente ele não conseguiu entender.

– Você mora em uma cidade chamada Ablach e não sabe em que continente ela fica? Uma cidade sem Coca-Colas ou relógios?

– Ah, isso é um *relógio*? Igual àqueles que se prendem nos pulsos?

Os menores ela conhecia dos anúncios de revistas. Sabia que usavam para marcar os ciclos solares, mas não associara ainda com aquela versão gigantesca.

– Sim, mas é um relógio de parede.

Maldita geração de internet, pensou. Espantando-se com discos de vinil, máquinas de escrever e relógios de parede sem cronômetros digitais.

– Mas por que esse faz barulho e o outro não?

– O outro também faz, mas como ele é menor você não escuta da mesma maneira.

– Então, se existe uma versão menor e mais silenciosa desse objeto, por que utilizar uma maior e barulhenta na parede?

O senhor tinha de admitir que no mundo de sua estupidez, a menina até que era estupidamente inteligente.

– Às vezes a pessoa não está interessada na função dele, mas apenas na decoração do ambiente – respondeu.

– Mas ele é *horrível* – ela disse, com uma sinceridade extrema.

– Ok, menina! Então pode guardar como recordação, de repente – exaltou-se. – Esse é um país livre. Você faz o que quiser com o que é seu...

Esse é um país livre. Você faz o que quiser com o que é seu. Ela gostava daquelas sentenças.

– Vocês marcam os ciclos solares com essas coisas, não é? É a maneira de vocês administrarem o Tempo, certo?

O senhor resolveu pensar que aquele *vocês* poderia se referir a *americanos*, mas então depois se lembrou de que um angolano ou um japonês também deveria utilizar um relógio da mesma maneira em qualquer lugar do mundo.

- Senhorita, eu acho que nós já...
- E quantos anos vocês costumam viver por aqui em média, 150 anos?

Ele riu.

- Aqui nos EUA, com a nossa alimentação, se você viver até os 70 já é considerado alguém de sorte...

- *Setenta anos?* Isso seria uma infância em Ablach.
- Filha, eu não quero ser deselegante, mas, se todos em Ablach forem como você, já terão sorte se chegarem aos 20.

– Mas se a vida de vocês é tão curta... – ela continuou, ignorando o proprietário. – Então, cada vez que esse objeto se move, ele está dizendo o quanto de tempo *a menos* você tem.

O senhor se calou.

- E, se isso faz sentido, eu realmente não consigo entender por que alguém gostaria de guardar como recordação um objeto com essa função...

O senhor ficou em silêncio, observando aquela menina, que ao mesmo tempo o fascinava e o assustava. Já Violet analisava que, se um humano não conseguia explicar a origem ou a lógica de algumas coisas de sua própria vida, quem era ela para se obrigar a saber? Cada dia passado naquela dimensão fazia com que percebesse sua falta de planejamento. Notava que sonhos também precisavam ser arquitetados.

E a magia naquele mundo estava em fazê-los dar certo.



Dennis Papperman desafivelou o relógio de pulso Corum, jogou-o na lixeira e voltou a olhar cínico para ela, como se nada houvesse acontecido.

O auditório e a fada riram.

– Continue... – ele disse, desistindo de resistir a rir também de si mesmo.

8

Stay out of my territory

Saia do meu território

O relógio sumiu e apenas um formato circular branco permaneceu na parede encardida. O proprietário, que Violet soube depois se chamar Antônio, deu uma desculpa qualquer para desaparecer do quarto e planejou nunca mais ser solícito com a garota de cabelos púrpura. Havia também se aventurado no minibanheiro. Aproveitou os cinco minutos de água quente antes dos jatos congelantes atingirem as costas, quase a paralisando de frio. Tentou tomar banho de asas abertas, mas era impossível com a falta de espaço. Saiu e colocou a mesma roupa já usada por puro desânimo. Depois se jogou na cama ainda bagunçada e pegou a caixinha azul para tentar se deliciar com o quitute humano. Aquele tinha uma aparência maravilhosa, e quando abriu o revestimento prateado do biscoito notou o cheiro também convidativo. Ao colocar na boca ouviu o *crack* da mordida e, a princípio, sentiu o gosto comum. Em Ablach havia comidas como aquela. Porém, depois da sensação do biscoito, veio o recheio suculento de morango, acompanhado do gosto dos confetes que enfeitavam a guloseima. Violet ficou um bom tempo degustando seu Pop Tarts e sua barrinha, depois dormiu por horas para recuperar a energia gasta por esconder as asas.

* * *

– Você tem certeza de que o dono não está aqui? – perguntou a fada para a nova recepcionista do albergue.

Já fazia um tempo que não encontrava o senhor bondoso, que havia se transformado no mais próximo que conheceu de um amigo. Passaram-se mais três dias e Violet não teve coragem de sair do local. Vivia das guloseimas da máquina do salão comunitário e do quanto dormia no colchão duro que, aos poucos, se tornava mais confortável.

– Eu já disse que ele não tem aparecido por aqui.

– Mas esse é o negócio dele, não é?

– Isso não significa que ele não possa colocar pessoas para fazer o trabalho chato. E é nisso que você tem tornado meu trabalho. Em algo *chato!*

A recepcionista não andava muito simpática com Violet, provavelmente porque nos últimos dias a fada havia perguntado dezessete vezes onde se encontrava o dono. Maria, a nova funcionária, achava que Violet era pior que o governo e seus fiscais. Nunca o patrão havia sido tão requisitado. Já não compreendia a bizarrice da garota que teimava em usar a mesma roupa há cinco dias. Mas não era sua obrigação entender os clientes, certo?

– Você sabe quando ele vai aparecer por aqui?

– Provavelmente quando a sua estadia acabar! – explodiu a recepcionista. – Que obsessão, hein, menina?

O que eu fiz?, questionava-se.

Voltava a se confrontar com o lado negativo dos humanos e aquilo a deprimia. Era fato que se estivesse em Ablach estaria sofrendo nas Masmorras, mas aquilo era ruim ainda assim. Ela queria sair do quarto e se divertir pela cidade mágica, contudo, precisava pensar nos próximos passos. Não sabia se deveria se revelar ou não. Antes o objetivo era claro: descer até a dimensão dos humanos e mostrar que as fadas existiam *pra valer*. Aproveitaria para mostrar que poderia ser uma musa para eles. Seria amada, paparicada e desejada pelas pessoas certas. Um verdadeiro conto de fadas.

E a conclusão a que chegava era: o dinheiro estava no fim. E não fazia a menor ideia do que fazer.

Era o último dia de estadia e não sabia se renovaria ou não. Precisava do local para guardar as coisas, deixar as asas abertas e descansar, só que cada vez mais ficava inviável. Dúvidas pairavam na mente. Angústia morava no coração. O pior parecia ser a saudade da mãe e das irmãs, com quem não falava havia quase uma semana.

Achava estranho que ninguém a houvesse contatado. Não podia negar que não havia facilitado para elas, só que a mãe podia ter procurado poços mágicos para tentar conversar com ela através do reflexo da água. Havia deixado a pia do quarto cheia de água desde o primeiro dia em que se instalou naquele quarto. A mãe detinha magia o suficiente para se comunicar, e, além disso, a ausência da própria rainha também começava a enlouquecê-la. Supostamente havia quebrado duas regras da dimensão e não a procuraram para pagar pelos *crimes*.

Resolveu tomar uma atitude final sobre a situação.

Começou a recolher todos os itens jogados pelo cômodo e os organizou dentro das duas malas. Dobrar todas as roupas jogadas por ela na crise do *tic tac* parecia um pesadelo. As peças não acabavam. Não sabia como viveria muito tempo sem os itens que achou na bagagem. Havia roupas de todos os tipos, itens de higiene, beleza, dinheiro e o mais importante, sua varinha.

Sua linda e polida varinha de condão.

Desconhecia ainda como a magia a ajudaria naquela situação. Era grata por pelo menos ficar mais tranquila sabendo que existia uma varinha por perto. Pensou muitas vezes se conseguiria fazer dinheiro com magia, mas lembrou-se de uma das aulas preparativas de feitiço.

Regra número um de uma fada na dimensão dos humanos: não fabrique dinheiro em nenhuma circunstância. Conquiste-o.

Não prestou muita atenção na época no *porquê* de não se poder fabricar dinheiro. Nem em *como* o conquistaria. Agora se arrependia disso. Seria bom achar uma fonte de renda. Muitas fadas possuíam dinheiro americano, e agora se perguntava como

isso era possível. Não acreditava que conseguiria arranjar um emprego como os mortais faziam, por moedas e notas. Ela precisava deixar as asas expostas, o que seria um caos. Resolveu tomar mais um banho por precaução, garantindo um corpo limpo por pelo menos um dia, e depois foi escolher a melhor roupa para usar. Precisava de algo confortável, escuro e não espalhafatoso. Optou por algumas vestes humanas conseguidas através de uma negociação com um gnomo chamado Lumpik e uma blusa feita por fadas. Vestiu uma calça preta grudada com a lateral parecendo de couro. A blusa era de um tecido fino manuseado por uma famosa costureira feérica. Violet havia desenhado coroas, estrelas e caveiras nessa peça, deixando-a mais original. Vestiu uma jaqueta curta do mesmo tecido que a calça, com corte embicado e manga até o cotovelo. Ela ajudaria um pouco a aplacar o frio. Colocou um tênis de salto alto também negociado com vendedores clandestinos e um chapéu preto. O cabelo ainda estava molhado, então preferiu não prender as madeixas. Com as malas e o visual prontos, restou apenas a dúvida: sairia do albergue e faria o quê?

Olhou pela última vez para a pia cheia de água.

Encontrou apenas decepção.

Antes de abandonar o quarto, tirou a varinha dos itens mágicos e providenciou algumas transformações para não chamar tanta atenção nas ruas. Com um feitiço de redução, deixou as malas parecendo carteiras, perfeitas para serem guardadas na bolsa que levava a tiracolo. Em seguida fez um encantamento de *proteção contra acidentes* e um para *atrair sorte*. Só não tentou multiplicar o dinheiro ainda restante por medo do desconhecido.

Vestindo a roupa escura e carregando, pelo menos aparentemente, só o necessário, sentiu-se segura e pronta para deixar o albergue.

Minha sorte pode estar mudando, pensou ao sair do quarto e ver o senhor Antônio pregando um pôster no mural de entrada do estabelecimento. Ele não aparecia há dias e ela estava abismada de vê-lo antes da sua saída, informada pela atendente. Havia percebido, depois das grosserias da atendente, que o dono não

havia gostado dela, embora, a princípio, Violet houvesse pensado o contrário.

– Enfim a pessoa que eu estava procurando! – o senhor disse, animado.

Até Maria levantou os olhos do caderno de registros para ver com quem ele conversava. Assustou-se ao perceber a garota *freak*. *Velho safado! Deve estar atrás de mais dinheiro*, imaginou.

– O senhor quer falar comigo? – questionou Violet, ainda assustada.

Ela se perguntava se o feitiço para sorte já fazia efeito. Se sim, poderia encontrar uma solução para os problemas. Se não, continuaria conversando com a única pessoa que havia se interessado em trocar algumas palavras com ela. Aquele senhor tinha uma alma que, mesmo contrariada, era boa.

– Acho justo, depois de tantas vezes em que *você* quis falar comigo...

A garota concordou, gostando de vê-lo sorrir. O homem ainda pregava cartazes na parede.

– Diga-me, menina, qual seu grande sonho? Todo mundo vem para Hollywood para realizar algum. Gostaria de saber o seu...

– Você quer mesmo saber? – surpreendeu-se a garota. – Eu queria ser *especial!* Queria ser reconhecida pelas pessoas e fazer com que elas se importassem com a minha vida, e quisessem ouvir o que eu digo, e rir das coisas que eu falo...

– Você queria ser famosa?

– Eu queria ser importante...

O homem parou de tentar pregar os cartazes que não lhe paravam de cair das mãos e se fixou nela. Violet sentia magia no olhar e no ambiente, percebendo o momento mágico que vivia. Quando havia pedido *sorte* aos deuses, queria apenas que não a deixassem ser roubada. No entanto, via o dono do local olhá-la como se ele houvesse ganhado uma arca de tesouro pirata.

– Por que me perguntou qual era o meu sonho?

– Porque você é uma pessoa curiosa. E bem interessante.

– O senhor está muito estranho – comentou a fada.

– É porque estou animado! Tenho uma solução para o seu desejo. O que você busca não é diferente de todo sonho americano e a melhor forma de conquistá-lo é assim.

Foi quando o mundo de Violet mudou.

O simpático senhor entregou-lhe um folheto apelativo, com estrelas desenhadas e cores extravagantes. Só pelo estilo do papel já percebeu que exalava glamour e sucesso. O conteúdo conseguia ser melhor ainda. Um logo azul e branco destacava-se no centro do anúncio de um concurso para escolher um ídolo americano. Alguém que cantasse muito bem e encantasse o público. O coração acelerou. Seria possível aquilo? No dia em que se via perdida, algo como aquilo poderia realmente acontecer? Ali dizia que audições abertas seriam realizadas em Los Angeles. Nelas seriam escolhidos os candidatos da cidade que participariam de um famoso reality show musical.

As palavras se destacaram.

Um. Reality. Show.

Americano.

O evento era tão famoso que Violet já havia lido sobre ele. Ela também tinha conhecimento de que existiam programas similares em outros países. Nunca passou pela sua cabeça tal possibilidade, mas sabia que era dotada de uma bela voz, já que os tons suaves e agudos perfeitos vinham no pacote de uma feérica. Quem sabe poderia ser a sua grande chance.

Chance. De. Ser. Famosa.

As mãos tremiam enquanto relia o panfleto diversas vezes. O nervosismo era tanto que ela por vezes confundia inglês com feérican. Participar daquele reality show seria o primeiro passo para a independência que tanto almejava. Imaginava a reação das irmãs ao saberem que apareceria na televisão da Terra. Ficou temerosa pela reação da mãe. Ainda mais pela da rainha. Mas *adoraria* estar presente na hora em que a generala Lyrial, Bree e Tyrin descobrissem. Para ela seria incrível ver uma cena como aquela.

– Moço, você é tudo! – exclamou a garota, se jogando no pescoço dele.

Maria até se pendurou no balcão para ver se estava enxergando bem.

– É uma ótima oportunidade, não é?

– Esse concurso salvaria minha vida!

Mesmo tendo uma voz suave, não conseguia controlar os gritinhos que dava a cada palavra pronunciada, depois de perceber que podia ter chances no mundo dos humanos. Oportunidade de ser uma estrela.

– Como posso recompensá-lo por essa notícia? – perguntou a fada.

Maria espichou o pescoço ainda mais para ver o que acontecia. *Velho safado!*

– A dica foi de graça! Mas você vai precisar de muito mais do que vontade para vencer isso aí...

– Você acha que muitas pessoas participarão?

– Só nesse albergue, provavelmente uma de cada quarto.

– *Tudo isso?* – ela se espantou de verdade.

Violet ficou um tempo parada apenas admirando o papel. Sabia que agora precisava de foco para dar os passos certos no caminho do sucesso. A primeira etapa era se inscrever no tal *website* e conseguir a ficha da primeira audição. Conforme fosse passando por cada etapa, continuaria na disputa.

– Tenho uma proposta para o senhor! Que tal eu permanecer no albergue pelos próximos dias, enquanto passo pelas etapas? Nós combinamos um preço que eu possa pagar e eu divulgo seu albergue quando ficar famosa. Aqui se tornará o lugar onde a *pic-pop* Violet Lashian foi descoberta. O senhor topa?

A recepcionista quase caiu da cadeira ao ouvir a proposta. *Não, mais dessa maluca por aqui, não. Por que foi mostrar isso pra ela, droga? Velho safado!* A mulher tinha certeza de que a esquisita não cantava e aquela era uma forma de ludibriar o patrão para ficar uns dias a mais em troca da atenção simulada de uma garota que poderia ser neta dele. Quem ela achava que estava enganando? Ali era Hollywood: lugar onde as pessoas que se

achavam invencíveis por fim se davam conta de que não tinham nada de especial. Todos mentiam na cidade. Todos representavam. Porém, todas as mentiras acabavam vindo à tona. Aquela sempre foi a capital dos sonhos destruídos e dos futuros arruinados. E aquela seria mais uma sonhadora de um país de terceiro mundo, que receberia muitos nãos.

– Menina, não se preocupe! Aqui será sua casa durante esse período e, no futuro, teremos visitantes procurando o quarto em que Violet quase surtou ao se deparar com um relógio de parede.

– Sim – ela sorriu. – Teremos um tour.

Maria não sabia identificar qual dos dois estava mais empolgado. *Isso é ridículo! Se não tivesse doze prestações de um telefone celular com touchscreen pra liquidar, juro que pedia demissão agora.* Violet não acreditava na própria sorte.

Não, não é sorte, pensou. Eu posso me esconder entre eles, e eles podem não saber, mas senhores como aquele conseguem sentir algo diferente. Sempre foi assim com feéricos e humanos.

Sim, seres feéricos sempre sentiam a hora de ajudar a mudar vidas humanas.

Talvez aquela fosse a hora da raça humana começar a compensar isso.



Dennis Papperman continuava com a audiência e a atenção do público. Ele mesmo ficava abismado com toda a história da feérica. Não era a primeira vez que uma aparição dela em seu programa causava tanto rebuliço.

Ela realmente era uma estrela.

– Esse senhor Antônio teve uma sacada de gênio. Como ele sabia que bem naquele dia você precisava de uma chance como aquela?

Gênio da lâmpada, pensava.

– Acho que porque naquele dia eu realizei um feitiço da sorte. É muito poderoso...

– Bote poderoso nisso – confirmou o apresentador. – Mas como foi então sua experiência de entrada no programa musical?

Violet travou, pensativa.

– Eu mal sei por onde começar...

9

Who is going to be the next American Idol?

Quem será o próximo Ídolo Americano?

Ela estava nervosa. Mas era para estar, certo? Aquele seria o momento tão esperado. O dia em que se tornaria uma estrela. Mostraria sua voz, seu carisma e sua vontade. Talvez suas asas pudessem chocar, mas seu talento não passaria despercebido. Encontrava-se à beira de um ataque de nervos, só que no fundo sentia-se orgulhosa de tudo que já tinha enfrentado até aquele momento.

Por alguns minutos a mais ficou olhando para a pia do banheiro cheia de água, esperando para ver se por um milagre a mãe aparecia, interferindo no andamento dos acontecimentos. Como nada aconteceu, ela seguiu com o plano. Vestiu um microshort preto com spikes contornando a barra, uma blusa regata com a famosa imagem de uma boca vermelha mostrando a língua, uma jaqueta de couro preta e amarela, um punhado de pulseiras nos braços, coturno e uma bolsa envelope decorada com tachinhas. Estava com um look rock'n'roll, mesmo sabendo que o seu estilo de música não tinha nada a ver com aquilo. Quando se olhou no espelho encardido para dar a última conferida de cima a baixo, aprovou o seu visual de artista. Aquilo já bastava.

O senhor Antônio obrigou a funcionária do albergue a inscrever Violet no concurso musical. Eles precisavam acessar o site do programa para preencher a ficha de cadastro, mas Violet mostrou

que não sabia usar um computador. O homem parecia ainda envolvido no feitiço de sorte, pois não voltou a questionar de onde a garota havia saído.

A recepcionista continuava sem entender. A hóspede vestia roupas de marca, tinha uma beleza descomunal, mas agia como se fosse uma refugiada vinda de Marte. Várias vezes durante o cadastro, eles tiveram problemas com os dados solicitados. Violet não conseguia entender como aquela tela conseguia cadastrá-la no concurso e, muitas vezes, percebia que os humanos também possuíam magia. A tecnologia deles funcionava melhor do que sua varinha. Só que em casos como na pergunta “qual o seu número de seguro social” ela preferia mil vezes a varinha, porque enganar aquele aparelho parecia muito fácil com dois toques de magia na tela. Carregava já dentro da bolsa o papel impresso por Maria, além de maquiagem humana e a varinha de condão por precaução.

Eram quase dez horas da noite quando saiu do albergue pela primeira vez, se dirigiu para a fila formada na frente do Teatro Chinês, que ainda estava pequena. Mesmo a primeira audição começando às oito horas da manhã, as pessoas já começavam a garantir lugar.

Uma coisa era passar a madrugada sentada, ouvindo burburinhos de vozes cantando em grupos e curtindo uma brisa suave de verão. Outra era aguentar o sol quente na cabeça por horas, de pé e com o barulho ensurdecedor de vozes tentando se destacar, sem falar nos paparazzi enchendo a paciência.

A simplicidade dos competidores sumia com o brilho da manhã, quando todos se transformavam em seres extravagantes.

Mesmo vestindo couro e uma roupa pequena para a ocasião, ela não sentia frio. Na verdade, o embrulho no estômago e a ansiedade a mantinham transpirando. Na maior parte do tempo, ficou sozinha em um canto da fila, olhando para o gigantesco monumento chinês iluminado por luzes estratégicas que lembravam tochas. O céu encontrava-se carregado de estrelas, e a fada sabia que a sua frente muitas delas já haviam andado. Aquela era a rua onde celebridades faziam estreias de filmes,

acompanhavam o Oscar e colocavam a forma de suas mãos para a eternidade. Tinha o prazer de sentar naquele cantinho apreciando a magia que os humanos esqueciam ter.

Aos poucos, durante a noite, percebia que mais e mais grupos se formavam em volta de lanternas e pequenos fogaréus. Muitos participantes foram preparados para se alimentar e se aquecer na fila, em meio à madrugada ao ar livre. A rua em que se encontravam, mesmo sendo importante e famosa, era conhecida pelo alto índice de pessoas estranhas e sujas que perambulavam pela sua extensão. E não era o fato de existir um McDonald's ao lado que o tornava a melhor opção num momento como aquele. Quem comeria no McDonald's um dia antes de se tornar famoso? Mas o macarrão instantâneo também não parecia glamoroso.

– Posso me sentar aqui? – perguntou um rapaz alto, de cabelo escuro e espetado, com cara de cantor de boy band.

Violet apenas acenou positivamente para ele. Ainda tentava controlar o estômago, conversar não parecia ser a melhor opção, porém não conseguiria ser rude. O rapaz tinha olhos escuros e marcantes, e ela ficou por um tempo admirando o sorriso envolvente dele. Independente de qualquer carisma, entretanto, ele era apenas mais um candidato do concurso.

Um adversário.

– De onde veio? – o rapaz insistiu, mesmo notando a expressão fechada da jovem de cabelos violeta.

Ao olhá-la na fila, ficou interessado em conhecer aquela garota tão diferente. Ela tinha um visual de roqueira revoltada, mas ao mesmo tempo demonstrava um bom gosto só visto em patricinhas de Beverly Hills ou Malibu. Possuía traços físicos anormais aos olhos de um rapaz de Santa Cruz, como ele, acostumado a ver loiras platinadas, magras de surf e peitudas por natureza. O DNA típico de uma cidade ao norte da Califórnia. Já *aquela* garota tinha orelhas pontudas demais, que ultrapassavam a camada de cabelo espesso. As expressões faciais eram únicas, e ele quase sentia o modo diferente de ela olhar as coisas e as pessoas ao redor.

– Contento-me com um sorriso, se não puder me mostrar um pouco de você.

Violet não resistiu. O jovem, que não parecia ter mais de 20 anos, havia conquistado um sorriso espontâneo e uma pergunta em vez de uma resposta.

– Por que quer saber um pouco de mim?

– Você está na fila de um programa de canto nacional, o que já indica que não bate bem da cabeça. E pelo seu nível de concentração e até rispidez no jeito de falar comigo, está levando o assunto muito a sério. Só que seus traços são um tanto quanto angelicais, então não teria como não a terem abençoado com uma voz espetacular. Seria um trabalho incompleto. E eu gosto de conhecer uma obra-prima.

Os homens daqui dão de dez a zero em Tyrin, pensou Violet. E ele morde o canto da boca, depois de sorrir. Por que diabos eu não consigo parar de prestar atenção nisso?

– E se você descobrir que eu sou na verdade uma obra mal finalizada, com uma voz rachada? – ela perguntou, notando os dentes clareados dele.

– Aí assistirei mil vezes ao seu vídeo na parte dos candidatos zoados do programa.

A fada mais uma vez sorriu.

– Então, não vai me contar de onde veio?

– Sou de um lugar chamado Ablach!

– Fica na Carolina do Sul?

Não sabendo exatamente o que responder, sussurrou um “uhum” para ele.

– Engraçado, você não tem o sotaque...

– Anos de prática – ela respondeu de supetão.

– Entendo. Sei bem o que é ter de se enquadrar no padrão estabelecido pela mídia. Quase me matei na academia antes de fazer o teste.

– Você pode compensar um corpo fora de forma com uma boa voz e um visual adequado ao seu estilo – ela argumentou.

– Você diz isso porque tem um corpo perfeito.

Violet corou.

– Eu... eu não sei o que dizer...

– Ora, você deveria elogiar o meu corpo de volta...

E o rapaz *simplesmente* levantou a camiseta preta revelando uma barriga que mais parecia dotada de lombadas de quebra-molas, mesmo sentado. Um ser humano que revelava seu abdômen *sentado* era de se admirar.

– É um corpo... ãn... muito bonito...

– E não é? E esse corpo tem um nome tão bonito quanto... – ele esticou a mão e Violet entendeu que deveria apertá-la. Ele levou os dedos dela aos lábios e os beijou. Ela não soube bem o porquê, mas a sensação daquele gesto era boa. – Jack Rose! Encantado.

– *Jack? Rose?* – ela perguntou, franzindo a testa e unindo as sobrancelhas.

– Ótimo, não é? – perguntou, satisfeito consigo mesmo.

– *Jack... e... Rose? Como em Titanic?*

Foi a vez do rapaz ficar vermelho.

– Ei, desculpe! Não queria tê-lo ofendido – ela emendou rapidamente.

– Oh, *baby!* Não precisa se desculpar. Meu nome chama atenção tanto quanto minha voz. Fico feliz que tenha entendido a referência. Isso mostra que você é romântica. Gosto disso.

Ele me chamou de baby, pensou. Só que se pegou questionando que na verdade ela não se mostrava romântica e sim conectada com o mundo humano. Os eventos marcantes no mundo humano repercutiam no mundo das fadas. *Titanic* era um deles. Madelein, a musa responsável por inspirar James Cameron naquela obra, se tornou tão famosa no mundo feérico, que fadas musas em treinamento prendiam quadros com a imagem dela nas paredes. Aposentada, passou a dar aulas para sereias e ninfas. Um dia, Clio, uma das nove musas filhas de Zeus, enciumada com o crescimento da fama de Madelein entre as fadas, afirmou que *Titanic* havia sido um golpe de sorte, que jamais se repetiria.

Madelein então foi até Cameron e o inspirou a fazer *Avatar*.

– Você sabe que hoje não vamos conhecer os jurados, não é? – ela percebeu o garoto perguntar, retomando a atenção à conversa.

– Como assim? – perguntou, confusa. – Se não iremos cantar para eles, para quem então?

Jack explicou que não era a primeira vez dele no programa. Na montagem da versão televisiva, mostravam-se os candidatos inscritos passando pela avaliação dos jurados, mas aquilo era uma mentira. Na verdade, existiam testes antes deles chegarem à parte mostrada no programa, onde cantariam para os produtores, e depois para os diretores do reality show, para só então chegarem à primeira parte televisiva.

– Se tivermos dez mil candidatos aqui em Los Angeles, por exemplo, quinhentos passarão para a fase dos diretores, e apenas cem iriam para os jurados. Só que desses cem aprovados, cerca de vinte mais ou menos não são verdadeiramente cantores. São malucos que querem aparecer ou pessoas que *realmente* acreditam que têm talento, mas não possuem um amigo com coragem de lhe dizer o contrário.

– E por que eles permitem que avancem então?

– Você não ouviu o que eu disse ainda há pouco? Uma das graças do programa está em assistir a esses candidatos sem noção do ridículo. Faz parte do show...

Conforme Jack ia descrevendo, Violet se lembrava de algumas cenas a que tinha assistido no computador do hostel. Agora elas faziam mais sentido.

– Entendeu agora por que algumas pessoas choram e ficam revoltadas com a reação dos jurados? Os coitados então recebem dois *sins*, antes do violento *não*, quando já acreditam que são grandes cantores. É cruel, não é? Mas ninguém obriga ninguém a vir aqui.

– É verdade – ela concluiu, sentindo o peso da frase.

A noite passava e as vozes aumentavam, fazendo o estômago da fada se contorcer madrugada adentro. Alguns dos participantes cantando a esmo ao redor eram incríveis, o que fez a confiança da fada ir diminuindo aos poucos. Ok, ela tinha a vantagem de ser uma fada e ninguém superaria suas asas, mas agora temia estar nos vinte aprovados *por maldade*. Seria tratada como uma aberração?

Em determinado momento, Jack decidiu cantar para ela. Isso deveria ter sido um bom momento, mas, quando ouviu a voz do

garoto, pela primeira vez acreditou fielmente que poderia perder aquele programa. *Todos* os adversários presentes na fila ficaram assustados com o candidato. Ali ela entendeu a autoconfiança transmitida pelo rapaz desde que começaram a conversar. *Ele* era uma estrela.

Grande mãe, o que vim fazer aqui?, pensava enquanto suava, desejando poder abrir as asas para relaxar.

Ele tinha uma voz rouca, sexy, afinada, parecendo saída de uma época em que homens seduziam mulheres em *piano bars*.

– Você canta muito bem – balbuciou ainda nervosa, quando ele terminou.

Algumas pessoas que estavam próximas aplaudiram. Ele soltou mais um de seus sorrisos e acenou com a cabeça.

– É o objetivo do jogo, certo?

Sim. Feliz ou infelizmente, era sim.

– Mas você já esteve aqui e não passou. O que o faz pensar que ganhará agora?

A pergunta era injusta, e Violet gostaria de voltar atrás e não tê-la feito.

– Você já desistiu de um sonho porque outras pessoas disseram que não era capaz?

A pergunta foi forte.

– Além disso, na temporada passada eu não era bonito assim – Jack finalizou, quebrando um pouco da magia.

Jack era uma contradição. Ele parecia ser um garoto muito interessante, mas às vezes lembrava algumas fadas que conhecia e se achavam mais evoluídas do que as outras, sem serem.

– Eu tenho um sonho grande: o de ser famosa e reconhecida pelo meu talento. Faz parte da minha personalidade. Minha família não enxerga minhas qualidades e resolvi escancará-las aqui.

– Ótimo! Provação familiar em rede nacional. Estou gostando de você, baby.

Baby. Ela nunca sabia se dava pulinhos de alegria com aquilo ou simplesmente considerava cafona.

Eram quase oito horas da manhã e ela encontrava-se babando no ombro do rapaz conhecido na fila. Quando abriu os olhos, ficou rezando para fadas superiores a ela que ele não houvesse percebido aquilo.

– Vejo que a bela adormecida acordou – comentou o rapaz.

Droga, não se pode mais confiar em fadas melhores do que a gente!

– Perdão! Não havia percebido – disfarçou.

– Relaxe! Foi uma noite cansativa, mas não posso negar que boa também.

O modo como ele a olhava fazia as pernas tremerem e o desejo incontrollável de esticar as asas retornava. Precisava urgentemente encontrar um lugar reservado para que pudesse lavar o rosto e movimentar os membros posteriores loucos para se verem livres.

– Precisava muito ir ao banheiro...

– Você ouviu as minhas preces! – exclamou o rapaz. – Eu também! Quero ver como está meu cabelo.

Ah, certo.

– Tem uma cafeteria ali chamada The Coffee Bean & Tea. Eles devem ter um banheiro. Poderíamos aproveitar para ir um de cada vez e comprar o café da manhã.

– Você é um anjo, sabia?

As bochechas dela pegaram fogo, de uma forma que teve que tossir para distrair a atenção. Jack então levantou-se e saiu correndo para a esquina em frente ao famoso museu de cera Madame Tussauds, deixando Violet na fila.

Humanos, sempre cavalheiros.

Minutos antes, um membro da equipe de produção os presenteou com uma placa de inscrição, e, pronto, eles tinham a audição garantida. Aproveitou a luz do dia para observar melhor a concorrência. O ânimo dos candidatos aumentava conforme o dia avançava. Eram muitos sonhos e desejos. Todas aquelas dez mil pessoas enfileiradas estavam naquela quadra buscando uma vaga. Uma mísera esperança de realização. Chegava a ser cruel. Entretanto Violet precisava bolar um novo plano. Se não cantaria

naquele dia para os jurados, não iria revelar seu segredo feérico tão facilmente e esperaria o momento perfeito para chocar a população. Seria preciso passar pela etapa dos produtores, e então dos diretores, para, enfim, provar seu talento e reafirmar a fé dos humanos nos seres místicos como ela.

– Como estou? – perguntou um Jack sorridente.

Na luz do dia, mais e mais garotas reparavam no peitoral desenhado e destacado na camiseta dele, além do traseiro redondo na calça jeans. Violet não parecia ser a única encantada pelo príncipe que precisaria derrotar.



O público se divertia com os novos relatos da fada.

– Veja que o karma da beleza masculina já lhe afeta há um bom tempo... – o entrevistador comentou.

– Sim – ela admitiu. – Para o bem e para o mal.

Era verdade.

10

Not that there's anything wrong with that

Não que exista algo de errado nisso

Como era bom esticar as asas!

Mesmo em um espaço ridículo de pequeno ainda era boa a sensação de soltar as asas de seu interior. O feitiço realizado por ela acabava com sua energia e temia não aguentar dias de audições com aquele desconforto. Pensava estar livre daquele segredo, só que Jack havia acabado com todas as suas ilusões quando lhe contou sobre os bastidores. Agora restava conviver com o fato e a dor dos próximos dias. Pelo menos voltaria em breve para o albergue e ficaria o dia inteiro jogada na cama, comendo Pop Tarts.

A fada tinha as mãos apoiadas no azulejo do banheiro da cafeteria, tentando sugar a frieza da porcelana para dentro do corpo ardente. A cabeça abaixada fazia a cascata púrpura cobrir o rosto cansado, e os pensamentos vagavam enquanto tentava exalar toda a dor sentida para a superfície. O corpo pequeno pegava fogo e, mesmo antes de ter jogado água na nuca, já percebia a pressão cair. Precisava recolher as asas novamente e ajeitar a maquiagem. O grande momento chegava e não podia parecer fraca. Saiu do banheiro e resolveu enfrentar a fila do caixa para comprar o café da manhã.

Antes de partir, Jack havia deixado dinheiro para a compra do necessário. Finalmente um gesto de cavalheirismo. Quando

chegou sua vez, uma atendente rabugenta murmurou entre lábios contraídos o preço dos itens desejados. A fada novamente se perguntou se poderia morrer do coração.

Ainda bem que Jack está pagando o café da manhã, pensou, se esquecendo de que boa parte do dinheiro havia sido gasta em muffins com gotas de chocolates do tamanho de polegares.

– Estava preocupado – disse o rapaz com seriedade ao vê-la se aproximar.

Ele tinha a placa de inscrição presa no pescoço, e a fila provavelmente andaria em breve. Com isso os dois se puseram a comer bolinhos e degustar o café forte, muito bem-vindo depois da noite mal dormida.

– Preciso de sua inscrição, placa de identificação e documento de identidade – exigiu o produtor do programa.

Violet ouviu a sentença alguns metros atrás e gelou. Valera-se de algumas trapaças para preencher o cadastro e não sabia que precisaria da apresentação do documento. Só havia mais cinco pessoas à sua frente na fila, e Violet não sabia o que fazer. Tinha a placa, a inscrição, mas nada de documento.

Devo materializá-lo?, questionou.

Aquilo parecia *muito* ilegal. Daquele nível que ultrapassava o limite do bom senso. Já havia falsificado o número, só não sabia se teria coragem de realmente conjurar um documento em cinco minutos. Já havia tentado caminhar corretamente no passado, quando fora atacada por Bree e, no final do dia, havia sido condenada por todos, até por membros da família. Se devia agora usar a magia para salvar a sua pele, bem, *que seja*.

O produtor começou a falar com um baixinho careca, na frente de Jack, que se mantinha concentrado em mastigar, não percebendo o desespero da garota. Em um piscar de olhos, Violet pegou a varinha e a direcionou para dentro da bolsa, mentalizando um documento como o que via Jack entregar para o homem. Esperava que tivesse também pensado no número certo.

– Bom dia! – disse o homem ao se aproximar.

Pelo menos ele está mais simpático comigo.

– Bom dia, produtor! Aqui está minha inscrição, placa e documento.

– Parece que alguém está preparada hoje.

O homem exibia sorrisos e, só passado o primeiro momento de tensão, é que percebeu como o rapaz era jovem. Não devia ter mais de 25 anos e também tinha aparência de modelo. Não chegava aos pés de Jack Rose, mas tinha um jeito simples cativante. Mas a questão ainda era: por que com ela o produtor parecia simpático e com os outros não?

Precisava aprender ainda muita coisa em Hollywood.

– Calma! Aqui é um oito ou um nove? – perguntou o produtor indeciso para outro funcionário da organização, fazendo a fada parar de respirar por um tempo.

Ela tentava naquela fração de segundo lembrar se precisava de um *oito* ou *nove*.

Oito ou nove. Oito ou nove. Oito ou nove, repetia mentalmente.

Decidindo por oito, enfiou a mão na bolsa, enquanto o rapaz ainda apertava os olhos para tentar decifrar e direcionou a ponta da varinha para o documento. A voz na garganta travou. Estava prestes a desmaiar, quando o produtor relaxou e entregou as coisas de volta.

– Seja bem-vinda e boa sorte!

Sorte. Aquela parecia ser sua melhor aliada. Mesmo quando achava que a havia abandonado.

Não acreditava no que via à sua frente. Entrava no Teatro Chinês passando por um tapete vermelho. VER-ME-LHO! Escarlate como o do Oscar. Tudo aquilo não parecia ser verdade. Não conseguia pensar em rainha, diretora, família, inimigos ou qualquer outra coisa. Andava por um tapete que mais parecia um rio de sangue e aquilo fazia sua alma feliz.

Em todas as cidades a equipe do programa gravava em estádios de futebol ou grandes centros de convenção. Naquela temporada precisaram fazer a primeira etapa de Los Angeles na Hollywood

Boulevard. Todos os candidatos encontravam-se animados, ainda mais perante milhares de câmeras e membros do programa passeando por eles. Quem não gostaria de ser descoberto por um dos olheiros que decidiam em quem investir durante a inspeção? Violet aproveitou o momento para ajeitar a jaqueta, segurar com força a bolsa e com a outra mão balançou os cabelos revoltos para melhorar a aparência.

Ficou por um longo tempo sem entender o que fazer ou para onde ir naquela confusão. Dentro do teatro, tinha o dobro de câmeras do que do lado de fora, e a lotação máxima já havia sido atingida. Ali ela entendeu por que todos preferiam enfrentar a fila de madrugada. Tinha dó das pessoas exprimidas no fim das ruas afastadas. Elas teriam de esperar *muito* tempo até serem chamadas. Provavelmente os produtores estariam de saco cheio da situação, muitas vezes até de ouvir determinadas músicas e, por um detalhe pequeno desses, alguém poderia ser desclassificado.

Agora precisava pensar em uma música para cantar, já que estava em uma situação de emergência e não se revelaria como fada naquele dia. O planejado sempre foi cantar uma música de seu povo durante o programa. No caso, para os jurados oficiais, pois assim não entenderiam o idioma e perguntariam de onde ela era. Momento perfeito para a revelação bombástica. Mas agora, sem o trunfo, não poderia arriscar cantar em seu linguajar e a mente não funcionava. Como tudo havia desaparecido? A fada não conseguia lembrar uma única música humana! Nem em inglês, nem em outro idioma para tentar salvá-la. Aquilo parecia ser um pesadelo. Estava em uma fila para quase ser chamada, mas não tinha uma canção para apresentar.

Concentre-se, droga, recriminava-se.

– Animada? – questionou Jack, lhe interrompendo os dilemas internos.

– Deu branco...

Violet não conseguia acreditar que a sorte novamente a havia abandonado. Esquecer *todas* as músicas em um momento como aquele?

– Você está falando sério? – ele insistiu.

A forma como ela o olhou fez o rapaz também travar. Ele conseguiu ver na expressão o desespero dela.

– Uau! Você *está* falando sério!

Jack passou por aquela situação uma vez, mas havia sido em uma peça de teatro na escola. Ter um branco em plena participação de um reality show era ser escolhido para o vídeo dos perdedores na certa. Tomou afeição pela garota. Não queria vê-la sofrer, muito menos ser humilhada. E em meia hora ela provavelmente seria.

– Vou lhe ajudar a decorar uma música. Você vai passar nessa etapa ou não me chamo Jack Rose.

– Você não se chama “Jack Rose”.

– *Hoje* eu me chamo.

Jack acreditava na filosofia de que para chamar atenção em um concurso como aquele muita coisa era necessária: carisma, estilo, voz, uma música diferente e um motivo para cantá-la. Não conhecia a garota o suficiente, mas um pensamento ficou na mente enquanto ela dormia em seu ombro: aquela garota parecia uma daquelas fadinhas vendidas em feiras artesanais. Era pequena, tinha um cabelo diferente e orelhas pontudas. Percebeu que precisava escolher uma música com aquele tema. Os produtores poderiam gostar.

– Existe uma música chamada “Fairy Tale” de uma banda de rock brasileira. A letra é em inglês e acho perfeita para você.

Violet já não tinha mais movimento nos braços de tanta tensão. *Fairy Tale*. Por que o rapaz mencionava isso? Por que achou perfeita para ela? Entretanto, não havia mais tempo para indagações e resolveu aceitar a sugestão.

– Vamos lá! Que Morgana me ilumine.

Meia hora depois era a hora do show.

Seu número foi chamado pelo microfone.

Jack já não se encontrava mais ao seu lado e não sabia o resultado do rapaz. Também gostaria que ele passasse. Ouvir seu número ser chamado fez tudo desaparecer e entrou em uma das cinquenta cabines instaladas no local.

Dentro da tenda de lona branca, não havia quase nada, apenas uma mesa simples de madeira escura lembrando o chocolate recém-ingerido e uma cadeira onde um homem moreno de óculos estava sentado, mexendo em um computador. Ou no que parecia ser um computador.

– Violet Lashian, certo? – perguntou o homem, sem levantar os olhos para cumprimentá-la.

Mais um humano mal-humorado. Eles precisam se decidir, pois ou são zangados ou muito solícitos, pensou, respondendo em voz alta que aquela era ela.

– Pode cantar sua música.

Mesmo notando a falta de interesse no tom da voz e o modo como ele ainda encarava a tela, Violet engoliu em seco e resolveu mostrar seu potencial. Em seguida começou:

– *Fairy lady, who stands on the walls. Life is short and wait is long. The stars, away, dim with the dawn. Fairy lady, who stands on the walls...*¹

– Ok, ok!

Sem esperar a interrupção, engasgou na última palavra e teve um sério ataque de tosse. O rosto queimava de vergonha e falta de ar.

– Essa tosse vai ser um problema? – o homem no computador perguntou.

Problema? Por que sua tosse seria um problema? A fada não entendia nem por que foi interrompida. Havia uma regra sobre problemas respiratórios dentro da tenda? Violet sentia tanta raiva do homem que a vontade era pegar sua varinha e petrificá-lo.

– Como é? – perguntou.

Foi a vez do homem demonstrar impaciência.

– Você tem algum problema de saúde que possa atrapalhar sua participação no programa?

Ela não sabia nem se fadas realmente tinham problemas de saúde daquele tipo. Resolveu responder por instinto:

– Não! Não, senhor.

– Então ok!

Silêncio. Mais uma vez ele falava “ok” para ela.

– Isso significa... – arriscou tentar a sorte.

– Significa que sua voz foi a melhor dessa manhã, então pode sair logo dessa tenda e gritar lá fora.

Ela ficou se perguntando como ele sabia da necessidade dela de gritar. Não havia terminado a primeira parte da música e havia sido aceita pelo produtor. Ela realmente passara pela primeira parte do programa. Sem olhar para o mal-humorado, mesmo desejando abraçá-lo até não poder mais, saiu da tenda e se encaminhou até uma mulher que imprimia um papel dourado. Agora a fada poderia ostentar um papel dourado com seu número impresso.

– EU PASSEI!

A frase foi gritada a plenos pulmões, liberando toda adrenalina e tensão acumulada durante dias.

A primeira face que avistou foi a de Jack Rose. Ele também segurava um papel dourado. Então correu para seus braços e o agarrou com força. Gostaria que sua mãe a visse naquele momento. Mas será que alguém se lembrava dela em Ablach? Isso ainda descobriria. Mas se preocuparia com outras coisas. Uma delas com a próxima etapa do programa. Havia passado pelo produtor. Seria capaz de agradar os diretores da emissora? Também seria algo para descobrir. Melhor ainda...

Para conquistar.

1 Senhora encantada, que espera no muro. A vida é curta e a espera é longa. As estrelas, longe, fracas com o alvorecer. Senhora encantada, que espera no muro. (Shaman)



– Você sabia que fez a tal banda brasileira estourar nas paradas por conta do vídeo da sua primeira audição?

– Sério? – perguntou, surpresa.

– É verdade. Eles estão em turnê pelos Estados Unidos por conta disso.

– Mas foram só algumas frases...

– Um *conto de fadas*, não é?

Aquele humor Violet compreendia.

11

That's what she said

Isso que ela disse

Em um momento, enquanto girava ainda abraçada a Jack Rose, viu borrões e flashes prateados de câmeras alheias. Em outro instante, se encontrava estirada de costas na cama com as asas abertas e imóveis de tanta dor. A cor do membro não parecia tão viva como em Ablach, provavelmente pela falta de exposição e voo. Violet começava a ter medo, pois não poderia ficar sem voar por muito tempo. Precisava dar uma voltinha, sentir o sol bater mais uma vez no rosto e respirar ar puro. Rezava para ter uma oportunidade. Enquanto isso o jeito era pairar e mover-se no quarto quando podia. Andava tão cansada que nem isso conseguia mais fazer.

A segunda etapa do programa seria no dia seguinte e já estava louca. Teria de cantar novamente na língua dos humanos e, mesmo dando certo na primeira vez, voltou a temer o branco. Jack Rose tinha sido seu anjo naquele dia. Devia sua vitória ao garoto, contudo, sentia-se muito fraca para pensar. Apenas quinhentos candidatos haviam passado para a fase dos diretores, então, mesmo que fossem muitos, não precisava ficar a madrugada toda no local. Iria às seis horas da manhã e encontraria o rapaz na frente da cafeteria de banheiro minúsculo e azulejos frios, onde havia esticado as asas no momento de tensão.

* * *

Enquanto caminhava em direção ao Teatro Chinês, acompanhava o nascer do sol. O céu deixava o breu de lado para dar as boas vindas a um alaranjado mágico inspirador. Viu os raios surgirem devagar na linha do horizonte, deixando a esfera reluzente se destacar. Quando estava quase na área das audições, viu o tom modificar-se para um azulado esbranquiçado e sabia que um lindo dia estava prestes a começar. Com ele uma nova oportunidade de glória.

– Minha companheira está viva! – exclamou Jack com intensidade.

Ele conseguia estar ainda mais bonito na segunda etapa. Vestia uma calça marrom justa com uma blusa três quartos preta de gola em v, destacando o peitoral. Usava o cabelo ainda mais espetado com a ajuda do gel. As madeixas brilhavam quase tanto como os raios da manhã, e os óculos Ray Ban o faziam lembrar um galã de cinema.

– Sim, eu sei! – afirmou com sua presunção já conhecida. – Você também está...

Ela calçava um tênis azul muito chamativo para o padrão de botas pretas usadas pelas outras participantes. Vestia um short de lantejoulas bem curto, formando a bandeira de Ablach na estampa, que lembrava muito a da Inglaterra, mas com listras esbranquiçadas em vez de vermelhas. Completava o visual com uma blusa branca básica e uma jaqueta de veludo do mesmo tom do calçado. Usava o cabelo solto, mantendo um ondulado bonito sob um chapéu preto de abas curtas. Os dois formavam o casal fashion da fila.

As revistas de moda humana me serviram para alguma coisa, pensou.

Anos obcecada pela dimensão terrestre traziam benefícios. Sofria em alguns momentos, mas no geral também se sentia feliz por estar entre os seres que admirava desde pequena. As irmãs costumavam rir quando comentava que queria ser uma humana, quando crescesse. Na época, ela não entendia o conceito daquela frase e as risadas maquiavélicas das fadas a perturbaram por muitas noites mal dormidas. Agora sentia o olhar de inveja das

outras candidatas e deliciava-se com aquilo. Ela entendia o sentimento de ser uma *pic-pop* e por que algumas se viciavam nele. Não conseguia conter o sorriso, mesmo sabendo das consequências de agir daquela maneira.

– Estou viva. Talvez não por muito tempo – comentou, olhando para uma baixinha mal encarada. – Nossos visuais estão chamando atenção.

– E não é o máximo?

Violet riu. Jack Rose era mesmo uma figura.

Uma dúvida então surgiu: seria ele gay? A fada já tinha lido em revistas femininas que homens que se vestiam tão bem e eram tão divertidos poderiam ser gays em potencial. Ela havia encontrado uma matéria sobre como identificar se o seu paquera era homossexual ou não, através da expressão corporal do sujeito. Quando conseguiu compreender quase engasgou com o suco de pólen de zombos. Não sabia sobre a possível combinação do sexo. No reino das fadas achava que aquilo não existia. Pelo menos não fazia parte de seu conhecimento. Agora notando o estilo impecável de Jack e as piadas feitas por ele, achou mais fácil perguntar:

– Jack, você gosta de homens?

O rapaz teve a mesma reação que ela ao descobrir o significado da palavra. O café que ele estava segurando virou uma poça na calçada, respingando algumas gotas no sapato de couro do moço. O engasgo demorou para ser contido e, quando ele voltou a respirar, gritou:

– Está maluca? De onde tirou uma doideira dessas?

Violet percebeu a burrada feita. Então não tinha o famoso *radar*.

– Desculpa! Não quis magoar. É que você é *tão* bonito e *tão* bem arrumado. Nunca vi um humano assim.

Devido ao susto, o garoto nem notou o fato de ela o chamar de *humano*.

– Baby! Tão inocente! Em Hollywood um homem *precisa* ser bonito e bem-vestido, senão ele é um otário, perdedor como todos esses na minha frente. Você acha que algum deles vai entrar no

programa? Olha para aquele magricelo ali na frente, vestindo uma calça de pijama. Ele não tem a menor chance.

A fada ficou por um tempo pensando no que ele disse. Aquilo parecia *tão* Bree.

As horas passaram, e o dia foi ficando ainda mais radiante, e agora faltavam algumas pessoas até a sua vez. A audição estava sendo diferente da anterior, não deixando de ser ainda mais assustadora. Resolveu então cantar a mesma música indicada pelo garoto, para não arriscar esquecer a letra. O produtor não a havia deixado mostrar seu potente agudo no refrão e ela estava animada para aquele momento. Poderia tentar espatifar os vidros do local.

Nem a mãe, nem Vicky e Verônica se preocuparam em contatá-la. Aquilo era muito triste. Não havia feito nada para perder a afeição e respeito de sua família. Elas deveriam acreditar em sua versão dos fatos. Mas nada poderia ser feito. O importante era focar naquela competição.

Mas algo teoricamente *idiota* a impedia de ter total concentração. Sua bexiga.

Pela primeira vez na vida, Violet não conseguia evitar a sensação de urgência de ir ao toalete. Bem na hora de sua apresentação. Poderia ser o nervosismo. Talvez o fato de estar bebendo muita água preta gaseificada. O importante é que precisava achar um toalete, mas não havia tempo de procurar um.

– Número 105678! – chamou uma mulher alta, vestida de preto, com um walkie-talkie que não parava de apitar.

A voz a fez despertar do desespero. Não daria tempo de encontrar um lugar, então precisava encarar a situação, sem se deixar abalar.

– Pode se encaminhar até o símbolo do programa que está no chão. Os diretores vão conversar com você – completou a mulher da organização.

Violet se concentrou para parar de tremer por conta da vontade de ir ao banheiro e iniciou seu caminhar, trançando as pernas para evitar um acidente. Imaginava estar em uma passarela de Milão vestindo Versace e com milhares de jornalistas a fotografando.

Precisava passar aquela imagem de poder para os diretores. Eles tinham o cargo mais importante e sempre estavam presentes por trás das câmeras.

Mas, mesmo com a suposta confiança, não conseguia conter o andar desengonçado e parar de pensar em se teletransportar até um banheiro.

Quando encontrou a marcação no palco escuro, sentiu o calor da única lâmpada focada em seu rosto. A forma como expunham o participante chegava a ser agressiva. A fada sentia-se diante de uma corte rígida. Contudo, Violet ainda mantinha a soberania no olhar e na postura corporal. Queria muito conquistá-los. Mesmo não enxergando seus rostos pela luz incômoda, continuava olhando para frente com determinação.

No fundo da mente, pensava:

Segura. Segura. Segura.

– Visual diferente – comentou uma voz feminina, dando a impressão de estar falando com os parceiros da bancada. – Péssima postura.

– É muito legal mesmo, e novinha também a garota, não é? – a voz havia engrossado e agora era um homem quem perguntava.

– Acho melhor ela mostrar se sabe cantar – encerrou a conversa uma terceira voz. – Porque parar quieta ela não parece saber.

Violet entendeu a rispidez como um impulso para começar a cantar, tentando desesperadamente terminar antes que uma tragédia acontecesse. Se precisava chamar a atenção de alguém, o momento era aquele. Concentrou-se e soltou a voz. Cantou sobre aquela declaração de amor medieval. Colocou emoção em cada nota musical. Sentiu-se livre expressando sua arte e todo seu talento. Ela cantou como se não existisse um amanhã, aproveitando a ausência de notas musicais para acelerar a canção à capela.

Quando terminou, apenas o silêncio. E as gotinhas começavam a surgir.

– Alguém quer dizer alguma coisa? – perguntou a primeira voz.

Acaba logo. Acaba logo.

– Realmente incrível e original! Vocês tinham razão de reparar nela – disse a terceira voz.

– Mas será que ela vai parar de fazer esse tique chato? Ficar se movendo para frente e para trás prejudica na hora da gravação.

– Concordo. Parece até que precisa ir ao banheiro.

Ai.

– Acho que isso é irrelevante, podemos trabalhar depois – comentou a mulher. – Garota, parabéns, você está aprovada! Agora é a fase dos jurados!

Ela não conseguia conter o sorriso.

Também não conseguiu conter o desespero.

Sem nem ao menos agradecer, pegou o papel da mão de uma produtora e correu para o banheiro mais próximo.

– Já não se fazem mais ídolos como antigamente... – a mulher comentou.



– Não imaginei que fadas sofressem desse tipo de problema, em testes musicais para programas de rede nacional.

– Imagino – Violet comentou bem-humorada. – Você deveria imaginar apenas fadas em testes musicais para programas de rede nacional...

O público riu da cara de Papperman.

– Você está ficando boa nessa coisa de sarcasmo e ironia, sabia?

– Eu tive bons professores...

Papperman deu o braço a torcer.

– E além desse... *incidente*, houve algum outro momento difícil durante essa etapa?

Violet se calou. Ponderou. E resolveu contar.

12

Live together, die alone

Viva juntos, morra sozinho

Durante anos, havia se preparado para o instante de sua esperada revelação. Todos os dias, se olhava no espelho e sorria para o objeto fingindo estar diante das lentes de um fotógrafo badalado. Cantava no banheiro, imaginando ser a atração principal da Madison Square completamente lotada pelos fãs. Fazia discursos elaborados sobre sonhos e magia, acreditando que o Oscar a aguardava depois da declaração. Tanto esforço e preparação para o grande dia, em que abriria as asas e mostraria o poder das fadas perante o mundo. Ficaria livre do conceito infantil dado pelas histórias humanas de ninar a sua raça. Uma longa espera necessária para seu amadurecimento que estava prestes a acabar.

No dia seguinte, se apresentaria para os famosos jurados do reality show musical.

Quando saiu do local com o papel da vitória amassado de alegria, decidiu comemorar e aproveitar as maravilhas humanas. Encontrava-se na famosa Los Angeles, lar de celebridades e segredos. Não tinha por que se esconder novamente no albergue, esperando algum tipo de contato da família e reclamando da vida.

Passou pelo teatro Dolby, seguindo para um dos lugares mais visitados da cidade: o complexo de lojas Hollywood and Highland Center.

Ela não conseguia se acostumar com paisagens tão bonitas e ficava ainda mais difícil vendo as que o shopping oferecia. Dele conseguia ver maravilhada as montanhas amarronzadas de Hollywood, o famoso letreiro na parte norte, as montanhas de Santa Monica na oeste e ainda o centro de Los Angeles. Era tudo mágico. Ver as letras brancas ao fundo, reafirmando o lugar sagrado em que se encontrava, dava a sensação de dever cumprido. Mesmo sabendo que estava apenas no começo do caminho para o estrelato. A peça central do complexo era um monumento em forma de arco, maior do que o shopping de três andares, feito de pedra maciça acinzentada, inspirado na cena babilônica do respeitado filme *Intolerância* de D.W. Griffith. Poderia ficar horas analisando os detalhes esculpidos na obra. Ao lado havia um pilar curvilíneo com listras, uma plataforma quadrada no topo, onde ficava o famoso elefante branco. A figura também era inspirada no filme e trazia uma magnitude ao lugar.

Nenhum detalhe passava despercebido aos olhos curiosos da garota. Encontrava-se em plenitude, e usou o momento para fazer um pequeno agradecimento aos deuses por a ajudarem a chegar até ali. Em seguida resolveu passear pelas lojas e restaurantes, conhecendo objetos e roupas só antes vistos em revistas. Quase teve um treco ao ver a loja *Sephora* em um dos corredores, brilhando com luzes atraentes e vidros pequenos cheirosos. Aquele era o paraíso dos cosméticos. Em um cartaz do shopping, reconheceu o rosto do apresentador do programa musical, descobrindo que ele gravava um programa de entrevistas no local. Parecia um sinal. Tinha certeza de que em breve seria entrevistada por ele.

Isso tudo é muito chique, pensou.

Voltou para o Friends & Smiles carregando uma humilde sacola. Não podia gastar os poucos dólares que restavam, e como ainda não havia tomado coragem para usar magia, precisava economizar. Adquiriu apenas um lápis de olho de coloração preta para realçar o visual. Queria estar estonteante na manhã seguinte e ainda precisava escolher o figurino.

Levou um susto chegando ao quarto. Havia deixado-o inteiramente bagunçado e, quando voltara, encontrou cada coisa no seu devido lugar. Alguém havia entrado e feito algum tipo de feitiço de limpeza, porque parecia um milagre estar tão organizado. Seu dia estava perfeito. Primeiro a sensação de ser a garota mais bonita de um lugar, depois a conquista de mais uma etapa no programa, ainda o maravilhoso passeio pelo shopping e agora um quarto limpo para descansar. Precisava somente buscar uma Coca-Cola, para fechar o dia com chave de ouro. Não tinha como mais nada dar errado.

Engano seu.

Ao passar pelo corredor, sentiu um aperto forte no peito, que a fez parar no meio do caminho. Não conseguia ir atrás da bebida e nem voltar para o quarto. Parecia que uma mão apertava seu pulmão, impedindo-a de respirar. Sentiu a pressão cair e a bexiga apertar, o que era estranho, pois tinha *acabado* de usar o banheiro.

Ao aumentar a dor, percebeu uma sensação diferente, parecia mais mágica do que física. Notou uma presença muito forte e uma necessidade de água. Sua garganta secava a cada segundo, ao mesmo tempo em que se fechava pela falta de ar. Sentia como se houvesse engolido um caminhão de areia. Não entendia toda aquela negatividade em um dia tão perfeito.

Somente quando ouviu um sussurro em seu ouvido falar seu nome é que a vida retornou para o corpo. A pressão no pulmão afrouxou instantaneamente, passando a sensação de despencar de um edifício. A bexiga relaxou. O melhor foi a abertura da garganta e a sensação de perceber que tinha saliva outra vez.

Alguém está tentando me localizar.

Temeu ser descoberta, tão perto de realizar seu grande sonho. Com o alívio veio a oportunidade de voltar ao quarto e encarar a realidade. Resolveu se trancar e encher a pia até o topo. Se alguém a procurava iria aparecer no reflexo da água. Violet só não sabia se iria se deparar com as irmãs, a rainha, a diretora ou...

– Filha... – sussurrou a mãe, com uma voz doce e calma demais para a situação.

Ouvir aquela simples palavra fez o coração da fada se encher de alegria, fornecendo a paz que faltava nos últimos dias.

– Mãe! É você? – questionou com lágrimas que tentavam escorrer pelas bochechas. – Esperei tanto por você...

Logo a imagem ficou nítida na água trêmula, e ela pode ver o rosto preocupado da matriarca. Como uma voz tão serena poderia sair daquela cara emburrada?

– Não pude entrar em contato antes. A situação ficou complicada quando decidiu fugir de Ablach. Não está sendo muito fácil para nós.

Violet abaixou a cabeça e, pela primeira vez nos últimos dias, sentiu vergonha.

– Eu não queria que isso acontecesse.

– Não estou aqui para falar disso – cortou rispidamente a mãe. – Quero saber se está bem.

A garota não sabia se compartilhava todos os detalhes dos últimos dias. Estava feliz por vê-la, mas não esquecia o fato de que sua própria mãe acreditava que tinha utilizado um feitiço de fogo.

– Estou bem! – contentou-se em responder em poucas palavras.

Diante das duras linhas de expressões da mãe, sentiu a decepção cair sobre o corpo.

– Como estão as meninas? – perguntou. – Verônica ficou bem depois de tudo aquilo?

– Todas sentiram sua partida. Sabiam que um dia você fugiria daqui, mas não imaginaram uma despedida assim.

– Eu não as abandonei – justificou-se.

– Só que nós precisamos abandonar você.

A dor no peito voltou, junto com uma certeza de que iria desmaiar até o fim daquela conversa. Sua família a abandonaria? O que significava isso?

– A Verônica não explicou o que aconteceu? Não tive culpa de tudo aquilo. *Eu* sou a injustiçada de toda essa história.

Sentiu a mãe respirar profundamente, soltando bolhas de água pelas narinas.

– Ela contou e eu acreditei.

– Então como tem coragem de me abandonar? – questionou, já em prantos.

– Porque é preciso. Todas nós precisamos nos afastar de você. Esse foi o combinado com a rainha, depois de seu desaparecimento – desabafou a mãe. – Ela não a procurará, enquanto cumprirmos o acordo de não entrarmos mais em contato. Todas as fadas foram obrigadas a jurar que não fugiriam como você. Estamos em estado de alerta com ameaça de prisões. Hoje é o último dia em que posso aparecer para você.

– Como você pode falar tudo isso tão calma?

– Você sabe o inferno que estamos passando? – perguntou mais dura. – O tipo de questionamento a que fui submetida. Minha filha foi condenada pela rainha e sumiu antes de saber disso. Dizem que tentou matar a aluna mais popular do colégio com um feitiço de fogo. Todos viram você atravessar os limites de voo da cidade. Como é que eu devo reagir em meio a um pesadelo desses? Se eu me deixasse levar pela raiva, morreria de tristeza. Preciso me manter equilibrada.

– Eu não quero ser deixada de lado.

– Mas será necessário. Para seu próprio bem. Sei que não será um adeus definitivo, entretanto, enquanto a raiva dos superiores não passar, não poderemos mais nos ver.

Violet não acreditava no que ouvia. Entendia o sacrifício feito pela outra, mas não aceitava.

– Por que não foge com as meninas e vem pra cá? Eles nunca nos descobririam.

Mais uma vez bolhas surgiram na água.

– Você acha mesmo que a rainha não sabe onde você está? Ela tem um poder inigualável. É claro que já sabe sobre o seu paradeiro.

Meu paradeiro, tudo bem. Mas teria ela descoberto meu plano?, questionou-se.

– Então por que ela não manda me prender?

Foi possível ver enfim uma lágrima brotar dos olhos da mãe, mesmo em uma imagem já montada em água parada.

– Essa é uma boa pergunta! A diretora está possessa querendo saber por que você não foi condenada à prisão perpétua nas Masmorras.

– Mas não existe esse tipo de prisão há mil anos! – exclamou a fada.

– Como acha que me sinto sabendo disso?

Violet chorava de raiva e desgosto.

– Eu não queria que fosse assim...

– Mas assim será! Espero que encontre a felicidade que tanto procura. Estarei por aqui sempre pensando em você.

Ao terminar o discurso, a mãe desapareceu da superfície da água, e Violet continuou parada em estado de choque, deixando as lágrimas caírem na pia. Conhecia muito bem a mãe, sabia que toda aquela rigidez era forçada. Apesar de brigarem constantemente, havia amor entre as brechas dos conflitos e, na verdade, a matriarca só tentava protegê-las. O sacrifício da distância e do silêncio devia ser para o bem maior.

A fada violeta sabia dos riscos de descer para a dimensão humana. Já havia ensaiado aquele discurso. O coração sangrava de dor, contudo, precisava deixar sarar com o tempo. Ainda daria orgulho para a família, em especial à mãe, para que um dia ela pudesse ter prazer em falar que Violet Lashian era sua filha. O dia se transformava em noite e logo precisaria descansar.



– Vejo que a relação entre pais e filhos é difícil também entre as fadas.

– Os feéricos são seres evoluídos, não perfeitos. Toda relação entre dois pensamentos diferentes será assim. Não importa se sou uma fada e você um humano. Se um pai não lhe apoia, você fica chateado e muitas vezes se rebela.

– Ou prova que é algo a mais – complementou o homem.

Sim. Ou prova que é algo a mais.

13

Bazinga

Bazinga

Mais uma vez Jack Rose elogiou seu figurino. As palavras doces eram dignas, pois a fada usava um vestido branco curto maravilhoso, com brasões reais dourados estampados no tecido. A estampa havia sido feita à mão por duendes, em um presente de seu pai para a mãe quando ainda namoravam. Ele o havia comprado de um elfo viajante por cinco rubis, em uma de suas missões pelos reinos mágicos, e adorava contar para as filhas as histórias por detrás daqueles símbolos na estampa. Sentia-se bem por usar algo que a fazia lembrar-se dele. Roubara o vestido da mãe quando adquiriu corpo o suficiente para usá-lo e gostava da abertura que tinha nas costas, útil para quando abrisse as asas.

Antes da apresentação, ainda usava um blazer preto por cima, combinando com o sapato pump e a bolsa carteira. Por ainda estar com a família na cabeça, resolveu homenageá-los com o penteado criticado há pouco tempo. Fez o pufe no topo da cabeça e deixou o resto levemente encaracolado. O contraste do roxo com os detalhes dourados chamava muita atenção, então logo foi levada para as filas principais. Estaria em breve com os três famosos jurados e o apresentador cobiçado por todos em Hollywood. Entretanto, mesmo a fase sendo a mais importante do primeiro processo do programa, a fada não apresentava mais os antigos medos. Estava tranquila para alguém que em breve seria julgada por artistas de grande calibre.

Antes de entrar na sala de audição, foi barrada pelo apresentador de cabelos claros e sorriso meigo para uma breve conversa. Aquilo já era padrão do programa. Sentia-se emocionada por finalmente responder às perguntas dele. Já havia treinado conversas imaginárias com o queridinho, que havia conquistado Hollywood e participava de um dos canais que mais amava. Estar diante dele era incrível.

Só que a entrevista não ocorreu bem como ela previa.

– Diga seu nome, idade e por que quer ser o nosso próximo ídolo americano – pediu o apresentador do programa.

– Meu nome é Violet Lashian. Acho que para vocês eu teria uns 17 anos. E quero ser o próximo ídolo americano porque vocês estão acostumados a ver fadas realizarem os seus sonhos, e acho justo pela primeira vez realizarem o sonho de uma fada.

Os candidatos na sala de espera riram. Alguns por ironia, alguns por simpatia. Ela ficava sem saber como deveria agir.

– Então você se considera uma fada?

– Tanto quanto você se considera humano.

Todos voltaram a rir, mas algo intrigante tornava a entrevista um pouco desconfortável.

– É... Violet, correto? Você acha que pode se tornar uma nova popstar?

– De onde eu venho, nós temos um termo pra isso: *pic-pop*.

Ela notou a expressão de estranheza no rosto do apresentador. Devia estar parecendo uma maluca, mas, antes que pudesse perceber, já estava respondendo sinceramente ao homem.

– E de onde você é mesmo, Violet?

– Eu sou de Ablach!

– É uma cidade do interior?

– Não – ela sorriu. – Fadas não moram no interior...

As pessoas riram mais uma vez.

– Ok, Violet! Uma coisa que não se pode negar é que você é uma pessoa *original*! Agora nos mostre o que você sabe fazer...

Mesmo estando perfeita, ainda notava pessoas olhando para seu visual com dúvida, e o próprio apresentador não se mostrou muito animado. Enquanto ele parecia se apressar para terminar logo

aquela entrevista, ela poderia ficar horas conversando com aquela lenda. Claro que Violet, no final, se empolgou nas respostas e acreditou estar arrasando.

O câmara ficou o tempo todo colado no rosto da garota, parecendo filmar apenas o cabelo e as pontas das orelhas, ignorando o vestido. A fada achava aquilo bizarro. O candidato que havia sido entrevistado antes dela não tinha passado por aquilo. Então, tirou o casaco para deixá-lo no canto da sala antes de começar o teste. Terminando a sessão de perguntas e imagens, ela foi chamada. E as mãos começaram a tremer.

Entrou no espaço reservado para a equipe de filmagem e direção. Nessa área viu uma jovem de cabelos brilhantes de cor chocolate, muito bem-vestida. Ela olhava para Violet abismada. Provavelmente também reparava nas roupas. Aproveitou o interesse da garota para perguntar se poderia ficar com seu casaco, e ela apenas acenou que sim, segurando a peça, ao mesmo tempo analisando-a. Então a fada encarou a sala brilhosa e entrou no cenário montado. O famoso local onde iriam finalmente gravar o vídeo que apareceria na televisão. A fase que antes acreditava ser a única.

Posicionou-se na marca gravada no chão de madeira. Sentiu a luz da lâmpada lhe aquecer a pele, mas, ao mesmo tempo, acreditou ser o nervosismo que levemente batia. Pelo menos daquela vez não estava apertada. Olhou para a frente e viu os jurados. Um frio lhe percorreu a espinha.

– Olá, querida! Adorei o visual. Muito linda – comentou a jurada morena de cabelo comprido no painel de jurados – O que irá nos mostrar hoje?

A fada engoliu em seco antes de se arriscar a falar qualquer coisa.

– Preparei algo especial. É uma música de minha terra natal.

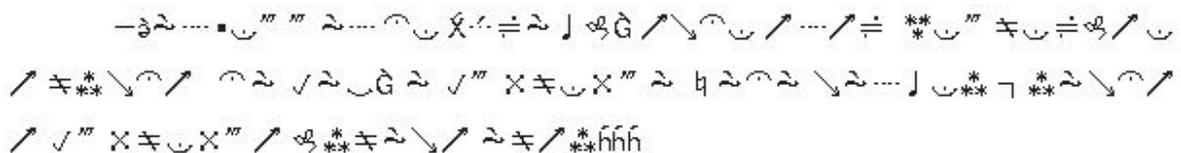
– Nos impressione então, baby – finalizou um homem robusto de pele negra, que curiosamente usava óculos escuros dentro daquele lugar longe da luz do sol.

A menção da expressão a fez se lembrar de Jack Rose, mas não era o momento de pensar nele. Quando se posicionou mais segura

no centro da sala, percebeu um gigante caixote preto se movendo ao seu lado e notou mais uma câmara. Demorou um pouco para se acostumar com aquela presença estranha. No visor do rapaz, um rosto angelical com um grande novelo de cabelo chamativo encontrava-se enquadrado. Poucos segundos depois, a dona do visual excêntrico abriu os lábios. Pensava:

- 5
- 4
- 3
- 2
- 1

Os sons emitidos pelas cordas vocais não foram humanos.



O jurado magricelo, que também fazia parte da bancada, impulsionou a cadeira para trás e isso quase o fez cair no chão. A mulher que antes havia elogiado o visual arregalou os olhos e tapou com uma das mãos a boca escancarada. O homem negro já procurava alguém da produção para entender o que acontecia.

Aquilo só podia ser uma fraude.

A garota violeta cantava com um tom de voz que lembrava um pássaro, muito diferente da voz humana. Os sons formavam palavras desconhecidas e atingiam notas até então impossíveis na concepção de todos os técnicos. Parecia um zumbido que os levava a um transe gostoso, ao mesmo tempo sinistro. Chocados, os jurados não conseguiam esboçar qualquer reação para impedi-la de cantar. Não negavam a beleza da música e principalmente do timbre. Aquilo remetia a cena de filmes estrelados por sereias encantadas e sedutoras. Além de criaturas perigosas.

– Tá que o pariu! – exclamou o jurado magricelo. – O que foi isso?

– Eu também gostaria de saber – comentou o negro.

Violet parou de cantar e os observou.

– Eu estou surpresa. Nunca ouvi uma voz assim! – completou a mulher. – De onde você veio, querida?

Pela primeira vez Violet temeu responder. Precisou respirar fundo, antes de dizer:

– Eu vim de Ablach.

– Onde fica isso? Em que país? E que língua foi essa? – questionou de um só fôlego.

Todas as câmeras estavam coladas no rosto da jovem e focadas nas caretas de espanto dos jurados.

– Ablach não fica em um *país*. É o nome de uma dimensão. E essa foi uma música sobre o amor, cantada em minha língua natal, o feérican.

O magricelo soltou uma gargalhada irônica.

– Eu gostaria de saber o que é que se coloca na bebida de Ablach – indagou o homem de óculos escuros, andando de um lado para o outro.

Violet olhou para os lados. Cochichos começavam a correr pelo local. Notou a garota fashion concentrada bem próxima a ela, segurando seu casaco. Por algum motivo sentiu-se bem com aquilo.

– Você está claramente sobre algum efeito alucinógeno. Produção, a garota cantou bem, mas não podemos aceitar esse tipo de comportamento.

– Com essa voz, ela pode achar que veio até de Marte – argumentou o magricelo.

– Gente, é um caso bem atípico que temos aqui, mas preciso concordar. Essa menina canta *demais*, mesmo sendo em palavras inexistentes...

– Essas palavras existem! – interrompeu Violet.

A fada fez a sala se aquietar novamente.

– Eu posso explicar. Antes gostaria de dizer que meu sonho sempre foi ser um ídolo americano.

– Seu e de todos os outros do planeta Terra – ironizou o homem de óculos.

– Essa é a diferença... – desabafou a feérica. – Eu não sou do seu planeta.

* * *

Silêncio. Depois todas as formas de gritos.

Os únicos sons feitos além da algazarra foram os do arrastar de diversas cadeiras. Os jurados se levantaram como de um salto, mais parecendo terem visto o diabo em pessoa. Câmeras não sabiam se filmavam ou abandonavam o trabalho e saíam correndo para salvar suas vidas. Toda a equipe levou um choque e alguns sacaram celulares para gravarem o acontecimento, como se fossem armas. Violet sabia que aquela cena seria forte e chamaria atenção. Mas não daquela maneira, naquele momento.

O momento em que abriu suas asas.

Os membros posteriores poderiam ser desenvolvidos por algum tipo de efeito especial. Ela poderia ser uma maluca tentando chamar atenção no programa, afinal já haviam visto quase tudo naquele show. Entretanto não havia como negar: asas *realmente* haviam brotado das costas da menina de cabelo violeta. Sem falar no timbre único de sua voz.

As pessoas que presenciavam a cena se perguntavam se estariam vendo *mesmo* aquilo. Milhares de perguntas passaram pela mente de cada um. Até o apresentador abriu a porta da sala para saber o motivo de toda aquela gritaria, para logo voltar a fechá-la ao entender a situação. Violet não sabia, mas corria perigo. Era a primeira vez que um feérico se revelava para o mundo humano, e ela havia escolhido fazer isso justamente em um programa de televisão.

Muito esperta. Ou não.

No meio da confusão, ainda sem entender o que estava acontecendo, sentiu um toque no braço.

– Por aqui... – sussurrou a menina, lhe segurando o punho e guiando-a para as portas dos fundos do local com rapidez.

Todos abriam espaço, temendo a criatura recém-revelada. Quando entrou na sala, ao perceber a reação da equipe, Violet pela primeira vez sentiu-se novamente em Ablach.

Será que nunca vão me aceitar assim?

A garota misteriosa a conduziu por diversos corredores dentro do Teatro Chinês, até sair em uma porta do complexo, onde uma limusine preta a esperava. Conduziu a fada para dentro do veículo, tendo dificuldade em colocá-la no assento por conta das asas ainda abertas. Violet não sabia o que pensar, muito menos o que fazer. Não sabia se recolhia as asas e se deveria confiar naquela garota. Só tinha uma certeza: estava em uma incrível LI-MU-SI-NE!

O ânimo voltou rapidamente e em pouco tempo não tinha mais medo da reação dos outros. Andava pelas ruas de Los Angeles em uma limusine! Podia não ter ficado famosa, contudo, sentia-se como se tivesse ficado. Fosse quem fosse a jovem, teria de agradecê-la pela surpresa. Como não recebeu mais nenhum tipo de atenção da garota, resolveu se calar e tentar absorver os últimos acontecimentos.

Só foram se falar meia hora depois, na Carolwood Drive, ao ultrapassarem os portões de uma mansão de estilo francês com mais de quatro mil metros quadrados. A construção era retangular de cor creme com quatro colunas na entrada principal. O jardim era clássico, com arbustos verdes bem cortados e árvores retas combinando com o estilo da casa. As janelas eram grandes e largas, e não havia cortinas impedindo a exibição de todo o luxo do interior da casa ou que a luz do dia invadisse o ambiente. Quando o carro chegou à residência, o motorista logo abriu a porta para elas. Por incrível que pareça, o homem continuava com o semblante sério e tranquilo.

– Acho melhor entrarmos – disse a garota, ainda sem ter se apresentado.

Ao entrar, deram de cara com a empregada da casa segurando uma bandeja. Ao ver a alada, a moça soltou a bandeja e levou as mãos à boca. Violet revirou os olhos e notou que a garota rica fez o mesmo.

Começou a gostar ainda mais dela.

– Vem comigo!

Elas subiram com rapidez a extensa escada de material branco similar às do castelo de Ablach. A feérica nem imaginava quantas

moedas americanas eram necessárias para poder comprar uma casa como aquela. Entraram em um espaçoso quarto cor-de-rosa com objetos pretos para todos os lados, puro estilo princesa gótica.

Esse deve ser o dela, Violet pensou.

– Então você é uma fada de verdade? – perguntou a jovem com uma voz calma, sentando-se na beirada da larga cama.

– Acho que as asas não negam... – brincou Violet.

A expressão do rosto da outra mudou em questão de segundos. Um sorriso lhe iluminou a face até então serena.

– Ai, que tudo! Acho que você será minha nova melhor amiga! Meu nome é Sabrina Lord Omeganon e acredito que vamos nos dar muito bem!

Aquilo a fada não esperava. Havia conhecido humanos interessantes e muitos outros nem tanto.

Até então, nenhum que quisesse ser seu *melhor amigo*.

Primeiro foi sua revelação bombástica. Agora uma garota *superinteressante* queria a sua amizade. Aquilo só podia ser coisa de Bree. Seria ela capaz de manipular humanos?

– ... – ela tentou dizer, mas não conseguiu pronunciar qualquer palavra.

Ficou quieta por um tempo. Observou a empolgação da outra que já estava de pé rodeando-a e lhe analisando as asas. Ela era bonita, tinha cabelos sedosos e olhos da cor de mel. Uma coloração diferente do tom chocolate das madeixas. Vestia uma saia de babados roxa chiclete, com um body preto cheio de espinhos prateados. Violet estava encantada com o estilo da casa e das roupas da fashionista. Contudo não podia se esquecer de que já fora enganada por muitos. Agora uma pessoa estava sendo muito gentil com ela.

– Olá, Sabrina! Meu nome é Violet Lashian e, apesar de ser uma fada, não sei bem o que dizer...

– Não precisa, querida. Sei que está agradecida pela oportunidade de ser a nova *BFF*² de Sabrina Lord Omeganon!

A jovem começou a gargalhar como se tivesse acabado de fazer uma piada. Violet queria muito, mas não foi capaz de entender

qual era a graça.

– Você está encrencadinha, minha amiga! Se revelar em um reality show foi corajoso, mas bem complicado. Percebi assim que bati os olhos em você que não era uma garota normal. Estilosa demais pra ser daqui. Todas em Los Angeles tentam se copiar e você é muito original. Seremos as mais comentadas da cidade. Adoro!

Original. O mesmo termo dito por Tyrin. A cabeça da fada girava com tantas informações e emoções. Além disso, não precisava mais esconder sua asa, um grande bônus.

– Por que estou “encrencada”?

– Amore! Eles não estão acostumados com seres de outros mundos, sabia? Claro que pessoas descoladas como eu acreditam em tudo e achei o máximo essa sua asa! Melhor acessório impossível. Mas sou a minoria.

Acessório? Tipo uma bolsa?, questionava-se Violet.

– Eles vão fazer alguma coisa contra mim? Tipo... me odiar para sempre?

– Isso depende da sua assessoria de imprensa! – ela explicou e Violet mais uma vez não entendeu. – Todos vão imaginar a partir de agora que você vai salvar o mundo, ou vai explodir o mundo, ou os dois! O que seria muito legal, se pelo menos fosse um pedacinho de outro país. Só para dar um sustinho. Mas minha terapeuta disse que preciso ficar longe de situações estressantes ou pensamentos maldosos, então ataques contra o mundo estão fora de cogitação!

Era difícil acompanhar o pensamento da garota. Sabrina possuía um humor negro e diferente, tanto que ela não conseguia acompanhar as piadas. Falava muitas coisas ao mesmo tempo e parecia demasiadamente animada com a presença de Violet na casa.

– Vi que o pessoal já estava gravando sua aparição. Então logo você deve estar na internet. Achei melhor trazê-la pra cá. Papai construiu essa casa como uma caixa-forte. Ninguém incomodará você por aqui.

– Obrigada por me salvar.

– Melhores amigas são pra essas coisas!

* * *

Horas se passaram, e Violet foi acordada por Sabrina. Depois daquele dia intenso, acordou um bagaço. A fada nem percebeu que havia dormido por tanto tempo. Ficou surpresa ao ver o ânimo ainda maior da nova amiga.

– Que luxo! Você é um sucesso, amiga! Meu pai vai adorar.

– O que aconteceu?

– Você acaba de ser destaque MUNDIAL! – a humana gritou. – *Todos* os veículos de imprensa estão lhe investigando e já vazaram vídeos do programa. Existe até entrevista com um dos jurados falando sobre o seu caso. Você é popular!

Ela era *popular*? De novo: ela... era... *mesmo*... po... pu... lar? E Sabrina havia dito *destaque MUNDIAL*?

– O que *seu* pai tem a ver com isso? – perguntou, após o choque.

Sabrina mais uma vez deu sua gargalhada aparentemente sem motivos. A fada percebeu que devia ser uma marca registrada, como sua própria revirada de olhos.

– Sua heroína aqui é inteligente! Sou filha do maior produtor de seriados e reality shows dos Estados Unidos. É *claro* que meu pai vai querer fazer um projeto com você.

– Um *projeto*? Só para mim?

O coração dela já batia dez vezes mais forte. Não acreditava em tudo que ouvia.

– Que egoísta, querida! É claro que não será *só seu*. Sua melhor e única amiga precisa aparecer também, não é? Toda Kim Kardashian precisa de seu Jonathan, assim como toda Lauren Conrad tem sua Lo Bosworth! Eu serei a melhor amiga de Violet Lashian! E isso não é demais?

– Acho que sim.

Sabrina sorriu e resolveu mostrar todos os vídeos e matérias sobre a fada na internet. Violet levou uma hora para entender como se mexia nas teclinhas daquele aparelho estranho, que

parecia tão mais avançado do que o computador utilizado no albergue, que era difícil acreditar que possuíam a mesma função. Levou mais um tempo para entender a importância do alerta do Google. Depois foi uma maravilha. Passou horas sugando todas as informações possíveis, assistiu aos vídeos descontroladamente, vendo pessoas tentarem imitá-la e cenas gravadas até então. Leu matérias que se referiam a ela como a “enviada divina”, e outras que a denominavam “conspiração alienígena”. Havia teorias cabalísticas, missas marcadas em seu nome, campanhas on-line tanto para expulsá-la do planeta quanto para deixá-la em paz.

A hashtag *#FadanaTV* ocupava o primeiro lugar no ranking mundial, sendo o assunto mais comentado em *todos* os canais da internet naquele momento.

Tudo aquilo em UM dia. Apenas algumas horas desde que fugiu com Sabrina.

- Papai deve estar chegando. Ele vai ficar maluco quando te vir!
- E isso é bom? – perguntou, preocupada.
- Isso é ótimo! Quando meu pai surta, ele faz rios de dinheiro. Prepare-se para uma surpresa!

Aquele já parecia ser o sobrenome dela.

O dia se arrastava. Violet já havia feito tanta coisa e pensado muito mais, então tudo se embaralhava e não conseguia organizar os pensamentos. Mesmo assim, ainda eram dez horas da noite e nada do pai de Sabrina. A menina logo explicou que era normal, afinal, o patriarca era muito famoso no meio audiovisual e requisitado o dia inteiro.

Quando eram onze da noite, Violet já sabia tudo o que o mundo falava sobre ela, entendia melhor a personalidade da amiga e estava cansada de esperar. Enfim a porta da mansão se abriu e um homem com cerca de 40 anos e cabelo grisalho jogado para trás, vestindo um terno impecável, entrou. Naquele momento, do alto da escada, a fada entendeu de onde Sabrina havia herdado a beleza. Os olhos do pai tinham o mesmo tom de mel fascinante, raro entre os humanos, e muito comum no povo feérico. Pelos

porta-retratos a mãe não possuía a mesma característica. Violet havia descoberto que a matriarca havia falecido quando a garota tinha apenas 10 anos, e desde então o pai era a única figura familiar.

– Sabrina! Cheguei! Pode me encontrar aqui, por favor? – berrou o pai da porta, arrancando a gravata e entregando o terno para a governanta que veio recepcioná-lo.

Da porta do quarto a dona da casa pediu para que Violet ficasse quieta, enquanto falava com ele no andar de baixo.

A garota desceu a escada usando um pijama de caveiras e marias-chiquinhas. Em casa parecia uma criança de 7 anos. Fora dela, Sabrina era considerada uma das garotas mais influentes da cidade, principalmente de seu bairro de classe alta.

– Filha, você viu o que aconteceu hoje nos estúdios?

– Claro, papai!

– Estive louco o dia inteiro atrás dessa... hum... garota-fada. Não consegui encontrá-la em lugar nenhum! Até o dono do albergue onde estava hospedada não sabia seu paradeiro e nos proibiu de entrar em seu quarto. Tive vontade de arrombar a porta.

– E por que estava procurando essa menina?

– Porque uma *fada* estava dentro de nossos estúdios e deixaram que ela fosse embora! Estou com vontade de demitir toda a equipe depois dessa. O mundo *todo* está falando sobre esse ser, e poderíamos tê-la do nosso lado.

Sabrina gargalhou.

– Papai, papai, o que seria do senhor sem mim...

Passos duplos foram ouvidos no corredor, seguindo até a porta do quarto. Violet temia o que poderia acontecer, mas não adiantava mais pensar naquilo. Vestia uma camisola bem cavada nas costas, emprestada por Sabrina, única peça que funcionava com as asas agora já famosas. Ouviu a maçaneta se mover e sentiu uma presença forte se aproximar.

Richard Lord Omeganon, produtor de televisão mais importante de toda a indústria, entrou no local.

– Oh... meu... Deus! Você estava falando sério...

O queixo foi parar no peito. Richard passara o dia procurando a fada polêmica e, em todo aquele tempo, ela estava escondida dentro de sua própria casa. Se o destino gostava de ser irônico, naquela noite ele merecia até mesmo seu próprio show.

[2](#) Best Friend Forever – Melhores amigas para sempre.



– Seu feitiço da sorte é porreta mesmo, hein? – comentou o apresentador, chamando a atenção da fada.

Ela riu e deu a típica revirada de olhos.

– Quando digo que ele é poderoso, ninguém acredita...

– De todas as pessoas no mundo foi Sabrina Lord Omeganon que a salvou. Bem a filha do chefe.

– Viu? Porreta!

O homem riu pausadamente, do modo que muitos de sua idade costumam fazer.

– E aonde essa maré de sorte a levou?

Ah, agora a coisa pegava fogo.

14

Winter is coming

O inverno está chegando

Lord Omeganon não possuía a personalidade borbulhante da filha, porém, se encontrava deslumbrado com Violet com a mesma intensidade. Ficou chocado por um tempo, apenas a observando, como um biólogo analisando espécies em um zoológico. Depois começou a compartilhar milhares de ideias surgidas na mente fértil. Precisava usar aquilo como vantagem. Tinha uma mina de ouro nas mãos e tinha urgência em colocar um plano em ação, antes que fosse tarde demais.

Violet gostava de estar tendo o seu momento. Mas não gostava de nem mesmo ter sido cumprimentada pelo empresário e muito menos ter sua opinião requisitada nas ideias de negócios que se passavam na mente dele.

Quando o homem conseguiu definir minimamente o turbilhão de pensamentos que se multiplicaram em sua cabeça, agarrou o celular de última tecnologia e discou para todos os contatos possíveis. Queria começar a trabalhar no projeto #FadanaTV o quanto antes, mesmo que fosse de madrugada. Em Hollywood todo horário era comercial.

– Você vai precisar de um agente de minha confiança – foi a primeira sentença dita por ele diretamente para a feérica.

– Ele falou comigo? – ela perguntou, debochando do executivo.

Notando a brusca mudança de energia, Sabrina se meteu na situação.

– Não liga pro papai! Ele parece grosso, mas vai amá-la tanto quanto eu.

Violet não sabia se aquilo era bom.

– O que ele quis dizer com “agente”?

– Pessoas famosas por aqui possuem representantes para trabalhar para elas. Em Ablach não? – questionou a fashionista, dentre inocência e provocação.

Aquele era um mundo novo para Violet. Sabrina lhe explicou melhor.

– Então essa pessoa vai cuidar da minha carreira e eu vou fazer tudo o que ela me falar?

– É mais ou menos isso mesmo! Você vai *tentar* fazer o que ela diz! Fico tão feliz, amiga. Você me entende como poucos! Nem parece um ser de outro mundo.

Não entendendo a relação do comentário, Violet preferiu ficar quieta. Entendia que o pai da garota estava eufórico com a repercussão, então respirou fundo e decidiu embarcar na situação proposta.

– Onde posso encontrar um agente?

Sabrina deu a típica gargalhada, levando Violet a revirar os olhos. As duas já formavam um par.

– Em Los Angeles existe um em cada esquina. Até os moradores de rua têm um. Mas papai trabalha com o agente *mais* especial. Duvido que não vá chamá-lo.

Meia hora depois, mesmo sendo muito tarde, a campainha tocou.

Um jovem com cerca de 25 anos entrou na casa, recepcionado calorosamente por Richard. Sabrina logo puxou Violet pelo braço para apresentá-la e a fada pensou que fosse seu namorado.

E que namorado, ela pensou, mas não disse.

Ele usava o cabelo castanho bagunçado de uma forma cheia de estilo e tinha olhos azuis-piscina, destacados por uma grossa sobrancelha. Vestia um terno preto de risca de giz com camisa branca, acompanhado por um cinto Louis Vuitton e gravata

Salvatore Ferragamo violeta. As roupas acrescentavam alguns anos à aparência dele, mas mesmo assim era evidente que era muito jovem.

– Ele não é a cara do Zac Efron? – Sabrina sussurrou, puxando-a de lado pelo braço.

– Quem é Zac Efron? – ela sussurrou de volta.

Sabrina parou e olhou séria para ela, como se houvesse sido ofendida. Depois balançou a cabeça em desaprovação. Violet mais uma vez não entendeu.

– Violet, esse é Michael Feather, seu novo agente! – Richard informou empolgado.

A reação da fada foi a menos esperada por eles. Violet de repente desatou a rir descontroladamente, não dando espaço para perguntarem o que tinha acontecido.

– Amiga, não estou entendendo! – Sabrina afirmou, em choque.
– O que está acontecendo?

Demorou um pouco para o acesso ser contido.

– Pelos deuses, seu pai está falando que esse *menino* é meu novo agente! Eu pensei que fosse seu namorado...

Sabrina corou. Claro que já havia tentado flertar com o agente alguns anos atrás, mas o rapaz era conhecido por ser difícil e não se envolver com nenhuma relação que misturasse vida pessoal e profissional. Depois de um tempo desistiu. Michael, todavia, não parecia ofendido com a situação criada por Violet. Já Richard entrou em pânico.

– Michael é o agente artístico mais badalado do mercado! Só está aqui porque meu pai é um cliente especial – frisou a jovem, encarando-a com seus olhos cor de mel.

A violeta percebeu a grosseria e tentou consertar da sua forma:

– Olha, não quis ser grossa – explicou. – É que imaginava que seria apresentada a um senhor de idade. É estranho pensar que Michael deve me dizer o que fazer na vida, sendo que sou *muito* mais velha do que ele. É como imaginar um unicórnio dando conselhos a um dragão, entende?

A família Lord Omeganon ainda estava de boca aberta. Violet ali entendeu como se sentiam quando ela demonstrava suas reações

de incompreensão ao humor humano. Michael por sua vez não parecia transtornado. Esperavam um grande ataque de fúria do agente, mas sua reação na verdade foi:

– Você não é mais velha do que eu.

Aquela foi a única observação feita pelo rapaz desde que havia entrado na mansão.

– Claro que sou! – ela insistiu. – Principalmente considerando a sua idade terrestre.

– E você teria quantos *anos terrestres*? – a calma do jovem ainda era surpreendente.

– No mundo terrestre, se fizéssemos a proporção pelo tempo médio de vida eu teria 17, mas no mundo feérico tenho 34. Nossa forma de contar a idade é muito diferente! Você seria considerado para mim um... (como é o termo que vocês usam mesmo?)....um *pirralho*!

Sabrina escondeu o rosto com uma das mãos. Percebia agora a possível burrada que tinha feito. Sentia Michael tranquilo, mas não entendia como alguém não se ofendia com as coisas ditas pela fada. Começava a olhá-la de forma diferente.

– Como você disse: agora estamos pensando em *anos terrestres* e nesse caso a pirralha é você.

Todos seguraram a respiração ao ouvir a réplica. Até mesmo a empregada, que passava pela sala no exato momento. Violet não sabia como agir, mas não pretendia deixar barato:

– Você já se formou no Centro de Estudos Mágicos de Agentes, ou seja lá como chamam os centros de estudos para fazer esse negócio?

– Não existe faculdade para o que eu faço. Eu aprendi como viver nesse ramo, ganhei credibilidade e hoje sou um dos jovens mais ricos do mundo. Normalmente as pessoas vêm a mim para me pedir conselhos de como conseguir ser bem-sucedido como sou.

– Conselhos sobre como ganhar credibilidade?

– E ficar ricas.

– As pessoas do mundo terrestre não sabem como ficar ricas?

– As pessoas que me procuram costumam ter menos dinheiro do que eu. Independente de quantos anos terrestres ou feéricos elas possuam.

Violet ficou calada. Sabrina aproveitou o momento:

– Acho que é melhor entrarmos para conversar com calma. Vocês vão se dar muito bem, só precisam se conhecer um pouco mais.

– Por que eu deveria gastar meu tempo com ela? – Michael retrucou, olhando para a saída.

Richard trincou os dentes. Sabrina mordeu os lábios. Violet respondeu:

– Porque sou uma fada, eu preciso de credibilidade, e eu posso tornar você mais rico do que você jamais seria em todos os seus anos terrestres.

A respiração de todos eles ficou suspensa por um segundo. Michael não se pronunciou por um tempo, analisando a fada de cima a baixo. Observava todos os detalhes de sua asa e cada sinal diferente. Por fim, comentou:

– Ok, fada-adolescente. Mas será pelas minhas regras. Primeiramente você precisará ser mais gentil comigo e com os outros ao seu redor. Personalidades com temperamentos como o seu desaparecem tão rápido quanto surgem – o rapaz viu Violet consentir com a cabeça. – Richard, se quer levar isso a sério, preciso que fale com o maior canal que conseguir. Precisamos começar a produzir um reality show dessa menina agora mesmo, enquanto o mundo está perplexo. Temos de entrar na grade televisiva do inverno. Precisamos mostrar que ela não vai atirar lasers em todo mundo, e espero que também nem farpas. Sabrina, ensine o máximo de coisas sobre o nosso mundo para ela. Todos os filmes, seriados e livros famosos. Ensine quem é Paris, Kate, Selena, Taylor, Kim...

– *Kardashian*? Eu sei quem ela é!

– É, o Zac Efron que é bom... – sussurrou Sabrina para si própria.

– Sabe? – surpreendeu-se Michael. – Bem, ao menos ela possui algo a mais do que asas.

Dando o assunto por encerrado, Michael acenou e saiu pela porta tão rápido que ninguém nem percebeu que ele não estava mais lá.

– Nunca mais faça isso! – disse o pai da suposta amiga, destacando cada sílaba, antes de se retirar do aposento.

Violet e Sabrina o viram se retirar do aposento, irritado.

– Ele ficou bravo – a filha comentou.

– Pois é... – a fada lamentou.

Mas quem se importa?, pensou. Eu tenho o agente mais badalado da cidade.

E eles queriam um reality show.



– Quer dizer que você não sabia quem era Zac Efron? – perguntou Papperman.

– Um pecado, eu sei – ela respondeu, entre risadas.

– Mas hoje você sabe bem quem ele é?

– Sabrina me apresentou naquela mesma noite.

– É mesmo? E o que achou?

Violet sorriu.

– Desde aquela noite eu assisti a *High School Musical* 1.256 vezes.

As mulheres gargalharam e aplaudiram.

15

This is not a democracy anymore

Isso não é mais uma democracia

Foram dias intermináveis de reuniões fervorosas e telefonemas interurbanos feitos às pressas. Violet sentia-se exausta, mas feliz. Era uma combinação um pouco estranha, não conseguia entender como se sentia tão bem com todas as partes do corpo e da mente doloridas. Eram tantas informações vindas de todos os lados, que não conseguia decidir quais eram mais importantes. No final, descobria que tudo era urgente, e ela precisava atingir as expectativas, que agora eram altas. Se antes ninguém ligava para ela, naquele momento todo um planeta estava interessado.

Richard provou ser um produtor eficiente. Em um dia conseguiu um leilão para a compra dos direitos do programa dedicado à fada. *Todas* as emissoras mais importantes do mundo queriam adquirir o material, mesmo as que jamais se dedicaram a um reality show na vida. Canais estrangeiros entraram na briga milionária, na esperança de que fadas soubessem se comunicar em todos os idiomas do mundo. Discussões na internet nasceram por conta disso. Os chineses não se conformavam com o fato de Violet estar americanizada. Tibetanos insistiam que a fada era uma reencarnação de uma divindade esperada para o início de uma nova era. Indianos queriam que ela dançasse com sua atriz mais famosa em uma superprodução de Bollywood. Alemães a

queriam para um comercial de automóveis. Todos queriam algo dela.

Durante os primeiros dias, Sabrina não conseguiu ter acesso à garota. Achava que por ter apresentado a fada para o pai ganharia crédito e acesso privilegiado, mas, como sempre, ficou olhando do lado de fora das salas. Quando o leilão foi arrematado em dez milhões de dólares para a primeira temporada, destinados somente para o cachê da fada, enfim elas se reencontraram para conversar.

– Querida da minha vida! Está tão famosa que não consegue mais falar comigo? Sempre lhe vejo capotada no quarto de visitas. Quando vou visitá-la na manhã seguinte, está enfiada no escritório.

Violet suspirou.

– Sei que não nos conhecemos muito bem, mas é estranho não tê-la por lá. Eu fiquei cerca de meia hora com os velinhos bravos, gritando preços e rindo dos resultados ainda não obtidos.

– Nossa! Foi nesse nível? – comentou Sabrina, mostrando um verdadeiro interesse na conversa.

– O *menino* também não saiu das reuniões. Ele tem cara de garoto, mas o pensamento dele é de velho, como o dos outros...

Sabrina riu com o comentário. Achava hilária a suposta birra da fada com o jovem agente. Violet revirou os olhos pensando nas atitudes do rapaz. Desde o dia em que se conheceram não tiveram mais uma conversa direta. O mesmo só falava durante as reuniões com os diversos envolvidos no projeto. No final, tudo foi decidido por ele. Escolheu o formato do programa, inspirando-se em reality shows como *The Rachel Zoe Project* e *Keeping up with the Kardashians*. Decidiu quais seriam os convidados e os participantes ativos, como ele próprio. Até escolheram qual designer iria ser prestigiado por Violet e que, a partir daquele momento, ela sempre seria vista com um pirulito roxo na mão. Aquela seria sua primeira *expansão comercial*. Um fabricante britânico de doces confeccionava pirulitos com asas e oferecia um milhão de dólares para a fada divulgá-los. A garota até gostou de saber que teria doce de graça e *ainda* dinheiro. Michael só foi

interrompido pela fada quando decidiram o conteúdo dos episódios. Ela quase teve um ataque quando viu que teriam que colocá-la em situações *românticas*. Precisaria se encontrar com famosos para ver se poderia surgir um relacionamento e achou aquilo um absurdo! Parecia muito para a garota. Como iria se olhar no espelho sabendo que flertava com alguém em rede mundial? Mas teve que ouvir o agente explicar para toda a mesa que romance era necessário para a audiência.

– Está pronta para arriscar sair de casa? Estou me sentindo claustrofóbica. Desde que lhe trouxe para cá não colocamos o nariz na rua.

– Você viu a aglomeração de fotógrafos no seu portão? – questionou a fada. – Existem pássaros metalizados do tamanho de elefantes sobrevoando a casa há uma semana. Não vamos conseguir sair daqui. Pior que queria buscar minhas coisas no albergue. Já liguei para o senhor Antônio, estou com medo de que ele venda meus pertences. Sabe como é, humanos são meio doidos...

– Diz a garota que destratou seu agente no primeiro encontro.

Violet riu do comentário.

– Já sei! Poderíamos pegar o carro do jardineiro emprestado, amiga! Como sou uma gênica! – afirmou Sabrina.

– Como assim?

– Ele tem um carro supersimples, que tem uma carroceria atrás. Podemos pedir para ele nos levar até o albergue, escondidas na parte traseira. Ninguém irá pará-lo na saída!

A feérica tinha que reconhecer que era realmente uma boa ideia. Poucos minutos depois, sem contar para o pai de Sabrina, esconderam-se na carroceria do jardineiro, cobertas por uma lona grossa que as deixava transpirando de calor.

Não conseguiram ver a multidão acampada há dias na frente do portão da mansão. A sorte era que existia quase um quilômetro até a entrada oficial da casa. Entretanto, ouviram os gritos dados pelas pessoas ao verem um carro sair da residência. O jardineiro não se sentia confortável com a situação: fazer algo escondido do chefe da casa e ainda correr o risco de ser descoberto por milhares

de jornalistas estressados. Desde o vídeo da audição, ninguém mais havia visto a fada, e as emissoras cobravam eficiência. O próprio governo só emitiu uma nota falando que a situação estava sob controle: em breve saberiam mais sobre o estado da criatura. O presidente se referia ao reality show, autorizado justamente para controlar a reação dos eleitores.

Foram seguidos por alguns carros, provavelmente por jornalistas mais desesperados, mas logo foram deixados em paz, despistando-os com o truque mais velho de fuga, visto em filmes baratos. Depois de um tempo o carro parou na frente do Friends & Smiles.

Sabrina e Violet não se mexeram até a confirmação de que não existiam fotógrafos no local. Por um tempo, repórteres ficaram de plantão na porta do albergue, mas pelo visto haviam cansado da tocaia também. Violet estranhava. Eram muitas coisas boas acontecendo para uma criatura azarada como ela. Ao entrarem no local, quase morreram de susto. O senhor Antônio voou da bancada de recepção e abraçou a fada, esmagando uma parte de sua asa.

– Senhor, a asa! A asa! Tá machucando! Seu Antônio! Socorro!

Ainda demorou alguns segundos até soltá-la. A sorte continuava, pois não existiam hóspedes pelo saguão, apenas a balconista, e Sabrina, muito esperta, já a havia impedido de ligar para a imprensa.

– Senhor Antônio, certo? Sou Sabrina Lord Omeganon. É... essa mesma que você está pensando! Preciso que vá até a porta do albergue e a tranque. Depois quero você e a sua assistente conosco. Precisamos das coisas de Violet agora!

A fada sentiu-se mal de ver a amiga dando ordens daquela maneira para o senhor que a ajudou tanto no começo. Ele tinha sido paciente com ela no caso do relógio-bomba e da falta de dinheiro. Entendia o medo que tinha dos repórteres descobrirem, contudo, não justificava aquele tom.

– Posso trancar a porta, mas já estou com as duas malas aqui na recepção – disse o homem, um pouco contrariado com a situação. Ele havia sido o grande guru da fada-fenômeno. Agora não conseguia nem falar com a antiga hóspede.

– Você deu o *meu* quarto para outra pessoa? – Violet questionou, como que ofendida.

Não sabia que seria posta para fora tão rápido assim. Entendia que provavelmente o dono do estabelecimento gostaria de obter lucro com sua passagem por lá, mas não pensava que seria assim tão repentino. Havia prometido ajudá-lo a divulgar o lugar e nunca quebrava uma promessa. Porém, já nem mais quarto tinha...

– É você quem é especial, minha filha – disse o senhor. – Não o quarto...

– Não se preocupe, amiga! – comentou Sabrina. – Agora você é milionária, linda, magra, violeta e chique, além de ter minha mansão como residência. Não tem por que se chatear com isso.

– Claro que tenho! Como pode, senhor Antônio? Aquele era o *meu* quarto. Com *minha* cama dura, *minha* rodela branca na parede e *minha* pia cheia de água.

A preocupação principal parecia ser a pia. Não sabia como estava sendo a reação de Ablach com sua revelação mundial. Não falara sobre a dimensão das fadas no mundo humano, mas não podia ignorar que existia um vídeo com mais de um bilhão de visualizações com suas asas em destaque. Provavelmente a família sofria e não podia entrar em contato. Sentia como se tivesse virado as costas para elas, ainda mais não tendo a pia pela qual havia contatado a mãe.

– Diva, tenho cama da Nasa, papel de parede francês e muitas pias pintadas com pó de ouro. *Qual* é o seu problema?

O dono do local só acompanhava a conversa e percebeu que o melhor a fazer era entregar os itens para a fada. Ficava feliz de ter pelo menos visto uma asa de verdade ao vivo.

– Aqui estão as duas malas. Guardei todas as coisas espalhadas dentro delas. Achei um cordão prateado jogado embaixo da cama. Como tinha a palavra *Violet* cravado nele, coloquei no bolso da frente.

A fada sentiu o coração apertar ao ser lembrada do cordão. Havia-o encontrado na cabeceira de sua cama, na Casa de Bênçãos. Ouvira a mãe comentar que era um presente para quando acordasse e não o tinha usado até o momento. *Péssima filha*, pensou.

Colocando o pesado cordão no pescoço, abriu as malas para conferir o conteúdo. Não queria fazer aquilo na frente do homem, mas era necessário. Tentando remediar a situação, disse:

– Sou muito grata por tudo que fez por mim até hoje. Não estaria tendo esse destaque se o senhor não tivesse me alertado. Não esqueci minha promessa e fico feliz de ver que existam humanos com a sua bondade. Uma vez eu quis lhe retribuir e não soube como fazê-lo. Agora acho que já sei. Posso?

Ninguém entendeu a proposta da fada. Como Antônio gostava dela, independente de sua popularidade, aquiesceu. Já a havia julgado no passado e não pretendia fazê-lo outra vez.

Violet pegou da bolsa a varinha de condão, quase não utilizada na dimensão terrestre, e apontou para uma parede encardida do local. Começou a pensar em coisas boas e a focalizar na bênção obtida. Aos poucos, fios de fumaça colorida começaram a sair do pedaço de madeira, colorindo a suposta parede branca de concreto. Imagens tomaram conta do espaço e estrelas coloridas invadiram o local, parecendo pintadas por crianças, e piscando como se um refletor de cinema estivesse virado para a superfície. A frase “Violet esteve aqui” destacava-se no meio da constelação e brilhava com intensidade. O mais surpreendente era o holograma, idêntico à fada, impresso no canto. Parecia que Violet estava encostada na parede, assoprando um beijo para quem entrasse no estabelecimento. Com o mural vivo e sobrenatural, o albergue teria filas de espera em seu cadastro.

– Em uma hora ligue para a imprensa e chame os jornalistas para conhecer isso daqui – insistiu. – Acredito que ela irá garantir sua aposentadoria...

O homem sorriu largo. Até Maria, a balconista mal-humorada, parecia impressionada com o feitiço. Sabrina, pela primeira vez, ficou chocada com Violet. Não ficava impressionada fácil e, ao ver

o feitiço ser realizado, percebeu que realmente estava na presença de um ser especial. Até o momento, pensava na fada como uma figura que chama a atenção e não como uma criatura capaz de realizar *magia*.

– Você é a minha amiga mais incrível! – disse Sabrina, animada.

Despedindo-se do dono e do local que a havia acolhido, decidiu deixar para trás qualquer tipo de lembrança das dificuldades. Não havia pensado muito naquilo, mas ao poucos entendia a nova realidade. Além de estar exposta e prestes a ter um grupo de câmeras a acompanhando, possuía agora uma conta bancária milionária. Não precisava mais se preocupar com pagamentos de estadias e alimentação. Tinha dinheiro suficiente para comprar e mandar entregar tudo que sempre desejou.

Menos minha família aqui, pensava.

Já estava para sair, quando de repente ouviu uma voz tímida por detrás do balcão.

– É... com licença...

Era Maria. De uma balconista mal-humorada e sarcástica a uma pessoa insegura e tímida.

– Pois não? – perguntou Violet.

– Você... se importaria de... me dar um autógrafo? As pessoas não acreditam quando eu digo que a conheço...

Violet continuava tentando, mas como era difícil compreender os humanos.

Quando voltaram e cruzaram o portão da mansão, sentiram a fúria do pai de Sabrina tomando conta do ar. O homem estava vermelho, parecendo um alienígena de filmes de ficção científica. Ele queria gritar. Só não tomou a atitude na verdade porque havia uma mesa com vinte senhores engravatados desesperados por notícias da fada fugitiva.

– Eu juro, minha filha, tem horas que penso que vou morrer por sua causa.

– E tem horas que salvo sua vida, não é papai? – retrucou Sabrina. – Você se esquece de que Violet só está aqui por minha causa.

Michael aproximou-se do grupo parado na porta. Violet hesitou. Não havia prejudicado os planos daqueles senhores, mas entendia que devia satisfações. A imprensa não havia descoberto sua escapada por pouco, e sair escondida do agente não havia sido a melhor jogada.

– Preciso de uma resposta: você é uma pessoa séria que quer mostrar seu talento ou uma deslumbrada irresponsável, preocupada com cinco minutos de fama?

A pergunta foi dura e a envergonhou por um momento.

– Não preciso de um problema, preciso de uma solução. Preste atenção no que está acontecendo e use esse pirulito. O dono da marca está te esperando na sala.

Entregando um pirulito redondo, meio transparente e ainda por cima de coloração violeta, Michael se afastou, indicando o caminho.

Violet tinha mais detalhes a resolver. Logo o inverno chegaria e seu programa seria transmitido para o mundo todo. E o mais incrível: ao vivo. Não seria um reality show normal. Ela seria a curiosidade do momento. Terminando a reunião, a fada decidiu se esconder no quarto, evitando continuar a tratar de negócios. Não aguentava mais falar sobre aquilo.

Ali começava a entender o quanto o sucesso lhe daria trabalho.



– Seu Antônio, seu Antônio... – murmurou o apresentador. – Esse é um homem feliz com o seu negócio hoje em dia...

– Era o mínimo que eu podia fazer, não é? Sem ele, talvez eu nem estivesse aqui hoje.

– É verdade – Papperman confirmou. – E talvez fôssemos nós que estivéssemos levando uma surra de Letterman agora...

A fada riu junto com a plateia.

– Estamos *mesmo* concorrendo com Letterman nesse momento?

– Não, ele interrompeu o programa dele para assistir a sua entrevista.

O auditório voltou a rir.

– Sabe onde ele deveria assistir a essa entrevista? – perguntou Violet. – No Friends & Smile! O lugar onde tudo começou...

– Ou em um sofá em L, com televisão panorâmica, garrafas de champanhe e modelos decotadas! Só uma sugestão, não sei, talvez seja tão bom quanto...

Todos riram novamente.

– Prefiro no Friends & Smiles! – insistiu Violet. – É o *melhor lugar* para ficar em Los Angeles!

– Violet, acredito que nesse momento o Antônio já deva ter desplugado o telefone da tomada, após o mundo inteiro continuar ligando pra ele...

– Mas é *realmente* o melhor albergue de L.A.!

– Nós já entendemos isso, Violet!

– É sério! Vocês não deveriam deixar de...

– NÓS JÁ ENTENDEMOS, Violet! – ele gritou e todos riram uma vez mais.

16

That's hot

Isso é demais

O inverno chegava na cidade e as tendências mudavam completamente pela cena festiva de Los Angeles. Muito preto, metal, couro, mangas e rendas eram vistos pelas ruas e agora pessoas usavam asas confeccionadas, seguindo a moda da fada violeta.

Outdoors com o rosto angelical de Violet estampado podiam ser admirados em cada quarteirão, enquanto empresas do mundo inteiro se digladiavam para tê-la como garota-propaganda. Michael havia sido claro: eles seriam fiéis aos contratantes escolhidos, mas ela faria de tudo. Em um mesmo bairro a população a via nos rótulos de shampoo, tinta de cabelo, roupas, viagens, cartão de crédito, além de itens personalizados como pontas para orelhas e varinhas de condão de brinquedo. Sim! As crianças queriam agora ter orelhas pontudas, fingir que podiam fazer magia, e, principalmente, ter o mesmo cabelo que Violet.

E tudo isso antes mesmo de o reality show ir ao ar.

A fada fazia todas as campanhas de dentro da mansão dos Lord Omeganon e apenas as equipes de moda a conheciam. Ela havia se acostumado com a presença de alguns produtores de moda, cabeleireiros, maquiadores, assistentes e fotógrafos. Quando Billy B. foi contratado para maquiá-la para a MAC, quase teve um infarto. Contou sobre o incidente do batom verde e, no dia seguinte, por conta de uma declaração sobre o assunto do

maquiador para a imprensa, o produto subiu 99% no mercado e ela ganhou diversos brindes, além do cachê da campanha.

Pela ausência pública, muitos a criticavam e a acusavam de ser um personagem fabricado pela mídia. Existiam posts extensos na internet detalhando tipos de cirurgias realizadas para a colocação de asas e orelhas. Programadores apresentavam vídeos de efeitos especiais, especulando sobre como teria sido produzida a cena de Violet abrindo as asas em plena televisão e explicando porque as texturas pareciam tão reais.

No início essas coisas a irritavam, mas após um tempo Violet passou a dar risadas dos absurdos.

Sabrina se tornou sua amiga inseparável. A socialite deixou a cena noturna por um tempo, até o dia do lançamento do reality show, a pedido da produção. Aproveitavam os dias trancafiadas para se embelezarem e estudarem o mercado. Violet mostrou ser capaz de terminar uma obra de trezentas páginas em uma hora, ela tinha desenvolvido um tipo de leitura dinâmica. Passou madrugadas lendo best-sellers e divertia-se com as versões humanas de criaturas mágicas como ela. Lia sobre vampiros que brilhavam, lobos que se depilavam, bruxos que domesticavam corujas, elfos que falavam com anões, portais em guarda-roupas, seres humanos e sobrenaturais brigando por um mesmo trono, órfãos encontrando ovos de dragões, filhos de deuses gregos correndo atrás dos raios dos pais, sociedades de seres perfeitos, triângulos amorosos adolescentes em meio a reality shows mortais, mundos esféricos sustentados pelos ombros de quatro elefantes sobre o casco de uma tartaruga, havia até mesmo uma polícia das fadas perseguindo um gênio do crime que roubara dinheiro do mundo feérico! Eram tantas ideias surreais e divertidas, que se viciou na tal *literatura fantástica*. Gostou tanto das narrativas que acumulou compras gigantes pela internet, e, em pouco tempo, já mantinha um quarto idêntico ao de Grifinória. Uma bandeira escrita "I Love Jacob" presa na porta do antigo espaço para visitas, bem como um arco idêntico ao de Katniss.

Richard aos poucos se mostrava amolecido e a cada dia a tratava um pouco mais como uma filha. Sentia-se bem com aquela

família, embora não parasse de sentir falta das caminhadas pelo Centro de Estudos com Vicky, das broncas de Verônica, das irmãs distantes e da mãe alucinada. Quando a saudade batia, segurava com força o cordão permanente no pescoço e enchia a banheira de água.

Permanecia horas olhando para um reflexo triste.

O primeiro dia de inverno chegara e representava o dia da festa de lançamento do reality show *Feérica*. Estava previsto que um bilhão de pessoas ao redor do mundo assistiriam ao programa, e o frio na barriga de Violet e toda a produção para a estreia começava a perturbar.

Relaxar durante o dia foi uma tentativa frustrada. Conforme anoiteceu, a equipe de moda começou a arrumá-la e o salão principal da mansão se transformou em um cenário de guerra. Eram vestidos bufantes brilhosos demais, acessórios caros que davam medo de se tocar e produtos de beleza empilhados. Experimentavam diversos modelos de roupas enviados exclusivamente para Violet, mas a maioria não era do seu agrado. Ela os considerava feéricos *demais*. Michael a havia autorizado a opinar e rapidamente ela aprendeu que, quando não gostasse de um vestido, bastava dizer que a deixava gorda, então todos ficavam horrorizados e o trocavam, como se a palavra fosse um pecado passível das Masmorras. Finalmente se decidiu por um Marchesa. Ele começava na linha do pescoço e cobria os ombros com um trançado de joias e de outros materiais. A pele alva ficava exposta e pedras violetas cobriam a região do colo, parecendo formar uma camisa. A peça terminava exatamente na linha do busto, de onde um tecido esvoaçante preto até metade da coxa descia de forma reta e solta. O vestido não marcava as curvas e deixava-a com um ar de princesa intocável. Certo volume havia sido posto no final para dar-lhe o último toque angelical e nas mãos carregou uma bolsa clutch com a mesma predaria. Por último, o cabelo fora alongado e preso em um baixo rabo de cabelo lateral para deixar a linha da coluna exposta. Sobre as

asas, haviam combinado de abri-las dentro do local da festa para causar um impacto maior.

O estabelecimento escolhido foi o The Viper Room, uma casa noturna localizada na Sunset Strip, em West Hollywood, famosa por seus shows e celebridades presentes. Personalidades como Jennifer Aniston, Lisa Marie Presley, Jared Leto, Christina Applegate, Angelina Jolie, Rosario Dawson, Tobey Maguire e Leonardo DiCaprio já haviam vivido grandes momentos no local, inaugurado em 1993 e parcialmente controlado pelo ator Johnny Depp e Michael Ciccotelli até 2004. Desde que assistira a *Piratas do Caribe*, Violet havia se encantado com o ator e implorara a Michael pela casa noturna. Também apreciava o clima rock, metal e alternativo deles. Por se tratar de uma criatura mágica, o agente acabou gostando da escolha. E ali eles estavam.

A fachada de pedras pretas quase não podia ser admirada, apenas o nome do clube em letras brancas garrafais. O espaço encontrava-se lotado de pessoas bem-vestidas e agitadas, principalmente repórteres com câmeras grandes demais para levar a um lugar tão aglomerado. Aguardavam a chegada dela. Uma equipe de seguranças estava a postos, esperando pela limusine. Uma barreira fora construída para que Violet e seus convidados, na verdade, escolhidos de Michael, pudessem entrar com calma no local. O tradicional tapete vermelho dava lugar a um roxo ametista. A equipe de direção anunciou o início da gravação. Ao fundo, as luzes da limusine se aproximaram.

E assim *Feérica – O Reality Show* começou.

– Aqui! Aqui! Violet, aqui! Violet! Violet! Aqui!

As mesmas palavras eram gritadas a todo o momento, enquanto tentava atravessar o espaço de três metros. Um percurso tão pequeno demorou uma eternidade. Eram muitos flashes, pessoas segurando seu braço e microfones sendo colocados na sua frente. A barreira não existia mais. A imprensa e os fãs ultrapassaram o esquema de segurança, e mesmo os convidados da equipe não

conseguiram chegar ao local. Era a entrada mais catastrófica de toda história da televisão e mais uma prova do poder de fascínio do novo ser. Muitos famosos haviam chegado antes e entrado pelas portas dos fundos, prevendo o tumulto. Helicópteros da polícia e de veículos de imprensa circulavam. Violet ouviu dizer que até bomba de gás soltavam pela rua. E, ao fundo, ainda as palavras:

– Aqui! Aqui! Violet, aqui! Aqui, aqui, aqui, aqui...

Pouco a pouco também se sentia cega. As luzes disparadas diretamente em sua face a deixavam enjoada e tinha medo de ter uma reação na frente de toda a mídia. Viu Sabrina e Richard se espremerem entre a multidão, chegando à porta do local, onde seguranças só permitiam a entrada dos que possuíam pulseiras violetas.

Pela primeira vez sentiu um pouco de carinho vindo de Michael.

O rapaz fez sinal para o segurança se afastar a fim de deixá-lo chegar perto dela, dentre o mar de pessoas. Ao seu lado, lhe segurou firmemente a mão e pediu, ao pé do ouvido, que olhasse para ele. Assim a fada fez e o viu mexer os lábios dizendo:

– Respire, vai ficar tudo bem.

Sentiu-se segura com as palavras tão simples e a tranquilidade transmitida pelos olhos azuis a fez se lembrar de repente do fato de que era *realmente* uma fada. Sem pensar duas vezes, abriu a pequena bolsa e de lá retirou a varinha. Riscou no ar os ideogramas que costumava desenhar em Ablach, quando queria se esconder das risadas e das zombarias. Poucos segundos depois, o tempo parou e, com exceção dela e do agente, as pessoas ficaram congeladas.

– Meu Deus, o que você fez? – espantou-se Michael.

– Salvei a sua pele! – provocou. – Não é isso que os clientes fazem com seus agentes? Ah, não, espere: é o contrário!

– Você acredita que não consegui me decidir até agora se gosto ou se detesto trabalhar com você?

– Seja o que for, acho que deveria decidir lá dentro, enquanto essa magia *ainda* funciona!

Michael sorriu. Ao fundo, as câmeras do programa em todo o ambiente gravavam as pessoas congeladas por um momento, já que para o resto do mundo o tempo continuava. O resultado seria a cena do casal desaparecendo da frente do local e reaparecendo em seguida dentro da casa noturna.

Nada mais perfeito para o primeiro episódio.

Da fato, tinham uma preciosidade nas mãos.

– Onde ela está? Onde ela está?

O tumulto continuava, entretanto aos poucos os paparazzi percebiam que a fada havia sumido. Não estavam acostumados com celebridades assim, o que era bom. Se todas as estrelas tivessem a capacidade de sumir de situações como aquela, ficariam desempregados e milhares de internautas entediados. Seria um mundo on-line sem graça e menos lucrativo. Mas se apenas uma celebridade dispunha de tal poder, então era até *descolado*. Dentro da festa, também local da primeira gravação, as pessoas iam à loucura, animadas com a presença da fada e ansiosas por aparecer no reality show com o maior orçamento de televisão da história.

Ao entrar de mãos dadas com Michael, fotos foram disparadas de celulares e câmeras profissionais de alta definição. Violet ouvia indagações por onde passava, a maioria questionando se namorava *de verdade* o agente de celebridade. Por conta disso, notaram que Michael permanecia segurando sua mão. O rapaz, sempre sério, ficou sem graça e a largou.

O clima no salão parecia um pouco mais calmo do que o pandemônio lá fora. Luzes avermelhadas iluminavam um comprido bar com prateleiras forradas de garrafas. A iluminação passava a impressão de realmente estarem num recinto vampiresco. Nas laterais existiam alas com mesas e sofás de couro contornando as paredes. No fundo do salão existia o palco onde bandas famosas ou novatas se apresentavam para o público alcoolizado.

– Você está viva! – comemorou Sabrina, jogando-se para a amiga com os braços abertos.

Violet precisou se segurar para não cair do salto escolhido pelos produtores de moda. Mesmo se tratando de um Jimmy Choo confortável, não se sentia ainda confiante na altura descomunal.

– Todos parecem felizes – comentou a fada.

– Claro que estão! Você é um fenômeno, linda! Então curta muito essa noite. Vou apresentá-la para todo mundo. Vamos tacar fogo em L.A.!

– Sabe, eu não tenho as melhores memórias sobre tacar fogo por aí... – comentou a violeta, lembrando-se do incidente em Ablach.

– Boba! Foi um modo de se expressar...

A fada notava a câmera colada em sua conversa, enquanto aprendia a se acostumar com o microfone preso no vestido com fita colante. Todos os principais “personagens” do programa precisavam usar um aparelho potente, capaz de gravar não apenas a voz como as outras ao redor.

A equipe a acompanhou pelo salão e, aos poucos, reconheceu rostos pela multidão. Heide Klum conversando com Tim Gunn. Tyra Banks e sua última pupila. Para a maior surpresa, porém, reparou no senhor Antônio dançando com uma senhora mexicana. Ficou feliz ao vê-lo em sua festa. Logo, rostos de outros famosos começaram a aparecer. Em uma ponta viu Paris Hilton sentada com o novo namorado, rodeada de pessoas que riam de qualquer coisa que ela dissesse. Sabrina jurava de pés juntos que Demi Lovato requebrava na pista de dança com o The Wanted, enquanto o Linkin Park colocava a casa abaixo no palco. Um repórter perguntou se era verdade que David Guetta tocaria ali pela primeira vez uma música dedicada a ela. E ela podia responder que *sim*.

Não havia como Violet não se sentir importante.

Muitos copiavam a cor e o estilo do seu cabelo, atrapalhando sua visão do salão com tantos pufes e cores berrantes. Até Emma Stone estava com as madeixas arroxeadas e conseguia ficar ainda mais deslumbrante do que sempre, sem errar em *nenhuma* tonalidade.

– Prepare-se! Vamos para o camarote e em seguida a Lady Gaga a apresentará – informou o agente.

Mi-la-dy Ga-gá?, surtava a garota.

Quando ela contasse aquilo para a irmã em Ablach, Vicky diria com certeza que era apenas um conto de fadas.

* * *

O momento de falar pela primeira vez com o público chegara, depois da breve participação e revelação no programa musical. Precisava tranquilizar a população, mas ao mesmo tempo seduzi-la.

– Sei que fui rude com você durante as últimas semanas, principalmente quando nos conhecemos – disse Michael. – Mas gostaria de dizer que estou orgulhoso. Vi como está determinada e não prejudicou nosso produto final. Hoje é o primeiro dia de uma vitória que construímos ao seu redor. Não falamos muito do seu passado, somente gostaria de reforçar que está sendo um prazer trabalhar com você.

Ótimo! Ele vai me fazer chorar bem agora, pensou Violet.

Em vez de palavras que não seriam capazes de expressar a gratidão necessária, a fada abraçou-o com força e nada mais foi preciso ser dito.

– Hora do show, amiga! – gritou Sabrina.

Ela agora era a única no palco.

Tinha medo de derrubar o doce em forma de asas da mão por nervosismo. O som das guitarras em meio a batidas eletrônicas da banda não ecoava mais e seus integrantes encontravam-se na lateral, admirando o visual da garota. Ela parecia saída de um clipe deles. A personalidade da música pop já a havia anunciado, todas as câmeras do programa encontravam-se em posição e Michael a olhava orgulhoso. Gostaria de estar com seu cordão-amuleto, mas infelizmente o vestido não combinava com ele.

– Olá, mundo! – gaguejou a fada.

Todos permaneceram em silêncio. Uma reação não tão esperada por ela.

– Sabem, eu daqui apenas posso imaginar em que estão pensando. *Quem é essa menina? Ela veio nos salvar? Ela veio nos condenar?* Mas a mais importante: *e quem diabos é o cabeleireiro dela?*

Algumas gargalhadas foram ouvidas.

– Eu só gostaria de dizer que não, eu não vou salvar, condenar ou manipular vocês. Não vim dizer que caminhos devem seguir ou distribuir milagres espirituais. Estou nessa dimensão para aprender mais sobre a cultura humana. Vocês me fascinam tanto quanto são fascinados por nós. Por isso, é como disse quando me perguntaram pela primeira vez por que eu gostaria de ser seu próximo ídolo: vocês estão acostumados a verem fadas realizarem sonhos, e acho justo pela primeira vez na História realizarem o sonho de uma fada.

Então Violet abriu as asas, erguendo também o pirulito roxo no ar, que lhe garantia um bônus no pagamento. Houve aplausos eufóricos, gritos e flashes, tudo ao mesmo tempo.

Feérica – O Reality Show finalmente estava no ar.

Feita a abertura, a festa. Sabrina resolveu se aproximar em meio às câmeras. A menina, até então “arroz de festa” e menor de idade, frequentava todas as casas noturnas de Hollywood. Não havia quem não conhecesse seu rosto e, sumida por tanto tempo, tinha medo de haver perdido a notoriedade. Levando a feérica para o meio da pista, puderam curtir uma versão remix de “Burn It Down”, rodeadas de rapazes interessantes. As câmeras as adoravam.

– Viu como todos amam você! – gritou a fashionista, roubando duas taças de champanhe de uma bandeja de prata que apareceu ao seu lado.

O pai ao ver a cena pensou em interrompê-la, mas Michael o lembrou da audiência assistindo ao vivo. Ela iria adorar ver as transgressões de regras do mundo das socialites e uma fada

ficando alterada. Aquilo dava ibope e um reality show. Além do mais, a lei nos Estados Unidos não obrigava uma terceira parte a intervir ou salvar pessoas sendo gravadas, ou mesmo que um estúdio parasse um crime em obra.

Feérica era um programa de dois quadros por dia, um modelo até então não experimentado na televisão. Toda noite mostraria a fada em sua rotina e, no período da tarde do dia posterior, a edição de seus melhores momentos.

Violet apanhou a taça de cristal e degustou a bebida com cautela. O gosto era levemente adocicado, o álcool não tão forte, e as bolhas faziam cócegas na boca como Coca-Cola. Adorando a experiência, virou toda a taça de uma vez para sentir o gás explodindo na língua.

– Tá maluca, amore? – assustou-se Sabrina. – Vai com calma! Isso é champanhe e você pode ficar bêbada.

A fada franziu a sobrancelha.

– Não entendi...

– *Louca*, diva! Sabe? Cruzando as pernas, mostrando calcinha para paparazzi, vomitando no banheiro, esse tipo de baixaria! Não sou boa auxiliar de bêbado, não. Perfeita bêbada, daquelas de dar vexame. Auxiliar, péssima.

– Acho que nunca fiquei bêbada então... – ponderou.

– Essas fadas, viu? Vocês são muito boazinhas! Pode deixar, amiga. Vou levá-la para o mau caminho.

Dito isso, Sabrina soltou sua típica gargalhada e começou a dançar com um rapaz alto com uma fisionomia de modelo. Violet aproveitou para fechar os olhos e curtir a música.

"The cycle repeated.

As explosions broke in the sky.

All that I needed.

*Was the one thing I couldn't find"*³

Não acreditava. Estava *mesmo* dançando ao som de Linkin Park, em sua homenagem. Em *sua* festa.

Em *seu* programa.

Quando Sabrina parou de se atracar com o modelo e a levou para passear pelo local, apresentou-a quem era quem em Los Angeles e aproveitou para testar a memória da fada:

- Aquela ruiva no canto com os hipsters?
- Antiga atriz, atual causadora de confusões e frequentadora de centro de reabilitação. Além disso, hipsters é um grupo de pessoas com estilo próprio e que habitualmente inventam moda, determinando novas tendências alternativas.
- Minha pupila! E aquele rapaz no canto?
- Cobiçado mundialmente, mas comprometido com outra atriz que o trai toda hora! Pensou em terminar o noivado recentemente.
- E a mulher com que ele está conversando...
- Cantora, música country, sai com todos os famosos que conhece. Amo todas as suas músicas.
- Muito bem!
- Não existem seres humanos unilaterais? Em uma festa como essa, não é?
- Amiga! Bem-vinda ao lar dos corações partidos. Você está na capital da fama. Ninguém é feliz com ela, somos felizes com o dinheiro que ela nos traz. Além disso, simplesmente *não existem* seres humanos unilaterais.

E assim viraram mais uma taça de champanhe. Na terceira, Violet sentiu-se fraca, entendendo o significado de como “estar bêbada”. As pernas pareciam moles e a visão se embaralhava. Muitos chegavam para cumprimentá-la e já não sabia como se comportar. Procurou Sabrina, mas novamente ela se encontrava agarrada ao pescoço de um rapaz. A equipe de filmagem não parecia se importar com o fato de a protagonista não conseguir se equilibrar de pé.

Michael, pensou.

Ele poderia ser sua salvação. Ele não teria saído da festa sem acompanhá-la. Era o único responsável que poderia ajudá-la.

- Eu, bêbada – disse a fada, encontrando o rapaz com uma morena curvilínea *demais*. – Quem é essa?

– Oh! – exclamou o agente fingindo moralismo, pedindo licença e levando a fada para outro lugar. – Você é menor de idade. Não deveria estar bebendo.

– Eu *não* sou menor de idade! Em Ablach eu teria sabe quantos anos? Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

– Violet...

A fada não suportava mais ficar com os sapatos e, na tentativa de tirá-los, acabou acertando três pessoas com suas asas.

– Michael, eu *nunca mais* vou beber – dizia em tom de choro, enquanto a câmera continuava colada em sua face. – Estou me sentindo um gnomo. Um GNOMO! Ah, por que sou um gnomo?

Violet abriu a boca e começou a chorar. Muitas pessoas perceberam e se divertiram com a cena.

– Eles... eles estão rindo de mim, Michael? É por que eu virei um gnomo? Não é possível! Não é possível que até aqui eles continuem a rir de mim... não é, Michael? – perguntou, tonta.

O som continuava alto e Michael tentou lhe preservar um pouco a imagem, levando-a para uma das mesas mais reservadas. Mas de nada adiantava. Ela tinha agora um programa para mostrar sua realidade, e era aquela. Ambos tinham que aceitar e, pela primeira vez, o agente quase se arrependeu da ideia e da gravação. Se aquele era apenas o primeiro dia, problemas viriam.

– Violet, olha para mim! Você *não* é um gnomo, ok? Você é uma fada. A única feérica na dimensão humana. Eu vou levar você para casa e irá dormir. Prometo que amanhã se sentirá melhor.

– Você é gato, Michael – soltou a garota, espontaneamente. – Se fosse de Ablach seria um *pic-pop*. E dos mais gatos! Acabaria até com Tyrin. Uff! Tyrin, aquele gnomo mala e repugnante...

Terminando o discurso sem sentido, voltou a chorar. Michael preferiu. Se Violet sáísse contando detalhes sobre seu mundo, talvez precisassem intervir.

– Amanhã eu posso voltar a ser uma fada, Michael? – questionou.

– Amanhã você pode voltar a ser o que quiser, Violet.

Ela fechou os olhos e deitou no ombro dele, balbuciando antes de apagar:

– Que bom! Então amanhã eu quero ser feliz...

[3](#) “O ciclo se repetiu. Enquanto explosões estouravam no céu. Tudo aquilo de que eu precisava. Era a única coisa que eu não conseguia encontrar.”



– *Gnomos*? – questionou Papperman sério, arrumando os óculos. O auditório gargalhava só com o cinismo. – De novo: *gnomos*?

– Bem... – Violet olhou para baixo, visivelmente envergonhada.

Toda audiência ainda ria com a cena que marcou a história dos reality shows mundiais.

– É... que... você sabe... eles são pequenos e me senti assim naquele dia. Tudo era grande, estranho e parecia que iria me abafar. Não faz sentido?

– Isso não é ser um gnomo! É ser o Tom Cruise!

O auditório quase caiu.

– Você sabe que isso *também* se tornou um viral na internet? Existem várias montagens de “Eu Sou Um Gnomo”!

Violet revirou os olhos.

– É claro! Eu mesma compartilhei algumas nas minhas redes sociais. Mas você nunca se apelidou de coisas absurdas quando bêbado?

– Não, eu não – afirmou Papperman. – Quem faz isso é minha mulher. Quando eu bebo, fico um cara fácil e ela se aproveita de mim...

O auditório emitiu onomatopeias, assobios e gritos de expressões como: *naughty, naughty*.⁴

– Quem diria, hein, senhor Papperman? E do que ela mais gosta de o apelidar?

– De caixa eletrônico!

Ninguém conseguia ficar sério com Dennis Papperman.

⁴ Expressão americana para algo como: “danadinho...” (N. da A.)

17

Cabs are here

Os táxis estão aqui

No dia seguinte, Violet entrou como um furacão no escritório.

– Pelo amor dos deuses! Você me prometeu! – gritou a fada, apontando para Michael e balançando o dedo estirado. – Você me disse que eu estaria melhor hoje. Mas não! Minha cabeça está em *chamas* de tanta dor! Que poção foi essa que vocês me deram? Estão querendo me envenenar?

O cabelo da garota tinha passado do nível bagunçado, atingindo um grau de desastre. Os olhos verdes saltavam do rosto, mirando de forma assassina o rapaz que mordida uma maçã, tranquilamente. As empregadas haviam trocado sua roupa na noite passada e a colocado em um pijama de coelhos.

– Pelo visto não teve uma boa noite...

– Uma boa noite? Você está me perguntando se eu tive uma boa noite? – a fada ainda gritava, mas percebia a câmera seguindo-a. – Eu não me lembro de como terminou minha noite, então como posso saber se foi boa? Lembro-me de estar dançando, de falar sobre gnomos, e de bater minha cabeça no seu carro extremamente baixo. Aliás, por que uma pessoa compra um carro com teto tão baixo?

Michael pediu para a governanta buscar um café da manhã reforçado para a feérica descontrolada e ligou para Richard. Ao desligar, comunicou:

– Richard está a caminho. Ele foi contornar a situação de ontem no estúdio e Sabrina está com ele. Foi obrigada a seguir o pai toda

a manhã como punição.

– Mas ela *odeia* o período da manhã...

– E *quem* não odeia?

Violet tacou um guardanapo de pano no rapaz, mas não conteve o riso. Michael podia ser um chato, mas era engraçado quando queria.

– Acho que vou morrer – resmungou.

– O nome é *ressaca*. Sempre que decidir exagerar nas poções humanas, lembre-se dela...

– *Nunca* mais vou tocar nessa poção dos infernos. Sinto-me como se estivesse em um dos círculos de Aramis ou no fundo do poço dos trolls negros de Arkur ou no castelo de Saruman!

– Ok, sem mais referências que eu não entenda.

– Você não entendeu nenhuma delas? Em que mundo você vive?

O rapaz também não aguentou e sorriu.

Sabrina entrou no recinto com a pior expressão possível. A maquiagem do dia anterior ainda estava no rosto, aliada à roupa amassada.

– Nunca pensei que a veria assim! – espantou-se Violet.

– Como? Triste?

– Não... desarrumada.

– Feia?

– Desarrumada.

A jovem correu para o espelho mais próximo, com a intenção de consertar o lápis preto envolta dos olhos.

– Violet, meu pai é tão mau! Ele me forçou a ficar em reuniões chatas e, para piorar, estou sem dormir desde ontem.

O homem permanecia ao seu lado e não ignorou a situação como normalmente fazia. Aproveitou para guiá-las até as cadeiras do escritório.

– É para você aprender que é proibido menor de idade beber. Você não ouviu nada nas últimas horas? Vocês quase que tiveram que fazer serviço comunitário pelas atitudes de ontem.

– Fazer o quê? – perguntou Violet.

– Serviço comunitário, fadinha! – respondeu Michael. – Aqui no nosso mundo nós temos nossas próprias masmorras.

– Sim, como essa dor de cabeça horrorosa...

– Não. Isso é punição natural. Serviço comunitário é castigo dos homens mesmo. Vocês teriam que recolher muito lixo de cemitério. Seria ótimo para o reality show.

– Nós não estamos sendo gravados para ele, nesse momento? Acho que seu rostinho já é diversão o bastante, não é?

Sabrina finalmente soltou uma gargalhada.

Pouco tempo depois a governanta chegou com uma salada de frutas, leite, sucos e uma tigela de cereal.

– O que é isso? – perguntou a fada apontando para os flocos açucarados.

– Sucrilhos! Podem ser comidos com leite ou puros. Acho que vai gostar, amiga.

Para quê! De súbito Violet se apaixonava por mais um alimento humano. Comeu os flocos de milho tostados como se fossem pedacinhos de Céu.

– Esquece essas frutas! – ordenou às governantas. – Isso eu tenho em Ablach! Me traz mais desses negocinhos aqui!

Logo a empregada voltou carregando a caixa dos flocos caramelizados. O gosto do açúcar a deixava enlouquecida e o barulho ao quebrar os flocos animava o estômago.

– Preciso achar um novo patrocinador – disse Michael. – Richard, que tal procurar uma marca de cereais?

– Eu não me importo com isso, Michael. Temos coisas mais importantes pra ver. Eu sou o produtor dela, não o pai.

Aquela frase machucou os sentimentos de Violet.

– Credo, papai! – resmungou Sabrina. – Violet já é uma irmã pra mim, e isso a faz parte dessa família.

O homem suspirou.

– Foi uma manhã muito estressante e estou descontando em vocês. O governo entrou em contato, os donos da emissora, pais zangados e muitos donos de bebidas também.

– Por quê? – questionou Violet.

– Porque agora você é uma estrela e todos querem fazer dinheiro ou tentar fazer você parar de dar dinheiro. Explicamos que, no mundo das fadas, você tem 34 anos para justificar o ato de ontem, então companhias de champanhe piraram.

– Mas não aceitamos nenhuma – cortou Michael. – Nunca mais aparecerá álcool nesse show.

– Mesmo sendo um sucesso ontem à noite... – soltou Richard.

A fada interrompeu a mastigação e deixou alguns pedaços caírem no chão, desanimando a governanta.

– Foi mesmo? Eu não fui um fracasso?

– Você está brincando, né? – complementou Sabrina a um triz de cair da cadeira de tanta empolgação.

– Celebidades, boa música, roupas de marca, protagonistas lindas, uma fada, e ainda bêbadas, agarrando jovens bonitos. Isso é receita de sucesso. Ainda mais quando algumas regras são quebradas e tem um pouco de vexame – comentou Michael.

– Então... mesmo com o vexame de ontem... nós somos *amadas*? – o sorriso brilhava.

O ânimo de Sabrina havia mudado em segundos. Agora a morena dançava pela sala, mas seu exausto pai não parecia muito feliz com aquela animação toda.

– Mas calma um pouquinho – interrompeu Violet ainda chocada com a notícia. – Você disse *bêbadas* e *agarrando jovens bonitos*?

– Sim. E daí?

– E daí que eu não agarrei nenhum jovem bonito!

– Fadinha, fadinha. Depois é melhor assistir aos melhores momentos da noite passada – orientou Sabrina.

A tigela inteira foi parar no chão e a fada permaneceu parada na mesma posição. O dia estava apenas começando. E ainda precisava ir a um suposto encontro naquela noite.

* * *

Às oito horas da noite mantinha-se uma reunião com um famoso empresário americano. Ela não sentia vontade de sair com um

estranho, mas aquela era a pauta do segundo dia de seu reality show. Precisava seguir as regras, mesmo desconfortável.

O rapaz escolhido era apontado pela *Forbes* como um dos jovens mais ricos do mundo, destaque na categoria de internet. Ele havia desenvolvido sem pretensão uma rede social diferenciada para as pessoas compartilharem as derrotas de seus dias e, em poucas semanas, se consagrara como um novo gênio de sorte da web. As ações da sua empresa na bolsa de valores eram umas das mais valorizadas no setor, e milhões de pessoas participavam de sua rede social. Na festa da noite passada, a fada havia reparado naquilo: todos usavam o “Odeio meu dia” e pareciam animados lendo as informações postadas na rede, compartilhando principalmente seu vexame embriagada.

Pelo que Sabrina lhe explicou sobre o rapaz, parecia ser um típico humano nerd que enriqueceu, o que para ela não significava muita coisa. Não existiam feéricos considerados nerds, então demorou a entender o conceito. Em Ablach quando uma fada ficava muito bitolada em um estudo era considerada *evoluída* simplesmente.

Procurou por looks comportados de garotas nerds e não se identificou com nenhum, ao menos até encontrar um site chamado *LookBook*, onde viu uma roupa muito parecida com a que havia comprado de um viajante, escondida da mãe, nas Florestas da Dimensão. Era um vestido bege de renda com um cinto creme ajustado marcando a cintura. Por cima, um suéter comprido vermelho de botões redondos pretos. Usaria uma bolsa quadrada do mesmo tom do casaco, com sapatos e boina combinando. Resolveu entrar no estilo de vez e pegou emprestado de Sabrina um óculos grande, levemente quadrados, considerados a marca dos nerds. Se estava no papel não sabia, mas sentia-se *diferente* no visual. Talvez agradasse o rapaz. Talvez fosse outro desastre. De qualquer maneira, estava para descobrir quando pontualmente às oito da noite a campainha da mansão tocou e o programa começou a ser transmitido ao vivo.

– Está linda, amore! Agarra o milionário pra gente e o avisa que “Odeio meu dia” é tudo! Sou um dos perfis mais famosos.

– Sabrina, eu já sou milionária! Não preciso do dinheiro dele.
– Mas marido pobre ninguém quer, não é? Homem bom é homem que leva você de jatinho para andar de helicóptero pelas montanhas do Egito, meu amor!

Violet não compreendia a lógica dos pensamentos de Sabrina, mas admitia que ela sempre soava engraçada.

– Me deseja sorte!
– Ele que vai precisar...



- E foi interessante conhecer um gênio da informática milionário?
- O nome da rede social que ele criou se chamava “Odeio meu dia”. O que você acha?
- Bem...

18

Who wants to marry a multi-millionaire?

Quem quer se casar com um multimilionário?

A porta abriu e a movimentação na casa começou. Eram câmeras para todos os lados, assim como iluminadores, empregados e integrantes da produção. Todos pareciam ter medo de que alguma coisa desse errado. A noite passada já havia trazido prejuízos e demorou para o agente do empresário aceitá-lo no programa. Na verdade, o negócio só havia sido resolvido porque o rapaz era viciado em video games e estava fascinado com o fato de Violet ser *realmente* uma fada. Qualquer jogador de RPG ficaria orgulhoso de sair para jantar com um personagem *real* de seu livro de criaturas mágicas.

– Você deve ser Gregório... – disse Violet, já arrependida de ter ido àquele encontro.

O arrependimento não vinha pela magreza quase doentia ou pelas falhas grotescas no cabelo sem vida daquele rapaz de apenas 20 anos. Não era porque andava curvado lembrando o Corcunda de Notre Dame ou usava óculos desproporcionais ao seu rosto. O grande problema da fada com o rapaz era a *camisa social de manga curta* que ele vestia. Sim! Ela não entendia o gosto estranho dos humanos de usar roupas sociais masculinas em versão verão, ainda mais em flanela. Repetindo: *flanela!* Aquilo parecia ser o sinônimo de horror. O mais engraçado era que, para piorar, a cor era *azul bebê*, a cor mais broxante do mundo. *Nada*

ficava bem naquele tom, desde cuecas de avô a vestidos de gala feitos por tias. Violet ficou vermelha ao ver Sabrina no topo da escada, segurando o riso.

Seu encontro seria péssimo. Já estava certa disso.

– Minha senhora, espero não ter atrasado muito. Não sei se viu meu último post, mas um acidente aconteceu na entrada de Beverly Hills, entre um Jaguar e um Porsche, e não consegui chegar no horário. Então, odeio o meu dia.

Enquanto alguns humanos a chamavam de *baby*, outros usavam termos como “senhora”. Por que um rapaz de 20 anos usava uma forma de tratamento daquela, a fada não entendia.

– Há! Boa! “Odeio meu dia”. Entendi. Fique tranquilo, querido. Não vi sua mensagem, mas terminei agora de me arrumar.

O rapaz parou a afobação e se concentrou na criatura à sua frente.

– Você vai assim? – questionou Gregório, olhando de cima a baixo a garota com expressão de desprezo.

Estava aí uma reação que a fada não esperava.

– Algum *problema*?

A produção ligou o sinal de alerta, sem imaginar que o garoto falaria algo como aquilo em plena rede nacional. Violet agora era representante de muitas marcas. Não poderia ser vista como um mau exemplo de vestimenta. Ela agora era uma fashionista, uma *It Girl*. Um nerd com jeito de virgem poderia acabar com aquela imagem em cinco minutos no ar.

– Não me leve a mal, por favor – o garoto continuou. – É que, sabe, tive sonhos onde você usava roupas pequenas e coladas como a da Sininho! Não as mesmas que vejo minhas funcionárias usarem todos os dias...

Sininho! Sininho! Nem aqui eu me livro desse encosto, pensou. Aquela sirigaita não podia ter usado um vestidinho um pouquinho maior?

– Greg! Posso lhe chamar de Greg, certo? – questionou, mantendo a calma. – Compare-me a Sininho de novo e eu lhe darei motivos para torcer por bons acertos naquelas jogadas de dadinhos, que caras que nem você adoram testar a sorte, ok?

Agora é melhor você entender que está diante do maior privilégio da sua vida e agir como um cavalheiro, antes que EU utilize a minha conta no "Odeio meu dia".

O menino travou em choque. Milhões de mulheres ao redor do mundo vibraram.

– Agora me leve a um bom restaurante e pare de olhar para o meu decote...

Saindo da casa, Violet não pôde deixar de olhar para a câmera e suspirar, interagindo com os telespectadores.

Gregório ainda estava vermelho.

Entraram no famoso restaurante Melissa localizado na zona rica da cidade. As mesas redondas eram decoradas com toalhas brancas de ótimo tecido e pratos com bordas douradas. Os clientes sentavam em confortáveis poltronas beges. O local ainda possuía grandes lustres pendurados com adornos de madeira, além de diversos vasos decorativos ostentosos e pessoas trajando vestidos bonitos demais para um jantar. Ambos foram bem recebidos e conduzidos a uma área VIP reservada. Havia seguranças fiscalizando garçons e até mesmo as bandejas eram revistadas. Violet não sabia se toda aquela segurança era pelo fato de seu programa ser o assunto mais comentado mundialmente ou por estar com um rapaz que faturava milhões de dólares por mês.

– O que faz da vida, Greg? – perguntou, tentando puxar assunto.

– Digo, além do que nós já sabemos...

– "Gregório", por favor! – corrigiu. – *Greg* parece nome de marido de Barbie e eu não sou nada parecido com ele.

– Mas o nome do marido da Barbie é Ken...

– E eu continuo não sendo parecido com ele.

Pode ter certeza disso, pensava junto com noventa por cento da audiência feminina do programa.

– Me explique então exatamente como funciona sua rede, *Gregório*...

– Você é engraçada! – soltou o rapaz, gargalhando em meio a um grunhido de porco nada adequado para a televisão.

- Eu sou?
 - Sei que é uma fada e que supostamente não possui tanta *experiência* com o mundo humano, mas pelo tempo que já está por aqui, não conhecer o “Odeio meu dia” é quase uma alienação.
 - Aproveitando minha ignorância em relação a costumes humanos: você estaria me insultando, Greg?
 - *Gregório!* E não. Foi só um comentário. Desculpe se às vezes eu parecer um pouco rude. Fui diagnosticado com Síndrome de Asperger.
 - E isso é grave?
 - Só para os outros! Pessoas diagnosticadas assim geralmente não sabem mentir, não compreendem expressões de ironia e interpretam as coisas ao pé da letra.
 - Ah, então você é como Sheldon Cooper? – ela perguntou animada.
 - Isso foi uma ironia?
 - Pelo colar de Titânia! Você É como Sheldon Cooper! – repetiu em meio a gritinhos.
 - Porque, se foi, não tem graça.
- Um silêncio perturbador pairou pelo local. Todos da equipe ao redor seguravam a respiração, e a fada brincava com sua faca imaginando mil maneiras de tacá-la no chato à sua frente. *Agora entendi por que humanos às vezes preferem mentir.* Gregório passou os últimos minutos mexendo no aparelho celular, possivelmente atualizando a rede com as diversas novas coisas que odiava.
- É simples – disse de repente, como se se relacionar com ele também fosse. – Tudo que eu odeio no meu dia é postado na rede. Por exemplo, se eu odeio o fato de sair com uma fada e ver somente uma asa colorida, eu posto lá. Se a pessoa que encontro não sabe quem eu sou, eu posto lá. Se eu gostar do prato de lagosta que irão nos trazer...
 - Você posta lá.
 - Não, eu só posto se eu *não* gostar do prato. Do contrário o nome da rede seria: “Adoro meu dia” e eu mal teria dinheiro para pagar um prato de lagostas nesse momento.

Violet não sabia nem mesmo por onde começar a seguir um raciocínio de convívio social com aquele garoto.

– Aí, meus seguidores comentam como isso realmente é horrível e muitos me enaltecem – ele continuou, empolgado. – No final, transformo meu dia chato em motivos para ganhar elogios. Quer rede social mais legal que essa no mundo de hoje? Todo mundo gosta de reclamar do seu dia e todos gostam de receber elogios.

Gregório poderia ter razão nesse ponto, mas Violet ainda considerava uma perda de tempo ficar listando cada detalhe ruim de seu dia na internet para um bando de estranhos. *Embora eu faça algo parecido em um reality show*. O pior era que a situação estava constrangedora. Um moleque feio, cheio de espinhas amarelas e super mal vestido estava falando mal *dela* na internet. Existia coisa pior?

– Alguém chame Michael *agora* e lhe diga que quero um celular com internet.

A tensão na sala ficou maior. Gregório continuava a “odiar” na internet, alheio, recebendo milhares de comentários.

– Aliás, não precisa chamá-lo – decidiu-se. – Greg, você queria ver algo a mais do que uma asa, não é? Pois bem, aqui está!

Violet retirou a varinha de condão da bolsa e se concentrou em um feitiço de conjuração. Em dois minutos estava com o celular de Michael conjurado diretamente em sua mão e com uma página na rede social já criada. Aquele tipo de feitiço era contra seus princípios, mas não aguentava mais o ar de superioridade do rapaz mimado.

– Vejamos: você tem vinte milhões de seguidores no “Odeio meu dia” – analisou.

Gregório não gostou daquilo. Virando para a câmera, Violet disse:

– Amores que estão assistindo: que tal pararem de seguir esse chato e começarem a *me* seguir? Prometo escrever todas as vezes que odiar sair com um cara como esse. Preciso de um namorado melhor, aliás. Algum humano disponível?

Michael chegou ao local, já quase interrompendo a gravação. Pensava nos processos que poderia levar por conta daquele

comentário. Pegou o celular para então acompanhar a repercussão da ideia de Violet, ao mesmo tempo em que recebia ligações do estúdio e da equipe de Gregório Montjordan.

Algo realmente mágico acontecia. Em *cinco minutos*, Violet batia trinta milhões de seguidores, travando o sistema de "Odeio meu dia", enquanto Gregório ficava com metade dos seus seguidores. Marcado pelo perfil de Violet que postara uma foto dos dois com a frase: "odiei a minha noite", o jovem milionário viu sua timeline explodir de comentários denegrindo sua pessoa em idiomas de todo lugar do mundo. O rapaz, chocado, começou a chorar, em plena rede nacional.

– Ei, não fique assim... – disse ela, sentindo pena. – É apenas um mundo virtual.

– Não é *apenas* um mundo – ele lamentou, como uma criança. – É todo o mundo que eu conheço. É o *meu* mundo. Como você tem o seu...

Violet mais uma vez não soube como se comportar diante de uma pessoa tão singular.

– Gregório, o seu mundo é diferente até mesmo de quem vive nesse mundo.

– Você é diferente de quem vive nesse mundo. E nem é tão bonita assim...

Foi a vez de ela se ofender.

– Escute, eu não sei se isso é uma necessidade, se é algo incontrolável, não sei como julgar. Mas o fato de você ser uma pessoa sincera, não lhe dá o direito de ser cruel. As pessoas têm sentimentos...

– Já disse que não tenho intenções de ofender, as pessoas apenas se ofendem quando digo a verdade.

– Então peça desculpas quando ofendê-las – disse, com sinceridade. – Você pode não ganhar comentários de uma rede social baseada em ódio, mas pode ganhar um amigo fora do mundo que pensa ser o seu.

– Eu não preciso de amigos fora desse mundo. E não preciso pedir desculpas a você.

– Você criou uma *rede social*, Gregório! Tudo o que você busca são amigos – ela comentou. – E não era a mim que você deveria pedir desculpas. Era para as pessoas que estão nos assistindo e que devem ter muito a dizer sobre você nesse momento, no seu próprio site...

A cada segundo, Gregório perdia ainda mais seguidores. A situação tomava uma proporção cada vez maior e o milionário começou a se tornar violento enquanto chorava, a ponto de atacar os seguranças com um suposto sabre de luz imaginário. Michael percebeu a gravidade do momento e tentou escotar Violet até a saída dos fundos do restaurante, mas não imaginava o caos que os esperava.

Homens!

Homens de diversas idades, raças e estilos encontravam-se alterados, tentando chamar a atenção da garota e gritando diversos elogios. Violet descobriu de repente em meio aos gritos que era linda, sexy, gostosa, pra casar, e coisas do tipo. A equipe não havia pensado nas possíveis falhas do programa. Eles haviam mostrado a fachada do restaurante e Violet fizera uma convocação televisiva ao vivo. Era óbvio que todos partiriam para lá. Só não havia irlandeses, japoneses, poloneses, ingleses e diversos outros *eses* no estabelecimento porque não dava tempo de voar até Los Angeles, mas já precisavam se preparar para aquilo. Ela havia criado um frenesi difícil de ser controlado.

Michael voltou para dentro do restaurante e olhou desesperado para a jovem, buscando algum tipo de ajuda. Ela já havia feito um feitiço no passado para tirarem eles de situações como aquela.

– Não vem, não! – reclamou a fada. – Os deuses devem estar bravíssimos comigo porque usei magia para conjurar um *celular*. Se eu fizer mais para nos tirar daqui não sei se a Grande Mãe me tiraria os poderes. Ou pior, a rainha das fadas pode me procurar.

– Você não conjurou um celular! – reclamou. – Conjurou o *meu* celular!

– Ora, ao menos é de alguém que eu posso devolver, não é?

– Você está me contando coisas de que não preciso saber, Violet! Logo as câmeras vão nos achar para continuar o reality show.

– Então não me olhe com essa cara!

No fundo do corredor, ouvia-se a barulhada da confusão da área até então VIP. Gregório saía escoltado por dois homens do tamanho de um guarda-roupa até a porta da frente, enquanto a equipe seguia a fada pela porta dos fundos.

– Senhor, o dono do restaurante disse que precisamos sair imediatamente do local. Existem cerca de novecentos homens na frente do restaurante e mais todos esses atrás. Os que estavam dentro já tentaram passar por nossa barreira, não sei por quanto tempo vamos aguentar!

– Vocês estão gravando isso? – Violet questionou, alterada.

Todos confirmaram que sim.

– Pessoal, queridos! Liguem para seus amigos, irmãos, pais e namorados, pois definitivamente devem existir alguns ali, do lado de fora, e peçam para eles SAÍREM do local, por favor!

Meia hora depois e nada. A fada já possuía uma grande influência em relação a sua audiência, mas não conseguia ainda manipular *stalkers*.

– Como eu sou burra! Como não pensei nisso antes?

A garota virou as costas para Michael.

– Preciso que pegue uma faca e rasgue mais o buraco do vestido. Esse mesmo que foi feito para minhas asas se encaixarem. Preciso dele folgado para não me apertar.

Michael ficou olhando para ela atônito, como se ela fosse um monstro verde, com treze braços e dois narizes no lugar das orelhas.

– O que você pretende fazer? – perguntou.

– Vocês, humanos, são lerdos para pensar.

Minutos depois, ela abriu a porta do restaurante e, antes de ser derrubada pelo esquadrão masculino que a esperava com flores, bombons, pelúcias e iPads, deu um impulso, segurou a mão de Michael, e voou.

Para delírio, fascínio, lamento e temor de milhões de pessoas, ela voou.

Resultado daquela noite: Violet havia provado mundialmente que a Terra era seu parque de diversões e não existiam mais reis, rainhas, presidentes ou milionários.

Violet Lashian governava o mundo.



Alguns homens da plateia começaram a assobiar e gritar coisas que fizeram Violet corar.

– Obrigado! – disse Papperman. – Grite outro desses pra mim e deixo-o até me chamar de “meu caixa eletrônico”! – o auditório riu de novo.

O apresentador voltou-se para Violet mais uma vez.

– Pelo visto arranjar namorado nunca foi difícil para você, certo?

A fada suspirou.

– Bem...

19

I'm still here, bitches

Ainda estou aqui, queridas

Sabrina vibrava a cada post escandaloso no Perez Hilton ou TMZ. Michael animava-se com as dezenas de novos contratos oferecidos diariamente, redirecionando seus outros agenciados temporariamente para os sócios da empresa. Richard era o produtor com o reality show mais lucrativo nas mãos.

E Violet sentia-se finalmente realizada.

– Gostaria que a massagista chegasse no horário marcado, porque preciso estar relaxada para minha entrevista na Oprah. Avise ao Valentino que pretendo usar seu vestido no programa e responda para aquele ator de *Gossip Girl* que não vou sair com ele. Ainda estou traumatizada com o nerd chato. Falando nisso, quero atualizações das ações na bolsa de valores do “Odeio meu dia”. Ouvi dizer que quebrei a empresa do rapaz.

Quem mandou mexer com uma fada revoltada?

A governanta anotava os pedidos em um tablet. Elas mantinham contato integral, viam mensagens, e a mulher enlouquecia mais um pouco com as novas responsabilidades. Não havia sido contratada para ser assistente de uma *diva*, ou seja lá o nome que dessem para uma pessoa numa situação daquela.

– Você precisa fazer essa gravação hoje, a Ellen Degeneres amanhã e o especial da MTV com as músicas em feericanês no final de semana – confirmou Michael.

– Já disse que esse termo é *muito* brega! – corrigiu. – É *feérian*.

- Tanto faz, apenas preciso que esteja preparada. Temos também uma sessão de fotos para a John John e o comercial de perfume da Carolina Herrera. Registrou?
- Você me ama, não é?
- Como eu disse: tanto faz – respondeu, em tom cínico.
- Está aprendendo, pequeno gafanhoto – disse a fada, rindo do próprio agente.

Os dias passavam e a audiência crescia. Logo se passaram semanas, meses. Não parecia haver uma única pessoa que não soubesse da existência da fada entre os terráqueos. Era incrível como, mesmo existindo grupos religiosos e investigadores paranoicos querendo saber mais sobre o reino das fadas, o resto da população se contentava com o fato de que existia apenas *uma de verdade* conhecida no mundo.

Pela correria da nova vida, Violet por diversas vezes esquecia-se de sua origem e até da família em Ablach. Ninguém havia entrado em contato e ela também não fazia mais questão de procurá-los. Porém, quando recordava, sentia um nó na garganta e via-se segurando mais uma vez o medalhão feito pela mãe, em um misto de saudade e revolta. Não raro, lembrava-se do pai falecido e pensava se sua partida não havia prejudicado ainda mais a matriarca. Ao mesmo tempo, conflitava as lembranças do desgosto que era para todos em Ablach e de como era amada pelos humanos. Assim, tentava esquecer-se do passado infeliz.

Certo dia enchia a banheira de sua suíte, preparando-se para um jantar de negócios com os produtores do programa musical no qual havia se revelado. Eles queriam uma nova participação na final da temporada, fazendo um dueto com o finalista. Ela não conseguia acreditar que a série já estava quase no fim. Naquele momento, sentia-se feliz por ter fechado um contrato extenso. *Feérica – O Reality Show* passaria diariamente por cinco meses, tendo dois de folga, até retornar para uma segunda temporada. Eles ponderaram sobre três meses, por experiências de programas como o *Big Brother*, mas todos queriam mais de Violet e ela

queria mais da fama. Já estavam completando três meses no ar e não se importava.

Quando se despiu da toalha e pisou na água quente com sais de banho da Hermes, levou um susto.

– Pelas barbas de Merlin! O que um trasgo como você faz aqui no meu banho? – gritou a fada.

– Olá para você também! Vejo que não mudou muito aí na dimensão dos sem asas – respondeu a imagem do rosto de Tyrin refletida na água cheia de sais. – Será que poderia afastar essas espumas do meu cabelo?

Percebendo que estava nua, Violet procurou com urgência o roupão da Victoria's Secret.

– Não tenho porque tirar a *minha* espuma para agradar você – resmungou. – Você não deveria nem estar na minha banheira! A sorte é que o programa não me grava por aqui, senão teríamos problemas.

– Desculpe, mas não imaginei que se despiria tão rápido para mim assim. Não que não tenha gostado...

– Seu monte de estrume de esfinge! Não quero conversa com você. Fui condenada em minha dimensão por *sua* causa! Sua e daquela desmiolada, nariguda, tomara-que-Morrígan-vigie-sua-morte!

O feérico soltou bolhas na superfície para tentar afastar o volume de espuma que cobria seu olho esquerdo.

– Eu não tive culpa de nada disso! Não sabia o que Bree havia preparado para você...

– Mas nem pensou em ajudar quando viu aquela MALUCA nos atacar, não é?

Tyrin era a última pessoa com que Violet gostaria de perder seu tempo. Ao menos depois de Bree. Entretanto, ficava curiosa com a repentina aparição.

– O que você quer comigo, Tyrin? – exigiu.

– Apenas conversar e quem sabe... conseguir seu perdão – ele disse com uma expressão séria, estava envergonhado. – Percebi vendo o seu programa nos últimos meses que sente minha falta. Não se lembra do nosso momento nas colinas de Bride?

Violet chutou a toalha jogada no chão de raiva. Tinha vontade de procurar a varinha e tacar-lhe fogo. Ao menos daquela vez seria verdade.

– Eu NÃO tenho pensado *nem um pouco* em você, querido! – ela afirmou, furiosa. – Eu hoje sou a mulher mais cobiçada dessa dimensão!

– “Feérica”.

– Como é que é? – Violet perguntou confusa, mas ainda irritada.

– Você é a *feérica* mais cobiçada dessa dimensão – Tyrin corrigiu. – O que não é lá algo muito difícil, convenhamos, já que é a única...

– Como diabos eu *desligo* isso? – Violet se exaltou, misturando o funcionamento de magia e tecnologia na própria mente.

– Ei, ei, me escute! Calma, me escute: do que adianta ser cobiçada por sei lá quantos humanos, se no fim das contas você não está com ninguém? O único humano com quem saiu nos últimos tempos mais parecia um Murlock.

– E COMO VOCÊ SABE DISSO?

– Toda as pessoas da nossa dimensão estão lhe assistindo e ficando pasmas com suas aventuras – contou. – A rainha disponibilizou um holograma conectado à vibração das ondas do canal humano, para acompanharmos durante as refeições.

Aquela informação era *nova* para Violet. De repente, não soube se sentia-se feliz ou não com a notícia.

– A rainha fez isso?

– Claro! – respondeu o feérico, sem animação. – Sua família quase infartou quando você desapareceu. Depois, descobriram sobre suas façanhas e não descansaram até ter notícias suas. Sua mãe segura o choro toda vez que a vê com aquele medalhão no pescoço.

– Elas fizeram isso? Minha mãe está *mesmo* assim? – questionava quase em repetição, sentada na beirada da banheira para não passar mal. – E você disse que ela quase... *chora*?

– É claro. Ela é uma fada, mas é sua *mãe*, não é? Todos em Ablach entraram em choque com a sua revelação ao mundo humano. Acharam que os humanos poderiam descobrir formas de

fundir as dimensões e sabe-se lá o que isso iria gerar. Aconteceu até uma reunião de emergência com todos os líderes mágicos para saber qual seria o próximo passo.

– E qual foi? – perguntou, temerosa.

A fada acompanhava a conversa como a uma novela. Aquela não parecia sua vida. Nunca imaginou que uma atitude sua poderia gerar reuniões de líderes mágicos.

– Eles decidiram permanecer quietos, acredita? – Tyrin revelou.

– Proibiram qualquer outro feérico ou ser mágico de descer à Terra, sob alerta de pena de morte! Você agora é um caso isolado, que mexeu com a História de Ablach...

Violet se lembrou da conversa com a mãe e concluiu que ela falava a verdade. Realmente não podiam entrar em contato.

– Mas por que está falando comigo, então, se está proibido?

– Tudo que é proibido é mais gostoso, amor! – afirmou, aliado a um sorriso malicioso. – Percebi que somos perfeitos um para o outro e que, se eu for morar com você na Terra, poderemos governar os humanos!

Ah, estava demorando. Com toda a experiência adquirida em Hollywood nos últimos tempos, Tyrin teria de rebolar muito mais do que aquilo para conseguir manipulá-la novamente.

– Está me achando com cara de Nemo? – ela perguntou.

– Quem é *Nemo*? – ele se exaltou.

– É um peixe-palhaço!

– *O que é* um peixe-palhaço?

– Esquece! Eu não acredito que, depois de tudo o que me fez passar, ainda tem coragem de tentar ganhar fama às minhas custas! Eu passei anos admirando você! Anos! E para quê? Anda, me fale: para quê?

A fada começou a chacoalhar as mãos na água para fazer ainda mais espuma, que cobria imagem dele.

– *Nunca mais* volte a falar comigo! Eu juro pelo poder das deusas eternas que se aparecer mais uma vez durante meu banho, eu lhe joga uma praga e ficará careca, entendeu?

Havia mexido com tanta força na água que não sabia se Tyrin havia escutado todo o discurso. Não conseguia acreditar na

ousadia dele em tentar ludibriá-la. Aquilo a deixou ainda mais irada e percebeu uma coisa importante...

Precisava de um namorado. Urgente!

Esqueceu o banho preparado e desceu o mais rápido possível, ainda de roupão, ignorando as câmeras que poderiam estar esperando.

– Sabrina! Onde você está, menina?

A amiga conversava ao celular, empolgada, com algum possível pretendente, mas a fada não se importou. O que tinha para falar era mais importante.

– Desliga isso agora!

A equipe que a aguardava levantou apressada para montar o equipamento e registrar a conversa das duas. Se Violet estava alterada, possivelmente teriam um episódio bombástico, e andavam precisando disso. Ela era um fenômeno, mas tinham que manter o programa interessante para a audiência.

Enquanto a socialite desligava a ligação, a feérica ordenou que a governanta cancelasse seu compromisso, avisando que gravaria o que quisessem desde que não precisassem de um jantar inteiro para falar daquilo.

– Nossa, stressadinha, Johnny Depp ligou para estar agitada assim?

– Não, mas tenho algo melhor em mente...

– Não existe *nada* melhor do que Johnny Depp.

– Melhor do que qualquer plano que tínhamos para hoje.

Sabrina começou a dar pulinhos, olhando desesperada para Violet.

– Prepare meus pacotes de Doritos, nosso arsenal de música pop e os vestidos mais descolados que tivermos. Nós vamos para Vegas!

Dizendo isso, a fada se retirou e voltou para o banho, deixando Sabrina atônita.

– *Vegas, baby!* Isso vai ser histórico!

Em casa, os telespectadores se animaram. *Aquilo* seria algo inusitado, afinal, diziam as regras que o que acontecia em Vegas, ficava em Vegas.

Só que uma fada invadiria a cidade do pecado.

E algumas regras mereceriam ser quebradas.



– O que faz uma fada ao invadir uma cidade do pecado? – perguntou o apresentador.

– Duas hipóteses apenas: ou ela purifica o lugar, ou sucumbe de vez.

– Pelo que eu saiba, até ontem pelo menos, Vegas continua longe de se tornar um mosteiro – ele insistiu.

– E isso já diz bastante coisa sobre o que aconteceu na última invasão de uma fada por lá...

O auditório adorou.

20

Deal or no deal

Negócio ou não

A vista de dentro do jato biturbina particular já a deixava sem ar. Perguntava-se como era possível existir um tesouro como aquela cidade no meio de um deserto. Pelo tamanho dos hotéis, já conseguia diferenciá-los e, de longe, sentia-se como os deuses observando o mundo com pequenas peças de um enorme tabuleiro. Tudo era muito organizado e diferente. Cada torre, pirâmide e castelo parecia estar estrategicamente localizado. Precisava segurar as emoções. Queria gritar que estava em Vegas para a câmera ao seu lado.

Contudo, sentia-se estranha por estar com as asas abertas dentro daquela baleia de metal. Era a primeira vez de Violet em algum tipo de avião, e não parecia confortável. Enquanto Sabrina ria e se embelezava com um grande kit de maquiagem, a feérica olhava para fora com certo desânimo por não estar sentindo o vento nos cabelos. Fazia tempo que não voava e não entendia por quê. Não falava com os amigos, mas muitas vezes não se sentia tão tentada à mágica como antes. Sem voar ou praticar seus feitiços, aos poucos parecia apenas uma aberração da natureza. Era interessante como as pessoas gostavam dela por ser uma fada, mas não a incentivavam a continuar agindo como uma. Quando percebia, estava se preocupando com roupas, entrevistas e até namorados.

Procurou afugentar da cabeça pensamentos que tiravam um pouco do brilho do lugar fenomenal. Michael não havia ficado feliz

com a notícia da repentina viagem. Primeiro porque, ao contrário de Violet, ele precisava aparecer nas reuniões profissionais, então só estaria por perto novamente no dia seguinte. Segundo porque eram menores de idade querendo frequentar lugares proibidos em uma cidade em que pouca coisa não era proibida. Tudo de melhor que acontecia em Las Vegas não era permitido a elas, mas Richard contratara o jato e dera a permissão para a viagem mais rápido do que ele pudesse contestar. O produtor sabia do risco, mas não podia negar que a resposta do público fora imediata. Após acabar o programa, a hashtag #VioletEmVegas estava em primeiro lugar dos assuntos mais comentados nas redes sociais. Aquele episódio poderia fazê-los lucrar *mais*.

Como se já não lucrássemos o suficiente, pensou Michael ao saber da notícia.

Então, na mesma noite, as duas e mais uma equipe pequena de produção embarcaram para a cidade do pecado, onde sobrevoaram por um tempo para apreciarem a vista. Chegariam ao local e provavelmente haveria muitos fãs esperando. Já haviam combinado antecipadamente com o aeroporto e o hotel para reforçarem a segurança. Seria a primeira vez que a fada conheceria outro lugar sem ser Los Angeles. Estava animada.

Ao sair do jatinho, uma limusine roxa a esperava. Com o planejamento, conseguiriam sair mais rápido do aeroporto, mas não deixariam de mostrar que Violet *havia chegado*. Na saída dos carros, fotógrafos e fãs começaram a gritar e a se pendurar no automóvel alongado. A fada mal arriscou abaixar o vidro, com receio de que enfiassem braços pela janela. Continuava receosa de estar em espaços apertados por conta da asa frágil e até as limusines ainda não pareciam espaçosas o suficiente. Apenas quando estavam a uma boa distância, Violet e Sabrina ergueram-se pelo teto solar, levando a multidão à loucura.

– Avisem que a feérica chegou à cidade! – ordenou em meio a loucura. – E que isso aqui vai ser um encanto!

Andavam pela rua principal da cidade, a chamada Strip, encantando-se com as luzes e cores radiantes que só Vegas possuía. Violet se sentia em um mundo à parte. Do alto do carro via hotéis maiores do que quarteirões, painéis de luzes capazes de cegar retinas mais sensíveis, torres lembrando castelos e pontos turísticos famosos. Via muita riqueza e muito ouro. Todos os outdoors lembravam as maravilhas que encontrariam no local, desde shows do Cirque du Soleil a restaurantes e clubes badalados. Encontrariam as melhores lojas de grife e os mais requintados spas. Gostaria de ter agradecido a todos os deuses por momentos como aquele, mas se esqueceu quando se aproximaram do hotel em que ficariam hospedadas: o majestoso Bellagio.

– É verdade que Brad Pitt pisou no chão desse hotel?

– Sim, ao lado de George Clooney, Matt Damon, Andy Garcia, Joshua Jackson... – acrescentou Sabrina.

– Vocês, humanas, não têm ideia do quanto são sortudas... – comentou Violet.

O comentário subiu o valor das ações do lugar.

O luxuoso hotel e cassino localizava-se na parte sul da Strip, mas era quase em uma área central, por isso, muito movimentada. Cenário de filmes como *Onze Homens e Um Segredo* e *21 Quebrando a Banca*, era propriedade do MGM Resorts, construído onde antigamente existia o Dunes Hotel e Cassino. Famoso por sua elegância, uma das características mais notáveis era o lago amplo, entre o edifício e a Strip, e suas famosas fontes de águas dançantes, um verdadeiro balé a céu aberto que Violet queria ter a experiência de assistir. No local, vários turistas já aguardavam pelo show que acontecia a cada quinze minutos no horário noturno, com luzes coloridas e músicas ambientes ditando o ritmo do baile aquático.

Dentro do hotel se encontrava um jardim de inverno que mudava a cada estação, composto por mais de duas mil flores. Além da produção aquática "O" do Cirque du Soleil, mas haviam se

prometido assistir à apresentação “Love”, inspirada nos Beatles, que ocorria no hotel Mirage. Resolveram deixar as malas feitas às pressas no quarto e aproveitar um jantar impecável no restaurante nova-iorquino Le Cirque, tendo a oportunidade de ver as fontes dançantes. Depois decidiriam os próximos passos. Não era de praxe menores de 21 anos frequentarem clubes de Las Vegas, mas elas possuíam privilégios. Veriam o que Michael iria conseguir.

– Precisamos passar na Jean-Philippe, depois do jantar – comentou Sabrina, ao sair da limusine e fazer poses para os paparazzi. – Existe uma fonte de chocolate por lá que você vai *amar*, amiga!

Ao saírem, foram atendidas por uma equipe de dez funcionários que a acompanhou para sua Penthouse, a suíte mais poderosa de todo o hotel. Ao ingressarem no recinto, um choque. Até Sabrina, acostumada com luxo e riqueza, não deixou de demonstrar apreciação em olhos vidrados. Um bar se ligava à área de estar e de jantar. Os quartos ofereciam uma vista deslumbrante da Strip, e o banheiro era tão espaçoso, que seria possível morar dentro dele.

– Esse banheiro é maior do que o meu quarto no albergue! – exclamou Violet.

– Você não tem mais quartos em albergues, querida! – corrigiu Sabrina. – Essa vida não lhe pertence mais.

O ambiente era equipado com uma banheira de hidromassagem com jatos de ar ajustáveis e uma variedade de espelhos de maquiagem, closet com vaso sanitário e bidê. A decoração da suíte era clássica, com móveis de madeira escura e tecidos beges da melhor qualidade. A abundância extrema, se não contagiasse, causaria espanto. Violet já se sentia próspera em Los Angeles, mas parecia que aquela sensação aumentava dez vezes em Las Vegas. Não se tratava do quanto de dinheiro se tinha, mas da forma como era tratada. Ali o seu status ganhava ainda mais importância e todos queriam satisfazer seus caprichos a cada segundo. Tiveram as malas desfeitas pela equipe e seguiram para

o jantar embalado pelos movimentos das águas e uma sobremesa que a fez repetir o pedido três vezes.

– Não sei como consegue comer desse jeito e não engordar – reclamou Sabrina, em tom de inveja. – Já até procurei na internet o tipo de doença que você deve ter, porque é *impossível* comer dessa forma e não virar uma baleia. Já engordei *dois quilos* nesses meses convivendo com você! Estou uma porca pronta pro abate!

– Credo, eu não tenho doença alguma! Isso é jeito de falar?

– E como você me explica ter estômago para aguentar nosso jantar e mais essas três sobremesas SUPERcalóricas? Não vejo você fazendo um mísero exercício. É algum tipo de feitiço que não quer compartilhar, não é? Pode me contar, amigas são para isso! É um feitiço, não é? Tem de ser...

Violet revirou os olhos e as câmeras do reality show focaram ainda mais na conversa das amigas..

– Eu não uso feitiços para esse tipo de coisa! Deve ser algo relacionado ao meu organismo. Comi agora uma bomba de chocolate. Sabe como isso é incrível? O mundo todo poderia ser feito de bombas de chocolate! Não consigo me controlar com todos esses aromas adocicados daqui...

– Nenhuma mulher consegue, amore! O cheiro de chocolate é o perfume dos deuses para nós. A diferença apenas é que amanhã preciso de spa e de umas três horas de academia para perder tudo isso.

– E eu preciso descansar dessas lamentações – finalizou Violet, rindo da face triste da amiga. – Você é linda o suficiente para não precisar se preocupar com isso, ok?

– É claro – disse Sabrina. – Só que não...

As duas saíram do estabelecimento, se direcionando para o cassino, de onde acessavam os elevadores para os quartos. Só depois das refeições perceberam o quanto estavam cansadas e precisavam de repouso para aguentar os próximos dias. Não seria naquela noite que incendiariam a cidade.

Estavam quase pegando o elevador quando Violet de repente teve um ataque histérico, falando palavras sem sentido, dando pulinhos estabados e mexendo as mãos freneticamente.

Ninguém do cassino conseguiu deixar de acompanhar cada ação depois do grito que a fada deu.

– O *mestre* está aqui! – repetia em tom cada vez mais estridente. – O *mestre* está aqui!

Sabrina já conhecia a feérica e tinha medo de que algum vidro se partisse pela empolgação. Tentava arduamente, mas não entendia o que ela falava.

– Está ficando maluca? – reclamou. – Aqui não tem nenhum...

– Eu estou falando, Sabrina! – Violet a cortou. – Eu vi! Eu vi!

– Agora só existem por aqui senhores aposentados gastando suas economias em maquininhas de caça-níqueis. Os grandes do pôquer estão nas salas fechadas...

– Não estou falando disso! – reclamou. – Estou falando do mestre *de verdade*!

– Antes me diga uma coisa: você por acaso está se sentindo um gnomo?

Violet saiu empurrando Sabrina, que foi jogada resmungando até um canto do cassino. Quando olhou para a frente, estava diante de algo extremamente inusitado para ter a atenção desviada por uma fada histórica.

– Uma máquina de caça-níquel é *o grande mestre*?

Violet deu um peteleco na testa de Sabrina, fazendo-a arregalar os olhos.

– Não se concentre na máquina ou você irá perder toda a beleza do que ela representa!

– Quem é você e o que fez com a minha amiga? – perguntou Sabrina.

Violet deu um segundo peteleco na testa da menina, fazendo-a ficar em choque.

– Ei! – reclamou, passada a surpresa. – Isso dói, garota!

– Esvazie sua mente! Pense sem formas... como a água...

Sabrina continuava apenas piscando olhos, chocada, feito um anime japonês.

E, então, reparou melhor na máquina. E entendeu.

– Não, eu não acredito... – sussurrou.

– Como diria o mestre... – continuou Violet, como se fosse uma mestra zen ou uma monja prestes a iniciar uma aula de Tai Chi no meio do Central Park.

Sim, uma máquina de caça-níquel, mas não qualquer máquina de caça-níquel.

– ... *be water, my friend!* ⁵ – concluiu Violet.

Uma máquina de caça-níquel do Bruce Lee.

– *Como você conhece Bruce Lee?* – assustou-se Sabrina.

– Você sabe o que é uma Leanan Sídhe? – ela perguntou, com certo pesar.

Sabrina negou com a cabeça.

– Então é melhor nem saber... – suspirou.

A feérica se estressou. Ela muitas vezes se esquecia de que não podia compartilhar informações sobre sua dimensão; e ficou triste por não poder falar da Leanan Sídhe, a fada-musa que se alimentava da energia de seus seduzidos ao mesmo tempo em que os alçava à glória. E essa fada havia seduzido seu grande ídolo.

Violet ficou sabendo do ator quando visitou com a turma dos estudos mágicos a dimensão dos anões. Ela não sabia, mas todos da raça pequena eram apaixonados pelo lutador humano. Fanáticos a ponto de terem *todos* os seus filmes contrabandeados, assim como Violet contrabandeava produtos de beleza. Através de descendentes do Rei Macaco, espalhados e camuflados por Hong Kong na forma de animais, os anões conseguiam as películas para reproduzirem em seus hologramas, além de armas brancas feitas por humanos para se divertirem bêbados. Eles gostavam de exibir esse tipo de material, e a fada se encantou pelo artista por trás do mito que causava aquele fascínio em dimensões além da terrestre. A feérica nunca pensou que estaria encontrando a imagem de Bruce Lee em pleno cassino. Aquilo não havia sido combinado, mas tinha tornado a sua noite ainda mais divertida. Ver *o mestre* só podia significar sorte.

– Quero jogar isso! Quero jogar isso! Como se joga isso? – questionava para todos ao redor, desde a produção até os velhinhos que jogavam a Roda da Fortuna.

A multidão aumentava, começando a atrapalhar o cassino. Para variar todos estavam encantados com Violet e seus delírios.

– Olá, senhorita! Meu nome é John e sou o gerente. Poderia ajudá-la com alguma coisa?

– John, você é meu novo melhor amigo! – respondeu a fada.

– Eeeeei! – Sabrina protestou, raivosa.

– Relaxa que você é minha melhor amiga no resto das outras coisas! – E, voltando a atenção para o gerente, ela disse: – John, preciso que me explique como funciona essa coisa...

– A senhorita tem mais de 21 anos?

Sabrina congelou no momento.

– Amigo, no meu mundo tenho 34 anos e se o senhor não sabe disso está bem desatualizado. Sou sua principal cliente desse fim de semana e estou aguardando a resposta da minha pergunta.

O homem não sabia como agir. As duas eram jovens demais e não poderiam estar nem mesmo no saguão do cassino. Entretanto, *tecnicamente*, Violet era um caso à parte, além do funcionário já ter sido instruído a agradá-la a qualquer custo.

Diante do mundo que lhes assistia.

– Posso conferir com meu superior?

– Mas você não é o gerente?

– Sou, mas tenho um superior.

– Então seu superior que deveria estar aqui, não acha?

Diante do tom mal-humorado da fada, o gerente deu alguns passos para trás e começou a acionar funcionários por um walkie-talkie. Logo havia toda uma equipe para auxiliar Violet na máquina e uma autorização legal, sabe-se lá emitida por quem, lhe permitindo utilizar o cassino, desde que não utilizasse magia para trapacear nos jogos.

– Fiquem tranquilos, queridos! Eu não vou precisar de magia – ela concluiu. – Em Ablach, dragões são símbolos de sorte...

E, assim, Violet colocou uma nota de cem dólares na máquina brilhosa para acioná-la. A equipe tentou explicar a lógica para ela entender como poderia ganhar o jogo, mas tudo parecia muito confuso. Sabia que tinha a figura de Bruce Lee à frente, vários botões que poderia apertar e cinco colunas com três fileiras dando

um total de quinze imagens. Ela precisa conseguir mais dois *Bruces*, um ao lado do outro, para atingir os *especiais*. Outras combinações ajudavam, mas a graça era ver Sensei Lee chutar a tela toda cada vez que um especial era conseguido.

E a sorte foi lançada.

No começo, com giro aleatório das colunas verticais só apareciam coisas entediantes como baús, moedas e animais sem graça feito galinhas, micos, tigres e garças. Algumas vezes aparecia a imagem de uma mulher que ela não tinha a mínima ideia de quem era. Os espectadores ao redor se mantinham apreensivos e, ao mesmo tempo, curiosos. Já Sabrina vibrava e celebrava cada rodada do jogo, mesmo sem entender que a feérica perdia dinheiro (e o que eram cem dólares para alguém que poderia morar naquele cassino?). Para Violet, todavia, chegou um ponto em que o jogo ficou chato e nunca apareciam dois *Bruces* na mesma tela.

Violet, persistente, continuava a apertar os grandes botões. Até que de repente os olhos se arregalaram e ela gritou:

– Olha! Olha isso! *Um Bruce! Dois Bruces!* Moedas, moedas! Água, meu amigo! Água!

O astro de *Operação Dragão*, que antes ocupava um dos quadradinhos, aumentou de tamanho, ocupando toda a coluna vertical, e chutou a tela. O som característico do grito de *Uuááh!* com o barulho do chute fez Violet saltar, junto com a empolgação ao redor dela. Os números na telinha de ganhos subiam de forma impressionante. Ela começava a recuperar o dinheiro perdido. Curiosamente, mesmo os câmeras do reality show comentavam a jogada, ignorando o fato de que se encontravam em horário de trabalho.

Então, a sorte mudou; e imagens do astro começaram a aparecer com mais frequência durante as jogadas, sempre chutando a tela e fazendo Violet e Sabrina vibrarem com a musiquinha de vitória que embalava o aumento dos números.

– Será que conseguimos mais do que isso? – questionou Sabrina, eufórica.

– Está comigo, está com os deuses! – respondeu a fada, convincente.

Uma jogada.

– Vamos! Vamos! – ela dizia, com olhos vidrados.

Duas jogadas.

– Sensei Lee, você precisa me ajudar! – ela gritou no meio do cassino. – Retroceder nunca; render-se jamais!

Duas jogadas depois a partida estava ganha. Não um ou dois *Bruces* apareceram, mas sim TRÊS. Sabrina apertava o braço da feérica com tanta força que a deixava roxa como o seu cabelo. A imagem do primeiro cresceu e soltou o som do grito com o chute na tela! O segundo fez o mesmo. Quando o terceiro chutou, de súbito uma tela de bônus apareceu e uma música alta invadiu o espaço, lembrando as músicas de bônus de jogos para video games de 16 bits. Todos ao redor começaram a aplaudir e ovacionar, enquanto Violet e Sabrina dançavam com o embalo da empolgação, como uma imagem em GIF. Moedas e mais moedas douradas saltavam pela tela, parecendo confetes, e a música animada continuava a tocar, mais parecendo vir dos alto-falantes que apenas da máquina. A plateia dançava com Violet a dancinha improvisada com os braços dobrados 90 graus para o alto, pendulando-os para um lado e para o outro. Aquela imagem em breve se tornaria imagens GIFs *de verdade* na web, e montagens de vídeos do YouTube, e coreografias reproduzidas em pistas de casas noturnas. Quando a música finalmente parou e a aglomeração se acalmou junto com Violet e Sabrina, é que as duas foram perceber que a fada havia ganhado *dez vezes mais* dinheiro do que tinha colocado a princípio. Feliz e com a adrenalina no auge, Violet subiu na cadeira e, ainda em êxtase, anunciou:

– Drinques para todos! Esse dinheiro é de vocês, meus feéricos!

A aglomeração vibrou. As garçonetes vestidas em trajes tão curtos quanto os do Hooters correram para o trabalho extra. Violet deixou os mil dólares com o gerente John e o agradeceu com uma nota de cem do próprio bolso, saindo realizada para os elevadores.

No final, a feérica sentia que nunca seria tão feliz como naquele momento, em que estava no topo do mundo.

Torcia apenas que, assim como surgira, sua sorte não acabasse subitamente.

5 Seja (como a) água, meu amigo.



A plateia dançava com a música da máquina sendo reproduzida no estúdio.

- Essa musiquinha é realmente fascinante...
- Ainda mais acompanhada de cifrões girando sem parar na tela
- concordou a fada.

Papperman riu. Esperou a música acabar e emendou sem pausa:

- Então quer dizer que foi com Bruce Lee que começou a sua tara por lutadores?

O auditório riu. Violet corou por um momento.

- Você vai mesmo me fazer falar sobre isso, não é? – ela perguntou, rendida.

Era óbvio que ele iria.

21

It's time

É a hora

O sucesso da fada no cassino já havia chegado aos ouvidos do agente e logo Michael apareceu na cidade, deixando muitos de seus compromissos. Aquela não era a imagem que gostaria que Violet passasse. Aos poucos, criava carinho por ela e percebia que, mesmo destrambelhada, e muitas vezes deslumbrada, ela tinha um coração puro. Estava apenas animada demais com o fato de ser amada. O problema era que, mesmo presente, cada vez menos conseguia controlar a feérica, e até o estúdio, aos poucos, se esquecia que supostamente aquele era para ser um reality show de uma fada. Daquela forma, em pouco tempo o público ignoraria as asas e feições exóticas e pensaria estar assistindo à mais um episódio de *Mulheres Ricas*.

– Bebidas, cassinos e dinheiro – ele resmungou, diante dela. – São em coisas assim que você pretende gastar a sabedoria milenar feérica?

– Michael, às vezes você parece um Ent falando, sabia?

– Já disse para usar referências que eu conheça.

– Para um superagente, me parece que você anda assistindo a poucos filmes – ela provocou.

– Talvez porque eu os esteja produzindo, enquanto pessoas como você assiste a eles.

Violet travou por um instante.

– *Ouch!* Uma hora você tinha de ganhar uma, né? – admitiu.

As amigas passaram o dia em festas na piscina, enquanto Michael controlava as diversas ligações recebidas com convites. Empresários e donos de casas noturnas da cidade a queriam para aparições e ofereciam cheques em branco por um pouco daquele show. Michael, porém, queria que ela tivesse a opção de escolha dos próximos passos. Precisavam começar a aproveitar as oportunidades de uma forma inteligente.

– Tenho uma lista de boates, restaurantes e atrações para você escolher – comentou, enquanto a fada estirava as asas no sol. – E você não vai torrar suas asas desse jeito, sua doida?

– Você acha que existe algum protetor solar para asas nessa dimensão? Claro que não! Mas fico olhando essas meninas e vejo o quanto sou branca.

– Pelo que é mais sagrado! Violet, você é uma FADA! Vocês devem ser *brancas*, não? Cadê a feérica animada que queria ditar moda entre os humanos?

Violet retirou os óculos de sol e encarou Michael. Ele tinha razão. Com o sermão, percebeu a burrada que fazia. Michael então apontou para o medalhão no pescoço dela.

– Uma vez eu lhe perguntei sobre esse medalhão e você me disse que era um presente da sua mãe, mas não sabia por que ainda o usava – comentou o rapaz, ainda sério. – Sabe qual a minha teoria? Porque ele lembra a você de onde você veio.

A feérica abaixou a cabeça por alguns minutos, possivelmente refletindo em tudo conversado, depois disse:

– Torneio de Reis, UFC e quero ir dançar na TAO.

Tendo dito isso, a fada levantou da espreguiçadeira deu um leve beijo no rosto do agente e saiu, deixando-o surpreso. Como sempre.

Chegou a noite aguardada pelas fashionistas. Atendendo ao pedido, a produção levou primeiramente Violet e toda equipe para jantar e assistir ao Torneio de Reis do hotel Excalibur, onde se apresentavam shows medievais, enquanto os espectadores comiam frangos e costelas de porco com as mãos. Ela achou

engraçado passar por uma atividade supostamente medieval com aqueles humanos tão atípicos. Michael não parecia confortável, sujando-se de molho de churrasco. Ao terminar o espetáculo, seguiram para o Mandalay Bay onde assistiriam a uma luta de MMA, algo que interessava a fada por lembrar as antigas lutas de gladiadores humanos. Curiosamente, períodos de guerra, fome e matança eram os mais marcantes para a relação entre feéricos e humanos, pois era quando um mais necessitava do outro. Além disso, Violet já estava acostumada a ver lutas de trasgos com anões, algo bem mais desvantajoso, e achava fascinante o espírito de superação, honra e sacrifício que envolvia as escolhas de um guerreiro.

A fada trajava um short curto, feito de franjas de couro preto com uma regata branca da Yves Saint Laurent. Por cima vestia um casaco branco e preto com o típico rasgo para as asas. Aproveitava para usar o seu chapéu de abas curtas com furos para as pontas da orelha e colocou a varinha de condão presa, como se fosse uma arma. Não queria carregar bolsa naquele dia. Entrou na arena do hotel segurando seu típico pirulito roxo e sorriu para os fotógrafos, distribuindo autógrafos para os que passavam.

– É verdade que você pediu para estar no evento de hoje? – perguntou um repórter esportivo.

– Já tinha sido convidada pelo organizador da noite, mas realmente foi uma escolha minha estar aqui – respondeu a feérica.

– Mas esse não é um esporte violento demais para uma fada? – intrometeu-se um repórter de uma emissora diferente, transformando uma exclusiva em uma coletiva.

– Se vocês vissem as batalhas que as fadas e elfos precisam travar de tempos em tempos, não estariam me perguntando sobre isso.

– Então existem *mais* fadas? E também *elfos*? – algum outro repórter perguntou.

Nesse momento, Michael interrompeu a entrevista e a levou para dentro. Sabia que não era culpa dela entrar naquele tipo de questão, e devia preservá-la.

– Obrigada, meu herói – a fada disse, assim que saíram da frente das câmeras.

– Sem problemas – respondeu o agente, um pouco encabulado.
– Estou sendo pago para isso.

– Ah, está? – ela desafiou. – Então que tal uma aposta sobre quem vence essa noite?

Michael esperou para ver se tratava-se de uma brincadeira. Não era.

– Cem pratas que o desafiante tomará o cinturão essa noite por nocaute.

– Coitado! – ela suspirou. – Eu aposto no campeão. Cubro suas cem pratas e ainda acrescento mais cem no caso do nocaute.

– O dinheiro é seu...

– Graças a você.

Os dois apertaram as mãos e sorriram. Michael sabia que perderia o dinheiro, entretanto, sentia algum tipo de felicidade dentro de si.

– Amiga, essa não era para ser a viagem em que finalmente desencilharia? – perguntou Sabrina, sem filtro na língua, enquanto as duas eram levadas até a sessão privada dos proprietários, considerado o local perfeito para a experiência total do UFC.

– Quando fala desse jeito, fico até mal! Você não quer que eu fique me atirando em qualquer um, não é?

– Não quero, mas enquanto flertar com Michael, nunca vai conseguir um namorado!

Pela primeira vez, a feérica corou com uma conversa amorosa no mundo humano. Nunca havia escutado aquele tipo de comentário vindo da amiga. Ela e... *Michael?* De onde Sabrina havia tirado aquilo? Eles apenas brincavam, eram amigos, quase irmãos. Para ela era divertido ter a experiência de conversar com um ser humano do sexo oposto. Além do mais, Michael era tão estressado quanto engraçado, uma combinação interessante.

Interessante.

Ok, tudo bem que ele conseguia ser mais bonito do que todos os homens com quem ela havia tido contato até ali, mas ainda assim aquele era Michael Feather, seu agente de negócios chato. Percebendo o quanto tudo aquilo era uma bobagem, resolveu ignorar aquele comentário. Estava em Vegas e sentia-se bonita. Em poucos minutos veria muitos homens sem camisa, em plena forma física, e com os peitorais à mostra. Não tinha do que reclamar.

Existia uma área muito exclusiva dentro da arena, onde apenas celebridades, lutadores, organizadores e convidados riquíssimos podiam entrar e era para lá que o grupo se dirigia. Um ingresso para aquela parte custava uma média de dez mil dólares por pessoa, porém, Violet naquele dia seria a convidada principal da equipe de Dana White, o presidente do Ultimate Fighting Championship, e o homem mais poderoso da bilionária indústria do MMA, as artes marciais mistas.

A arena do Mandalay Bay consistia em um espaço oval gigantesco, capaz de aglomerar doze mil pessoas em uma disputa de cinturão. O local tinha um brilho especial e todas as cadeiras amarronzadas lembravam assentos de ouro para a fada. Sentia certo glamour em tudo aquilo.

– Feliz? – perguntou o agente.

– Por que não estaria? – Violet retrucou com um tom um tanto rude, fruto do comentário anterior de Sabrina.

Mesmo tirando a situação da cabeça, não parava de pensar na angústia de ter a imprensa do mundo inteiro se questionando sobre qual seria o candidato perfeito para ela.

Sentaram-se nas poltronas marcadas e passaram por todo o momento de apresentações. Celebridades como o rapper Eminem frequentavam o local, dando a Violet momentos de tientes compartilhados em redes sociais. Também conheceram alguns lutadores e funcionários do torneio. Todos estavam empolgados em conhecer a fada-fenômeno e, muitas vezes, quando Violet se

empolgava com a animação deles, ela própria se esquecia de que era uma celebridade.

– O Eminem é um gato, não acha? – perguntou a fada para Sabrina, que não tirava os olhos de um lutador com estilo de protagonista de romance sensual.

– Se você gosta do tipo magro, branco e revoltado, sim.

– Boba! A voz dele me arrepia! Tenho vontade de ir até lá e puxar conversa. Do tipo: também nunca me adaptei, mas agora também sou famosa, quer me namorar?

– *Oh, my eyes, my eyes...*

Então a competição começou e Violet não percebia o quanto era extenso todo aquele espetáculo. Uma coisa era assistir a uma hora de show medieval, outra era aguentar todo o card preliminar e principal de luta. Cada uma durava três assaltos de cinco minutos, e a principal poderia durar cinco. Sabrina quase dormia na poltrona de tanto tédio; e nem se divertia mais com o lutador com pinta de galã erótico. *Entendi por que as mulheres adoram nocautes, fazem as lutas acabar mais rápido.* Quando começou a última luta da noite tudo mudou. A vibração do público aumentou, as pessoas no camarote foram ao frenesi e ela via partículas de luzes brilharem por todo o salão.

Havia magia naquela cena.

O apresentador tinha uma ligação emocional com o público e logo apresentou os dois candidatos principais da noite. O grandalhão de cabelos compridos ruivos, em que Michael havia apostado, e o magrinho bem-definido dono do título. Naquele momento, enquanto os candidatos eram apresentados, Violet percebeu como o lutador em que havia apostado era bonitinho. Não era “oh, meus deuses, que homem lindo, preciso casar e ter filhos com ele agora!”, mas um estilo *Spartacus* de ser. Olhos verdes, cabeça raspada e peito musculoso sem pelos, um fator essencial. Pegou-se admirando cada detalhe do lutador e só perdeu o encanto quando o sujeito levou um belo soco de direita.

– Não estraga um rosto lindo desse – gritou a fada em plena área VIP.

Diversos jornalistas começaram a noticiar em portais de notícias o comentário, mesmo nos exclusivamente esportivos. Logo o mundo virtual já iniciava a campanha "Lashian ♥ Ryan Gohan".

– Você não me contou que achava esse cara bonitinho! – disse Sabrina, mais animada.

Era incrível como um suposto relacionamento da feérica era capaz de tirá-la do tédio profundo.

– Sei lá, acabei de reparar nisso, mas não sei se sairia com um cara cheio de hematomas.

Sabrina deu a sua gargalhada e sacou o celular.

– Relaxa, amiga! Tenho o telefone de um repórter esportivo que vai saber na hora quem é o empresário desse tal de *Gohan*. Vou agora combinar de ele ir com a gente na TAO. Vamos todos sair para dançar.

– Engraçado que ninguém mais me pergunta nada... – reclamou o agente, próximo.

– Não confio mais em você como cupido, Michael – respondeu Sabrina. – Ou acha que me esqueci do que fez a Violet passar naquele episódio do *Nerd Vader*?

– Gregório Montjordan e seus sócios nunca vão esquecer o episódio. Eles romperam todo o patrocínio investido em nossos projetos quando você *acabou* com a rede social do cara.

– Bem feito para ele! – exclamou Violet. – Agora, Sabrina, como é essa história de dançar na TAO?

Cinco rounds depois, Michael Gohan nocauteava seu desafiante e Violet recebia seus duzentos dólares de um emburrado Michael. Dali se preparava para conhecer o lutador invicto, nos bastidores, após os médicos arrumarem seu rosto, costurarem cortes de golpes de cotovelo e limparem o sangue respingado do corpo.

Quando finalmente foram liberados, Sabrina entrou animada no camarim, seguida pelos outros e a equipe de televisão.

– Vejo que temos uma convidada mais que especial – comentou Gohan encarando Violet de forma sedutora. – Gostaram da luta?

– Foi muito boa e ainda ganhei duzentos dólares com ela em uma aposta – ela respondeu, retribuindo o olhar.

– Bom saber que nós dois ganhamos dinheiro hoje – disse o campeão bem-humorado. – Mas *acho* que eu ganhei um pouco mais do que você...

– Ao menos o meu rosto continua bonito...

Gohan riu, junto com toda a audiência.

– Meu empresário comentou que as senhoritas gostariam de ir até a TAO hoje...

– Queremos nos divertir! – disse Sabrina empolgada. – Nada melhor do que com campeões musculosos, não acha? Acredito que precisa levar aquele seu amigo também.

Ela apontou para o lutador com quem havia flertado durante o UFC, ignorando qualquer tipo de discriminação.

– Eu adoraria ir, mas estou bem acabado da luta. Duas jovens lindas como vocês não ficarão com vergonha de serem fotografadas com um orc como eu?

– Querido, se todo orc fosse como você, as mulheres torceriam pelo Olho de Sauron – soltou Violet em um momento nerd próprio.

Gohan e a equipe da produção começaram a gargalhar. Adorava a troca de elogios entre os dois. Ryan “Gohan” Thompson tinha 21 anos e nunca perdeu uma luta no UFC. O nome de guerra vinha do filho do famoso personagem japonês Goku, protagonista do anime *Dragon Ball Z*, conhecido por ser um personagem calmo e inteligente, mas violento e cruel quando em luta. Era o garoto-propaganda da marca e muito paquerado em Las Vegas, mas normalmente focado de uma maneira obsessiva em seu treinamento. Para ter se interessado tanto pela fada era porque alguma coisa poderia acontecer naquela noite; e a edição teria uma oportunidade de ouro para subir a audiência. Até agora, ninguém havia visto uma fada beijar um ser humano, e já existiam conspirações incentivadas por programas de auditório de que ela poderia transformar um homem em sapo. Nenhum homem se importava com isso, porém, todas as mulheres roíam as unhas em casa para ver a cena.

– Você acha que pode ajudar no inchaço do nosso novo amigo, Violet?

A fada ponderou. Ela podia fazer um feitiço de cura, ou pelo menos de alívio, para aquele rapaz, mas aquilo seria transmitido no mundo inteiro e traria consequências. Muitos iriam passar a procurá-la pedindo ajuda e curas de doenças graves, e seu objetivo nunca foi interferir a ponto de se tornar a curandeira dos humanos.

– Eu não acho uma boa ideia você utilizar seus poderes para isso – comentou Michael, de braços cruzados.

Mais uma vez, ele tinha vontade de desligar as câmeras, mas não podia quebrar o contrato e fazer aquilo. Pensou em abandoná-la como cliente, mesmo sentindo uma dor estranha no coração toda vez que pensava naquilo. Nos últimos dias encontrava-se estressado demais e não conseguia compreender por quê. Só sabia que as atitudes irresponsáveis da fada andavam deixando-o cansado e que queria sumir um pouco de tudo aquilo.

Violet avaliou o conselho do agente e da amiga, mas não conseguia ouvir seu coração. Sonhou por tanto tempo com tudo aquilo, principalmente em ser desejada, e não entendia por que não se jogava na realidade para aproveitar o momento da vida.

E foi isso que fez.

A fada tirou a varinha da cintura, e todos na sala se aproximaram para ver a cena.

– Tem medo? – ela perguntou docemente.

– Não conheço essa palavra – Ryan respondeu com firmeza, mesmo que os olhos mostrassem ternura.

A fada encostou a varinha de condão nos machucados do lutador enquanto mentalizava coisas boas e repetia mantras feéricos de cura. Só o fato de ela falar feérican na frente dos outros já parecia ser uma grande vitória para os pontos de audiência, mas curar o lutador mais famoso do momento para simplesmente poder sair com ele mostrava um lado romântico que ainda não havia sido explorado no programa. E “Lashian e Gohan” atingia o primeiro lugar dos temas mais comentados da internet.

Um frenesi estava para acontecer.

Em questão de minutos os hematomas regrediram como em uma imagem rebobinada quadro a quadro, até o rosto do lutador

ficar sem as manchas esverdeadas e os cortes profundos. Até mesmo as cicatrizes antigas sumiram do rosto do campeão, e todos ficaram surpresos com o alcance daquele poder.

Gohan teve vontade de beijá-la ao se olhar no espelho.

Era exatamente daquilo que eles precisavam.



– Violet, querida, me confidencie aqui uma coisa: você pode consertar qualquer tipo de rosto com a sua varinha?

– Só tentei até hoje com um – respondeu.

– Pena, estava pensando em usar no meu.

O auditório inteiro riu.

– Dennis, eu faço feitiços, não faço milagres!

O auditório gargalhou. Papperman deu as costas para ela, levantando-se.

– E essa foi a fada Violet Lashian no programa de hoje, que contou ainda com...

– Ei, é brincadeira, é brincadeira! – ela implorou.

O público aplaudiu, enquanto Dennis se sentava de novo. E a pedia para continuar.

22

You still have a shot at love

Você ainda tem uma chance no amor

O som sensual das batidas escorrendo ao redor do timbre da música de Rihanna vibrava em alto volume, fazendo a casa noturna estremecer ao balanço das pessoas na pista de dança. Um volume a que os ouvidos da fada não estavam habituados. Ela se deslumbrava com tanta produção e pessoas bonitas. Ela havia frequentado alguns clubes de Los Angeles, mas aquele parecia muito diferente do habitual, lembrando uma celebração de Sídhes. Estava em uma festa dentro do Venetian, um dos hotéis mais bonitos de toda a Las Vegas, inspirado na romântica cidade de Veneza. O hotel exalava tanto o espírito da cidade europeia que oferecia até passeios de gôndolas com números musicais para os visitantes. A diferença é que aquele local possuía águas azuis cristalinas, não havia sequer uma folha de árvore boiando na superfície. Já os canais da cidade não tinham a mesma aparência.

A música vinha da cabine de DJ, no topo da casa noturna TAO, com decoração inspirada na cultura indiana. A fada nunca havia presenciado uma festa tão grande como aquela. O clube tinha mais de três mil metros quadrados e vivia repleto de celebridades como Madonna, Jay Z, Usher, Drake, Heidi Klum, Kim Kardashian, Jamie Foxx, Bono e a própria Rihanna. Violet era a convidada da noite e encontrava-se no camarote com Sabrina, os lutadores, alguns agentes e a equipe de gravação. Apenas Michael não estava lá, ele havia decidido voltar para o seu quarto no Bellagio.

Ela não entendia por que ele estava tão rabugento, mais até do que o normal. De qualquer maneira, o importante era que todos na festa pareciam olhar para ela e o seu acompanhante. Muitos dançavam com as taças de champanhe levantadas em sua homenagem. A sensação já era maravilhosa.

E a noite tinha como melhorar ainda mais.

De longe, observava a decoração impecável dos vários ambientes daquela boate imensa. O que mais se destacava era a cena com as mulheres quase nuas em banheiras enfeitadas com pétalas de rosas, jogando água umas nas outras. Só na TAO se veria aquilo. O curioso era que, embora pudesse parecer vulgar, havia uma beleza artística nos movimentos femininos e em todo o cenário.

– Fiquei feliz com o seu convite. Estou adorando estar aqui com você – comentou o campeão ao pé do ouvido.

Violet sentiu a face avermelhar, sem esconder a atração pelo lutador. Mesmo sendo destaque da noite, ela desejava um pouco de privacidade com o rapaz. Contudo, andava com uma câmera quase 24 horas por dia e tinha que aceitar a situação: privacidade em um clube era algo que não ia achar. No máximo em seu hotel, e sentia-se nervosa com aquele pensamento. Seria ela capaz?

Precisava parar de pensar em besteira ou tentar adivinhar o futuro, já que não era nenhuma Moira para se preocupar com aquele tipo de coisa. Se fosse rolar alguma coisa com o rapaz, que acontecesse, e, se não rolasse, Sabrina a azucrinaria pelo resto da vida.

– Eu gostei que no final aceitou nos acompanhar – respondeu a fada.

– Como recusar um convite desses? Ainda mais depois de deixar meu rosto liso.

– Não me importava com o jeito que ele estava antes.

– Sei que não. Mas eu quero estar o mais apresentável possível para sair com uma garota tão bonita como você – disse, se aproximando mais da feérica.

Sabrina espichou o pescoço para ver se finalmente veria a amiga beijar alguém. Até para ver se o rapaz viraria um sapo, como tinha

apostado com Michael. Seria engraçado ter uma amiga capaz de transformar homens em sapos. Ela adoraria ter aquele poder (de vez em quando).

Só que Violet era tímida e, por uma estranha razão, algumas imagens não paravam de passar em sua mente. Via Tyrin sereno como quando visitaram Bride, sua família reunida em uma celebração à Lua, Bree a empurrando no Centro de Estudos, Michael a salvando no dia em que ficou bêbada e tudo aquilo a deixava confusa.

– Algum problema? – perguntou Gohan.

Ela tinha vontade de falar “sim” e sair correndo para chorar no banheiro, mas não queria passar por aquela humilhação. Por isso resolveu respirar fundo e sentir a música entrar em sua mente, se deixando embalar por aquele transe coletivo. Se entrasse na mesma sintonia, poderia aproveitar muito mais o momento. O truque da música em festas era muito utilizado por bruxos nos covens, para se despirem de qualquer ligação humana. Quando se está abraçado pela música, a vibração se eleva, o envolvido sente uma parte de si celestial e tudo fica mais bonito em volta. Ele não se importa com o que está vestindo ou com quem o está olhando. Era daquilo que Violet precisava.

– Vamos dançar – disse a fada, puxando o lutador para um canto espaçoso.

Era um milagre achar um lugar como aquele. Nunca havia espaço o bastante para a fada mexer as asas, mas ali no camarote principal ela conseguia.

– Joga essa asa na pista! – gritou Sabrina, já alcoolizada.

A fada sabia que Richard não iria gostar nada da atitude da filha.

– Ela não desgruda de mim, sua louca!

A feérica foi descobrindo uma forma de dançar próxima de Ryan sem machucá-lo ou bater em outra pessoa. Eles estavam colados um no outro e agora ela sentia os músculos roçando em seu corpo. Os braços fortes do rapaz a envolviam, e muitas vezes ele tentava beijá-la, inclinando a cabeça para cima dela. Mas a música ainda não a havia desligado.

– Nós te amamos, feérica! – gritou uma garota, de cima de um dos sofás da casa, despertando a atenção de todos.

Aplausos eram ouvidos e todos gritavam juras de amor para a fada mais conhecida do planeta.

Sininho... humpf!, pensava.

Ryan Gohan a entrelaçou pela cintura. E, sentindo-se vitoriosa naquele momento, Violet enfim cedeu às investidas do rapaz e deixou que ele a beijasse.

Começou devagar por conta da resistência e da discrição do casal. Todos ao redor assistiam ao beijo, sem contar os milhares de telespectadores. Em questão de minutos, Gohan foi se revelando e a abraçando cada vez com mais desejo, quase amassando suas asas. Ele a invadia com um beijo quente e apaixonado, mostrando como queria a fada para ele.

Ela tentava não pensar em nada.

Violet já havia beijado antes. Mesmo sendo a perdedora da dimensão feérica, ela nunca foi totalmente rejeitada e chegou a sair com alguns elfos, muitas vezes escondida de todos por opção *deles*. Chegou até mesmo a beijar um anão, mas achou a experiência um terror por conta da barba, e daí vem seu trauma por pelos. Só que o humano parecia diferente. Havia mais química, mais paixão correndo pelas veias, mais emoção, deixando-a excitada demais.

Quando finalmente pararam para respirar que perceberam que a música continuava, mas as pessoas haviam parado de dançar. Os dois agora apareciam em um telão, e na pista todas as atenções haviam sido desviadas para o camarote em que estavam. *Todos* os presentes fizeram questão de presenciar o primeiro beijo de Violet Lashian, até mesmo as dançarinas das banheiras, que interromperam suas performances.

Diante daquilo, só restou à feérica tomar uma atitude:

– Viva Las Vegas! – gritou a plenos pulmões, fazendo a multidão erguer os braços e urrar.

– Você é a mais impressionante dentre todas, sabia? – disse o rapaz abobalhado demais para um homem com uma profissão como a dele.

Talvez o beijo da fada fosse mágico para os humanos. Poderia ser o poder da bebida também. Quem saberia?

– Que saco, diva! Ele não virou um sapo! – reclamou a amiga, ignorando o fato de que o lutador continuava ali. – Não quero ter que pagar cem dólares para o chato do Michael!

Acabaram rindo da situação. Sabrina era mesmo uma destrambelhada.

– Então ele não acreditou nos rumores do meu beijo?

– Infelizmente, não. Disse que, provavelmente, você faria um homem não se sentir humano com um beijo. Faria ele se sentir um deus.

As palavras saíram com naturalidade, não se importando com o teor do que significavam. Nem Violet sabia se havia escutado bem. Mas logo esqueceu qualquer linha de pensamento, pois Gohan a agarrou novamente e a beijou por toda a noite, até serem expulsos do clube na hora em que estavam fechando.

A noite até ali já tinha sido incrível.

E poderia ser ainda mais.

Acordou com dor de cabeça, deitada de lado e com as asas latejando. Mesmo que não tivesse bebido nenhuma gota de álcool na noite anterior, sentia-se bêbada. A mesma sensação de náusea com irritação no ouvido e no interior da cabeça. Questionava-se se aquele era algum tipo de ressaca de energético porque supostamente era a única coisa que havia tomado. Já havia escutado algo sobre colocarem substâncias em bebidas, mas lembrava-se de tudo e sabia que quando abrisse finalmente os olhos encontraria Ryan Gohan na sua frente. Provavelmente apenas com roupa de baixo.

– Bom dia! – disse o rapaz, exibindo o sorriso carismático que a conquistara. – Dormiu bem?

O primeiro pensamento que teve foi: *Michael*.

Mesmo a noite tendo sido boa e o envolvimento com o rapaz agradável, não queria que o agente a visse naquele estado. Muito menos que encontrasse o rapaz em seu quarto.

Claro que também tinha consciência de que tudo estava documentado e logo os melhores momentos estariam na televisão para todos a julgarem. Mas, ainda assim, sentia que o agente não havia voltado para o Bellagio por cansaço. Algo o incomodava, mas não queria que ele a deixasse. No final, o *pirralho* havia se mostrado um grande agente.

E um grande amigo.

– Não quero ser indelicada, mas acho melhor você ir – soltou de supetão a fada.

O sorriso de Gohan desapareceu. Sabia das relutâncias da fada, mas, ao mesmo tempo, havia sido convidado por ela para estar na festa e passar a noite em seu quarto. Ela o havia beijado e passaram a noite juntos. Agora não iriam nem mesmo tomar café da manhã ou conversar sobre a noite? A fada simplesmente lhe pedia para sair, quando ele era que estava acostumado a fazer aquilo, não o contrário.

– Tem certeza de que não quer fazer nada? Sair para comer alguma coisa ou pedir serviço de quarto? Quem sabe um segundo *round* essa noite? – questionou o rapaz.

A expressão dela já mostrou a resposta. Percebendo que ela realmente não queria mais que ele ficasse por ali, o rapaz levantou da cama e começou a se vestir. Não arriscou nem mencionar se poderia tomar uma ducha. Sentia-se como se tivesse passado a noite com uma mulher casada e precisasse fugir do marido chegando de viagem. Só que aquela era Violet, a fada popstar solteira e cobiçada.

A mesma que só havia conseguido beijar.

O pensamento tirou as paranoias da cabeça do lutador. Ela o poderia dispensar daquele jeito, contudo, ele seria o maioral daquele momento em diante. Todos saberiam que passou uma noite com uma fada e o entrevistariam para saber como ela era. Seus patrocinadores ficariam felizes com a exposição e os pacotes de *pay-per-view* de suas lutas aumentariam.

– Posso ficar com seu número de telefone? – perguntou ele, em uma última tentativa de contato.

A fada vestiu uma camisola frente única e disse:

– Eu tenho o seu. Pode deixar que eu ligo.

Outch. Aquela era a pior frase que uma pessoa poderia receber no dia seguinte. Ryan “Gohan” Thompson já havia derrotado muitos dentro do ringue, mas aquela era uma situação que ele não sabia como enfrentar.

Os dois saíam do quarto quando uma porta se fechou à frente. Era a porta de entrada, então, rezava para que fosse Sabrina. A amiga, porém, nunca acordava cedo, ainda mais depois de uma noite como aquela. A única pessoa que poderia estar acordada era ele... Já sentia o corpo todo estremecer.

– Nossa, que visão bonita! – comentou o agente com um bagel na mão, café na outra e o *New York Times* debaixo do braço, observando o lutador vestir a camiseta.

A feérica congelou no local, Gohan ficou parado observando-a sem saber como reagir e, em pouco tempo, a equipe de filmagem entrou. De imediato, pegaram o clima tenso da situação, mas Michael, como um excelente profissional, se retirou da sala e foi para seu quarto ver se o café da manhã ainda descia.

– Vejo você na próxima então – comentou Ryan, enquanto Violet já praticamente fechava a porta em sua cara.

Não que não houvesse gostado dele. Também nunca fora do tipo grosseira com homens, tirando o dia em que levou o nerd chato à falência e gritou com Tyrin no banheiro. Mas percebia algo errado. Ao contrário do que sentia quando estava com máquinas caça-níquel, Violet Lashian sentia-se apenas um lixo, sem qualquer tipo de sorte.

Ao menos no amor.



– Você foi invejada por muitas mulheres por conta dessa noite –
comentou Dennis Papperman.

A fada franziu a testa.

– Por ter ficado com Gohan? Podem ficar com ele pra vocês,
meninas! Esse eu não quero mais ver nem pintado...

– E de onde surgiu esse sentimento repentino?

– Você sabe muito bem.

Papperman admitiu:

– Sim, a maioria de nós imagina. Entretanto, existem pessoas
assistindo a esse programa que não devem saber. Você se
importaria de contar a sua versão dos fatos para elas?

Importar-se até se importava.

Mas não a impediria.

23

You bastard

Seu desgraçado

Os dias seguintes foram um inferno para a fada.

Ninguém podia negar que ela havia merecido. Violet se sentia tão mal que cogitou muitas vezes voltar para Ablach e sofrer as punições de lá.

– Amiga, isso é *tão* 2004! Não acredito que deixou acontecer...

– Sabrina, eu já disse! Essa fita *não* existe. Quantas vezes preciso repetir?

A equipe adorava quando as duas brigavam, principalmente a equipe de edição. Mesmo sendo grandes amigas, as fashionistas discutiam algumas vezes, e boa parte delas porque, mesmo Violet sendo uma fada, quem vivia em outro planeta era Sabrina.

– Eu sei que você é uma estrela de reality show e as antigas rainhas dessa área já haviam feito isso, mas elas fizeram no começo do sucesso. Era como uma alavancada! Não fizeram depois de superfamosas...

A fada revirou os olhos e mordeu com força o pirulito que segurava.

– Parece que estou falando com uma porta – reclamou, dirigindo-se para a sala de reuniões.

Havia retornado a Los Angeles, e a casa toda cercada por paparazzi. Dois dias depois do envolvimento com o campeão de UFC, uma nota saiu na imprensa informando que uma *sexytape* dos dois havia sido vendida para um website de conteúdo adulto. Violet sabia que aquilo era impossível, mas ninguém acreditava ou

parecia querer acreditar nela, e toda a mídia estava frenética tentando colocar as mãos no material inexistente.

A feérica, desde então, tentou entrar em contato com Ryan Gohan para confrontá-lo sobre aquele absurdo, sem sucesso. Diziam que o garoto estava na Tailândia treinando para uma luta, mas achava bem *estranho* alguém sumir em poucos dias para o outro lado do mundo.

– Juro que, se eu colocar as mãos nesse rapaz, eu realmente o transformo em um anfíbio – prometeu, esbravejando. – Não me importo se ele sabe nocautear uma pessoa em sete segundos. Eu consigo enfeitiçá-lo em menos...

Michael não falava com ela desde o encontro com o lutador na suíte deles. Passou a trabalhar mais no escritório do que na mansão dos Lord Omeganon.

– Preciso ver com Michael qual será nosso próximo passo – comentou Richard, preocupado com o programa. – Sei que não fez por mal e os telespectadores adoraram o episódio de vocês na TAO, mas temos problemas. O público não a imaginava como mais uma dessas celebridades desesperadas.

– MAS EU NÃO SOU MAIS UMA DESSAS!

– No nosso meio, o que importa é o que a mídia diz que você é, Violet. Sinto muito.

A fada estava revoltada e depressiva. Não tinha vontade de sair de casa e, por um tempo, o programa sofreu uma queda de audiência, após uma liderança absoluta de quatro meses. Para ela ficava difícil entender a mentalidade humana: todos os donos do estúdio e os patrocinadores a amaram durante todo aquele tempo e, por um erro que ela nem havia cometido, de repente perdia a confiança pública.

– Ouvi dizer que estão cogitando se deveria haver outra temporada – comentou Sabrina em um dos dias, ao ver a fada pairando pela casa.

Aquilo havia virado uma mania. Estressada e sem conseguir dormir direito, a feérica voava a um palmo do solo e ficava

flutuando pela mansão, até se cansar. No primeiro dia acharam interessante mostrá-la levitando, mas depois foi perdendo a graça. Violet cada vez mais parecia menos uma fada, se assemelhando muito às outras estrelas de canais pagos, e as diferenças do cabelo e das asas se tornavam pequenas.

– Precisamos de uma declaração do tal Gohan afirmando que eles não gravaram nada; e necessitamos de uma boa publicidade para o nome dela. Algo que possa chamar a atenção do público por pelo menos mais um mês – dizia Michael, durante uma conferência com dez senhores presentes na sala e outros vinte por vídeo.

– Mas ela irá se comportar se conseguirmos uma nova estratégia de marketing? – perguntou um chefe de estúdio por um dos vídeos.

Violet, sentada no canto da sala, revirou os olhos, mas ninguém se importava com a presença dela, mesmo sendo o rosto do programa que estavam tentando *salvar*.

– Ela vai fazer o que pedirmos – respondeu Michael de uma forma intimidadora, e Violet não contestou. Sentia falta até mesmo de brincar de brigar com ele.

A audiência do programa caía a cada episódio; não poderiam esperar nem mais um mês para tomarem providências realmente eficazes para recuperarem a audiência. Havia arriscado muito com o formato, na crença de que o simples fato de ela ser uma fada seria o bastante para sustentar cinco meses inteiros de programa. Depois, a audiência acabou se dando conta de que fadas eram humanas com asas, com os mesmos defeitos e qualidades, mas que sabiam praticar magia quando queriam. E Violet raramente queria expor sua parte mágica, na tentativa de preservar de alguma forma sua dimensão. Depois do contato de Tyrin, nunca mais falou com alguém de Ablach e, mesmo sabendo que eles a acompanhavam, ela não conseguia ter uma reação melhor.

– Senhor, acho que temos uma nova informação sobre o paradeiro do lutador em questão, que teve o caso com a fada.

– Foi apenas uma noite. Não um caso... – Violet disse mal-humorada, ainda excluída no canto.

– O que é ainda pior, Violet – retrucou o agente. – Pode continuar, Maggie.

– Acho melhor colocarmos na conferência o meu assistente – disse a mulher, responsável pela assessoria do programa.

A voz de um jovem entrou na linha de videoconferência.

– Descobrimos que Ryan Gohan realmente estava na Tailândia treinando para uma luta – iniciou o assistente. – Ele foi imediatamente para fora do país, cumprindo as exigências que os patrocinadores esportivos impuseram após assistirem ao episódio com Violet. Eles não gostaram de ver o lutador se desviando do foco estabelecido por eles. Até ontem o rapaz estava incomunicável em uma comunidade praticante de Muay Thai.

– Era o que me faltava – reclamou Violet, levando uma encarada séria de Michael.

– Ele não sabia sobre o escândalo do suposto vídeo? – questionou Richard.

– Não. Sua equipe sabia e resolveu ficar quieta para ver se a história morria – respondeu o jovem, com desânimo na voz.

– Mas que bando de estúpidos! – exclamou Michael.

Um falatório começou na linha telefônica e na sala de reuniões. Todos entendiam o porquê da revolta do agente. Somente uma equipe despreparada não emitiria uma nota desmentindo tudo assim que os rumores saíram. Eles haviam piorado a situação mantendo-se em silêncio e exigindo o sumiço do lutador popular, colaborando para o despencar do programa na lista de preferências televisivas.

– Eles vão se retratar? – questionou Richard, retomando a conversa.

– Disseram que sim. Ryan está em uma conexão e deve chegar hoje em Los Angeles – comentou o assistente. – Os representantes disseram que vão alertar a mídia e que, já do aeroporto, Gohan dará uma declaração.

– Aleluia! – suspirou a fada, mas ninguém se importou.
– Ryan comentou mais alguma coisa sobre a situação? – perguntou o rapaz.

– A única coisa que sei é que ele foi repreendido e ainda relutou para continuar no país quando o obrigaram a ir para a Tailândia. Porém, acabou aceitando sair. Não sei como foi a reação do rapaz ao saber dessa nova situação, nem como anda seu humor em relação a isso tudo agora.

Algumas horas mais tarde, o mundo todo sabia e o campeão finalmente se manifestava.

CAMPEÃO DO UFC DECLARA QUE NÃO FEZ UM VÍDEO COM A FADA, MAS ELA NÃO ERA TUDO AQUILO QUE IMAGINAVA.

RYAN GOHAN COMENTA COMO OS HUMANOS SÃO SUPERIORES ÀS FADAS AT³/₄ NA SENSUALIDADE.

EMPRESÁRIOS DO LUTADOR NÃO QUEREM A IMAGEM DE VIOLET LASHIAN ASSOCIADA AO RAPAZ.

– Que desgraçado! – xingava a feérica ao ler as diversas matérias com declarações do rapaz sobre o episódio.

– Pelo menos não existe um vídeo de você dois – disse Sabrina, tentando acalmá-la.

– MAS EU JÁ DISSE QUE NÃO TINHA.

– Ei, não desconta em mim, não. Quem fez a burrada foi você!

– Como pode dizer isso? Fiz uma burrada porque *você* ficou colocando na minha cabeça que eu precisava de um namorado! Foi também *você* quem ligou para o empresário do cara. Esse mesmo que agora não me quer perto do garoto.

– Claro que ele não quer, né, amiga? Sua reputação está péssima!

Sabrina falava aquilo com toda a naturalidade, como se as suas palavras não pudessem magoar uma amiga. Já moravam juntas há quatro meses e Violet não imaginava que chegaria ao ponto de

não gostar da garota. Mas com comentários como aquele percebia que ela a poderia irritar muito em breve.

– Você viu o título que o nosso blogueiro sensacionalista preferido deu para o caso? – concluiu.

Violet arregalou os olhos e acessou o site pelo celular, temendo o que iria encontrar.

ESSA FADA (NÃO) $\frac{3}{4}$ (TÃO) (SA)FADA (AS)SIM!

– Eu acho que vou desmaiar... – anunciou Violet.

– Melhor não, Violet – comentou Sabrina, virando-se para a câmeras. – Ainda estamos ao vivo...

Em pouco tempo, o estúdio tinha uma solução para os problemas.

– Se lembra da reunião com o programa musical que você cancelou? – perguntou o agente, fazendo um contado direto com ela pela primeira vez em semanas.

– Pensei que não estivesse falando comigo...

– Não deveria, mas acredito que ainda deva existir algo feérico dentro de você.

Violet poderia ter se magoado com o comentário, contudo, a única coisa que conseguia pensar era que Michael finalmente falava com ela.

– Lembro-me da reunião e me arrependo horrores de não ter ido.

– Pois bem, eles não conseguiram cancelar o contrato de sua participação na final; e por isso nos ajudaram a pensar em alguma solução para sua grande volta por cima.

– Espera aí, vocês vão querer me ver não apenas como jurada no programa, vou ter que cantar também, é isso? – arriscou a fada.

– Mais ou menos isso! Você vai cantar, mas não simplesmente cantar. Irá fazer um dueto com cada um dos finalistas.

Ela estaria cantando em rede nacional? Havia escutado direito aquilo?

– Que maravilha! Isso é realmente perfeito. E quem são os finalistas?

Michael abriu uma imagem em seu tablet e começou a explicar para a fada:

– São duas mulheres e um homem. A primeira é Latisha, uma cantora gospel de 30 anos. A segunda é Brianna King, uma roqueira britânica que mora nos Estados Unidos. Por último, temos o favorito do programa: Jack Rose, um cantor no estilo Justin Bieber, que já tem milhares de fãs clubes.

Ou aquilo era uma imensa-gigantesca-colossal ironia do destino.

Ou o feitiço de sorte realizado antes do programa voltava a ter efeito.

– *Jack. Rose. Você disse: Jack Rose?*

– Sim. O nome dele é igual ao dos personagens de Titanic.

Ela riu.

– *Você assistiu ao Titanic, mas não ao O senhor dos anéis?* – questionou a feérica, saindo do foco.

– Eu era assistente do assistente do estagiário do James Cameron na época! Mas o importante é que irá cantar com três grandes candidatos em alguns dias, e isso fará muito bem para a sua carreira.

– Mas, sério: Jack Rose está na final?

Michael, pela primeira vez, resolveu imitar a fada e revirou os olhos.

– Você tem algum problema com ele também?

Violet também revirou os olhos.

– Claro que não! Só estou chocada. Jack Rose foi meu amigo de fila durante o programa. Ele me ajudou a passar nas primeiras fases.

Aquilo o agente não esperava. Violet conhecia um dos candidatos, ainda mais um finalista. Mesmo não querendo pensar, sabia o que aquela ligação poderia representar.

– Espere um momento.

O jovem saiu de onde se encontrava e foi correndo até o celular sobre uma mesa. Precisava ligar para a equipe do programa musical e para Richard.

– Temos uma situação – comentou, em uma conferência em viva voz. – Violet conhece Jack Rose dos bastidores do programa. Eles ficaram amigos na época em que ela estava participando da seleção.

– Não sabíamos disso – respondeu o produtor do programa musical. – Ele nunca nos disse, mas também não sabe dos duetos que estamos preparando.

– Ele não era o candidato com quem vocês estavam começando a ter problemas? – perguntou Richard.

Violet resolveu se intrometer:

– Jack deu problema a vocês?

O produtor do outro programa ficou desconsertado ao saber que falava novamente com a fada que havia se revelado em seu programa.

– Sim, Violet! Que isso fique entre nós, mas Jack é gay e aos poucos essa informação está vazando.

– EU DISSE QUE ELE ERA GAY! – ela gritou.

Por um tempo todos ficaram em silêncio na conversa. A empolgação e a revelação da fada haviam sido uma surpresa ainda maior.

– Como assim disse-que-ele-era-gay, Violet? – questionou Michael.

– Em um dos dias que nos conhecemos Jack se ofendeu quando perguntei sobre isso. Mas hoje em dia sei que meu “gaydar” funciona, eu estava mesmo certa sobre ele!

– E pelo visto você previu antes mesmo que o rapaz – comentou o produtor. – Ele acabou descobrindo desse seu lado nos bastidores do programa. Você sabe como o mundo do entretenimento é cor-de-rosa, e acabou que o rapaz se apaixonou pelo nosso cabeleireiro.

– Não creio! Que *bafão*! – exclamou, usando o vocabulário de Sabrina.

– Mas ele não é o candidato que está tirando o Bieber do posto de queridinho nacional? – questionou Richard.

– Pois é! Imagina o meu problema. Se esse garoto resolver se assumir, estamos fritos! Nós o vendemos como um queridinho

para as meninas de 14 anos, não como um Adam Lambert. Não temos nada contra isso, mas depois de construirmos um ídolo à base de suspiros de adolescentes, agora fomos muito longe pra voltar atrás. E ninguém gostaria de pagar uma conta dessas.

– E como posso ajudar? – perguntou Violet.

Todos na conferência já sabiam a resposta.



– Então Jack Rose já tinha mostrado suas tendências para você? – perguntou o apresentador.

Violet sorriu para a câmera.

– Fica difícil não ser gay se vestindo como ele se veste. Além disso, depois de fazer compras, ele segurava a sacola pela alça, não por baixo.

– Isso não quer dizer nada...

– Ele conversava comigo com as mãos na cintura.

– Podia ser um cacoete.

– Às vezes ele dizia coisas separando as sílabas, como A-DO-RO ou LOU-CU-RA!

– Continua podendo ser apenas um cacoete.

– O seriado preferido dele era *Glee*!

– Conheço vários héteros que gostam...

– O musical preferido dele era *Mamma Mia*!

– ...vamos para o próximo argumento.

– Ele entendia de maquiagem! E observava as unhas por cima do dorso da mão, não com o punho fechado!

– Ok, você está *começando* a me convencer...

A plateia riu.

– Ele fazia cover da Lady Gaga pelado no chuveiro...

– Ok, ok, ok, você me convenceu...

24

How you doing?

Como você está?

O encontro foi organizado de forma tão escondida que, muitas vezes, ela pensava estar trabalhando para algum tipo de agência secreta e ainda se empolgava com isso. Ninguém poderia saber daquela reunião, nem mesmo Sabrina, então aproveitaram o único dia em que eles não gravariam o programa para se organizarem.

Fingiram que Violet iria para uma sessão de fotos, enquanto Sabrina deveria ir a outra. Richard não gostava de mentir para a filha, mas conhecia o poder da língua dela, então conseguiu uma campanha de calçados como álibi e sentiu-se um pouco menos culpado ao fazer aquilo.

No percurso até o estúdio, onde o resto dos participantes da reunião estaria, trocaram de carro três vezes para despistar os paparazzi. Na última vez, pararam em um salão de bronzeamento e de lá Violet colocou uma peruca morena para esconder as madeixas. Uma atriz foi contratada para personificar a fada e seguiu no carro em que a feérica estava, levando os fotógrafos com ela.

Com o visual diferente e um novo carro, encontrou Michael e Richard em um posto de gasolina e os seguiu até o estúdio.

* * *

Jack Rose foi chamado pela equipe do programa musical para uma conversa antes do último episódio. Aquele tipo de reunião era

normal na rotina dos participantes e ninguém desconfiou da situação.

Ao entrar na sala, quase enfartou.

– Baby! Você por aqui! Nunca mais se lembrou do seu mentor, não é, *safada*? – exclamou, após o susto.

– Não fique bravo por eu ter vindo sem avisar... – ironizou Violet.

– Só se me falar que resolveu roubar meu lugar e estão me tirando do programa – respondeu Jack, com bom humor.

Lucas, o produtor do programa que estava na conferência, tomou o rumo da conversa:

– Jack, na verdade essa reunião tem um sentido contrário a isso tudo. Queremos que Violet seja a cereja do bolo para a sua vitória.

– Então tenho *mesmo* chances de ganhar? – perguntou, já sabendo da grande possibilidade.

– Você sabe que é o favorito. Todos estão loucos por você e, quando descobrimos que Violet era sua amiga, pensamos em algo incrível.

Explicaram para o garoto que a mesma seria uma jurada especial no último episódio e faria um dueto com cada um dos participantes. Após Jack absorver a notícia, concluíram:

– Decidimos que a melhor situação seria vocês cantarem “My heart will go on”, da Celine Dion, no dueto.

Era óbvio. Uma das músicas mais românticas da história do cinema. O tema do único casal capaz de rivalizar com Romeu e Julieta nas telas.

Jack e Rose.

– Vocês só podem estar brincando! – desabafou o rapaz.

– Jack, me deixe explicar – começou a fada.

– Não quero explicação, baby! Não tenho nenhum problema com o dueto, mas não entendo por que a opção como um par romântico.

– Por que juntos vocês seriam o casal mais “It” da indústria atual.

– Mas eu *já* sou o cantor mais idolatrado pelas adolescentes atualmente.

– SÓ QUE VOCÊ É GAY, MEU AMOR! – soltou o cabeleireiro, entrando na sala bem no meio da conversa.

Demorou um pouco até Jack se recuperar. Nunca imaginou que o amante se revelaria perante a equipe do programa, nem sabia se deveria desmentir a declaração. Ficou petrificado por tanto tempo, em uma posição sem expressão.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou pausadamente o garoto.

Todos na sala se olharam para ver quem tinha coragem de continuar a conversa.

– Jack, você sabe que quero o seu bem, certo? – Violet continuou.

– Sim, mas ainda não entendi a maneira com que pretende demonstrar isso...

A fada entendia a angústia dele. Também era constantemente pressionada e, por um tempo, pensou se estaria sofrendo como nos últimos dias caso tivesse continuado na competição de canto.

– A produção sabe de seu envolvimento com o cabeleireiro há um tempo e não tem problema algum com o fato de você ser gay. Até eu já tinha lhe dito isso e olha que, naquela época, eu era *superinocente!*

– Você fala como se fosse há dez anos!

– Sinto como se fosse.

O rapaz se sensibilizou por um instante. No programa havia se identificado muito com Violet, mas quando a viu nos vídeos de audição sentiu um pouco de inveja e preferiu deixá-la partir, sem se agarrar àquele sentimento de amizade.

– Se com a produção não tem problema, por que preciso formar um par com você? Já até me senti atraído por você, baby, mas é que hoje é estranho.

Os dois mantinham uma conversa íntima, esquecendo-se das outras pessoas na sala. No fundo, Michael e Lucas gostavam daquilo. Os dois precisavam se entender se fossem levar o plano adiante.

– Jack, nenhuma menininha apaixonada vai entender a sua situação e você *sabe* disso! Se você tivesse entrado no programa como gay assumido teria feito o mesmo sucesso, apenas com uma imagem completamente diferente. Só que o teimoso quis dar uma de galã e agora colocou todos em encrenca.

– E você está aqui para me *ajudar*? – perguntou, sarcástico.

– Sim e não. Também estou aqui para salvar minha própria pele. Você deve ter lido nas colunas sobre a minha pequena aventura em Las Vegas, que não ficou em Vegas. Estou com minha ficha suja e preciso limpá-la. Fazer um dueto romântico com a próximo ídolo americano, começar a namorá-lo e lançar uma nova mania mundial é do que estou precisando no momento.

– O mesmo que você – interrompeu o namorado, pinicando um lenço no rosto em lágrimas.

O momento era delicado. Michael encontrava-se incomodado. Patty, o cabeleireiro, realmente gostava de Jack Rose e praticamente tinha que abrir mão dele para outra pessoa. E ainda uma mulher, ou algo bem próximo a uma.

– Baby, você sabe que eu amo você, não sabe? – questionou Jack, também em lágrimas.

A declaração causava desconforto nos supostos machões da sala, mas Violet se derretia com a demonstração de amor.

– Você ficaria confortável com tudo isso?

– É claro que não! – Patty afirmou. – Mas sei que é necessário! Daqui a alguns anos, você poderá se revelar e ficaremos juntos pelo resto da vida.

As mulheres presentes no local suspiraram.

– Ok, ok. Não precisamos de mais romantismo, certo? – interrompeu Michael, antes que acontecesse um beijo entre os dois.

Houve um suspense até a revelação.

– Como funcionará o plano? – perguntou Jack, com uma voz muito melhor.

Violet abriu um sorriso. Ganhava um namorado. Falso, ok, mas ao menos um namorado apresentável. E desse pelo menos ela gostava.

Parecia que Michael também.

Os próximos passos estavam programados por ambas as equipes. Violet começaria a falar com Sabrina sobre Jack Rose em rede nacional, contando como se conheceram e mostrando-se feliz de ele estar na final. Em alguns dias ela ensaiaria com os três finalistas e daria a mesma atenção para todos, embora tendesse a favorecer o ainda amigo. No dia da final seria a juíza convidada e cantaria perante o público. Naquele momento, todos teriam que sentir um clima entre os dois.

Então Violet Lashian e Jack Rose formariam um casal.

– Eu não acredito que nunca me contou esse babado! – exclamou Sabrina, ao descobrir sobre o cantor.

– Você sabe que não acompanhei o programa, mas quando vi que ele encontrava-se entre os finalistas fiquei animada.

– Claro que ficou, diva! Aquele garoto é uma coisa! Até estremeço ao pensar nele.

– Você acha que ele vai se lembrar de mim? – perguntou a feérica tentando despistar a amiga e o público.

– E tem como alguém esquecer você?

– Você, quando quer, até que é bem fofa, sabia?

– Então eu devo querer todo dia! – disse Sabrina, com seu sorriso característico. – Mas eu estava dizendo pelo fato do seu cabelo ser violeta, das asas escalafobéticas e do rosto em todas as esquinas de Los Angeles, mas se achou bonitinho, tudo bem!

Mais uma vez a fada fechou a expressão com a garota. Começava a achá-la muito superficial.

Será que me tornei assim também?

Mal sabia a fada que ela possuía o gênio de Sabrina desde Ablach.

Uma noite antes da grande final do programa, Violet enchia a banheira para relaxar, quando percebeu magia no ar. Alguém tentava se comunicar com ela através das águas e temia ser novamente Tyrin. Não queria ser ridicularizada pela questão de

Ryan Gohan. Já bastava que o elfo a houvesse criticado quanto ao episódio de Gregório Montjordan, fazendo-a se sentir uma menina de baixo nível. Detestava aquilo.

– Tem alguém aí? – perguntou a fada, fazendo questão de fechar bem o roupão daquela vez.

Por um tempo ninguém apareceu no reflexo, então pensou em desistir, mas logo uma figura se formou aos poucos na água e o rosto de sua inimiga apareceu. Ela não quis acreditar.

– Com saudades de mim, querida? – perguntou Bree, com a típica expressão antipática.

Violet não sabia se continuava a conversa ou arrancava a tampa do ralo.

– O duende roubou sua língua?

A feérica revirou os olhos para a Cabelo de Algodão e resolveu encarar seus medos:

– O que você quer, filha da Medusa?

– Nossa, mas quanta hostilidade – ela disse, rindo.

Violet não entendia por que Bree a procurava. Sabia que ninguém podia fazer contato com ela, mas sempre apareciam pessoas indesejadas. Se eles podiam quebrar as regras, por que a mãe não aparecia? Ou pelo menos uma das irmãs? Achava tudo muito bizarro e queria entender mais o que se passava.

– Vamos, Bree, fale logo o que quer, antes que veja seu rosto escorrer pelo ralo.

– Precisa relaxar para seu grande show, não é?

Então era aquilo. Eles continuavam assistindo ao seu programa, e Bree poderia tentar sabotá-la ou pelo menos mexer com seu subconsciente.

– Se veio aqui tentar prejudicar meu show, tire seu vampiro do sol. Você não tem poder sobre mim nessa dimensão.

– Então reconhece que em Ablach eu tinha?

Os pelos do braço da fada se arrepiaram. Bree era a única que conseguia tirá-la do sério a ponto de desejar machucá-la. Nesses casos, precisava respirar e lembrar-se de sua natureza boa.

Enquanto controlava a raiva, lembrou-se de um detalhe curioso: Bree nunca havia sido condenada pelo que havia feito. Além da

família, ninguém acreditava na sua versão, até porque nunca teve a chance de contar sua versão do que havia acontecido. E se ela tentasse enquadrar a *pic-pop* de Ablach?

– Não sei, Bree. O que acha?

Esperando pela resposta, aproveitou para se afastar um pouco da superfície e apanhou seu celular.

– Eu não acho. Eu *sei* que sou a fada mais evoluída dessa dimensão.

– Mais do que a diretora Lyrial?

– Mais do que a rainha Morgana, sua inútil.

Por dentro, a feérica vibrava.

– Por que veio me azucrinar?

– Porque sua família está cansada de ver apenas por holograma e quer descer até a Terra para buscá-la.

O coração da violeta deu um salto.

– Essa é uma boa notícia, sabia?

– Não para você. O que precisa entender é que se não falar mal de sua família em códigos amanhã e não a fizer desistir de trazê-la de volta, eu vou infernizar a vida de vocês.

– Você já destruiu minha vida uma vez em Ablach – disse Violet.

– E eu ainda estou de pé.

– Aquele incidente com o fogo não foi nada! Queria realmente ter lhe acertado. Não quero você novamente por aqui.

– Por que tanta raiva, Bree?

Bree soltou uma gargalhada muito parecida com a de Sabrina.

– Eu só não quero atenções desviadas, minha querida. Acredito que represente todo o caminho que o povo feérico *não* deve seguir.

– Então, em sua ótica, *eu* sou a vilã? Deve ser mesmo difícil assistir às reações que ando causando por aqui então...

– Tenho vergonha do que tem feito na dimensão terrestre, mas prefiro você manchando a reputação das fadas por aí do que tentando agregar aliados por aqui.

– Bree... – começou a feérica –, será que nós nunca...

– Resolva o problema de sua família – Bree intimou. – Está avisada.

– Você quer dizer de suas ameaças...

Mas já era tarde demais e Bree havia desaparecido nas águas, deixando apenas uma fada desolada em um banheiro frio. Violet ainda se assustava com o fascínio da *pic-pop* com ela e não entendia como não estava tendo problemas por contatos como aquele, mas temia não cumprir a intimação.

Conferiu o novo arquivo gerado pelo telefone celular. Não tinha a intenção de transformar a vida da família em um inferno maior. Para isso, teria de acatar os desejos doentios de Bree. Mas ainda assim, ao conferir o conteúdo do arquivo digital, ela sorriu.

Ao menos agora tinha registrado algo a seu favor para um dia de julgamento.



- E você precisou usar essa gravação?
 - Você vai descobrir...
 - Antes ou depois da final do programa musical?
- Violet olhou para ele de lado, sem dizer nada por um momento.
- Então concluiu:
- Deixe-me contar na ordem correta e você vai descobrir...

25

Save the cheerleader, save the world

Salve a líder de torcida, salve o mundo

Violet teve uma péssima noite após a conversa com a inimiga. Pesadelos lhe habitaram a mente e houve momentos em que pensou que se encontrava presa no mais profundo ponto do submundo. Ficou tão mal que não tinha vontade de levantar da cama, com medo dos monstros criados por seu subconsciente. Contudo, existiam compromissos pela frente e precisava encontrar ânimo. Aquele era o dia em que voltaria a ser popular e salvaria seu reality show da vergonha. A única coisa que não conseguiria salvar era a chance de ver a família outra vez.

Por mais que tentasse não prejudicá-las, sempre acontecia alguma coisa para machucar seus seres mais amados.

– Está pronta para descer? – perguntou Sabrina, entrando no quarto e indignando-se ao ver o estado da fada. – Ainda na cama? Ficou *louca*?

– Não estou me sentindo bem...

– Não importa! Está *todo mundo* esperando no estúdio. A final do programa é só de noite, mas você sabe como existe toda uma preparação por trás do momento. Só faltava você resolver ficar de cama hoje.

Violet suspirou.

– Eu já disse que não estou bem, mas pode deixar que vou me levantar logo.

Sem ânimo para encarar Sabrina, Violet se preparou para um dos dias mais importantes de sua vida.

O dia passou sem problemas. Violet contou com a ajuda de Michael nos compromissos e ensaios. No fim, ele continuava sendo a única pessoa em que podia confiar. Já Sabrina, por algum motivo, continuava estranha e a tratando mal. Quando tentava conversar com ela, sempre obtinha respostas secas e duras, sem elogios ou atenção. Não conseguia mais sentir o antigo carinho pela humana. A impressão era de que, por conta da queda de audiência, Sabrina não se sentia mais confortável com o programa. Aquilo entristecia a fada.

No final da preparação, percebeu como a equipe do programa musical fora incrível. Violet notou que todas as vezes que encontrava Jack Rose sentia um frio no estômago. Ela sabia que o namoro deles seria de mentira, e o rapaz não se sentia nem um pouco atraído, mas a vontade de estar ao lado de alguém que sentia carinho por ela era maior.

– Preparada? – perguntou Michael, apreensivo.

– Por toda a minha vida – ela respondeu, lançando um sorriso meigo de lado para o agente.

No horário marcado, o show começou a ser transmitido ao mesmo tempo em que o episódio diário de *Feérica – O Reality Show* entrava no ar. Aquela experiência era uma novidade na televisão, em um cruzamento nunca antes visto entre dois reality shows ao vivo. Todos estavam apreensivos para ver o resultado.

Quando anunciaram o nome de Jack Rose no telão do palco, o estômago dela revirou e temeu não conseguir cantar. Iniciou-se a reprodução de um vídeo com ela e Jack comentando como se conheceram na fila do programa, e estavam felizes de cantarem juntos naquela noite. O conteúdo editado tinha cenas dos dois na Hollywood Boulevard, conversando e rindo, em imagens encontradas nos arquivos de memória do programa. Um nó se formou na garganta e começou a incomodar a fada. Eles realmente formavam um bonito casal.

A produção havia escolhido sua roupa e pedido para fazer algo que há muito tempo não fazia: esconder suas asas. Usava um longo vestido branco Givenchy grudado, com as costas inteiras à mostra. O cabelo estava preso na lateral; eles queriam que ela abrisse as asas no refrão. Jack Rose vestia um terno Prada totalmente preto, para dar contraste à cor do vestido dela. Naquela noite, seu cabelo encontrava-se penteado para trás e mantinha o mesmo olhar que o personagem Jack de *Titanic* possuía.

Quando o vídeo terminou, os instrumentos começaram a tocar as primeiras notas características, adaptadas para um estilo mais pop de Jack, e o público enlouqueceu. As mulheres começaram a votar em Jack Rose desesperadamente ainda durante a música, como se a vida dele (e delas) dependesse daquilo, tanto as ligadas ao programa, quanto as que acompanhavam *Feérica*. E então Violet começou a cantar, entrando no palco.

*"Every night in my dreams, I see you, I feel you,
That is how I know you go on,
Far across the distance and spaces between us,
You have come to show you go on"*

Não havia como um ser humano não aplaudir aquela voz. Não era uma voz humana, era uma voz *feérica*. Um timbre que lembrava aos humanos que eles eram humanos e que aquela criatura, por mais que se parecesse tanto com eles, e por mais que mesmo ela às vezes parecesse se esquecer disso, era uma criatura muito mais perto do divino que do terreno.

Jack Rose entrou com todo seu estilo sensual e emendou a continuação da música, segurando na mão dela.

*"Near, far, wherever you are,
I believe that the heart does go on,
Once more, you open the door,
And you're here in my heart,
And my heart will go on and on"*

Não poderiam ter feito escolha melhor. Durante a música o casal demonstrou a química descoberta no primeiro dia. A delicadeza dos movimentos dele, acariciando o cabelo dela, e o poder na voz da fada que o seduzia em retorno, dizia algo a mais para os telespectadores. Todos haviam apreciado as duas primeiras apresentações, mas com Jack Rose, Violet parecia perfeita.

E então no refrão ela abriu as asas. O público em êxtase levantou-se e aplaudiu de pé, dentre gritos e euforia.

Ali Jack Rose teve a certeza de que havia vencido.

Quando finalizaram a música com os rostos a um palmo de distância, as luzes se apagaram e todos ficaram na curiosidade se havia acontecido um beijo ou não.

No final do programa, quando os jurados estavam para decidir quem seria o grande ídolo americano, abriram espaço para Violet falar.

Ela ainda encontrava-se emocionada com a apresentação. Assim que as luzes se apagaram, foi empurrada por um membro da equipe para que fosse correndo se trocar no camarim. Precisava estar na bancada de jurados em alguns minutos e não podia ser nos trajes das apresentações.

– Vestido vermelho com formatos de rosas ou calça amarela com cruz? – perguntou seu produtor de moda.

– Tanto faz... – respondeu a mesma, sem ânimo.

Confusa e sem Sabrina para animá-la, tudo aquilo não passava de compromisso entediante.

Em pouco tempo, estava em um vestido vermelho não tão curto, com tecidos simulando rosas bordadas na saia rodada. Na cintura usava um cinto preto combinando com a bolsa em formato de coração e a sandália. Finalizada a mudança de roupa e penteado, jogaram-na no palco sem espera. O mais difícil era que as câmeras do reality show dela corriam atrás de cada movimento da fada, atrapalhando todos da equipe ao redor.

– E estamos aqui com uma jovem que já entrevistei no passado
– comentou o apresentador do programa mundial, ao vê-la sendo

posicionada na coxia do palco. – Ela que revelou sua voz maravilhosa nesse show, arrebentou nos duetos de hoje e conquistou o mundo com seu próprio reality show: VIOLET!

– Está sendo tudo o que eu sempre imaginei – comentou a fada, sorrindo para o público. – Busquei esse programa para tentar mostrar meu talento e acabei me expondo ao mundo pela primeira vez. Você deveriam ter me levado à fogueira, mas acabei me tornando jurada da final do programa. É mesmo um mundo bem diferente!

O auditório riu, lembrando que a amava.

– Ah, mas ser jurada desse programa ao vivo equivale à mesma coisa! – disse o apresentador, e todos riram com ele. – E você está realizada aqui na Terra? Tem saudade de seu passado ou pretende ficar por aqui de vez?

Aquela era a hora de se submeter aos caprichos de Bree. Todos em Ablach assistiam à apresentação via holograma e provavelmente a família desceria para buscá-la em breve. Precisava fazer algo para impedi-la disso.

– Olha, nunca estive mais feliz e realizada. De onde eu vim não era apreciada por ninguém, sofria muito e não tenho a mínima saudade do meu passado. Tudo o que eu quero é seguir por aqui *sozinha* e não ter que ouvir mais sobre o que eu fui.

Sentia uma grande dor no coração com o discurso, possivelmente compartilhada pela família. Por impulso quase segurou o medalhão no pescoço, mas aquilo chamaria a atenção.

– Que as fadas abençoem a América, Violet Lashian! – finalizou o apresentador.

Todos aplaudiram mais uma vez e ela foi acompanhada até seu lugar na bancada. Era a hora de revelar ao mundo o próximo ídolo pop.

Após os discursos dos jurados, o clima era de tensão enquanto o apresentador se preparava para dar o anúncio final. Flashes passavam pela mente de Violet, lembrando o momento que

desejou estar naquele palco, de forma tão diferente. Então as luzes se abaixaram e uma explosão de fogos de artifício iniciou com a declaração:

– JACK ROSE, VOCÊ É O NOVO ÍDOLO POP AMERICANO!

Uma versão remixada de “My heart will go on” começou a tocar em volume máximo e todos os jurados subiram no palco para cumprimentar o rapaz. Violet foi deixada para o final para terminarem o último episódio com um gigantesco abraço dos dois. Eles sorriam pela vitória em meio a luzes que os deixavam cegos.

Aquele era o momento do casal começar a brilhar.

No dia seguinte todos os tabloides já divulgavam em suas capas:

NOVO CASAL NO PEDAÇO? CLIMA ROMÂNTICO NOS BASTIDORES DA FINAL DE FAMOSO PROGRAMA MUSICAL.

VIOLETROSE $\frac{3}{4}$ A NOVA TENDÊNCIA NO MERCADO. CASAL TEEN INSPIRA JOVENS DE TODO O MUNDO.

ARMAÇÃO! TERIA VIOLET COMEÇADO A NAMORAR O VENCEDOR DO PROGRAMA MUSICAL ANTES DE SUA VITÓRIA?

O telefone na mansão Lorde Omeganon não parava de tocar, assim como o celular de Michael. Todos queriam saber sobre o novo casal do entretenimento.

O plano tinha dado certo.

Violet ainda não havia conversado com Sabrina sobre o assunto. A amiga a evitara durante todo o dia anterior e acordara cedo para sair com algumas amigas que a fada não conhecia.

– Aconteceu alguma coisa com Sabrina? – Violet questionou para Richard, assim que o viu.

– Não que eu saiba, querida – respondeu. – Por quê?

– Por nada...

Ela sabia que alguma coisa acontecia. Se seu suposto namoro com Jack Rose estava atraindo interesse para o reality show novamente, não havia por que Sabrina continuar com aquela

distância. Bem naquela hora não tinha mais a companhia socialite para aconselhá-la.

Ao ver que Michael havia desligado o celular por alguns minutos, resolveu puxar assunto antes do encontro com Jack programado pela emissora.

– Muito ocupado? – perguntou, já sabendo a resposta.

– Não imagina como – ele respondeu, dando um sorrisinho maroto para ela. – Tudo funcionou como o planejado. Nossos patrocinadores estão animados de novo e nossas contas voltaram a crescer.

Violet suspirou e tentou sorrir como ele, porém, não sentia a mesma alegria.

– E parece que nada disso importa para você, não é?

Michael mostrou o sofá para a jovem e os dois se sentaram. Não faziam aquilo há um tempo, sempre eram conversas corridas. Mesmo não sendo algo intimista por haver mais quatro pessoas na sala filmando, a fada sentia como se pudesse desabafar. Muita coisa era cortada do que eles gravavam, principalmente quando falavam do passado dela ou de detalhes como a opção sexual de Jack.

– Estou me sentindo estranha...

– Sabia que esse desânimo não era normal. Está doente? Será que um médico humano consegue examiná-la?

Aos olhos dela, o desespero de Michael chegava a ser *fofo*, algo que normalmente ela não assimilaria ao rapaz.

– Não é estranha de doente, seu maluco! É apenas tristeza, não sei.

– Putz! Não sabia que fadas entravam em depressão.

– Também não chega a tanto! Você não me entende...

– Estou tentando, Violet. Você sabe que não sou a pessoa mais sensível desse mundo – admitiu o agente com uma voz quase triste. – Isso não significa que não tenha carinho por você.

– Hum, então você tem carinho por mim? – brincou a fada.

– Um pouco – confirmou. – Mas não abuse.

Ela sorriu. Ele gostou disso.

– Já tentou desabafar com a Sabrina sobre isso?

– Acho que ela também é uma das minhas preocupações. Ela não é a mesma do começo. Nos últimos dias deu pra me ignorar e me maltratar.

– Acho que deve ser por causa da reportagem...

Violet franziu a testa. *Que reportagem?* Perguntava-se se tinha acontecido alguma coisa, e pela expressão dela o agente percebeu que havia falado demais.

– Pensei que soubesse. Uma revista dessas de sempre fez uma matéria acabando com a imagem dela. Disse que vivia em sua sombra e que, agora, era ainda a sombra de um programa de baixa audiência.

– E ela ligou para esse tipo de comentário? Se eu fosse parar de falar com as pessoas toda vez que a imprensa me xinga, não estaria mais nessa dimensão!

– Talvez ela não seja forte como você.

Estranho, pensou a feérica.

Nunca tinha se considerado forte. Achava até muito fraca por ter deixado todos pisarem nela por tanto tempo.

– Mas eu não tenho nada a ver com essa matéria. Por que ela está descontando em mim?

Michael não sabia como daria a próxima notícia.

– Infelizmente, Sabrina é uma espécie de produto fabricado pelo show business. Ela está preocupada com sua imagem, não com os sentimentos alheios. A fama muitas vezes prejudica o bom senso das pessoas.

Violet ficou com aquilo na cabeça: será que tinha chegado àquele ponto? Se não, será que um dia chegaria?

Não gostava nem mesmo de pensar no assunto.

Oito horas em ponto Jack Rose chegou à mansão para buscar a feérica. Mesmo estando cheio de compromissos por conta da vitória, queria ter um tempo para ficar com Violet, ou ao menos era o que os milhares de telespectadores esperavam ao assistir ao episódio daquela noite.

– Baby, mil desculpas pelo atraso! Tive uma sessão de fotos para a revista *Seventeen*.

A fada limitou-se a sorrir, sem saber como se portar. Ao mesmo tempo, ele falava com muita naturalidade para uma pessoa que supostamente estaria atuando naquele momento. Em particular, ambos receberam instruções para agirem como se aquele fosse um primeiro encontro e estivessem completamente apaixonados.

– Acho que seria divertido irmos para nosso passeio e descabelar Los Angeles. Que tal? – perguntou Jack, com o charme típico.

Sem revelar o local para o público, os dois saíram em uma Range Rover preta, seguida por tantos carros de equipes de filmagem, paparazzi e fãs afoitos, que mais parecia uma comitiva.

– Queria levá-la para o píer de Santa Mônica. Mas acho que após a noite de ontem, ficaria difícil, não é?

– Se não se importar que nosso encontro seja na companhia de milhares de outras pessoas – respondeu a fada em ironia.

– Gosta de comida japonesa?

Aquela era uma pergunta estranha. Já estava há um bom tempo morando na Terra, mas nunca a haviam oferecido comida *japonesa*. A comida seria tão diferente no Japão?

Será que o hambúrguer é especial por lá?

– Acho que nunca comi...

– Como assim “acha”, baby? Se você tivesse experimentado comida japonesa saberia com certeza. Ela é tão diferente das outras que não há como se confundir.

– Então nunca experimentei.

– Vou levá-la a um restaurante da cidade que eu A-DO-RO! Fica na Rodeo Drive. O salmão de lá é de longe o mais saboroso que já provei.

– Deve ser uma fortuna um restaurante desses – comentou, sem perceber direito o que dizia.

– Mais do que o salário de muitas pessoas – ele respondeu, rindo. – Mas o que são algumas centenas de dólares para uma milionária como você? Sem contar que, nunca lhe disse, mas

venho de um berço de ouro. E agora sou um popstar! Somos perfeitos, baby...

Jack a assustava. Ela sabia que possuía um excelente gosto, isso sempre era refletido em sua imagem, mas não conhecia aquele lado do rapaz. Se ele e Sabrina eram assim, começava a repensar o que ela mesma estava refletindo ultimamente para quem a conhecia apenas por sua imagem pública. Claro que possuía roupas chiquérrimas de designers famosos e toda a última tecnologia terráquea, contudo, não parava de pensar que morava na mansão dos outros e não gastava um centavo do que recebia das diversas campanhas feitas até ali.

– Quer saber, Jack? – definiu. – Leve-me a esse tal de *restaurante japonês*. Vamos comer como reis hoje.

A decepção foi amarga.

O estômago da fada já dava nós de tanta vontade de comer e, quando colocaram a comida na sua frente, quase quis bater em Jack. Ele olhava para o barco de madeira com uma expressão ansiosa, sem entender porque tudo parecia cru e sem graça.

– É isso que tenho que comer? – perguntou, pegando com a mão um pedaço de sashimi de salmão.

Jack começou a rir.

– Baby, não é assim que se pega essa comida. Você precisa usar o *hashi* – explicou o rapaz apontando para os dois pauzinhos de madeira na mesa.

Violet não entendeu como se pegava qualquer coisa com um pedaço de madeira.

– Certo! E essas coisas dentro do barco são o quê?

O rapaz gentilmente explicou os itens do combinado escolhido. Ela poderia experimentar sashimi de salmão e atum, sushi de diversas formas, califórnia, salmão skin, temakis, harumakis, hot filadélfia, entre outros.

Violet só conseguia enxergar arroz, pontos verdes e peixe cru.

– Você tem certeza que isso não vai *me matar*? – perguntou, duvidando dos pedaços de peixes.

– Use seu hashi, pegue o sashimi e mergulhe no molho shoyu! Então me diga o que acha...

Em casa os telespectadores se divertiam com a expressão de nojo que ela exibia para a câmera. A fada testou os pauzinhos por um tempo, mas sempre derrubava a comida. Os palavrões emitidos toda vez que o hashi caía de sua mão acabaram chamando a atenção de todo o restaurante, e tiveram de ser substituídos por apitos no programa transmitido.

– Acho melhor pedir um talher para você, garota linda.

Ele me chamou de linda, pensou.

Na mesma hora, Violet puxou sua varinha de condão da bolsa e a utilizou no hashi. Todos pararam para prestar atenção.

– Pronto! Duvido que alguma coisa seja derrubada agora.

De início tudo ainda era muito estranho para o paladar dela. Acostumada com comidas leves em Ablach, o choque da apetitosa gordura americana a tinha encantado. Mas aos poucos os pequenos itens se tornavam apetitosos e, ao descobrir o hot philadelphia, especialidade raramente encontrada em Los Angeles, se rendeu de vez.

– Pela benção de Afrodite! – comentou, mastigando o rolinho de arroz com recheio de salmão, cream cheese, cebolinha e gergelim, envolto por uma folha de alga e servido frito. – Isso é *muito, muito, muito, muito, muito* bom. Hum... eu esqueci de acrescentar mais um *muito*...

Jack abriu um sorriso gigantesco e o público em casa o acompanhou, aliviado. Ainda tinham um casal com química para torcer.

– Fico feliz que tenha gostado da experiência.

– Pelo visto vou aprender muito com você.

– Você não tem noção do quanto.

Violet sentiu os pelos arrepiarem. Ela estava louca ou realmente existia uma tensão sexual ali? *Mas ele não era gay?* A fada não entendia mais nada. Só sabia que gostava da forma com que ele a olhava.

No final, acabou gostando da comida diferenciada, e não via a hora de comê-la outra vez. Ao sair do restaurante, sentiu os dedos

de Jack Rose se enroscarem nos seus em um gesto de carinho.

– Preparada para encarar o furacão? – ele perguntou, perto da porta de saída.

Era a hora de enfrentar diversos fotógrafos e fanáticos.

– *Agora* sim.

A chuva de flashes conseguia triplicar toda vez que ela saía. O envolvimento com Jack aumentava o frenesi, e os seguranças tiveram dificuldades para tirá-los de lá.

Seguros dentro do carro, Jack foi o primeiro a falar:

– Parece que minha nova vida ao seu lado será cheia de aventuras, não é?

A feérica se assustou com o tom da frase, pois estavam sem câmeras ao redor. Dizendo isso o rapaz se aproximou da fada e a surpreendeu com um beijo apaixonado.

Começou doce e gentil com pequenos toques de lábios e mergulhou em uma intensa troca de carinho. Só pararam quando um flash invadiu o carro. Como estavam ainda parados, um paparazzo colou a câmera no vidro da janela e registrou o momento.

– Dever cumprido – comentou o rapaz, sorrindo para o fotógrafo do lado de fora e colocando o carro para andar.

Violet demorou alguns segundos para sair do transe mágico do beijo e entrar na cruel realidade da fama.

Tudo aquilo era um teatro.

E ela precisava começar a participar.



– E então começou uma fase, digamos, *interessante* da sua vida, não é? – questionou Papperman.

A fada torceu a boca e ficou pensativa.

– Digamos que essa fase trouxe para a minha vida as duas palavras que me tiraram um pouco do lado feérico e me fizeram passar a me entender melhor como mulher...

– *Jack Rose?* – perguntou o apresentador surpreso.

– *Victoria's Secret.*

As mulheres no auditório vibraram.

26

You know you love me

Você sabe que me ama

Michael começou a se preocupar com o estado de Violet. Nos dias seguintes, ela não parecia mais a mesma. Já tinha visto a fada fazer muitas coisas extremas, mas, desde que o relacionamento com Jack Rose havia começado, ela agia de forma estranha. O agente não sabia se era pela tristeza que havia confessado ou por alguma coisa relacionada ao rapaz e aquilo o incomodava. Concordara com o namoro arranjado, contudo, não imaginava que levariam a história tão a sério. Ele era gay, então nada romântico sairia realmente daquele relacionamento. Só que Violetrose, o casal "rosa violeta", virou uma epidemia. Nem as pessoas mais desligadas do mundo das fofocas conseguiam ficar sem saber das novidades da dupla. Eram fotos postadas por eles e pela imprensa todos os dias, campanhas agendadas, presentes caros trocados, jantares em restaurantes refinados e milhares de outras extravagâncias.

A fada quase nunca parava na mansão, e dormia praticamente todas as noites na casa do rapaz. Depois de alguns dias, Violet compreendeu o comentário de Jack ter nascido em berço de outro. Não era de família milionária, mas morava com os pais em uma bela casa em Malibu. Os sogros haviam recebido muito bem a feérica como nora. Judy, mãe de Jack, chegou a dizer para Violet que temia que o filho nunca firmasse um namoro sério e que estava feliz com o relacionamento. Ela entendeu na hora o comentário da sogra. Para os pais de origem religiosa tradicional,

era uma espécie de alívio ver uma *namorada* finalmente na família. Ainda mais especial como aquela.

– Será que fadas são capazes de engravidar de humanos? – perguntou Judy, durante um jantar.

As câmeras estavam ligadas, e a pergunta quase matou o casal, que engasgou com o susto, assim como causou um rebuliço na mídia por causa dos primeiros boatos sobre uma suposta gravidez de Violet.

E em um instante aquilo virou uma preocupação mundial. As pessoas opinavam sobre o assunto nas ruas, mal sabendo que quando os dois se trancavam no quarto era para Jack pular a janela e se encontrar com Patty, o cabeleireiro namorado, enquanto Violet escolhia sapatos pela internet.

Aquela era outra preocupação de Michael: a compra excessiva. Todos os dias recebiam na mansão Lorde Omeganon caixas e caixas de mercadorias adquiridas pela feérica. Muitas delas de sapatos vindos de todos os cantos do mundo. E, quando ele pensava em sapato, deveria pensar em joias, porque cada par custava uma pequena fortuna.

Com Jack Rose ao lado, Violet se jogou na cena hollywoodiana e começaram a sair praticamente todas as noites. Quando não iam a bailes organizados por revistas, eram pré-estreias de filmes badalados, inaugurações de lojas e coleções de roupas ou festas de estrelas da indústria. Cite qualquer evento famoso: eles estavam lá. E, em cada um, ela desfilava um novo figurino elegante, e, ao mesmo tempo, excêntrico. A fada voltava um pouco às raízes e abusava de seu poder. Começava a usar novamente seus pufes na cabeça e batons de coloração berrante. Usava acessórios chamativos e desfilava as asas pelos eventos, criando até uma pose específica para ser fotografada.

– Toda estrela possui sua pose – comentou Jack um dia para a feérica, analisando fotos de Beyoncé, Victoria Beckham e Taylor Swift. A de Violet era ficar de lado, com o queixo para cima e um dos braços para trás, em meio às asas.

Sabrina aos poucos foi retomando a amizade. Entendia que para sempre ficaria na sombra de Violet, mesmo porque não havia

como uma humana apagar o brilho de uma fada. Pelo menos ali seria a sombra de uma feérica reluzente, pois todos só sabiam falar nela nas últimas semanas.

– Eu acho um máximo seu namoro com Jack Rose – comentou em um dia de compras pela Rodeo Drive. – Sério, vocês são o casal mais famoso do século. Acho que mais do que *Brangelina*.

– Será que essa é a hora de começarmos a viajar pelo mundo e adotar crianças?

– Não, diva! Eles já são adultos e fizeram MUITA coisa no passado. Angelina demorou a se tornar a lady que é hoje. Mesmo eu preferindo o lado selvagem dela.

– Quem nunca gostou do lado selvagem de Angelina Jolie...? – cortou Michael, entrando na conversa.

Sabrina o encarou com sua expressão de “nós não convidamos você para falar”, e Violet se assustou com a presença súbita do agente.

– Preciso falar com você, senhorita – disse ele, lançando um olhar de repreensão à Sabrina.

– Já entendi que é para eu sair. Tá bom! Tá bom!

Mala, sussurrou a garota, ao deixar a sala onde as duas papeavam.

– Violet, precisamos rever seus conceitos sobre compras – começou. – Sua fatura do cartão veio astronômica. Você atualmente *está* rica, mas não pode sair gastando dessa forma sem pensar.

– Por que não posso? – questionou a feérica, com uma calma surpreendente.

– Porque você pode ficar sem dinheiro no futuro se continuar nesse excesso.

– Quem disse que eu ligo para o futuro? – retrucou, colocando um ponto final na conversa.

A fada pegou o celular e começou a conversar com os fãs pelas redes sociais. Em algumas horas iria com Jack a um leilão de caridade. Michael ficou sem reação.

O leilão beneficente era um projeto da Victoria's Secret e a fada estava doida para participar por ser apaixonada pela marca e seus anjos femininos. Afinal, quem não era fã de Gisele Bündchen? Violet uma vez viu ninfas em Ablach negociando com fadas alguns fragmentos de sonhos da supermodelo para ter tempo de copiar seu estilo de cabelo. Infelizmente, ela e a diva não estariam juntas naquele dia.

No evento, eles iriam apresentar peças exclusivas e todo o dinheiro revertido seria doado para uma instituição voltada a combater o câncer de mama. O convite era exclusivo e restrito a algumas poucas pessoas. Violet não podia deixar de ser uma delas.

Quando o casal saiu da limusine violeta e pisou no tapete cor-de-rosa do evento, toda a atenção da mídia se direcionou a eles. Outros famosos que desfilavam pelo local foram esquecidos e seguranças foram chamados para conter a multidão de fãs que esgoelava o nome criado para a dupla.

Violet desfilava seu vestido Elie Saab ameixa, e o cabelo rebelde encontrava-se preso em um alto coque, realçando as orelhas pontudas adornadas de brincos de diamantes da Harry Winston. Jack Rose estava com um terno Armani primoroso e a observava com admiração. Não podiam negar que aproveitavam a relação. A alegria era evidente nas câmeras.

– Cansada de sorrir, baby? – perguntou o jovem.

– Não há como se cansar dessa atenção – ela respondeu, enquanto se entrelaçava aos braços dele.

Dentro do evento havia mesas redondas perfeitamente preparadas para receberem os convidados VIP. Logo foram encaminhados para a primeira fileira e lá explicaram que o leilão seria feito com um sistema de tecnologia avançada. O cliente interessado na peça precisava digitar o valor em um tablet posicionado à frente das cadeiras. Seriam leiloadas peças íntimas da coleção deluxe da marca, todas eram feitas com pedras preciosas e os melhores tecidos. O lance mínimo era de cinco mil dólares, e a antiga Violet acharia um absurdo pagar tudo aquilo por um sutiã, ainda mais ela, que tinha dificuldade com a peça por

conta das asas. Já a Violet daquele leilão precisava ganhar uma rodada e sair de lá com uma peça incrível.

No palco, modelos desfilavam os sutiãs exclusivos e o leilão seguia. Nenhum item parecia impressionar a feérica, e Jack começava a se estressar com a namorada:

– Baby, você *precisa* comprar alguma coisa. Já pensou se sairmos do evento sem termos feito uma doação?

– É claro que vou fazer um lance em alguma peça, só preciso achar a especial!

E então o conjunto perfeito apareceu. Violet, ao ver a modelo entrando, pulou até seu aparelho, disposta a dar o lance mais astronômico da noite.

– É... O... BIQUÍNI... DA... PRINCESA... LEIA! – balbuciou empolgada demais para raciocinar.

Nenhum dos convidados ao redor da mesa conseguiu entender por que a lingerie dourada era tão importante para a feérica. Alguns senhores até balançaram a cabeça, lembrando que a princesa Leia vinha da franquia *Star Wars*.

– Eu NECESSITO disso – disse para Jack, que a olhava espantando. – Está vendo como é perfeito! O biquíni é feito de tinta de OURO! É *mais do que* perfeito.

– Você já deu algum lance? – Jack perguntou, admirado.

Mas a resposta não veio da fada.

– Gostaríamos de parar por um momento o leilão para agradecer uma generosa doação que tivemos nessa noite – discursou a mestre de cerimônias. – Muito obrigada à senhorita Lashian pela significativa contribuição de *um milhão de dólares* pela peça “Princesa Leia Rumo À Victória”. Toda a nossa instituição agradece.

Todos aplaudiram. Os murmúrios começaram a se alastrar pelo evento.

– Você deu um lance de *um milhão* pelo biquíni? – questionou Jack, para ver se não havia escutado errado.

– Claro! Não queria perder para ninguém!

– Essa é minha garota! – esbanjou o rapaz. – Mas Michael vai supermatar você.

Não deu outra. Na manhã seguinte, todos os jornais divulgavam o valor exorbitante pago por ela na famosa peça dourada conhecida por muitos jovens nerds.

– Você... é... *maluca!* Pirada! Doida de pedra! Insana! Louca! – esbravejou o agente assim que a viu pela manhã, tentando sair de fininho da mansão.

– Ah, Michael, você é meu agente ou meu pai agora? – ela retrucou.

– Você pagou uma quantia de dinheiro *absurda* por um pedaço de pano!

A fada revirou os olhos. Michael cada vez mais odiava quando ela fazia aquilo.

– Veja bem como você fala do meu biquíni supersensual! E aquilo foi para a caridade, não foi?

– Você *não* fez uma oferta por caridade, Violet! Se não fosse um leilão beneficente, você teria pago esse valor do mesmo jeito!

– Então que bom que era um leilão beneficente, não?

Michael se enfureceu de verdade.

– Vocês poderiam parar de gravar, por favor? – pediu o rapaz, virando-se para a equipe.

– Podem continuar gravando – ordenou a fada. – É bom o pessoal ver como você me trata.

– Como *eu* trato você? Você tem mesmo coragem de dizer isso? Eu sou a pessoa que conseguiu fazer todo esse dinheiro para você!

– Não, querido! *Eu* sou a pessoa que conseguiu fazer esse dinheiro para você.

Houve um silêncio doloroso.

– Você se lembra quando eu lhe disse que a fama destrói o bom senso?

Violet se manteve abraçada ao silêncio doloroso.

– Felizmente, você tem alguém que trabalha para ganhar o dinheiro que você gasta – Michael explicou. – Por conta da publicidade gerada com a *doação*, a Victoria's Secret ficou impressionada com seu poder de mídia, e negocieei com eles uma participação especial no show anual da marca, que está para

acontecer. Eles a querem como modelo principal da noite e gostariam que Jack Rose cantasse enquanto você desfila.

- E por quanto você negociou essa participação?
- Um milhão e meio de dólares.

Violet teve de rir.

- Viu só? *Todos* me querem.
- Apenas enquanto você for a pessoa que fizer dinheiro para eles.

Silêncio.

A mídia espontânea cresceu assustadoramente com o rumor de que Violet Lashian desfilaria de lingerie no famoso show da Victoria's Secret. Aquela situação era perfeita. As modelos da marca eram conhecidas como anjos e sempre desfilavam com asas. Nada melhor do que ter uma com asas *de verdade* no centro das atenções.

– Eu não acredito que irei mostrar minha gravação com meu biquíni de princesa Leia! Admita, Michael: hoje eu sou o maior desejo de qualquer nerd desse planeta!

Michael odiava admitir que ela estava certa. Naquele mesmo dia recebera convites para campanhas de diversas empresas ligadas à moda nerd. De lançamentos de games da Disney a painéis da Comic Con, todos queriam Violet vestida de princesa Leia. Por mais que tudo aquilo fosse ótimo do ponto de vista financeiro, Michael, todavia, encontrava-se no seu limite e não sabia mais se conseguiria representar Violet como agente.

No evento, o público estava curioso para ver o corpo da fada por debaixo do vestido. Ela nunca havia posado sem roupa ou mesmo colocado um maiô para ir à piscina. Em Vegas tinha escondido o máximo do corpo. A vontade do público de vê-la seminua era intensa, reforçada pela aquisição da peça clássica de toda fantasia sexual dos nerds adolescentes.

– Estou ficando nervosa – comentou a feérica para Jack, nos bastidores do desfile.

– Relaxe, *mon amour!* Você tem um corpo maravilhoso e hoje o mundo todo poderá ver. É o ser mais lindo desse universo.

– Mais bonito do que *todos?* – questionou, lembrando-se de que Jack havia ficado uma hora pendurado no telefone trocando juras de amor com Patty no dia anterior.

– Claro, minha rainha! – concluiu antes de um longo beijo de boa sorte observado por modelos curiosas e fotógrafos do evento, que registravam o momento.

O desfile começou e, como tradição, as modelos mais famosas do catálogo da marca desfilavam os corpos esbeltos pela passarela, aos olhos das grandes figuras da indústria. A apresentação da Victoria's Secret era diferente de todas as outras marcas, pois realmente criava um grande show ao qual celebridades de todos os ramos artísticos assistiam na plateia. Quando foram apresentar a nova coleção inspirada em contos de fadas, foi a deixa para o grande final.

As luzes se apagaram e um vídeo começou a ser transmitido no telão presente no fundo da passarela. Imagens da fada com o traje Star Wars brincando com bolinhas de sabão passaram a ser exibidas intercaladas com um making of da sessão de fotos de Violet para o catálogo. Aos poucos, um som suave começou tocar pelos alto-falantes e um canhão de luz invadiu o espaço. Com ele, a figura de Jack Rose em uma armadura de príncipe medieval.

– Essa é uma noite mágica... – começou o rapaz.

A plateia começou a aplaudir e assobiar.

– É a noite em que o brilho de uma fada ilumina toda uma legião de anjos.

Mais aplausos, em meio a flashes.

– Onde a voz de um mero mortal inspira um ser divino. Essa... é a nossa noite.

Finalizando, Jack emendou uma melodia sensual e, aos poucos, luzes coloridas começaram a invadir a passarela cor-de-rosa, revelando o cenário criado para o desfile. Estrelas gigantescas enfeitavam o espaço e uma grande estátua em formato de asa

dava charme ao local onde as modelos desfilariam. Uma a uma elas foram entrando ao som da voz de Jack, enquanto ela cantava e dançava interagindo com as garotas.

O ritmo era poderoso e o coração de todos pulava a cada batida. Cada modelo ostentava um conjunto inspirado em um conto de fadas famoso. Viam uma versão de Branca de Neve, Rapunzel, Cinderela, e até mesmo Alice no País das Maravilhas. Ironicamente, Violet ficara com uma das figuras mais interessantes.

Quando a música desacelerou, uma silhueta apareceu no meio da pista. Era Violet com um coque firme no cabelo e um biquíni verde pequeno, representando – que ironia – ninguém menos que Sininho, uma das fadas mais famosas de seu próprio mundo. A alada começou a caminhar no palco com o mesmo poder que desfilava quando queria falar com sua diretora em Ablach. As asas batiam no ritmo da música e, mesmo com um traje muito menor do que os anormais apetrechos que a marca gostava de usar, não deixava de ser o item mais interessante de toda a noite. Para a alegria de muitos homens, o corpo da fada era perfeito segundo os padrões estéticos da indústria fotográfica, e apenas aquilo já se mostrava uma excelente exposição. Jack Rose caminhava ao lado da namorada, cantando e a reverenciando. Violet mantinha uma expressão sexy e brincalhona, e algumas vezes parava para mexer o quadril para os lados conforme a música.

Ao chegar à ponta da passarela, a feérica parou em uma posição fatal apontando sua própria varinha para a multidão. Jack aguardou atrás dela e, com o microfone preso nos lábios, ordenou:

– Mostre seu poder, *Feérica!*

Um jato de fogos de artifício mágicos saiu da ponta da varinha e iluminou todo o teto do salão. As interjeições da plateia estouraram junto com as luzes, demonstrando como todos estavam fascinados. Mesmo Violet sendo uma figura constante da mídia, a relutância em utilizar sua magia fazia com que tais momentos se tornassem raridades preciosas.

Então os dois começaram um dueto e o mundo parou para ouvir mais uma vez suas vozes. Fechavam com chave de ouro a noite,

em meio a um rebuliço que ecoava para muito além do término daquele evento.

Eles deveriam venerar você, Violet, não o contrário, a mãe disse uma vez.

Missão cumprida.



– Você sabe quantos adolescentes viram suas notas despencar por causa do seu vídeo com o biquíni de *Star Wars*? – perguntou o apresentador. – Eles assistiam em loop...

O público riu.

– Peço desculpas aos pais – ela disse. – Juro que não foi a intenção...

O público continuou a rir.

– Mas o que foi mais comentado...

A fada bufou.

– Eu sei, foi o fato de eu gastar todo aquele dinheiro.

O apresentador encolheu os ombros e concordou.

– Bem, ao menos teve um lado bom.

– Não me lembro de haver um lado bom...

– Foi assim que nós nos conhecemos – Papperman lembrou, empolgado.

Violet concordou. Então eles realmente se encontraram e ela sentou naquele mesmo sofá.

De tudo isso ela se lembrava.

Menos da parte de haver um lado bom.

27

You are no longer in the running

Você não está mais na corrida

Diziam que tudo que sobe poderia cair e, por mais surpreendente que fosse, os dias de glória da fada violeta pareciam regredir por três motivos. Primeiro porque seu temperamento chegava ao ponto de ser insuportável em algumas situações, e as pessoas começavam a evitá-la por temerem as explosões de estrelismo. Segundo pelo fato de que Jack Rose se deslumbrava com a fama da fada e esquecia que tinha um contrato com o programa musical. O rapaz não tinha nem músicas próprias e diversas vezes perdia ensaios e gravações por estar mais preocupado com festas e fotos. E, por último, Violet não era mais *uma novidade*, e o mundo cada vez se esquece mais rápido dos mitos instantâneos que ele próprio criava.

Um ponto importante que andava lhe tirando o bom humor era Patty, o namorado de Jack. Se antes ele havia aceitado aquele namoro de mentira, agora o cabeleireiro vivia tendo crises de ciúmes e armava confusões nos bastidores. Tudo porque Violet e Jack se tratavam realmente como namorados, até mesmo distante dos holofotes, e o outro não entendia mais onde começava uma relação e terminava a outra. A impressão era a de que Jack Rose namorava *realmente* duas pessoas e brincava com os sentimentos de ambas.

Muitas vezes a feérica chegava à mansão dos Lorde Omeganon em prantos e batia todas as portas que via pela frente. Ainda criara o hábito de utilizar magia para coisas fúteis, como queimar objetos em momentos de fúria. Também já havia explodido três janelas de vidro ao gritar com sua potente voz durante crises de ciúmes. Ela já não conseguia mais lidar com a situação de dividir um namorado que realmente apreciava, ao mesmo tempo em que sofria uma enorme pressão para se *reinventar* para não ser esquecida pela audiência.

– Baby, você precisa ficar mais calma! – dizia Jack, tentando acalmá-la. – Já falei para Patty não me ligar quando estou com você.

– Mas é isso que não entendo, Jack – reclamava. – Somos uma ótima dupla! Nos amamos e conquistamos o mundo juntos. Por que precisa dele?

O rapaz olhou com pena da feérica, sem querer machucá-la, mas tendo de ser franco.

– Porque ele tem algo que você não possui, minha linda.

Tudo era muito traumatizante. Violet tinha passado do amor platônico por Tyrin, para um encontro às cegas com um nerd chato, um escândalo com um lutador profissional e um namoro de fachada com um cantor gay. Parecia que nunca seria feliz no amor: fosse em Ablach, fosse na Terra.

O programa estava quase para terminar. Mesmo com dias e mais dias passando, ainda não completara os cinco meses de contrato. Precisava manter as câmeras ao redor por mais um tempo, mas nem mesmo a equipe aguentava mais seus surtos. Muitas vezes precisavam desligar os equipamentos para evitar danos eletromagnéticos. Ela havia se tornado a fada mais popular e mais estressada de todo o universo.

Michael quase não a via desde a última briga. Violet tentava evitá-lo ao máximo, e até mesmo Richard coordenava o programa de longe. A audiência continuava alta por conta das novas cenas

do casal, mas de casa ninguém entendia o motivo de tantos dramas que aconteciam entre eles.

Em uma tentativa de mostrar para os telespectadores que estava tudo bem entre o casal, os produtores marcaram um bate-papo com um famoso entrevistador. Seu nome era Dennis Papperman e ele comandava um dos maiores programas noturnos da televisão. Diversas celebridades sentavam no sofá de seu cenário e conversavam sobre os últimos trabalhos ou acontecimentos. Bem coordenada, aquela seria uma boa ideia para abafar as brigas do casal para o público. O combinado por trás das câmeras era que Violet estaria passando por uma crise nervosa em conflito de identidade.

– Acho que falar com Papperman será bom para você – comentou Sabrina alguns dias antes. – O importante é não deixar que as pessoas se esqueçam de você.

Sabrina ainda não sabia a verdade sobre Jack Rose. Para ela o rapaz devia estar pulando a cerca como todo cantor *teen* famoso, e Violet simplesmente estourava por não aguentar a pressão.

– Você sabe o que acontece com fadas quando elas são esquecidas? – Violet perguntou, em tom sério.

– Elas retornam para Ablach?

– Elas morrem.

Sabrina travou em susto.

– Pensei que isso fosse quando não se acreditasse mais nelas... – comentou.

– É a mesma coisa.

Sabrina pensou um pouco e concordou. Dirigindo-se para a saída, comentou:

– Então talvez você devesse pensar em fazer mais do que soltar fogos de artifício, curar lutadores bonitões ou queimar arbustos por ciúmes, amiga – concluiu. – Não há nada de inesquecível nisso...

Isso que pensam de mim?, questionou-se. As opções de resposta para a pergunta feita à Sabrina continuaram a lhe dominar o pensamento, recusando-se a ir embora.

Em caso de esquecimento, só havia duas opções: retornar à Ablach ou morrer.

Violet não enxergava a diferença.

* * *

No dia da entrevista, Jack Rose cometeu o erro de levar Patty como seu cabeleireiro, deixando a namorada em estado de fúria. Ela parecia uma vampira sedenta, prestes a trucidar uma vítima. Patty por sua vez se tratava de um rapaz magricelo de topete esverdeado e óculos de sol maiores do que o rosto. Existiam diversos profissionais capacitados, mas Jack, na tentativa de agradar o namorado, acabou causando mais uma situação desconfortável com a *namorada*. Todos na equipe temiam uma catástrofe em rede nacional.

– Alguém me diz onde esse cara estava com a cabeça para trazer *o outro* aqui? – perguntava Michael, agitado, quase matando alguém da equipe.

Richard colocou Jack e Violet em camarins separados, a fim de amenizar possíveis conflitos. A fada ainda não concordava com o fato de *ela* ter que bancar a louca em rede nacional, enquanto o problema vinha de Jack, mas o show business não era feito apenas do que se gostava, mas também do que era necessário ser feito.

Sabrina mais uma vez resolveu não acompanhá-la até os estúdios de filmagem. Havia feito amizade com algumas socialites humanas e não queria ficar de coadjuvante naquela cena.

– Você sabe o que precisa falar, certo?

Talvez sim, quando sou dirigida, pensou Violet. Não mais quando preciso ser espontânea.

Michael parecia apreensivo com a entrevista. Ela precisaria mentir descaradamente e estimular toda a coisa de casal perfeito. O programa que participaria era líder de audiência e muito respeitado.

E se ela estragar tudo?, perguntava-se. E se nós estragarmos tudo?

Richard deu sinal para ambos em seus camarins de que em breve entrariam no ar. O agente entrou em seguida para dar as últimas instruções e aproveitou para tirar Patty da visão de Violet. Dentro do camarim feminino, a alada tentava respirar e se manter calma.

– Como está se sentindo? – perguntou Michael.

– Como Katniss – ela respondeu.

Houve um silêncio tenso e, pela primeira vez, ela percebeu que Michael se sentiu *realmente mal* por não compreender as referências dela.

– E isso é bom ou ruim? – ele perguntou, temeroso.

Violet revirou os olhos e se afastou dele.

É ruim, claro, ele pensou. *Não compreendê-la é sempre ruim.*

Essa era a lição humana mais difícil que teve de aprender. Em Ablach sempre falava o que vinha na cabeça e prezava por sua visão. Mesmo quando era ridicularizada por suas ideias, ainda assim era estimulada ou a seguir em frente, ou a desistir de vez. Oito ou oitenta. Já na Terra havia o meio-termo. No mundo dos humanos aprendeu a sorrir quando por dentro chorava. Não sentia mais o orgulho de levantar a cabeça, como fez no dia em que teve que se acalmar em banheiro vazio do Centro de Estudos Mágicos com a irmã.

Vicky.

Quanto tempo não pensava na família? A relação com Jack Rose havia a desviado de tudo que sentia familiar. Sentada, esperando para ser entrevistada, ficava a pensar onde tudo começou a dar errado. Teria sido na hora em que atravessou o véu e despediu-se do mundo mágico? Em seu nascimento amaldiçoado? Ou em suas escolhas longe de sua origem?

Então se lembrou de Bree, e dos sorrisos falsos, e das acusações desmedidas. *No fim, os humanos não são tão diferentes de nós, repensou. Ou talvez nós sejamos mais humanas do que pensamos.*

No fundo, nada daquilo importava ali. Tinha que focar que era uma fada milionária no mundo humano, relacionada a um cantor famoso enrustido e precisava brilhar em todos os momentos.

– Dennis está para fazer sua apresentação – anunciou Michael, entrando no camarim e sem fazer qualquer contato visual.

– Vamos logo com isso...

Violet não fez questão de tentar conquistar o olhar.

As luzes no palco aumentaram de intensidade, câmeras se movimentavam pelo carpete de madeira, microfones foram ajustados e os produtores de moda arrumavam a gravata do apresentador, lenda da televisão americana. O simpático homem grisalho de óculos com aro arredondado estava pronto para receber o casal sensação.

Então veio o anúncio:

Entramos no ar em dez segundos.

O apresentador se posicionou na frente da câmera principal, pronto para fazer a abertura do programa.

3

2

1

Violet e Jack se encontraram na coxia do palco. O rapaz segurou com força a mão dela. Ela não conseguiu esconder o sorriso com lábios azulados, vindos de um batom criado para uma linha de produtos com a assinatura dela. Os olhos exibiam a mesma cor do cabelo, graças a uma lente de contato de uma empresa que a patrocinava. Claro que Violet poderia ter feito um feitiço básico para mudar a coloração dos olhos, mas isso não transformaria as lentes em mais uma tendência feminina.

Então Dennis Papperman começou:

– O violeta é uma cor de transformação do mais alto nível espiritual e mental, capaz de combater os medos e contribuir para a paz. Dizem alguns especialistas que tem um efeito de limpeza para os transtornos emocionais. Também nos conecta com o impulso musical e artístico, o mistério, a sensibilidade, a beleza e os grandes ideais, inspirando-nos compaixão. Em outras palavras:

ao chegar em casa tarde da noite após um porre com amigos, vista roupas violetas...

O auditório riu.

– No entanto, as pessoas que se sentem atraídas por essa coloração devem ter cuidado para não se deixar levar e viver em um mundo de *fantasia*. É um significado curioso para uma cor com nome próprio, que invadiu o planeta e nos encantou ao ponto de seguirmos seus passos quase que diariamente. Essa é a essência da nossa principal convidada dessa noite. É com prazer que recebemos hoje: Violet Lashian!

O pequeno auditório instalado atrás das câmeras encontrava-se lotado de pessoas que aplaudiram com entusiasmo. Jack puxou a namorada e lhe deu um beijo de boa sorte, enquanto soltava a mão para que entrasse em cena.

A fada caminhou até o apresentador e o cumprimentou com um beijo na bochecha, dando a oportunidade de ambos sentarem em seus devidos lugares. Ela no comprido sofá destinado aos convidados, e ele em sua cadeira de couro atrás da mesa característica do programa.

– Violet, devo confessar que há meses queria sua presença aqui – começou o apresentador.

– Que fofo! É um prazer estar com todos vocês hoje, Papperman! Soube que seu amigo Letterman também tem tentado isso há tempos...

Aquela era outra orientação. Além dos programas concorrentes e sobrenomes parecidos, David Letterman e Dennis Papperman viviam fazendo piadas um com o outro durante seus programas. Michael a conduzia a brincar com isso.

– Ah, não se preocupe quanto a isso! Nós não somos mais amigos... – lamentou Papperman.

– É mesmo? – Violet fingiu-se assustada. – E desde quando?

– Se ele já houver sintonizado a TV, desde esse momento.

O auditório gargalhou e aplaudiu.

Michael limpou o suor. *Muito bom; risos, aplausos, bom início.* Aguardava o momento em que o apresentador chamaria Jack Rose

para acompanhá-los na entrevista. Agradecia por Violet estar se saindo bem no início do programa.

– Uma fada! – Papperman exclamou. – E vocês disseram que já haviam visto de tudo na televisão americana, não é?

O auditório riu.

– Na televisão mundial, não? – questionou Violet.

– Não, não... – ele negou. – Nós nunca podemos menosprezar o poder criativo da televisão japonesa...

Até Violet teve de rir.

– Mas agora é sério: como está sendo toda essa experiência para você? Sei que é amada, odiada, elogiada e criticada. Deve ser difícil manejar tudo isso.

Violet respirou e sorriu, tentando se manter o mais natural possível:

– Agora está sendo ótimo! Infelizmente passei há pouco por uma crise de identidade por conta de todas essas modificações na minha vida, mas tenho ótimas pessoas que cuidam de mim.

– Alguma delas está presente aqui no programa?

– Se não tiver ido ao Letterman...

– Se ela tiver ido ao Letterman, então ela não é importante.

Violet gargalhou junto com o auditório.

– Sim – ela continuou. – Mas uma das mais importantes está aqui comigo hoje.

– Algum duende? – ele perguntou, dentre pequenas risadas.

– Fadas não costumam ser amigas de duendes. Costumam ser amigas de anões!

– Pensei que fadas *brigassem* com anões! – ele insistiu.

– Eu estou falando de fadas *de verdade*, não de RPG!

O público uivou da cara de Papperman e aplaudiu Violet. Bem-humorado e surpreso com a velocidade do raciocínio dela, ele continuou:

– Está bem, senhorita eu-discrimino-duendes-mas-não-brigo-com-anões! Você quer chamá-lo ao palco então? – ele perguntou.

– Se você preferir...

– É melhor! – definiu Papperman. – A última vez em que briguei com um anão, ele se tornou estrela da HBO e se recusa até hoje a

voltar ao meu programa!

O público explodiu e aplaudiu seu apresentador mais uma vez.

– Meus feéricos, com vocês o vencedor do programa musical mais famoso desse planeta, e novo dono do meu coração: JACK ROSE!

O jovem entrou no palco, seguido por aplausos, assobios e gritos femininos histéricos e esgoelados. Ele se encontrava com uma jaqueta de couro que passava um clima de bad boy, e Violet sentiu orgulho do namorado, mesmo com todo o problema por detrás.

– Seja bem-vindo, Jack! Vejo que pelos gritos das meninas você deveria tirar a camisa...

O som dos gritos ficou tão ensurdecedor, que eles tiveram de esperar por um momento.

– Elas nunca gritaram assim para você? – perguntou Jack.

– Ah, já! – Papperman concordou. – Mas foi para eu colocar a camisa...

Os gritos viraram risos.

– Mas me contem: como começou tudo isso? – o apresentador insistiu. – Vocês se conheceram na fila do programa, é isso mesmo?

– A vida dá muitas voltas, não é? – comentou Jack.

– Mas foi algo do tipo olá-eu-vou- virar-um-cantor-pop-famoso-e-você-uma-estrela-de-reality-show-então-acho-que-no-futuro-devemos-nos-pegar?

Jack riu com Violet e o auditório.

– Foi algo mais simples do que isso, na verdade – disse Jack, olhando e sorrindo para Violet ao seu lado em um vestido tubinho azul com um scarpin amarelo. – Violet me conquistou antes de eu saber *o que* ela era.

– E *o que* ela é? – Papperman preparou.

– O amor da minha vida.

Richard e Michael respiravam mais aliviados na coxia, enquanto as mulheres se descabelavam na plateia, os internautas derrubavam sites do ar e as telespectadoras suspiravam ao redor do mundo. Jack cumpria seu papel com maestria e o agente sabia o quanto aquilo era bom para o programa e a imagem da feérica,

mas por algum motivo no fundo machucava seu coração. Talvez pelo fato de que sabia que tudo aquilo era mentira e que ela sairia mal um dia daquela história.

– Eu não sei vocês, mas eu estou me sentindo em um Titanic que não afunda... – comentou Papperman, recebendo aplausos. Na verdade, aquela apresentação havia chegado a um ponto em que qualquer coisa gerava risos, ou gritos, ou aplausos.

– Temos os fãs mais fofos e gostamos de deixá-los felizes – disse Violet.

– E você virou garota-propaganda de diversas marcas. Acredita que essa superexposição é positiva?

– Para a minha imagem ou para o meu bolso?

Papperman sorriu.

– É, tem fada que reclama de duende, mas adora um pote de ouro!

O público riu.

– Tenho sorte, na verdade, de poder assinar com marcas tão queridas. Tudo em que aparece meu nome ou imagem é porque aprovei e me senti privilegiada de fazer parte.

– Muito bom! E quanto a você, Jack? – questionou o homem, dando um gole no conteúdo de uma caneca a sua frente.

– Eu concordo – ele disse. – Por isso, Violet possui meu nome, minha imagem e meu coração.

O auditório voltou à histeria.

– Olha aqui, suas assanhadas, se vocês não pararem de gritar, eu vou tirar a camisa, estão ouvindo?

Os gritos cessaram.

– Viu só? – ele perguntou, na direção do casal. – Sempre funciona.

Todos riram uma vez mais.

– E qual o produto mais estranho de que você já fez propaganda até agora, Violet?

Ela pensou por alguns segundos.

– Hum, acho que seria a campanha que fiz esses dias. Não é bem *estranho*, apenas diferente. É que nunca pensei que faria um trabalho assim e, quando vi, percebi que era a minha cara.

– O suspense está nos matando...

– Sou agora garota-propaganda de uma empresa de água.

Papperman, que bebia mais um gole de sua caneca, travou. Apenas pelo olhar arregalado dele, a plateia já se divertia.

– Eu estou *provando* você nesse momento?

– Você não está bebendo água... – ela confessou, exibindo a língua.

– Mande esse moleque para o vestiário, que nós podemos beber juntos o que você quiser...

O público gritou.

– Ah, é mesmo, senhor Papperman? – perguntou Jack, espirituoso. – E, se você fizer isso, o que irá dizer para sua mulher quando voltar para casa?

– O que importa? – ele perguntou. – Eu vestirei violeta!

O auditório explodiu em aplausos. Realmente Violet e Jack eram ótimos naquilo, mas a América amava Papperman por ser algo fora de série. *Excelente*, pensava Michael nos bastidores, *façam parte do show, mas lembrem que o show é dele*.

O segredo de qualquer entrevista memorável.

– Mas voltando à água... – Papperman conduziu, voltando a ceder um pouco dos holofotes aos convidados. – O que essa água tem de diferente para precisar de uma fada como garota-propaganda?

– Você nem imagina! – respondeu Violet, descontraída. – Tive um ótimo impulso para aceitar essa campanha, porque além de o produto ser de excelente qualidade, ele vem em formato de *diamante*! Não é a minha cara?

Richard vibrava da coxa o sucesso que estava sendo a entrevista. O medidor de ibope confirmava o sucesso de audiência do programa. No canto, Michael atendia um telefonema do presidente da marca de água citada, agradecendo a propaganda e prometendo aumentar as ações publicitárias com a fada.

– A sua mais do que a minha – brincou o apresentador.

– Por isso foi preciso uma joia rara para fazer essa campanha – acrescentou Jack, causando mais reações.

– Violet, você comentou que esteve passando por uma crise de identidade. Por isso que nos últimos episódios de seu reality show esteve tão alterada? Conte-nos o que anda acontecendo...

Jack apertou a mão dela tentando demonstrar apoio, mas ao mesmo tempo a lembrando de por que estavam ali.

– Sabe, não é fácil mudar de hábitos como mudei. Por muitos anos convivi com uma situação diferente da de vocês e demorei a me adaptar. O problema é que aos poucos fui perdendo minha essência feérica e me ligando demais ao mundo material humano.

A plateia demonstrou surpresa e curiosidade com a declaração.

– Então você confessa que se rendeu ao nosso consumismo? – questionou o apresentador, sabendo que aquilo resultava em um grande ibope para seu programa, ao mesmo tempo em que acendia pólvora nas discussões de fanáticos religiosos. – Algumas seitas acreditam que você está aqui exatamente para nos lembrar de uma essência humana esquecida. O que você pensa sobre isso?

Violet abaixou a cabeça. Suas palavras traziam verdade, mas ainda não acreditava que precisava passar por aquilo para explicar uma raiva que não tinha nada relacionado ao tema.

Jack percebeu a situação e apertou mais uma vez a mão da fada para que respondesse. O coração do rapaz começava aos poucos a apertar, consciente de que tinha sua parcela de culpa naquela.

– Eu não sou um avatar ou alguma coisa do tipo, se é isso que pensam. Eu não estou aqui para salvar o mundo.

– E para quê está aqui, Violet? – Papperman insistiu. – Para nos vender sapatos? Para nos entreter? Qual a verdadeira diferença entre uma fada e uma mulher humana?

Richard e Michael travaram nos bastidores, olhando desesperadamente para a feérica. Jack engoliu em seco e franziu o cenho na direção de Papperman. O apresentador olhou fundo nos olhos dele, como relembrou-o apenas naquele olhar de quem era aquele show.

E de que era daquilo que tudo se tratava.

Um show.

– Eu não tenho todas as repostas. Gostaria, mas não tenho – ela disse, se emocionando. – Sei que pensam que posso fazer

coisas fantásticas como avatares como Jesus, ou Krishna, ou Buda, mas vocês não têm ideia do grau de evolução desses seres. Eles estão mesmo acima das fadas. Nós buscamos a evolução, mas não somos perfeitos como possa parecer...

– E talvez seja essa a função de Violet – acrescentou Jack. – Nos mostrar que nem mesmo as fadas são perfeitas.

A plateia mostrou simpatia. Ainda assim, muitos humanos reviam o pensamento em questão. Violet, sendo uma fada, deveria trazer um bem à humanidade ou se render aos pecados da raça humana?

– Recentemente, você doou um milhão de dólares para um instituto a favor do combate ao câncer de mama em um leilão envolvendo um biquíni – comentou Papperman. – Isso gerou discussões calorosas na internet, do tipo que põe em confronto pessoas que amaram e odiaram o ato. E toda a questão envolvia a dúvida: afinal, qual a sua *motivação* para fazer isso, Violet? A caridade ou o vício adquirido pelo consumo humano?

Nos bastidores, corações pararam.

– Não há diferença – ela disse –, se um objetivo complementou o outro.

– Não há diferença no resultado, mas há na motivação.

– Eu quis dizer que *não importa* a motivação, mas a consequência do ato.

A entrevista seguia um rumo complicado. Papperman podia ser tão engraçado e divertido, quanto ácido e constrangedor.

– Vimos que algumas vezes você praticou espécie de *magia* perante as câmeras e comentou detalhes vagos sobre sua origem. Esses... *feitiços*, qual a natureza real de seu propósito? Eles foram criados para causas materiais ou para causas divinas?

Todos sentiam um pouco do desespero. Violet estava sendo jogada contra a parede, sem rota de fuga.

– Apareci em seu mundo como uma fada, mas em nenhum momento prometi que seria uma mártir. Não estou aqui para resolver os problemas humanos. Sua raça tem um destino a cumprir, assim como uma evolução a ser alcançada. Por essa questão não posso alterar o percurso de vocês. Vocês precisam

entrar em um avião para voar, não podem resolver problemas com magia.

Michael ficou impressionado. Tentava convencer a produção a diminuir o teor da conversa ou chamar os comerciais, mas, enquanto os índices de audiência subissem, ele sabia que era uma causa perdida.

– Fadas seriam realmente uma raça superior à nossa?

– Não pensem nisso como algo superior ou inferior, como se só existissem dois polos. Pensem como níveis de evolução. Estamos em algum lugar em meio a esses níveis.

O nível das respostas da fada surpreendia. Aquele era um lado dela que ninguém conhecia e nunca fora demonstrado no reality show. Michael gostaria de tudo aquilo, se também já houvesse o conhecido antes e imaginasse o que esperar.

– E o que o seu lado evoluído lhe diz, quando encara pessoas de nosso mundo passando fome ou crianças definharem por doenças sem chance de cura?

Richard na coxa sentia as mãos tendo espasmos de tremor. Os produtores de Violet já se arrependiam de ter arranjado aquilo.

– A sua pergunta me revela o quanto nenhum de vocês faz ideia de como fadas e elfos morrem em guerras muito mais violentas do que qualquer uma que já tenham visto por aqui, para tentar manter o equilíbrio de todo nosso universo. Elfos como o *meu* pai. Mas não vou falar sobre detalhes do meu passado, como me prometi desde o começo. Você quer saber o que o meu lado feérico me diz sobre os problemas terrestres? Ele me diz que esses problemas são universais. E que, assim como povos que os humanos jamais imaginam existir, na vontade de acreditar que sua realidade é a única, vocês deveriam fazer como todos os outros: erguerem-se mais fortes. Nenhum feérico espera que um deus celta vá até lá lutar as batalhas em que nosso próprio povo se envolve. Não esperem que uma fada venha fazer o mesmo por aqui. Não se tornem vítimas, não esperem sempre por uma salvação. Lutem suas próprias batalhas e tentem ascender nesse processo, como todas as raças do universo. Há pouco você me questionou sobre qual meu intuito em meio a uma doação: ajudar

ou consumir. Você tem razão: talvez eu tenha me afastado de minha natureza feérica, mas talvez esse afastamento tenha sido por um encanto com a cultura de vocês. Um encanto que talvez vocês tenham perdido por si próprios. E, se isso for verdade, e se vocês não mais compreenderem a magia do que são capazes de fazer utilizando sua criatividade infinita para suprir a falta de conhecimento mágico, então nesse caso, talvez Jack tenha razão: talvez seja essa a minha função. Relembrar a vocês o quanto vocês são fantásticos...

Um grande silêncio pairou no cenário. E então eles perceberam que era a primeira vez em que Dennis Papperman se emocionava *de verdade*, sem roteiro, em seu próprio programa. Quando ele limpou uma lágrima que queria esconder, percebeu que sua plateia aplaudia de pé Violet Lashian.

Foi assim que pediu por um intervalo.

Os telespectadores ficavam grudados na televisão por conta do teor das perguntas e respostas. Richard e Michael tiveram um momento de condolências.

– Conseguimos – Michael afirmou. – Conseguimos! Revertemos. Agora nada mais tem como sair errado.

– Algo sempre ainda pode dar errado – rebateu Richard.

– Não hoje.

Durante o *break*, aguardando no cenário Jack Rose sentia a dor no coração e o nó na garganta o sufocar. Violet era muito querida por ele e sabia que a estava machucando. Era como uma panela de pressão aquecida pouco a pouco.

Ao retornar, Papperman se dirigiu a ele:

– Jack, após esse momento, digamos, *elevado* de Violet, gostaria de saber de você: quando começou a perceber a crise pela qual ela nos revelou, você se preocupou com os hábitos humanos que Violet adquiriu?

Jack olhava para a coxia em busca de alguma saída para a situação. Estava com medo de falar algo errado, mas, ao mesmo tempo, não queria machucar ainda mais um ser que o idolatrava.

Nas últimas semanas, a feérica tinha sido uma companheira excelente. Ela era uma das figuras mais importantes de sua vida e, no entanto, mostrara-se uma péssima influência para ela.

– Acho que estava tão envolvido nos mesmos problemas, que não dei toda atenção que deveria lhe dar.

– Nos últimos dias vimos cenas um tanto fortes, com discussões quase chegando as vias de fato. Isso tem afetado o relacionamento de vocês?

O momento já era ruim, mas, para piorá-lo, Patty decidiu aparecer na lateral e acompanhar a entrevista de perto. Até então encontrava-se escondido no camarim, assistindo a tudo pela pequena televisão instalada no local. O coração de Jack apertou ao vê-lo, ele não aguentava mais a própria tristeza, que parecia rebater nas pessoas com quem ele se importava. Tinha agora dois seres maravilhosos que se importavam com ele, mas que sofriam por sua causa.

– Jack, está tudo bem? – perguntou Papperman para o rapaz calado.

Michael, ao se dar conta do motivo do silêncio, tentou retirar Patty dos bastidores. Jack assistia a toda a cena, a ponto do próprio apresentador se virar para ver o que acontecia.

– Pelo visto toquei em uma parte sensível aqui, *certo?* – Papperman percebeu e, obviamente, adorou. – Pode ser sincero conosco, Jack! O que anda acontecendo? O temperamento explosivo de Violet e o seu sentimento de culpa por ter sido negligente com ela estão afetando algum ponto sensível?

Violet abaixou a cabeça. Sentia-se humilhada. Para piorar, em rede nacional. De novo.

– Violet não tem culpa de nada. Ela me ama – respondeu o rapaz, gaguejando.

– E você a ama... *certo?* – insistiu o apresentador. *Vamos, rapaz, tem alguma coisa aí que você está me escondendo e vai me dizer...*

– Eu também a amo muito. Nossa conexão é muito forte e sei que podemos superar qualquer tipo de crise que venhamos a ter, não importa da parte de qual dos dois.

– Mas é da parte *dela* que estamos falando de uma crise de identidade... *certo?* – aquele *certo* ao final das frases funcionava como um prego furando a mesma ferida, tornando a dor, o ferimento e o sangramento mais intensos aos poucos.

– E quem não passa... – respondeu o jovem, começando a chorar. O público ficou atônito. – Desculpe, Violet! Desculpe, baby! Mas eu... eu... eu não suporto mais isso... eu tentei, juro, mas não aguento mais...

Silêncio e desespero. O rapaz cobria o rosto molhado com as mãos, enquanto a feérica tentava consolá-lo e ocultar o próprio desespero. Papperman ainda decidia como proceder, quando em seu ponto eletrônico o diretor exigiu que continuasse, comentando que haviam atingido o primeiro lugar da televisão americana, no maior recorde de audiência do programa. Michael discutia nos bastidores com os responsáveis pelo talk show para que a gravação fosse interrompida. Richard recusava as ligações de diversos empresários, desesperado.

Então a bomba atômica caiu:

– EU SOU GAY!

Nem mesmo Papperman conseguiu pronunciar alguma coisa. Violet aproveitou os segundos de profundo silêncio para congelar o tempo e ter seu momento de desespero. Quando começou o feitiço, puxando a varinha, presa na lateral do vestido, encarou o agente do outro lado do palco e viu a expressão devastada. Ela não sabia se era pela revelação que cairia em cima de seus ombros ao ter que lidar com os empresários raivosos ou se era por causa dela.

Com certeza é por conta do dinheiro, pensou enquanto parava o tempo.

Todos estavam congelados em seus lugares. O entrevistador, com expressão assustada, pressionava o ponto na orelha. Jack Rose chorava descontroladamente. Patty era afastado violentamente por Richard e Michael, fixando um olhar perdido nela.

No restante do tempo em que ainda tinha um pingo de liberdade, pensou:

Eu tenho que ser forte.

Respirou fundo enquanto o cenário voltava a ter vida.

– Você é o quê?

– Homossexual! Será que você não entendeu? – balbuciava um Jack arrasado. – Gay! Eu sou gay...

Durante todo o tempo em que ainda estavam no ar, o rapaz pediu desculpas a Violet e disse que a amava e pretendia apenas acabar com seu sofrimento. Mal sabia o inferno que o mesmo trazia para a vida de ambos. A feérica manteve a mesma expressão do começo ao fim do drama: não moveu um músculo. Permaneceu ereta todo o tempo olhando para uma câmera, em choque. Parecia estar em uma crise de pânico, mas ao mesmo tempo agia de uma forma anormal para a situação.

Michael finalmente conseguiu interromper o programa e as câmeras de seu próprio reality show. Ele e sua equipe invadiram o palco, tentando proteger os clientes ali expostos. Richard abraçou Jack Rose, que ainda chorava como um bebê, pedindo desculpas a cada passo, e Michael envolveu seu braço na cintura da feérica, arrastando-a do local.

Algo ainda sempre pode dar errado.

Pela primeira vez na vida, Violet desejou ser esquecida.



Mesmo sabendo que aquele tinha sido seu dia de maior audiência, até o momento, Papperman parecia sentir-se culpado.

– Violet, é a primeira vez que farei isso em todos os meus anos como profissional, mas gostaria que me desculpasse por qualquer coisa que tenha a ofendido nesse programa...

Um pedido de desculpa de um apresentador do nível dele era algo significativo. Violet pareceu sentir-se tocada e comentou:

– Dennis, escolhi seu programa, pois sei como é um grande profissional. Naquele dia você fez o seu trabalho e não tem por que se desculpar. Eu vivi uma mentira e tive a oportunidade de sair de uma fantasia que não iria me levar a lugar algum.

A fantasia realmente não era das melhores. Mas a realidade ainda era cruel.

28

You're fired!

Você está demitido!

FARSA NO MUNDO TELEVISIVO! VIOLETROSE FOI UMA TENTATIVA ARMADA DE SUCESSO.

JACK ROSE SE ASSUME HOMOSSEXUAL EM REDE NACIONAL E ESCANCARA NAMORO ARRANJADO.

VIOLET SE INTERNA EM CENTRO PSIQUIÁTRICO, APÓS REVELAÇÃO DE TRAIÇÃO DO NAMORADO COM SEU CABELEIREIRO.

O NAMORO FOI DE VERDADE? DOCUMENTOS PROVAM QUE O ROMANCE NUNCA ACONTECEU.

Violet não fora internada em uma clínica, mas a possibilidade não estava longe. Quando encerraram de forma forçada a entrevista, sentiu-se levada do local por puxões e instruções vindas de Michael. Depois do anúncio inesperado de Jack Rose, não fizera contato visual com ninguém e fechara a mente para o mundo exterior. Queria ficar sozinha. Tinha vontade de chorar. Mas não se deixaria desabar perante as câmeras.

– Violet! Você precisa falar comigo! – tentava pela décima vez o agente, percebendo o estado de choque. – Se não reagir vou ser obrigado a levá-la para algum especialista.

Ainda era possível escutar o choro de Jack Rose afundado no ombro de Richard. A fada enterrada no banco traseiro da limusine apenas virou o rosto carrancudo que encarava a janela e o

perfurou com o olhar zangado mostrando toda a decepção sentida. O rapaz entendia que ela queria apenas permanecer em seu mundo e respeitou o silêncio, mesmo estando preocupado.

Foram perseguidos por diversos paparazzi, mas o motorista conseguiu desviar, sem acidentes pelo caminho. A polícia local teve de ser chamada para conter o rebuliço na frente da mansão Lorde Omeganon. Ao entrarem na propriedade e fecharem o imenso portão de ferro, a fada informou:

– Não importa qual a multa que eu tenha que pagar. Minha participação no reality show termina aqui! Vou juntar minhas coisas e partir para um hotel, antes de decidir o que vou fazer da minha vida. E você, Jack Rose, *nunca mais olhe na minha cara*. Seu filho de uma ogra!

A fada bateu a porta do carro, adentrando a mansão.

– Violet, volte aqui! – alterou-se Michael, entrando na casa e se dirigindo ao quarto dela. – Como assim você vai “recolher suas coisas”? Você não pode sair daqui!

– E *você* vai me impedir?

– Se for preciso, sim! Richard já deixou claro que aqui é sua casa e nós somos sua família. Não vamos abandoná-la em uma situação como essa.

A fada riu em ironia.

– Ah, somos uma *família* agora? A audiência está em alta então?

O rosto do agente esquentava a ponto de as veias saltarem. Ele não deixaria aquilo terminar daquela forma.

Violet não era apenas mais uma cliente.

– Eu não estou preocupado com o reality show. Estou e sempre estive preocupado com *você*! Será que nunca vai perceber isso?

– Eu estraguei tudo, Michael! Entendeu ou precisa que eu desenhe? Eu... estraguei... tudo! Eu sou a criatura burra e deslumbrada que você sempre achou. Você tinha razão; durante todo esse tempo você estava certo em não querer me representar desde o início! Aproveite e comemore sua liberdade. Você não vai querer estar ao meu lado quando todas as empresas começarem a cancelar nossos contratos.

– A questão é que eu assinei, você ainda é minha cliente e não se livrará de mim tão fácil!

A fada parou de tacar roupas na mala rosa em cima da cama e encarou o agente.

– Na verdade, irei sim! Você está *demitido*, Michael! Não quero mais ver a sua cara, assim como a daquele idiota de Jack Rose e da ingrata da Sabrina!

– Por que você está descontando em mim algo em que não tive culpa?

– Ah, não teve? – ela gritou. – Eu estou agora em *todos* os sites de entretenimento do mundo! Foram *vocês* que me convenceram desse namoro estúpido e me colocaram nessa entrevista ridícula! Minha vontade era queimar todos vocês, como... como... como...

Bree.

Ao perceber aquilo, Violet começou a chorar de raiva, mas impediu Michael de se aproximar. Cansada e estressada, desistiu de empacotar os pertences que faltavam e fechou a mala que havia começado.

– Mando alguém buscar o resto – anunciou. – Pode descontar de minha conta o que quiser. Cansei de tudo que é humano. Cansei de *você*.

Saindo do quarto, Violet pensou que teria um pouco de paz, antes de encarar mais paparazzi. Contudo, mesmo quase impedido por Richard, Jack Rose conseguiu encontrá-la na saída e tentou conversar.

– Ah, claro! A pessoa *que eu mais* queria ver nesse momento!

– Baby, eu te amo! Não me abandone, por favor. Estou confuso! Desculpe, desculpe, mil vezes me desculpe! Eu não sei direito o que fiz – gaguejou, ainda em prantos.

O choque pela reação de todos foi tão grande, que o cantor nem percebeu para onde levaram Patty.

– Não *ouse* me chamar de baby! – gritou a fada, e a janela mais próxima se espatifou. – Você sabe muito bem o que fez! E quer saber? Acabou fazendo certo! Sei que foi induzido a cometer essa

loucura tanto quanto eu, mas *eu* havia concordado em me passar de louca por sua causa. Será que não tem um pingão de respeito por uma pessoa que se dedicou tanto a você?

– Me perdoa, meu amor!

– Você saiu do armário em rede nacional! E *comigo* ao seu lado!

– Por favor, me perdoe!

Uma gota escorreu da face dela, morrendo nos lábios trêmulos e borrados pela coloração azulada. Antes de chegar à porta, ela disse:

– Está certo, eu perdoe você, Jack! Mas NUNCA... *nunca mais* quero ouvir a palavra *amor* da sua boca. Não quero ver o seu rosto. Não quero ler um e-mail que seja! Infelizmente, eu amei você, Jack. Como fada, como mulher, a porcaria do nome que quiser dar. Mas, se existia algum tipo de pureza em mim, você acabou com ela hoje!

A fada então fechou a porta e desapareceu da vista de todos. Nem mesmo a imprensa que aguardava do lado de fora foi capaz de acompanhar a fuga. Ela aproveitou toda a raiva e não se importou mais com qualquer tipo de regra proibida ou não. Foi assim que diminuiu a bagagem até o tamanho de uma carteira e voou para longe daquele lugar.

Na verdade, para um local que já a tinha acolhido.

E para pessoas que a ajudaram sem segundas intenções.

Já era muito tarde, quando a feérica ultrapassou o hall de entrada do albergue Friends & Smiles. Poderia se instalar em qualquer hotel do mundo, mas preferiu buscar o aconchego que o quarto simples já lhe tinha proporcionado. O colchão duro lhe daria mais consolo.

– Ora, ora! Se não é minha amiga famosa?

Violet encontrava-se parada justamente na frente do holograma que tinha feito para o dono daquele lugar. Ao chegar, ficou grata por ser de madrugada e não haver ninguém no local. Depois que fizera o presente, muitos turistas e hóspedes costumavam tirar foto com a parede mágica.

Será que o feitiço de sorte ainda percorre esse lugar?, pensou.

– Eu não sabia bem para onde ir... – ela comentou sem graça.

– É claro que sabia! – respondeu Antônio, sempre simpático, e aquela simpatia era exatamente do que precisava. – Nosso coração busca na hora da angústia o local que pode nos dar maior aconchego. Fico feliz que seus poucos dias aqui, em meu humilde estabelecimento, tenham lhe servido de porto seguro. A saudade é a nossa alma nos dizendo para onde ela quer ir.

Maria, a recepcionista do albergue, olhava para eles ainda pasma. Haviam assistido à entrevista com Dennis Papperman, mas não imaginava que veria a fada tão cedo. Estava petrificada e receosa. O primeiro pensamento foi de ligar para algum fotógrafo e anunciar para todo o mundo onde a feérica se escondia. *Podia até ganhar uns trocados*, considerou. Entretanto, não podia negar que o senhor Antônio gostava da fada e, desde que o feitiço fora feito na entrada do local, os negócios mudaram e a própria atendente se transformara em uma celebridade do bairro.

No fundo, o principal motivo de não ter ligado para imprensa foi perceber que talvez Antônio fosse a única figura familiar que ela reconhecia.

– Como ele pôde fazer isso comigo? – questionou a fada ainda um pouco perdida no espaço, aceitando de volta o antigo quarto.

O homem sorriu para ela e disse:

– Ele não deve ter feito por mal. Às vezes, quando sob pressão, fazemos coisas que fogem do nosso controle.

– Eu acho que sei bem do que está falando...

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, com Maria os observando atentamente, como se estivesse vendo a gravação ao vivo do último episódio de sua série favorita.

Na verdade, estava mesmo.

– Eu não tenho mais para onde ir.

– Você sempre terá para onde ir. O seu caminho sempre será iluminado por seu brilho próprio.

Violet pensou um pouco sobre tudo aquilo.

– O que eu fiz da minha vida? – questionou, soltando todas as lágrimas acumuladas.

– Você viveu e tomou decisões boas e ruins. Agora é hora de consertar tudo de errado e voltar a ter magia não nas câmeras, mas no seu coração.

A fada suspirou com o rosto lavado de lágrimas.

– O senhor às vezes não parece desse mundo...

Maria ainda observava a tudo abismada. Para a atendente não parecia que cinco meses tinham se passado, muito menos que o mundo todo estava vestido de roxo por conta daquele ser que um dia ela viu chegar cabisbaixa no albergue. Como também naquela noite.

Vendo os dois juntos, Maria sentiu-se como no primeiro dia em que a fada havia se hospedado lá ou a ajudou a entrar no bendito/maldito concurso.

Quando a fada saiu e trancou seu quarto, Maria não resistiu em perguntar para o patrão:

– Por que o senhor gosta tanto de ajudar esses jovens?

O homem se virou para dar atenção à funcionária.

– É da minha natureza – respondeu com um sorriso enigmático, de canto de boca.

– É difícil encontrar pessoas que ajudem às outras sem algo em troca.

– Você se lembra dos gênios? Aqueles das histórias árabes, que saem das lâmpadas?

– Como os da Disney?

– Como Aladdin – ele pontuou. – Nessas versões, os gênios aparecem sempre como seres escravizados, que realizam desejos por obrigação. No entanto, isso é uma adaptação disso que você comentou, de que as pessoas nunca são generosas espontaneamente. Porque, na verdade, a natureza dos gênios é boa por si só. E, livres como são, eles podem optar por ir a outras dimensões por vontade própria, procurar por pessoas com sonhos e desejos de valor que precisam de ajuda. E *mereçam* ajuda.

– Feito jovens sonhadores de um albergue? – perguntou a jovem, observando-o de lado.

– Exatamente como isso.



– O senhor Antônio deve dar mais autógrafos que você hoje em dia nas ruas.

A fada sorriu para a coxia em direção do amigo que assistia à entrevista. Ele parecia orgulhoso.

–Ele merece mais do que eu – ela comentou. – É o meu anjo da guarda.

– Fadas precisam de anjos da guarda?

– Apenas quando cada vez mais próximas de se tornar humanas.

29

No one said becoming a terrorist would be easy

Ninguém disse que se tornar um terrorista seria fácil

Na manhã seguinte, Violet ouviu uma batida na porta, fazendo-a levantar rapidamente pelo susto. Não retirara nem mesmo o vestido azul que usava no programa, apenas apagou na cama com os olhos vermelhos de tanto chorar. No quarto, sozinha, ela pôde finalmente soltar toda a angústia e tristeza presas no coração e passou alguns minutos entre lágrimas e soluços. Sentia-se miserável. Do que adiantava ser uma diva no mundo humano, se em pouco tempo eles voltariam tudo aquilo contra ela? Antes eram palavras de elogio, multidões enlouquecidas e ibopes lendários. Agora, apenas comentários maldosos, piadas e pessoas se sentindo enganadas por algo que ela não fizera.

Era difícil sentir o gosto da fama e depois ter o prazer retirado de forma drástica. Também era complicado lidar com o fato de que finalmente havia se apaixonado de verdade e tudo não deixou de ser uma brincadeira de mau gosto.

Assim como a de Tyrin, quando fingiu se interessar por ela.

Mais uma vez escutou duas batidas na porta. Temeu que fosse alguém da produção de seu programa ou algum repórter com bons contatos para descobrir onde ela estava.

Quando a terceira série de batidas começou, ela soltou um grito que atravessou a porta, pois em seguida ouviu seu Antônio dizer:

– Violet, preciso falar com você. É urgente!

A alada destrancou a porta e a abriu apenas o suficiente para o homem passar. Não queria que algum hóspede a visse de relance. Temia um frenesi.

– Sei que deve ainda estar cansada, mas fiquei preocupado e achei melhor avisá-la.

– O que está acontecendo? – perguntou, já aflita.

– Muitos fotógrafos já apareceram por aqui e repórteres estão entrevistando todas as pessoas que saem do albergue. Não sei como Maria não deu com a língua nos dentes quando terminou seu horário noturno.

– Eles sabem que estou aqui?

– Eles desconfiam, porém, não sei por quanto tempo vai conseguir se esconder aqui. Uma hora alguém vai notar que ninguém entra ou sai do antigo quarto da feérica sumida.

Ele tem razão, pensou, como sempre.

– Também veio um rapaz bonitão procurá-la. Para ele eu *quase* contei a verdade.

– Jack Rose? – perguntou ela de supetão, não percebendo o quanto de entusiasmo ainda havia em sua voz. Depois se recriminou em silêncio.

– Se Jack Rose tivesse vindo aqui, a imprensa já teria invadido esse lugar e aberto essa porta a machadadas! Na verdade acho que vi esse outro em seu reality show. Ele tem olhos verdes e cabelo espetado.

Michael, pensou. Mesmo brava, ela sentiu o coração também dar um pulo forte.

– Ele era meu antigo agente. Eu o demiti ontem, após o programa...

– Ele estava com uma cara péssima, como de quem não dormiu direito – comentou o homem. – Igual à sua.

A feérica passou os dedos pelo rosto, tentando aliviar o excesso de maquiagem borrada.

Teria Michael realmente perdido o sono por minha causa?

– Não quero falar com ele agora – respondeu, mal-humorada.
– Imaginei, por isso o mandei embora. Mas você deveria tentar consertar seus problemas – questionou.

Impaciente e cansada de ser cobrada por tudo, Violet disparou:
– Tenho um maior problema para resolver. Obrigada por tudo, Antônio. Terei de partir em alguns instantes e espero sinceramente vê-lo novamente.

Seu Antônio sorriu, como se gostasse daquilo. E de tudo aquilo.

– Eu irei enxergar seu brilho.

A garota acompanhou o homem até a porta e a fechou pensando em quais passos teria que tomar. O mais importante naquele momento era pagar por seus maiores pecados e ver como seguiria a vida. Não seria fácil, contudo, seria necessário.

Era hora enfim de pedir por um encontro com Morgana, a rainha de todas as fadas.

Violet tomou um banho para tirar a sujeira e a energia negativa acumulada. E depois precisou encontrar algum ponto da cidade com muita água limpa e conectividade com o mundo mágico. Para falar com a rainha, depois de tudo que tinha aprontado, não poderia simplesmente encher a pia suja de água e esperar por contato. Precisava já demonstrar um grande respeito por ela, para quem sabe ganhar seu perdão. Em caso de julgamento, poderia ser castigada severamente ou mesmo condenada à morte por suas atitudes. Se não havia sido caçada e machucada até aquele momento era apenas porque Morgana havia poupado sua vida e precisava entender o motivo.

Mesmo molhando a cabeça e tentando esfriar os pensamentos que fritavam os miolos, não conseguiu parar de ter flashes de vários momentos do dia anterior. Tinha até medo de pensar no que estaria escrito sobre ela na internet e em outros meios de comunicação. Ficava imaginando se agora Jack Rose estaria com Patty, se Michael já teria desistido de achá-la, se Sabrina sequer percebeu sua ausência.

Era muito conflito para uma única mente.

Resolveu pela primeira vez no mundo humano se vestir de forma suave. Não colocou maquiagem e usou apenas um vestido branco,

solto um palmo acima do joelho. Prendeu o cabelo revoltado em um rabo de cavalo e pegou a mala transmutada em carteira. Talvez o mundo tivesse razão: ela não era mais uma fada. Podia voar e diminuir objetos, mas só fazia aquilo.

Nada mais do que aquilo.

Sentia em seu corpo que a magia, antes forte, agora não passava de um mero rastro em seu corpo espiritual. Ela não seria capaz de fazer poções de cura ou grandes feitiços. Limitou-se a realizar ações pequenas e agora pagava o preço disso.

Decidiu ir para a praia de Malibu, em alguma parte no rochedo onde pudesse conversar com calma com a dimensão feérica. Esperava que a rainha atendesse seu chamado. Seria difícil ir até o local e não ser atendida. Ou pior, a família em Ablach poderia sofrer mais uma vez por sua causa.

Nunca pensou nas consequências de seus atos. Agora percebia os erros cometidos.

Voar ou diminuir, era apenas isso que ela conseguia fazer naquele momento com objetos.

E consigo própria.



- E como foi a recepção da rainha? Estamos todos curiosos.
- ... – Violet apenas sorriu, sem dizer nada.
- ... – o apresentador esperou.
- ...
- ...
- ...
- ...
- ... não sei se tenho permissão para falar sobre isso... – ela comentou.
- ...
- ...
- ...
- ...
- VOCÊ ESTÁ DE SACANAGEM COMIGO?

30

This is the longest day in my life

Esse é o maior dia de minha vida

Violet optou por sair voando pela janela do albergue. Deixou apenas um bilhete não assinado para o senhor Antônio, agradecendo mais uma vez por tudo. Ele parecia um anjo da guarda, sempre a ajudando a realizar seus desejos.

Um ser mais mágico do que ela se sentia naquele momento.

Mesmo tentando sair despercebida, acabou sendo fotografada por um paparazzo de uma grande revista de fofocas que estava de tocaia, e não demorou para que uma enorme foto constrangedora começasse a circular pela internet. Por conta do ângulo, o homem conseguiu fotografar sua roupa de baixo, passando a impressão de que seu vestido era uma camisola, então o frenesi aumentou na mídia.

DESCUBRA TUDO SOBRE A SEPARAÇÃO DE VIOLETOSE: ESTARIA ELA TAMBÉM TRAINDO JACK?

FADA VIOLETA PASSA A NOITE ACOMPANHADA EM HOTEL VAGABUNDO.
INDISCRETA, VIOLET LASHIAN ABANDONA HOTEL ÀS PRESSAS.

COM TODOS OS SEUS CONTRATOS CANCELADOS, VIOLET LASHIAN JÁ NÃO TERIA MAIS ROUPAS PARA USAR, CONTA FONTE.

Michael ficou possesso. Não conseguia acreditar que o dono do albergue havia negado aquilo para ele, mesmo demonstrando como precisava urgentemente encontrar a feérica. Agora via mais uma crise à frente e seu celular não parava de tocar.

Violet abandonara o reality show a apenas dois episódios do término da temporada e os donos do estúdio não estavam felizes. Eles apenas aguardavam os próximos dias para saber se cancelavam o programa de vez, sem ter um final definido, ou se faziam algum tipo de especial.

– Ela precisava de você nesse momento... – comentou o ex-agente para Sabrina.

– Todos precisam de alguém em alta – respondeu Sabrina, com um sorriso antipático. – Eu aproveitei enquanto pude, mas não vou ser levada ao status atual dela porque vocês querem.

Violet estava certa, pensou o rapaz. Esse é um lado de Hollywood que não gosto de pensar.

Ele podia ter sido apenas o agente dela e ter lucrado muito com diversos negócios, mas se empenhou para que ela fosse o fenômeno que queria ser. Não podia ser visto como um aproveitador, e queria que a fada ao menos enxergasse aquilo.

O que parecia cada vez mais difícil.

Violet continuava a voar, decidida a fazer contato com Ablach.

Malibu era uma cidade rica no noroeste do condado de Los Angeles, famosa por suas praias de areia quente e por ser o lar de muitas estrelas de cinema de Hollywood, além de associados à indústria do entretenimento.

Quarenta e três quilômetros de beleza cênica, pensou a alada, sobrevoando o local e lembrando-se do comentário de Sabrina sobre o lugar.

A região estava à margem de uma extensa área de deserto e ao mesmo tempo de uma rica natureza. Era possível ver as montanhas amarronzadas ao fundo e um extenso mar azul com espumas brancas contornando as areias limpas. Aquela visão era famosa, explorada por muitos filmes e seriados americanos.

Violet parou em um ponto da praia onde rocha e água salgada se encontravam. Não queria que alguém tivesse acesso ao lugar onde estava, então procurou por um local estratégico que só fosse possível ser encontrado com asas como as dela ou com as

gigantes baleias voadoras que os humanos chamavam de *helicópteros*. Aquele lugar era perfeito para seu contato com a rainha das fadas: as montanhas eram um ponto sagrado de comunicação com os sídhes, seres feéricos abençoados, a água salgada purificava todos os pecados cometidos e o céu sem nuvens era uma porta aberta para os deuses.

Espero que não dê nada de errado. Não dessa vez.

Ao menos, dessa vez.

– Ave rainha das fadas! Peço humildemente pela sua atenção. Sei que errei e manchei o nome de nossa raça, mas carrego comigo vergonha e por isso procuro perdão. Ave rainha, ajude-me nessa hora tão difícil e apareça nas águas desse mar sagrado, mostrando o quanto misericordiosa ainda sabe ser.

Violet falava com as mãos para cima e o olhar fixo na água relativamente calma.

Mas o tempo passava.

E nada.

– Não me deixe sozinha, grande mãe de todos os alados. Cometi erros e sei reconhecê-los, porém, não tive culpa pelos quais fugi. Gostaria de pedir perdão por tudo que causei de mal e ser ouvida de maneira justa contra tudo o que fui acusada sem defesa.

Novamente silêncio.

Lágrimas brotavam e o beijo da feérica tremeu. Então havia sido realmente abandonada pelo seu mundo. A rainha não queria ouvir seu pedido sincero. Não sabia o que faria em seguida. Estaria perdida para sempre?

Estaria *esquecida* de vez?

Estaria à porta da morte?

– Se alguém no mundo feérico é capaz de me ouvir, imploro para que me dê uma luz ou me leve de vez para meu destino amargurado. Não aguento mais viver do jeito que estou. Deixei minha mente se levar pelas tentações humanas, mas quero fazer o bem, antes de ser esquecida de vez.

Depois de mais um momento de silêncio, uma voz séria veio do além:

– Você já cometeu muitos erros, mas ser esquecida é algo um tanto difícil nesse momento.

O comentário inesperado vinha de uma voz conhecida.

– Agradeço por me atender, majestade – Feérica declarou, abaixando a cabeça.

A imagem de uma fada com cerca de 80 anos, quase 40 no mundo humano, surgiu no reflexo da água cristalina. Ela possuía orelhas mais pontudas do que as de Violet, cabelos longos esbranquiçados e lisos, olhos mais pretos do que piche e uma face repuxada que a fada violeta poderia jurar ser por conta de botox. Não podia negar que a rainha era exótica e muito bonita. Ela era boa, e Violet só a lembrava com tristeza pelas coisas que os comentários maldosos a faziam sentir.

– Enfim resolveu aparecer... – comentou a soberana.

Percebeu que, quando finalmente engajava uma conversa com a rainha, não sabia quais palavras usar. Sentia apenas tristeza, vergonha e medo.

– Eu a decepcionei – disse Violet sentando em uma das pedras, olhando para as águas e tentando desabafar.

– Tanto quanto a si própria – comentou a rainha, franzindo as sobrancelhas. – Não entendo por que causou tanta confusão. Compreendo sua vontade, mas não entendo o modo como reagiu com tudo isso.

Eu tenho a gravação e posso dizer a verdade, ela vai defendê-la nesse momento, e então eu direi que tenho a prova de que...

– Não foi minha culpa o ocorrido em Ablach!

– Mas foi sua culpa o ocorrido na Terra.

O quê? A feérica não aguentava toda aquela angústia e voltou a sentir-se uma fracassada, notando a vergonha nas falas da rainha.

– Então sabe que não tentei machucar Bree? – questionou, receosa.

– É claro que sei! Não agi na hora por consideração à diretora, mas sabia que você não era capaz de machucar alguém ou transgredir minhas leis.

– Não compreendo então...
– Você sofreu muito em nossa dimensão e tenho conhecimento disso. Muita coisa caiu sobre o nome de sua linhagem e isso justifica uma parte de suas atitudes. Eu entendo melhor do que imagina.

– Então sabe que falam de nossa família, utilizando seu nome, majestade? – perguntou a feérica com tato.

Foi a vez de a rainha mudar a expressão. *Seria aquilo uma confissão?* Teria ela se envolvido de *maneira diferente* com seu pai, como diziam as más-línguas?

– Gostaria de não ter lhe proporcionado sofrimento por conta desse assunto – continuou a líder de todas as fadas.

– Sou eu quem está em processo de perdão, majestade.

Mesmo com o semblante sombrio, Morgana pareceu compreensiva.

– Todos nós sempre estaremos. Cometer erros não é uma exclusividade humana. Aprender com eles e evoluir não é uma exclusividade feérica.

– A senhora fala palavras bonitas, mesmo em meio ao caos.

– São palavras verdadeiras e elas nem sempre são.

As duas ficaram em silêncio por alguns segundos. Violet apenas observava o balançar do mar à sua frente, onde o cabelo da soberana movia-se conforme as ondas.

– Mas você falava de seu passado e não há mais motivo para esconder o que aconteceu quando estava para nascer.

Violet temeu.

– O cargo de rainha é um fardo necessário. Tive que assumir o trono muito jovem e poucos dias depois me casei para não deixar a posição de rei ausente por muito tempo. Para mim e toda comunidade mágica era necessário um rei e uma rainha para governar uma dimensão. Só que o destino foi cruel...

– Sim, o rei veio a falecer.

– Sim, ele veio, não foi? – ela disse, em meio a uma pausa. – E sem me deixar herdeiros. Perdi um amor e uma linhagem em um mesmo acontecimento.

– E conheceu meu pai.

A rainha notou o receio no tom de voz.

– Na verdade, não. Já conhecia seu pai há muitos anos. Elfist e eu éramos amigos desde a infância. Ele contribuiu para me ajudar a superar os medos de ser um dia rainha, e foi um elfo digno, honrado e apaixonado por sua mãe. Para mim, ao contrário do que a blasfêmia divulga, ele foi apenas como um irmão.

Violet sentiu-se aliviada. A rainha libertava aos poucos um pedaço de sua alma angustiada.

– Pensei que nunca teria uma resposta sobre isso. Minha mãe nunca quis falar comigo sobre o tema, afirmando que ninguém sabe o que ele teve de passar para Ablach viver em paz.

A rainha fechou os olhos mostrando tristeza. Era possível ver a ruga formada pela preocupação.

– Ela se referia às partes *difíceis*. Sua mãe tinha razão em não conversar com você sobre isso.

– E por que não? – perguntou, cravando unhas na pele.

– Porque o seu envolvimento em tudo isso é muito maior do que se pode imaginar. Seu nascimento trouxe consequências.

– Trouxe uma maldição, não é?

– Ao contrário... Esperança.

Aquela palavra não combinava com Violet. *Como eu poderia trazer esperança a alguém?* Sentia-se um nada. *Tenho sorte de ser filha de um amigo da rainha, mas no fundo me tornei uma fada egoísta com um cabelo bizarro e personalidade duvidosa.*

– Acho que a majestade está enganada – comentou.

– Estou?

– Sim, porque existem fadas muito melhores do que eu para trazer qualquer tipo de esperança para o reino. Fadas como minhas irmãs...

– E como Bree?

Violet mordeu o lábio. Ainda pisava em ovos em relação àquele assunto.

– Jamais conseguiria me parecer com uma fada como Bree, Majestade... – resmungou.

A rainha acenou concordando.

– Justamente por isso que escondemos de você nosso passado até agora. Eu não queria que se transformasse em uma fada como ela.

A feérica ficou confusa. Havia ido até Malibu para desculpar-se pelos erros cometidos em ambas as dimensões, mas agora não sabia mais como aquela conversa poderia terminar.

– Juro que tento, mas não consigo compreendê-la.

A rainha fez uma pausa, como analisando se era *mesmo* a hora de enfim revelar o que pretendia. Então se decidiu:

– Ao perceber que não teria herdeiros, comecei a pensar em alternativas para quem um dia poderia me substituir. Pedi a seu pai que me desse a guarda de uma de suas filhas para ter um ponto de apoio em alguém de confiança. Aquele era um pedido difícil. Eu pretendia moldar uma criança dentro dos preceitos nos quais acredito desde pequena, treiná-la para situações de liderança e direcionar seu destino, e sua mãe foi radicalmente contra.

Meu cérebro está explodindo, ok, mas vou me manter calada. Calada, Violet! Calada!

– Elfist sabia que Verônica estava grávida da quinta filha, um número sagrado para nós. Mesmo contrariando sua mãe, ele me concedeu sua guarda, na esperança de que um dia eu poderia guiá-la para ser uma rainha como eu.

Rainha como ela? Ela disse isso? Ai, quieta! Sai, pensamento!, sai, pensamento! Calada, calada, Violet!

– EU NÃO CONSIGO ENTENDER ISSO! – Violet gritou, ignorando as próprias vontades, e se esquecendo com quem falava. – Como me permitiu então sofrer como sofri? Como não tive algum tipo de apoio quando decidi me revelar para os humanos? Por que nasci com a marca de maldição nos cabelos, se afirma que meu destino era ser rainha?

Eu estou mesmo falando isso?

– O seu cabelo é um reflexo de nossa magia. Houve apenas uma fada de cabelo arroxeadado em nossa história antes, milênios atrás. Ela fora escolhida pelo povo para governar nosso mundo, quando, por uma praga vinda de um xamã orc, o rei e a rainha foram

atingidos. Para salvá-la, o rei se submeteu a uma magia de sangue, sacrificando-se para levar a maldição com sua vida.

– E onde entra a minha parte no paralelo dessa história?

– No dia em que ela exerceu seu posto como governante absoluta, seu cabelo mudou de coloração. O roxo é um sinal de que aquela pessoa é *tocada*.

Morgana explicou que aquela governanta se tornara Dyanis, a fada da transformação. Adorada pelo povo, mas, infelizmente, marcada por uma desgraça, decidiu que os livros de história de Ablach escondessem aquele, e as magias de sangue se tornassem proibidas ao mundo feérico. Com exceção dos livros de minha biblioteca pessoal, os historiadores passaram a retratar o cabelo daquela rainha como originalmente alaranjado em seu passado, não violeta.

– Então a rainha Dyanis tinha o cabelo da mesma cor que o meu e o mesmo destino? Por que nunca me disse isso antes? – perguntou a alada, com os olhos arregalados.

A soberana deu um longo suspiro antes de revelar todos os segredos até então mantidos a sete chaves.

– Você precisava sofrer para aprender o valor da bondade e da gratidão. Para saber julgar o que é certo e o que seja mais próximo disso. Precisou aproximar-se da matéria, para melhor se conectar com o sublime. Violet, você possui um poder muito forte que ainda desconhece, mas só aprendeu a tê-lo porque foi discriminada a vida inteira.

Violet só conseguia pensar: *kill me now! Ou melhor: kill them all!*⁶

– Estamos em tempos de mudanças e era necessário uma feérica como você revelar-se. Os humanos estavam começando a desistir do povo alado, nos tratando apenas como personagens fictícios e enfraquecendo nossa comunicação. Agora com você eles nos enxergam e compreendem que existe algo além de suas fronteiras.

– Mas eles me ODEIAM!

– Eles *amam* você! Assim como muitos em Ablach. Você é uma das fadas mais corajosas de toda nossa história. Apenas se

desviou de seu caminho ao lidar com todo drama terrestre.

Tudo aquilo era muita informação. Estava sem saber sobre sua família, aprendendo coisas bizarras sobre seu passado, não tinha conseguido uma forma de perdão e agora pensava no que teria de lidar dali para frente.

– Sua mente deve estar confusa, eu sei – comentou a rainha, ao ver o silêncio da outra.

– Que mente não estaria?

– Violet, nós precisamos de você. Precisamos criar uma esperança nos corações daqueles que acreditam em nossa presença.

– E tudo que eu fiz? Todos os problemas no mundo humano e a fuga de Ablach? Nada disso será lembrado?

Perguntava aquilo porque a consciência se sentia culpada. Com tantas fadas que dariam tudo para ter o privilégio de ser a escolhida pela rainha, não entendia como ela, a mais destrambelhada de todas, seria capaz de governar toda uma população.

– Sei que sua consciência deve estar pesada e isso para mim já basta. Tenho visto sua evolução e sei de sua essência boa. Para sempre agradecerei Elfist por me conceder a graça de poder guiá-la.

– Então terei de voltar a Ablach? – perguntou a fada um pouco esperançosa de ver a rainha.

– Por um tempo, mas você é a luz para uma paz entre raças. Terá muito o que fazer por ambos os povos, mas lhe explicarei tudo no futuro. Antes preciso apenas saber uma coisa: aceita a responsabilidade de ser minha protegida?

A sentença lhe fez lembrar de seu Antônio. *Eu irei enxergar seu brilho*, ele havia dito.

Aquele era um momento mágico. Um dia que nunca cogitou chegar, porém, que fazia todo o sentido. A rainha dos *pic-pops*, a ultraproteção da família, o desejo pela fama, mas a bondade de seu coração resumia a pergunta que a rainha fazia naquele momento.

– Por que não uma *pic-pop* como a Bree ou o Tyrin? – questionou a fada antes de dar sua resposta.

– Porque todo o caráter de uma pessoa é reconhecido através da maneira como ela se comporta diante da dor. E você é forte, Violet Lashian.

A fada violeta sorriu para a imagem desenhada na água daquele mar tão bonito.

Ela sabia agora o que fazer. Sentia-se orgulhosa de tudo que tinha passado. Olhou para o medalhão preso em seu pescoço dado pela mãe e notou pela primeira vez uma palavra cravada: acredite.

Eu tenho que ser forte, ela disse para si própria uma vez.
ca Morgana permanece até hoje nos mares de Malibu.

[6](#) Acabem comigo agora! Ou melhor: acabem com todos eles!



Então o grande momento chegava.

A fada permanecia sentada no sofá de couro que já lhe deixava à vontade. À sua frente o senhor grisalho de sorriso tranquilo e língua afiada finalizava uma entrevista em que ela revelava todo o peso que existia em seu coração, mostrava quem verdadeiramente era e um pouco de onde vinha. Nos bastidores diversas câmeras encontravam-se ligadas.

Tanto do talk show que participava quanto do seu próprio programa.

Aquele era o último capítulo de *Feérica – O Reality Show*.
E ela voltava a brilhar.

– É uma história de vida tocante – comentou Dennis Pappermann.

– Tem lá seus pontos de virada – disse Violet, exibindo um grande sorriso para a plateia.

– Bullying, fugas, fama, romances, sexy tapes, brigas, casamentos forjados e descobertas sobre destinos épicos. Quer saber? Você poderia escrever meu programa na próxima greve de roteiristas!

A plateia mais uma vez reagiu ao humor do entrevistador.

– Não esperávamos sua volta às câmeras – continuou. – Após o incidente com Jack Rose, acredito que todos os humanos acharam que nunca mais a veriam. Você também acreditava que chegara ao fundo do poço naquele momento?

Fundo do poço, pensou a fada. Ela sabia como aquele estágio era difícil.

– Fiz o que fiz com Jack Rose por amor e consideração. Fico hoje feliz de saber que ele foi aceito pela comunidade e que está feliz

com Patty. Amei-o e temi por uma pessoa querida. Sei que o que fiz foi errado e hoje reconheço a vocês. Passar pelo que eu passei nesses últimos cinco meses não foi fácil, mas sou grata por cada momento. Se cheguei ao fundo do poço, acredito ter superado e escalado com força e coragem de volta até aqui.

Todos os telespectadores aplaudiram a declaração, inclusive a equipe nos bastidores.

– E nós agradecemos! O nosso show não seria o mesmo sem você – declarou Pappermann. – E essa descoberta de que é aprendiz de rainha. Como funcionará?

Como sempre, o apresentador era bem-humorado. *Aprendiz de rainha* era um bom termo para sua atual situação.

– Pretendo embarcar em uma jornada espiritual. As asinhas de frango de vocês me fizeram desviar de meu caminho. Preciso aprender quem sou e como posso mudar nossos mundos. Quem sabe um dia eu possa deixar de ser aprendiz.

– Ou quem sabe descobrir que, com exceção de Chuck Norris, para sempre seremos aprendizes, minha querida!

O mundo gargalhou com Pappermann mais uma vez.

– Mas deixará de usar Valentino, Prada e outras marcas prestigiadas por você? – perguntou.

A fada sorriu com a pergunta.

– O que é isso? Uma rainha *precisa* ter estilo, não é? Desfilarei com graça e ousadia como Jennifer Lawrence fez no Oscar!

– Mas ela *caiu* nas escadas por conta daquele vestido!

– Mas superou e não perdeu sua humildade. Essa é a atitude de uma verdadeira rainha. Uma que eu quero um dia ser.

– Então J-Law se tornou uma referência de aprendiz de rainha para você?

Violet travou e olhou para Papperman de lado, como se aquele senhor fosse estúpido.

– Ela caiu vestindo Dior, com Hugh Jackman e Bradley Cooper correndo para ajudá-la a subir as escadas e receber um Oscar de melhor atriz! – exclamou, fazendo uma pausa ainda surpresa para ele. – *Bitch, please!*

O auditório explodiu em aplausos, enquanto mesmo Papperman dava seu braço a torcer em reconhecimento e admiração. Ambos os programas disputavam a liderança de audiência, com a mesma entrevista.

Aproximando o fim da gravação, Violet ficou feliz de ver rostos familiares nos bastidores. Enxergou o senhor Antônio sempre sorridente, Richard com seu olhar de pai ausente, Jack Rose de mão dada com Patty.

E ele.

Michael.

– Você sabe que esse seu retorno e suas declarações irão afetar a opinião do público sobre você – o entrevistador continuou. – Podemos acreditar que ainda veremos mais de Violet Lashian?

O suspense começou. Todos queriam saber se existiria uma segunda temporada de todo drama e superações daquela fada maluca que tinha chocado e encantado o planeta Terra. A emissora não soltara nenhum comunicado, e aquela era a primeira e única entrevista que a fada daria antes de encontrar sua família novamente.

Violet olhou para Michael nos bastidores. Ele esbanjou um sorriso sexy que a perfurou com seu olhar esverdeado. Parecia conseguir ler sua alma. Algo acontecia com ela e sentiu um frio na espinha.

E enfim, depois do suspense, anunciou:

– *Como* os humanos sobreviveriam sem Violet Lashian?

O mundo vibrou.

Em pouco tempo, novas manchetes começaram a percorrer a internet:

FE3/4RICA – O REALITY SHOW 3/4 RENOVADO PARA A SEGUNDA TEMPORADA.

APÓS DIVERSAS CONTROV3/4RSIAS, VIOLET LASHIAN DÁ A VOLTA POR CIMA E CHOCA COM ENTREVISTA COMOVENTE.

PARA QUEM SERIAM OS OLHARES APAIXONADOS QUE A FADA VIOLETA DAVA DURANTE ENTREVISTA REVELADORA?

DENNIS PAPPERMAN ESTARIA PREOCUPADO EM DISPUTAR HORÁRIO COM A SEGUNDA TEMPORADA DE FE³/₄RICA: "PREFIRO MIL VEZES DISPUTAR COM LETTERMAN!"

Pois é...

Os humanos realmente não saberiam mais viver sem ela.

31

Never fking lose***

Nunca perca

Quando o programa terminou, uma equipe gigantesca de seguranças acompanhou a feérica até seu camarim. De lá a moveriam para a mansão Lorde Omeganon, onde poderia se despedir das pessoas por quem ainda sentia carinho.

A conversa com a rainha fora reveladora. Entendia um pouco mais o seu papel naquele mundo. Tudo envolvia a magia que corria em seu corpo. Tudo tinha um porquê.

Como dizia um famoso mago humano:

"Quando você quer alguma coisa, todo o universo conspira para que você realize o seu desejo."

Aquilo havia acontecido com Violet Lashian. Aprendeu que nem sempre o que se quer seria o melhor, contudo, não se arrependeu de tudo que almejou. Era *feliz* daquele jeito. O mundo era um eterno encantamento. Algumas vezes você conseguia resultados magníficos. Outras vezes, não havia como alcançá-los. Tudo dependia da forma como realizá-los.

Depois, exclusivamente de nós.

– Tive medo de que nunca mais a encontrasse... – comentou o rapaz dos olhos verdes, quando finalmente ficaram a sós.

– Os deuses não deixariam de nos unir – ela respondeu para ele, se aproximando.

Estavam a um passo de distância. Violet conseguia sentir a respiração acelerada de Michael em seu cangote e aquilo a fazia arrepiar. Era um novo sentimento que experimentava. Uma nova forma de se sentir conectada a outro ser.

– Você tem *mesmo* que ir? – ele perguntou, sabendo a resposta.

– Preciso me encontrar para assim poder seguir o meu caminho – respondeu, compartilhando a dor.

Ela conseguia ver a tristeza em seu olhar. Também não queria ter de se afastar, ainda mais agora que descobria sentimentos tão fortes antes não compreendidos, mas era necessário.

– Eu sei – ele disse. – Até mesmo a menor das criaturas pode mudar o rumo do mundo...

– É verdade! Isso até... ei, espere aí! Você... você citou *mesmo* *O senhor dos anéis*?

– Fico feliz que esteja começando a entender minhas novas referências.

Ela teve de rir, saltando sobre ele e envolvendo os braços em seu pescoço.

– Queria ter percebido antes – comentou Violet, de cabeça baixa.

– E eu queria ter aberto seus olhos desde o começo, minha fada.

Ela gostou de ouvir aquilo.

– Então não sou mais sua cliente? – perguntou.

– Você é tudo que desejar ser.

Então era *assim* se sentir apaixonada. Quando terminou a conversa com a rainha, tirou um tempo para refletir sobre sua passagem pelo mundo humano. Poderia não ter realizado feitiços relevantes, educado multidões, mas aos poucos atingiu alguma coisa na raça humana e acrescentou um pouco de si a algumas pessoas. Uma delas era seu agente. Relembrou seu primeiro encontro e a forma como ele havia tratado-a. Michael não queria uma garota mimada para tomar conta. Conforme o tempo passou, as brincadeiras e flertes começaram, mas ela nem percebeu.

Visualizando a penúltima entrevista, conseguiu assimilar o desespero no olhar daquele homem.

Compreendeu que ele a amava.

E sentiu que, no fundo, ela também.

– Você é o melhor agente dessa cidade.

– Estou no lucro. Você é a melhor fada desse mundo todo.

A fada corou com a declaração.

– Você vai me esperar? – ela questionou, olhando profundamente nos olhos daquele por quem tanto tinha carinho.

– Você vai voltar? – ele retrucou.

– Uma fada sempre satisfaz os desejos dos que merecem.

Ele a apertou num abraço e grudou os lábios ansiosos nos dela, num beijo esperado. Durante toda a entrevista imaginou como seria sentir aqueles lábios quentes em contato com os seus. Em como seria o toque de suas mãos e o aperto de seu abraço. Naquela hora conseguia ter tudo e via como seria feliz ao seu lado.

– Você é linda...

– E você é meu.

Os dois sorriam, como se não houvesse nada no mundo que pudesse perturbá-los. Sabrina provavelmente se enjoaria com uma cena daquela. Já o senhor Antônio ficaria orgulhoso.

– E não é que então teremos uma segunda temporada do programa? – ele comentou, quando se separaram do beijo intenso. – Mas os produtores querem que a gente inove de alguma maneira o show...

– Como poderíamos inovar para a próxima então? – ela perguntou.

Michael ficou um tempo em silêncio, como se estivesse em dúvida de continuar ou não.

– Bem, estávamos pensando... por que não com suas irmãs? – perguntou de relance.

Os olhos da feérica brilharam.

As irmãs Lashian dominariam o mercado.

Como não tinha pensado antes?

– Hum, a ideia é ótima. Mas você teria um irmão gato como você para apresentá-las?

– Infelizmente não. Eu sou mais bonito do que ele... – respondeu rindo.

– Já disse que te amo, seu pirralho convencido? – ela perguntou, sabendo que nunca havia dito aquelas palavras para ele.

– Não mais do que já amo você, feérica maluca.

Feérica maluca. Aquilo a descrevia bem.

O importante era que *nunca* deixaria de honrar o mundo das fadas e a magia que corria dentro dela. E *nunca* deixaria de ir atrás de seus sonhos mais intensos, pois aquilo a definia.

Ela era Violet Lashian.

A fada estrela de Hollywood.

E o show estava prestes a continuar.

Créditos finais de agradecimento

Diretor de Produção e cocriador – Raphael Draccon

Diretora Executiva – Martha Ribas

1º Assistente de direção – Fernanda Zimmerhansl

2º Assistente de direção – Beatriz Sarlo

Produção executiva – Thaís Marques

Pós-Produção – Cláudia Spinola

Diretor de Fotografia – Wagner Carvalho

Equipe de Som – Fernanda Renaté / Aline Tezolin / Carla Munhóz /
Helena

Maquiagem – Ana Straube

Hair Stylist – Marcos Hair

Efeitos Especiais André Vianco / Marisa Samogin

Produtor de Figurino – Andre de Moraes

Estagiário – Cláudia Soares

Câmera – Felipe “Harry Potter” Neto

Still Affonso Solano

Storyboard Felipe Kimio

Designer de produção Rico Bacellar

Cenografia – Laura Soares

Diretora de arte – Cristiane Soares

Edição – Jurandir Filho

Assistente de edição – Raphael Ph Santos

Alimentação Jonas (Parmê) / Luís (Balada Mix) / Rafael (Outback)
/ Telefonista do China in Box

Apoio – João Carlos Honório / Cleonice Munhóz / Yaramar
Albuquerque / Fatima Helena Loureiro Pereira / Francisca Félix

Apoio internacional – Jessica Brody / Charlie Fink / Alyson Noël /
Família Murad-Haroun

Agradecimentos Especiais

Ablach Centro de Estudos Mágicos / Casa da Moeda do Tesouro
Real / Corte Real da Rainha Morgana / Masmorras dos Sussurros
/ Companhia de Engenharia de Tráfego de Ablach / Polícia
Extraplanar de Ablach / Guarda Municipal de Bride /
Administradores do Parque Bride / Hotel Recanto das Fadas /
Albergue Friends & Smiles.

Listas de seriados citados nos títulos

Prólogo *Once Upon a Time*

Capítulo 1 *Project Runway*

Capítulo 2 *Entourage*

Capítulo 3 *The Bachelor*

Capítulo 4 *The Rachel Zoe Project*

Capítulo 5 *The Real World*

Capítulo 6 *How I Met Your Mother*

Capítulo 7 *The O.C.*

Capítulo 8 *Breaking Bad*

Capítulo 9 *American Idol*

Capítulo 10 *Seinfeld*

Capítulo 11 *The Office*

Capítulo 12 *Lost*

Capítulo 13 *The Big Bang Theory*

Capítulo 14 *Game of Thrones*

Capítulo 15 *The Walking Dead*

Capítulo 16 *The Simple Life*

Capítulo 17 *Jersey Shore*

Capítulo 18 *Who Wants to Marry a Multi-Millionaire?*

Capítulo 19 *Pretty Little Liars*

Capítulo 20 *Deal or No Deal*

Capítulo 21 *UFC*

Capítulo 22 *A Shot at Love With Tila Tequila*

Capítulo 23 *South Park*

Capítulo 24 *Friends*

Capítulo 25 *Heroes*

Capítulo 26 *Gossip Girl*

Capítulo 27 *America's Next Top Model*

Capítulo 28 *The Apprentice*

Capítulo 29 *Homeland*

Capítulo 30 *24 horas*

Capítulo 31 *Spartacus*

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

29

30

31

Créditos finais de agradecimento

Listas de seriadados citados nos títulos